

SUZANNA JUNQUEIRA DA FONSECA AMARANTE LEVY

CANSADOS DE GUERRA

Um estudo clínico sobre a co-autoria na violência familiar

**MESTRADO
PSICOLOGIA CLÍNICA**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO
2005**

SUZANNA JUNQUEIRA DA FONSECA AMARANTE LEVY

CANSADOS DE GUERRA
Um estudo clínico sobre a co-autoria na violência familiar

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da prof^a. Dra. Rosa Maria S. Macedo.

MESTRADO – PSICOLOGIA CLÍNICA

PUC – SÃO PAULO

2005

CANSADOS DE GUERRA
Um estudo clínico sobre a co autoria na violência familiar

SUZANNA JUNQUEIRA DA FONSECA AMARANTE LEVY

BANCA EXAMINADORA:

.....
(Nome e Assinatura)

.....
(Nome e Assinatura)

.....
(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em...../...../.....

“O verdadeiro ato da descoberta não
consiste em encontrar novas terras, mas
sim em vê-las com novos olhos.”

Marcel Proust

A Luiz, Juliana e Guilherme
com amor , carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ir e voltar no tempo e nas histórias foram movimentos constantes neste trabalho, um tempo que contém imagens do passado, presente e futuro e se mesclam. Poder transitar nos tempos e reviver momentos com as pessoas especiais da minha vida, trouxeram -me muitas recordações.

Meus queridos avós, de quem sinto muita saudade, de quem recebi muito carinho, amor e cuidado. Agradeço-lhes os ensinamentos preciosos sobre a vida, as tradições, os valores e mitos. Da família Junqueira, aprendi o valor da terra, a paixão pela natureza e o prazer de olhar o horizonte e o céu. Com a família Fonseca, aprendi a gostar da música, principalmente do piano, a considerar Paris (cidade da minha avó) como a cidade da cultura, dos bons vinhos, da boa comida e o lugar onde sonhar é possível. Não tenho palavras para agradecer essas heranças.

Agradeço muito meus queridos pais, Heloisa e Francisco, cuja tarefa foi mais árdua; incentivar os meus estudos e dar todo o suporte necessário para crescer, enfrentar os desafios da vida, sonhar menos e realizar mais. Também me ensinaram a ampliar a visão do mundo, conhecendo diferentes culturas e geografias, sempre com grande disponibilidade afetiva para comigo e meus irmãos.

A meu grande amor, Luiz Fernando, meu marido querido com quem sempre aprendi muito e por quem me sinto amada. Devo a ele incentivo e coragem para trilhar este caminho, e é com muito orgulho que carrego o Amarante Levy. Nesses vinte cinco anos juntos, vivemos momentos felizes, muitas viagens, e uma grande intimidade que é meu porto seguro.

A Juliana, minha querida filha, que com seu apoio e companheirismo estive sempre perto, colaborando com suas idéias. Filha muito amada, com quem aprendi a ser mãe e mais do que isso, ser uma boa mãe.

A Guilherme, meu querido filho, que com suas perguntas minuciosas e seu modo exigente de aceitar minhas respostas, ajudou-me a fundamentar e a argumentar meus pensamentos. Um filho muito atento, que ama com os olhos.

A meus queridos irmãos, Evangelina e Bráulio, que acompanham de longe momentos importantes da minha vida, com a mesma intimidade de quando morávamos juntos. A experiência de cada um de nós morarmos em lugares diferentes no mundo, ensinou-me que a intimidade resiste à distância.

Meus queridos sobrinhos e afilhados, Roberto, Fabio, Cristiana, Fernanda, Isabel e Alex, agradeço o carinho e a alegria que vocês me dão sempre.

Às minhas queridas cunhadas Luciana e Ana e a meus cunhados Alan e José Antonio, sem os quais não teríamos esta rede familiar.

Yara e Regina, agradeço por terem cuidado bem de minha casa nesse tempo.

Aqui, pertinho dos familiares, não posso deixar de falar sobre minha grande amiga Heloísa, que acompanha todos os passos da minha vida desde sempre e me ancora nas aflições e também, Lúgia, Thais, Vera, Rosa, Elaine e Vitor que estão sempre por perto.

Agradeço muito as minhas queridas amigas que acompanharam os momentos importantes da minha vida. Adriana Fráguas, uma amiga, considerada como irmã, com quem conto em todos os momentos. Eliete Belfort Mattos, sempre junto para tudo e todas, também Carmem Micheletti e Thais Pellicciotti, companheiras de trabalho e de férias.

A minhas queridas sócias de consultório, que viveram um pouco das minhas ansiedades: Selma Torres, mais de vinte anos de amizade e sociedade, Anete Fernandes, sempre ensinando com sua experiência, Marilena Castaldelli Maia, com seu bom senso e generosidade, Lúcia Paiva café com fofocas “científicas” e Vera Novais, a mais nova amiga, que trouxe glamour para nosso ambiente de trabalho. Obrigada, companheiras.

Agradeço muito a Maria Lúcia Mello, por ter me ajudado a refletir sobre o tema da violência na minha vida pessoal e a vencer o medo da autoria. Isto foi uma grande conquista na minha vida.

Querida Satomi, agradeço muito o cuidado e atenção, você ajudou-me aliviar a tensão e ansiedade que sinto no corpo.

Muito obrigada a minha amiga Vera Da Ros, pela paciência em ler e reler este trabalho e por me incentivar a finalizá-lo.

A Taroub Nahuz , amiga e professora de inglês que compartilhou esse momento da minha vida. Obrigada pela sua amizade e também pela tradução do resumo.

Agradeço também aos meus terapeutas, Vera Ruth Jacob que tive o privilégio de conhecê-la quando era menina. Therezinha Leopoldo e Oswaldo de Vitto,

A terapia familiar foi um caminho que segui depois de conhecer três pessoas especiais que me abriram os olhos. A querida Mirel Granatovick, que foi uma terapeuta muito especial da minha família. Acompanhou-nos por anos, desde o nascimento de nossos filhos. Com grande sabedoria, ajudou-nos a compreender e a passar por momentos difíceis de nossa vida. A ela, minha grande gratidão.

À querida Silvia Rechulski que ajudou muito enquanto terapeuta de casal em outro momento de nossa vida. Sentimos por sua vida ter sido tão breve. Por último agradeço a Sandra Colombo, a quem tive o privilégio de conhecer quando fui convidada, na terapia dos meus pais. Naquele momento, encantei-me com seu jeito de ser e atender as várias gerações que estavam naquela sala, e mais tarde a procurei para estudar famílias. Anos e anos de trabalho com sua supervisão. Sandra , amiga, professora e sócia, sempre um exemplo.

A meus amigos e sócios do Sistemas Humanos; Dílson, um amigo leal. Marcos, quantas histórias e brincadeira! Denise, amiga incentivadora na autoria. Beth, amiga e companheira . Gilda, o seu modo de ser e também seus trabalhos sobre a teoria do Apego foram motivadores dessa pesquisa. Janice, sempre amiga. Sou grata pela sua ternura. Nice muito obrigada pelo apoio. Agradeço muito a vocês, também a Adri, Eliete e Sandra, ao carinho de cada um, à generosidade e, mais do que isso, pelo fato de que puderam esperar o meu momento de poder fazer parte da equipe. Vocês deixaram uma porta sempre aberta para mim, o que nunca esquecerei. Este é o Sistemas Humanos!

Às colegas e amigas Lene Grandesso, Helena Maffei Cruz, Rosana Galina, Beth Polity, Malvina Trajberg e Rose Nahas, agradeço ter feito parte da APTF com vocês. Esse convívio foi o precursor deste trabalho de pesquisa.

Nesta época, percebi a importância de organizar o conhecimento sem receio de perder a espontaneidade nos atendimentos.

Aos meus amigos do POF, querida Sula Terepins, Fanny Levy e Lea Goldenstein que sempre acreditaram e abriram espaços para o meu trabalho. Aprendi muito nestes 10 anos no POF, junto com Cláudia Leicand, Sandra Apligliano, Maria Auxiliadora de Souza (Pituca), Jassanan Pastore e uma grande amiga, Lili Quintão, que durante uma partida de tênis falou: – “Vamos lá comigo conhecer o POF”. Agradeço a convivência com o grupo de professores, funcionários e colegas que são muito queridos, nessa Instituição.

Aos meus amigos do CEAF, Gilda Montoro, Maria Isabel Garcia Dias, Clarisse Topcczewski, Nair Mendes, Célia Valente, Marjorie Carbone, Lúcia Cauduro, Walderez Bittencourt, Helena Brás, Júlia Kuzuhara, Ana Lenice Fonseca da Silva e as queridas secretárias Vera Villas Boas, Nina Marino e ao João de Oliveira, que cuida da segurança de todos nós. Ao grupo clínico do CEAF com quem aprendo diariamente em nossas reflexões, e também a querida Lena Bartman, que atendeu comigo as famílias da pesquisa e cuja participação foi pontual neste trabalho. Obrigada a todos.

Aos meus queridos clientes, que confiaram a mim suas histórias e experiências, sem vocês este trabalho não seria possível. Sou eternamente grata.

Aos amigos e alunos com quem compartilho os momentos de vida e de experiências e que mantém vivo o meu desejo de continuar aprendendo.

Meus agradecimentos a meus colegas da PUC, um grupo colaborador e amigo, uma grande torcida. Aprendi muito com as professoras do núcleo de família e comunidade, agradeço e sentirei saudade das aulas e do ambiente da PUC. Prof.^a Ceneide Cervený, Prof.^a Maria Helena Franco, Prof.^a Ida Kublikowski e Prof.^a Rosanne Mantilla. Com cada uma aprendi muito.

Deixei por último, pela sua importância, para agradecer a minha querida orientadora Prof.^a Rosa Macedo, que admiro muito pelo conhecimento, competência, força, coragem e humor. Agradeço pela sinceridade durante o processo de orientação, essencial para aprender a importância de uma pesquisa, como fazê-la e o cuidado para que seja ampliadora e não tendenciosa. Obrigada por ter estado junto comigo e por ter me ensinado tanto.

RESUMO:

LEVY, Suzanna.J.F.A. (2005). *CANSADOS DE GUERRA: um estudo clínico sobre a co-autoria na violência familiar*. (219 p.). Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo

Esta pesquisa tem como tema de estudo a violência familiar. O objetivo geral é investigar como alguns problemas ou situações vividas pelas famílias podem facilitar a co-autoria da violência familiar. As seguintes questões fazem parte desta investigação: como se constrói o padrão de relação com violência na família? Os traumas estão presentes na co-construção da violência familiar? Além dos traumas, que outras situações vividas pelas famílias colaboram para desenvolver esse padrão de relação? Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo clínico em que o pesquisador/ terapeuta estuda o sistema da violência familiar a partir dos atendimentos clínicos de três famílias de baixa renda. O construtivismo e a teoria sistêmica servem de base para a compreensão do sistema familiar e para as análises e interpretações das categorias e subcategorias construídas. Os resultados apontam a intergeracionalidade, as dificuldades de comunicação e a falta de reflexão, como geradoras e mantenedoras da violência na família. Algumas situações consideradas facilitadoras por serem estressoras não se caracterizam como determinantes da violência familiar: a miséria, as drogas, mortes, traumas, preconceitos, separações, novos arranjos familiares e mudanças no ciclo vital. Também se incluem como facilitadores o contexto social, por sua permissividade e impunidade, assim como as políticas públicas que colaboram para a exclusão social. Deste modo, esta pesquisa enfatiza a inter-relação dos sistemas individual, familiar e social, como co-autores da violência familiar.

Palavras- chaves: 1. Família, 2. Violência, 3. Sistêmica, 4. Traumas, 5. Relações, 6. Comunicação, 7. Abusos.

ABSTRACT:

LEVY, Suzanna, J.F.A, (2005). WEARY OF WAR: a clinical study on “co-authorship” in family violence. (219 p.).M.A. Dissertation in Clinical Psychology, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Family violence is the theme of this work. The aim is to investigate how problems or situations experienced by families can facilitate “co-authorship” in family violence. The following questions were addressed: How is a relationship pattern with violence built in a family? Are the family traumas present in the co-construction of family violence? Besides the traumas, what other situations experienced by families collaborate in developing this relationship pattern? A clinical, qualitative research is carried out where the researcher/therapist studies the system of family violence based on clinical family work with three low-income families. Constructivism and the systemic theory serve as a basis for understanding the family system and for analyses and interpretations of the categories and sub-categories. The results point to intergenerational patterns, difficulties in communication and a lack of reflection as the generators and preservers of violence in the family. Some stressors are considered facilitators, and not determiners of family violence: misery, drugs, deaths, traumas, prejudice, separations, new family arrangements and changes in the life-cycle. Also included as facilitators are the social context, for its permissiveness and impunity, as well as public policies which collaborate in social exclusion. Thus, this work emphasizes the interplay between the individual, family and social systems as co-authors in family violence.

Keywords: 1. Family, 2. Violence, 3.Systemic, 4. Traumas, 5.Relationship, 6. Communication, 7. Abuse.

SUMÁRIO

I-INTRODUÇÃO.....	02
II- O PORQUÊ DESTA PESQUISA.....	05
III- EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA NA HISTÓRIA DA FAMÍLIA BRASILEIRA	13
1. VIOLÊNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES.....	16
IV- REFERÊNCIAS ADOTADAS PARA PENSAR A VIOLÊNCIA.....	20
1. DEFINIÇÕES DE VIOLÊNCIA.....	20
2. TIPOS DE VIOLÊNCIA.....	23
3. NATUREZA DOS ATOS DE VIOLÊNCIA.....	24
V- CLÍNICA DA FAMÍLIA: DO INDIVIDUAL AO SOCIAL.....	28
1. UM OLHAR SOBRE O INDIVÍDUO.....	28
2. FAMÍLIA : CULTURA E INTERGERACIONALIDADE.....	34
3. GÊNERO , PODER E MITOS NA FAMÍLIA.....	39
4. SISTEMA SOCIAL.....	46
VI – MÉTODO.....	51
1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	51
2. CONTEXTO E PARTICIPANTES.....	53
3. ESTRATÉGIAS.....	55
4. PROCEDIMENTOS.....	56
4.1. PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS.....	57
4.2. PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	60
VII- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	61
1. DESCRIÇÃO DA FAMÍLIA ALMEIDA.....	61
2. DESCRIÇÃO DA FAMÍLIA BORGES.....	78
3. DESCRIÇÃO DA FAMÍLIA CASTRO.....	92
VIII- CO-AUTORIA DA VIOLÊNCIA: SISTEMAS QUE SE INTERCONECTAM....	107
IX- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
X - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
XI- ANEXOS.....	123

I - INTRODUÇÃO

Sempre admirei a arqueologia; possivelmente, foi o que despertou meu interesse pela Psicologia e atendimentos de famílias. Revisitar histórias familiares, percorrer túneis, lugares claros e escuros nunca visitados, descobrindo entradas e saídas e garimpando preciosidades, cacos, sombras, medos, dor e terror. Iluminar esses caminhos percorridos tem sido a prática clínica que venho adotando no atendimento de famílias vítimas da violência, descritas neste trabalho.

“Jovem de 18 anos, bonita, rica, bem criada, arma um plano para matar seus pais, junto com seu namorado. ” Neste mesmo fim de ano, outro jovem chega em casa drogado e mata sua avó. Tais acontecimentos marcaram o pensamento e foram notícias no fim de 2002. Esses personagens estiveram presentes em todas as revistas e jornais, foram assunto em bares, restaurantes, escolas, terapias e famílias, além de despertarem muitas emoções, medos e receios nos leitores.

A maioria das pessoas com quem conversei, ou escutei, falava desses fatos com muita indignação. Algumas frases me chamaram a atenção:

- Que violência!
- Como pode uma filha tão bem criada e rica planejar a morte dos pais?
- Esta moça deve ser um monstro, louca....coitados dos pais!
- Eles deram tudo do melhor e receberam a morte!
- Será que conhecemos nossos filhos?
- Será que meu filho pode, de repente, me matar de verdade?

O que sabemos sobre essas famílias vítimas da violência? Muito pouco para qualquer julgamento e compreensão. Poderemos ter histórias contadas pelos personagens vivos, porém existirão lacunas importantes nas narrativas que não poderão ser preenchidas. Sabemos que são situações de extrema violência, mas precisamos ter conhecimento profundo de uma família para compreender seus atos.

Outro fato que me chamou a atenção nesses comentários foi o de se tratar de uma jovem rica. Talvez se a jovem fosse pobre, seus motivos seriam mais justificados pelos seus atos?

Procurando autores e pesquisadores do tema da violência familiar, ficaram evidentes as diferentes abordagens e foco, como classe social, idade, gênero e indivíduo. Foram autores que contribuíram não só com suas obras, mas também com dados quantitativos e qualitativos para um melhor entendimento da questão.

Azevedo e Guerra (1997) focalizam suas pesquisas na violência contra a criança e social. Acreditam que a violência faz parte da estrutura da sociedade, marcada por dominação de classes, desigualdades na distribuição de renda, sendo inerente às relações interpessoais adulto-criança.

David Levisky (2001) organiza suas obras focalizando-as na violência e adolescência, propondo ações preventivas. Aborda temas como gravidez precoce, Aids, auto-agressão, drogas, prostituição, que possuem um denominador comum, a vulnerabilidade do adolescente. Sob a visão psicanalítica, os autores descrevem iniciativas preventivas de tratamento e capacitação de agentes comunitários.

Isabel Kahn Marin (2002) apresenta sua tese de doutorado em 2001. A hipótese da autora gira em torno da negação da violência ou de negar-se a assumi-la, afirmando que faz parte do sujeito e da civilização. Sob a perspectiva psicanalítica, aborda o tema violência articulando-o com a subjetividade.

Blender, Silver, Haber, e Sarjent (1994), descrevem situações e tragédias familiares como suicídio, abuso sexual, drogas, psicoses em famílias que não acreditam em mudança e propõem um modelo de atendimento.

Violência familiar é um tema atual, vasto, complexo e muito desafiador. Requer do terapeuta observação minuciosa, criatividade, necessidade de viver as situações de sofrimento com as famílias e a descoberta constante de habilidades para compreender as tramas familiares.

A proposta desta pesquisa foi ampliar o campo de visão e da prática clínica com famílias de baixa renda, em que a violência é o padrão de relação. O objetivo geral foi investigar **como alguns problemas ou situações vividas pelas famílias podem facilitar a co-autoria da violência familiar.**

As seguintes questões fazem parte desta investigação como objetivos específicos:

Como se constrói o padrão de relação com violência na família?

Os traumas estão presentes na co-construção da violência familiar?

Além dos traumas, que outras situações vividas pelas famílias colaboram para desenvolver esse padrão de relação?

Para situar melhor o leitor, descrevo no capítulo II como a minha vida pessoal e minha experiência profissional, além das obras de alguns autores foram delineando esta proposta de pesquisa. No capítulo III, recorto episódios da violência na história da família brasileira, desde o processo civilizatório até o momento em que a violência familiar passa a ser um tema de estudo. No capítulo IV, descrevo as definições de violência que colaboraram para ampliar o tema da violência familiar. No capítulo V, abordo a clínica da família: o sistema individual, familiar e social. No capítulo VI, descrevo o método, as estratégias e procedimentos realizados na pesquisa. No capítulo VII, descrevo as histórias das três famílias participantes e as análises e interpretações de cada caso. O capítulo VIII, reúne os resultados e últimas reflexões sobre os casos estudados da pesquisa. Como considerações finais, levanto alguns caminhos de estudo para ampliar os resultados desta pesquisa.

II - O PORQUÊ DESTA PESQUISA

Iniciei minha prática profissional em 1986, após a faculdade de Psicologia com o curso de pós-graduação no Sedes Sapientiae, em Terapia Psicomotora. Na minha clínica, atendia crianças numa abordagem psicanalítica, buscando integrar corpo e mente.

A proposta terapêutica que utilizava definia-se como uma relação diádica, em que o terapeuta trabalhava a partir do vértice do inconsciente, da análise e interpretação de conteúdos internos, de vivências primitivas e das relações de transferência trazidas pelo paciente, com o objetivo de tornar consciente os conteúdos reprimidos no inconsciente. Nessa proposta terapêutica, a escuta do terapeuta orientava-se para a busca do conteúdo da história passada, utilizando brinquedos, material gráfico, jogos e outros materiais.

Fazia entrevistas com os pais das crianças e chamava a família durante o tratamento com muita frequência, o que não era um hábito na prática da psicoterapia infantil, ou melhor, era comum chamar os pais, mas não a família toda. Adotava, nesses encontros familiares, além da observação, uma conduta pedagógica baseada nas teorias de desenvolvimento, com uma proposta de orientação.

Parecia simples ensinar determinado modelo de conduta aos pais em relação a seus filhos. Quando havia dificuldades na mudança de conduta, os terapeutas consideravam como resistências ou boicote dos pais para seguir o modelo, considerado “correto”, aparentemente simples e bem fundamentado pelas teorias existentes.

Eram teorias de desenvolvimento que nos levavam a crer na existência do que é bom, do que é saudável e do que é errado para o desenvolvimento da criança e da família. Por exemplo: deixar o filho dormir na cama com os pais era uma conduta que poderia trazer dificuldades para a criança. Fazia-se necessário retirar a chupeta e as fraldas com uma determinada idade e assim por diante.

Uma prática sustentada por modelos, que proporcionavam segurança ao terapeuta e à família.

Essas orientações eram dadas aos pais, que pareciam concordar com as teorias muitas vezes já conhecidas por meio de livros e revistas. O que os impedia de seguir aquele modelo? Quais eram os impedimentos?

Comecei a me dar conta da minha dificuldade em compreender os pais, provavelmente por estar muito aliada a meu paciente, principalmente quando se tratava de negligência ou violência física à criança por parte dos familiares. A terapia individual não era suficiente e não cabia à criança ou ao adolescente a responsabilidade e a possibilidade de transformar a situação vivida.

Em alguns casos, quando o paciente se desenvolvia e não apresentava mais o sintoma que o havia levado à terapia, a família relatava o aparecimento de algum problema em outro filho. Enfim, este nem sempre era o mesmo, mas transitava para outra pessoa da mesma família. Por quê? Será que existe um dono do sintoma ou da dificuldade?

Fui procurar estudar as relações familiares, buscando compreender os processos de mudança e os deslocamentos de sintomas. Questionava aquela forma de trabalhar individualmente com crianças. Nesta época, desconhecia trabalhos com famílias e os cursos de formação em terapia familiar.

Tive, então, o privilégio de conhecer terapeutas que trabalhavam com famílias, e assim iniciei meus estudos sobre relações familiares. Conhecendo melhor o funcionamento de uma família, foi ficando cada vez mais difícil atender crianças individualmente. Passei a atender famílias.

O conhecimento da teoria sistêmica foi transformando a minha compreensão do mundo e minhas narrativas. Mais tarde, fui fazer a formação em Terapia Familiar no Instituto de Terapia Familiar de São Paulo (ITF/SP).

A terapia familiar e a visão sistêmica responderam a algumas questões mencionadas acima e criaram outras de que falarei adiante.

A compreensão do pensamento sistêmico foi uma mudança de paradigma não só em minha vida pessoal como também na prática clínica. Na medida que passou a configurar um outro sistema de pressupostos, ou seja, uma outra lente, passando do indivíduo para os sistemas humanos, ampliou as fronteiras para a compreensão dos problemas, dos processos de mudanças e do indivíduo.

Ao atender várias famílias em contextos sócio econômicos distintos, o tema da violência familiar me despertou interesse. O motivo pela procura de

terapia, em vários casos era a violência. Da violência física à violência da comunicação, muitas vezes negada e banalizada pela família.

Os atos de desqualificação e de duplas mensagens, caracterizam esse tipo de violência, que se manifesta através da comunicação, chamada por Sluzki (1996) de violência interpessoal. Para o autor, é um tipo de violência devastadora porque paralisa a capacidade de pensamento e de percepção do indivíduo. Segundo Hirigoyen (2000), a violência invisível pode destruir o outro sem uma gota de sangue. Era uma forma de violência tão comum na prática clínica, banalizada por terapeutas.

Nessa época, em 1998, fui convidada a trabalhar com famílias pobres em um Posto de Orientação Familiar criado pela Federação Israelita de São Paulo, na favela de Paraisópolis- POF. Essa comunidade de Paraisópolis/ favela Porto Seguro é caracterizada por profissionais que atuam na área e pela própria comunidade como violenta e pobre.

O trabalho com famílias pobres demanda um certo conhecimento da cultura da pobreza, que tem suas características próprias. Muitas vezes me sentia impotente, com poucas alternativas frente a ela, sentimentos também comuns nas famílias da comunidade.

Na instituição, as palavras pobreza e carência, tomavam conta de todos como uma doença. A precariedade dos recursos sócio-econômicos e de moradia, o desemprego, a depressão, o sofrimento dessas famílias, além da violência, paralisavam todos os sistemas envolvidos, desde a própria família encaminhada para atendimento, quanto a escola, as fontes encaminhadoras e a própria equipe do POF. Os terapeutas não ficavam fora disto, eram contaminados pela impotência e fracasso.

A situação me despertou curiosidade para investigar, com auxílio dos atendimentos clínicos, de que forma ajudar essas famílias tão sofridas, inseridas em um contexto com alternativas desconhecidas pelos terapeutas e por elas mesmas.

Em 1996, quando iniciei nesse projeto de atendimento familiar, parecia que as necessidades eram tantas que não seria possível lidar com elas. Havia uma descrença em relação à possibilidade de transformação das famílias, devido ao contexto sócio cultural de exclusão social. Foi um momento difícil na Instituição, porque alguns profissionais não suportavam ficar nessas condições,

sentindo-se impotentes perante tais dificuldades e perante a violência nas relações familiares, entremeadas com a pobreza. Isso porque a precariedade de moradia e de recursos sócio-econômicos podia facilmente conduzir à suspeita de que a pobreza sempre caminha junto com a violência, ou seja, pode ficar justificada e compreendida a violência pela pobreza, numa perspectiva causal.

Na perspectiva sistêmica, a partir de um olhar relacional, podemos observar o fenômeno e considerar a diversidade de fatores presentes que, por um lado trazem uma complexidade de possibilidades e por outro, tal diversidade possibilita uma multiplicidade de perspectivas a serem construídas no contexto interacional das relações familiares.

A teoria sistêmica configurou-se como uma nova prática discursiva na maneira de descrever, explicar e tratar problemas. Se antes a psicoterapia era vista como uma relação diádica, em um espaço preservado do terapeuta e cliente, com a teoria sistêmica a mudança dessa configuração trouxe a possibilidade da observação grupal dos atendimentos, das supervisões ao vivo, discussões teóricas grupais e a inclusão, no sistema terapêutico, do terapeuta com a sua forma de olhar o mundo.

Nessa perspectiva, iniciei atendimentos às famílias da comunidade, com a proposta de conhecer o contexto em que viviam. As sessões se caracterizavam por seqüências de perguntas que se tornavam cada vez mais minuciosas a respeito da forma de viver das famílias, suas histórias, suas crenças, mitos, ou seja, sua cultura. Durante esse processo certificava-me se estava sendo capaz de compreender, de fato, o que escutara. O reviver dessas histórias favorecia o ato reflexivo e a construção de novas alternativas, favorecendo mudanças no sistema terapêutico.

Para Cecchin, (1996, p.241), “a violência é uma forma de relação entre pessoas”, com dificuldade de manter uma conversação e diálogo. “A violência ocorre quando a conversação já não se sustenta”. Essa forma de pensar a violência sintetizava e ao mesmo tempo norteava minha prática clínica.

Pensava, então, que precisaria focar minhas ações na construção de uma comunicação dialógica no encontro com as famílias, o que provavelmente propiciaria mudanças no padrão de relação familiar.

Não foi tão simples assim. O ouvir e o falar podem ser um perigo para a família; as situações de agressões, de ataques físicos e verbais geravam um

clima de muita agressividade e destrutividade no sistema, inclusive no terapeuta, ou seja, a comunicação era uma tarefa muito difícil. Quando os significados criados em um sistema são insuportáveis pela dor que eles causam e pelos mitos familiares existentes, a comunicação passa a ser perigosa e evitada.

Assim, a violência era um sintoma familiar, organizado por um problema, um problema de difícil acesso. A comunicação, que seria um meio mais simples de se chegar a ele, era confusa, perigosa e dificultava o acesso, sendo muitas vezes geradora de violência.

“Violência gera violência”, uma frase que ficou muito presente nesse momento. Como o terapeuta poderia prosseguir os atendimentos sem se afastar afetivamente da família e ao mesmo tempo não fazer parte do jogo da violência?

As histórias contadas narram muito sofrimento: os relatos de violência física, emocional e interpessoal; as situações de dor e perdas familiares: perdas envolvendo mudanças de estado, cidade, relacionamentos, empregos, são temas frequentes nessas famílias. Aquelas que são pobres vivem perdas sucessivas e canalizam suas energias para a sobrevivência. Temas relacionados às perdas, lutos e à dor, com seus significados, passaram a ser um tema frequente nas narrativas familiares. A partir dessas histórias contadas pelas famílias, dos sentimentos e emoções vividos, é possível compreender, ter empatia e criar vínculos, não se restringindo à narrativa da violência e possibilitando ao terapeuta perceber a relação complementar e sistêmica do agressor com a vítima.

No momento em que o agressor percebe que não está sendo visto como um “monstro”, mas como alguém que carrega uma história de muito sofrimento, passa a ter coragem de prosseguir a terapia.

A vivência de ser terapeuta e de ser íntimo da dor humana é um desafio, mas quando se trata de famílias pobres, que não se caracterizam somente por carência de renda e precariedade de moradias, mas também por desigualdade, injustiça social e, além disso, pela exclusão social e difícil acesso às oportunidades e necessidades sociais básicas, o atendimento clínico não é suficiente. É necessário que o terapeuta esteja inserido em uma rede protetora que facilite o acesso das famílias a essa rede social.

Para Pedro Demo (2003,p.204), “a redução da pobreza depende diretamente do crescimento econômico e da diminuição do grau de desigualdade”.

Porém, mesmo com as dificuldades existentes no atendimento de famílias pobres, o encontro terapêutico, as emoções vividas, as crenças familiares transformam, constroem novos entendimentos e funcionamentos das mesmas. Não diferem da clínica particular, ou seja, de atendimentos familiares com famílias de alta renda.

A violência não aparece apenas em famílias pobres; ela está presente e é freqüente em todos os contextos sócio-econômicos. Contudo, a experiência que tenho na clínica particular é de que a maioria das famílias que procuram por terapia ou quando encaminhada, trazem como preocupação alguns sintomas ou comportamentos como dificuldades escolares, falta de limites, ou seja, preocupações aparentemente menos sérias, de menor risco. Nas famílias de alta renda, as vivências de violência não são tão evidentes, mas estão presentes e escondidas atrás de sintomas. A violência física, os abusos ficam muito bem guardados e são de difícil acesso. Naquelas de baixa renda, a violência muitas vezes é aparente nas relações, ou então é facilmente perceptível. Em muitos casos, quando a família procura ou é encaminhada, a queixa é “ estamos cansados de guerra.”

Como supervisora (desde 1995) do projeto de terapia familiar do CEAFF - Centro de Estudos e Assistência à Família, atendo famílias pobres. Nos casos de violência familiar, quando se trata de uma família pobre, a violência aparece, na maioria das vezes, no primeiro encontro terapêutico. Quando se trata de famílias que perderam condição econômica, a violência vai surgindo lentamente, através dos atendimentos.

Como proposta terapêutica para violência familiar, tenho priorizado a criação de contextos de confiança, promovendo o reviver das histórias de vida e a construção conjunta de alternativas significativas para a família. Algumas acreditam que reviver situações de sofrimento complica suas relações. Busco, então, desmistificar a inutilidade da vivência de dor e de sofrimento, possibilitando, com auxílio das narrativas de emoções e sentimentos vividos, a compreensão dos seus significados, estabelecendo, assim, uma comunicação dialógica no sistema.

Pensar no problema que organiza o sistema e no sintoma da violência como uma organização criada por um problema, possibilita compreendê-la como um funcionamento que protege o problema, possivelmente pela dor que ele causa.

Arnon Bentovim (1992) utiliza a palavra “trauma” no lugar de problema, que organiza o sistema. Este autor refere-se a existência de um problema ou situação traumática que organiza o sistema familiar.

A proposta de Bentovim ao estudo da violência é sócio-interativa, o que significa que essa abordagem compreende o indivíduo, a família e a sociedade. Assim, prioriza o sistema da família e outros sistemas em que está inserida, bem como o indivíduo. Olhar para cada indivíduo no contexto familiar e poder atribuir diferentes responsabilidades no interjogo da violência, dependendo do lugar ou função que cada membro da família ocupa, esclarece uma questão sobre a visão sistêmica, possivelmente mal entendida e sujeita a algumas críticas de alguns autores; estes crêem que tratar a violência sob a ótica sistêmica pode ser perigoso, por colocar o problema familiar como responsabilidade da família, sem diferenciação dos seus participantes. Não quer dizer que ao olhar para o sistema e obter uma visão ampliada dos problemas familiares e suas relações necessariamente propicia que seus participantes fiquem indiferenciados, ou seja, é possível diferenciar o indivíduo e sua função na família.

A partir da visão sistêmica e da prática clínica com famílias, apresento o objetivo desta pesquisa e algumas questões relativas a ele.

O objetivo desta pesquisa é ampliar o campo de visão e da prática clínica com famílias em que a violência é o padrão de relação, por meio da compreensão de como alguns problemas ou situações vividas por elas podem facilitar a co-autoria da violência familiar.

O estudo será realizado a partir de atendimentos clínicos a três famílias de baixa renda, encaminhadas para terapia pela violência familiar.

Além de haver uma inquietação com este tema da violência na minha prática clínica, considero-o importante por ser um assunto de discussão e preocupação mundial e pela necessidade de haver melhor foco de prevenção.

No decorrer da prática clínica, a ocorrência de situações que configuram tipos de violência como a física, a sexual, a psíquica e a negligência, muitas

vezes se restringiam ao espaço privado. Atualmente, a violência não está só no espaço privado, mas também no público.

A violência sempre esteve presente nas relações e no mundo, porém vem crescendo em proporção significativa à procura de ajuda e atendimento.

Em muitos casos, o motivo da procura por terapia é por algum sintoma, como dificuldades escolares ou conflitos familiares, porém, alguns sinais de violência são banalizados. São atos que passam a ser “ditos como normais”, e assim não há o reconhecimento da agressão e do sofrimento como um problema.

Quando penso na utilidade de pesquisas qualitativas nesse tema da violência, o que me fica mais presente é a importância de melhor conhecê-la por ângulos distintos, para criar iniciativas de prevenção.

Esta pesquisa poderia ser de utilidade para outros profissionais que trabalhem com famílias nesse contexto sócio-cultural, ampliando a visão e a perspectiva da violência familiar.

III – EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA NA HISTÓRIA DA FAMÍLIA BRASILEIRA

A rigor, a cultura brasileira teve suas origens na cultura indígena e com a chegada dos portugueses ao Brasil, iniciou-se, segundo Morin (2003) o processo de “globalização”; para o autor, este termo, que é muito utilizado a partir do final do século XX, já era experienciado, mas não nomeado, desde a época das navegações e do descobrimento das Américas. Nesse processo de globalização, salienta-se a interferência entre os processos econômicos, sociais, religiosos, nacionais, mitológicos e demográficos.

Voltando à época das navegações, o descobrimento do Brasil foi fascinante aos olhos portugueses e retratado por Pero Vaz de Caminha como o “paraíso”: praias belas, vegetação abundante, luminosidade, clima tropical e os indígenas, um povo primitivo, que deveria ser catequizado.

A idéia de descoberta implica que tudo estava ali apenas à espera de ser achado; os habitantes da terra não passavam de cenário, sem nome, sem história, desprovidos de qualquer direito. A meu ver, tem início o processo de exclusão social.

Para os portugueses, tratava-se do descobrimento de uma nova terra, de novas riquezas para Portugal e não puderam reconhecer a existência de uma história e de uma cultura. Roberto Gambini (1999) considera mais coerente o termo invasão, ao invés de descobrimento do Brasil.

A primeira esquadra portuguesa deixou no país homens degredados, punidos por algum tipo de crime para assegurarem a posse do Brasil, e outros, que posteriormente chegaram, também degredados, eram homens que deixaram suas famílias em Portugal e formaram uma nova família no Brasil.

A partir daí surge a família de pai branco com a mãe índia. A junção desse homem português que deixou sua família em Portugal e que se junta com a mulher índia, criou contextos que nos são desconhecidos. Como foram esses encontros? À força ou espontâneos? Para Gilberto Freyre (1950), o ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual.

De qualquer modo o lugar desta mulher índia, valorizada pela beleza física e pelo erotismo mas ao mesmo tempo desvalorizada enquanto mulher diante da cultura européia que privilegiava a repressão da sexualidade da

mulher, trouxe dificuldades para a formação da família. Na cultura indígena, a sexualidade é plena e vivida sem a noção de culpa e de promiscuidade, diferente da cultura judaico cristã. Tratava-se de grandes diferenças culturais, dominando a cultura portuguesa.

O feminino se reduzia à maternidade biológica, a um ventre sem alma, como diz Gambini (1999). Assim, a mulher mãe era desvalorizada na família. O modelo de pai era de um homem que abandona os seus, rouba as mulheres e as desvaloriza.

Nessa época do Brasil Colônia (1500 - 1822), alguns historiadores comprovam, através de relatos dos padres jesuítas, que os índios não utilizavam castigos físicos para disciplinar seus filhos. Segundo Priore (1995), os castigos físicos em crianças foram introduzido pelos jesuítas. Os vícios e pecados deviam ser combatidos com açoites e castigos. Dessa forma, as punições e ameaças foram introduzidas no Brasil Colonial pelos padres da Companhia de Jesus, em 1549. A reação indígena a tal tipo de prática era de indignação.

O cenário não mudou muito com a chegada dos negros ao Brasil. Houve a desvalorização da cultura africana, considerando os escravos negros como mercadorias ou animais. Já que o índio não suportava a escravidão, o negro, sendo mais forte fisicamente e habituado a ela na África, tornou-se o construtor da economia brasileira.

Na obra de Freyre (1950) os escravos, as crianças escravas e crianças brancas eram acostumados a passar por castigos físicos extremamente brutais, como espancamentos, palmatórias, varas de marmelo, cujo objetivo era ensinar a obediência aos pais e patrões como única forma de escapar das punições. Além dos castigos físicos, havia os abusos sexuais dos escravos e, por se tratarem de escravos, esses abusos não eram considerados violência.

A sociedade escravista tinha por fundamento a violência. Uma raça deveria ser subjugada à outra.

Parece tão marcante esse processo de formação da família brasileira que em muitas narrativas familiares continua presente um lugar de mãe muitas vezes cuidador e também inseguro e de pai ausente, que abandona sua família constituindo uma outra. Narrativa que está presente também nas histórias de famílias da atualidade.

No Brasil Império (1822-1889), reconstrói-se a escravidão. O escravo é um tipo de propriedade particular que tem direito à venda, troca, herança, e o enquadramento legal adquire uma importância decisiva na continuidade do sistema. A sociedade escravista produziu uma ampla rede de controle social, visando proteger a camada senhorial. Contavam com a parceria de juízes, feitores e padres para conter qualquer confronto com escravos. As autoridades nada faziam para coibir a violência ou mesmo punir transgressores quando se tratava de senhores brancos em relação a seus escravos. Assim, os escravos não tinham direito algum.

Avançando para o Brasil República (1889 em diante), após a abolição da escravatura (1888), negros e negras deixaram apressadamente os lugares onde tinham vivido durante longo tempo nas humilhações da escravidão. Tinham poucas economias e muitos foram para as cidades próximas, sonhando com a liberdade. Não possuíam condições de moradia e se agruparam em casas velhas que eram cubículos sem recursos e infraestrutura, em condições precárias. Eles eram considerados uma ameaça à ordem e à segurança. Foram proibidos os rituais religiosos, danças, capoeira, as tradições negras. Em função das más condições, passaram a ser vítimas de doenças como malária, tuberculose, difteria e outras. Viviam em moradias semelhantes às favelas e eram marginalizados.

Os ex-escravos que ficaram no campo eram chamados de caipiras, caboclos, sertanejos, caiporas, cafusos, dependendo da mistura étnica, do lugar em que viviam e de seu modo de vida. Esse grupo social trabalhava na terra alheia como agregado, sem se fixar por muito tempo. A existência de uma população nômade foi marcante nessa época.

Fez parte da nossa história ver e legitimar a violência contra o índio, o negro e a mulher. O termo “escravidão” de antigamente foi substituído por miséria, pobreza e exclusão social.

Quando pensamos na família brasileira desde a sua origem, o tema da violência se mescla, fazendo parte da sua estrutura original o não reconhecimento, a desvalorização de um povo e a noção de não pertencimento. Portanto, o fenômeno da violência fez parte de todo o processo de sua construção, mas só recentemente este tema tem sido foco de preocupação.

1. A VIOLÊNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES

Sob uma outra ótica, focalizando a violência na organização familiar, algumas análises históricas nos mostram que sempre esteve presente nas relações familiares, sendo tolerada e aceita como norma de convivência, desde tempos remotos. Segundo Anthony Giddens (2000), a família é o lugar mais perigoso da sociedade moderna.

As estatísticas disponíveis e registros nas Delegacias Especializadas de Crimes contra a Mulher (in *jornal da Rede Feminista de Saúde*, 1999), demonstram que 70% dos incidentes acontecem em casa. Isso confirma que é mais provável uma pessoa de qualquer idade e sexo ser agredida fisicamente por um membro de sua própria família do que em outro lugar, por um desconhecido.

São recentes os estudos sobre a família e a violência. Alguns fatores colaboraram para o início dos estudos das famílias, como: o final da segunda guerra mundial, a imigração, a industrialização e a urbanização, que intensificaram problemas sociais existentes. Anteriormente, predominava na psicologia e sociologia o conhecimento sobre o indivíduo. A análise da instituição familiar só passou a ser foco de preocupação após a década de 70.

Segundo Cristina Bruschini (1997), nos anos 50, 60 e mesmo no início dos anos 70 havia pouco interesse pelo tema das relações familiares. A família, como instituição social, podia ser encontrada nas pesquisas ligadas à comunidade, com enfoque na avaliação das divergências ou semelhanças entre dados empíricos colhidos e o modelo de família conjugal, considerado característico das sociedades industriais.

Os estudos e pesquisas, nessa época, focalizavam a condição feminina com o objetivo de controle da reprodução e da sexualidade, visando a manutenção de um modelo de família considerado “adequado”.

A preocupação com crianças e mulheres maltratadas é recente, ou seja, somente a partir dos anos 60, quando alguns autores europeus e americanos descrevem as síndromes de crianças que sofriam algum tipo de violência familiar, incluindo maus tratos, e com a divulgação e poder dos meios de comunicação, é que esse tema passa a ser de interesse público.

Em 1962, o fenômeno da violência física e doméstica foi descoberto cientificamente por trabalhos de F. Silverman e H. Kempe, nos quais apresentam 749 casos, sendo 78 sobre mortes de crianças espancadas. A “síndrome da criança espancada” .(Kempe,1978) foi um marco para o estudo e atenção à violência contra o menor.

Na década de 70, as correntes marxistas começam a se preocupar com a inexistência de uma teoria da população; assim, surge interesse pelo tema da família, a partir dos estudos sobre as estratégias de sobrevivência das camadas populares do trabalhador. Nessa época, o foco não era a família em si, pois a produção e os estudos sobre esse tema enfatizavam o espaço produtivo da família, a divisão de trabalho, o respeito e a obediência como virtudes no contexto familiar e do trabalho.

Mais tarde, o movimento feminista chamou a atenção para a violência vivida contra as mulheres. Até aquele momento, a preocupação estava direcionada à violência contra a criança e, com o movimento feminista, passou-se a olhar para a situação da mulher na sociedade, porém, nessa época, a violência familiar era considerada como um fenômeno pouco freqüente, anormal e atribuída a pessoas com transtornos psicopatológicos. A mulher vitimada era considerada frágil, masoquista e o agressor era visto como alguém que tinha pouco controle sobre seus impulsos. Ambos, vítima e agressor eram considerados “patológicos”, e essa patologia era vista e tratada como um distúrbio individual.

Vários estudos na década de 70, nas áreas da psicologia social, antropologia, como também os movimentos sociais feministas, trouxeram grandes contribuições para a compreensão das relações familiares e dos grupos sociais, surgindo a terapia familiar.

Os pioneiros da terapia familiar, que habitualmente utilizavam o referencial teórico freudiano no atendimento de psicóticos e crianças, ampliaram o campo do atendimento clínico, estendendo-se à família. Nasce, então, a terapia familiar, com a proposta: para mudar o indivíduo, era preciso mudar o contexto familiar.

O desenvolvimento do pensamento sistêmico-relacional proposto por Bertalanffy em 1930 e da cibernética por Wiener, na década de 40, forneceu

grandes contribuições teóricas e práticas ao estudo das relações familiares e da terapia.

Com este pensamento, foi possível observar as relações entre vítimas e agressores como um jogo, considerando as vítimas como agressores e os agressores, também como vítimas, numa relação de co-dependência e co-construção. De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, passam a ser propriedades do todo, e não mais de suas partes, surgindo das relações e interações entre elas. Se separarmos as partes, estas perdem suas características, pois a natureza do todo é sempre diferente da soma de suas partes.

A epistemologia mais antiga acreditou que o sistema cria o problema e a nova epistemologia sugere que o problema cria o sistema. Nessa perspectiva, a violência é vista como um sintoma organizado por um problema.

Hoje sabemos que a violência é um fenômeno bastante comum nas relações interpessoais no âmbito familiar, doméstico e social. Ela se faz presente de diversas formas, algumas vezes é visível e outras, invisível.

Nem sempre ver e constatar um acontecimento é uma situação fácil, principalmente quando se trata do tema deste estudo, pois, perceber e observar sinais e fatos que podem indicar a presença de algum tipo de violência na família, ou na instituição, ou em comunidades, o desconforto, a preocupação, o medo, requerem do terapeuta uma ação rápida e urgente.

A violência visível aparece aos olhos do público em jornais, televisões e revistas como terrorismos, guerras, motins. A violência invisível seria aquela que é imperceptível à vista, mas está presente nas relações de trabalho, nas relações familiares, nas instituições encarregadas de atender pessoas, e que, por convenções e pressões sociais, medo e vergonha, são situações vividas, a respeito das quais os indivíduos guardam segredo. Muitas vezes essa forma de violência é visível aos olhos de quem está mais distante, mas nem sempre percebida pelos que a vivem no cotidiano. As situações de injustiça social, de miséria, de desamparo, que nos ferem diariamente em cidades grandes como São Paulo, fazem-nos fechar os olhos para uma realidade que desperta sentimentos como, tristeza, fracasso, impotência e culpa. Uma invisibilidade que não difere das outras formas de violência vividas nas famílias que, muitas vezes, não acreditam ser possível mudar a maneira de viver e de ser.

No atendimento clínico, o visível e o invisível podem ter conotações diferentes. O olhar do observador e a sua inserção no sistema familiar ou grupal serão determinantes para a co-construção de uma realidade visível da violência.

Dependendo do olhar do observador, alguns atos, comportamentos sutis, descrições e percepções podem surgir como sombras em um quarto escuro e podem servir de guia para se dar visibilidade ao invisível.

As narrativas, as emoções, as imagens desenhadas e imaginadas pelo sistema terapêutico, colaboram para a visibilidade da violência, cujas imagens retratam muita dor e sofrimento e a visibilidade é o primeiro passo para uma ação responsável.

IV - REFERÊNCIAS ADOTADAS PARA PENSAR A VIOLÊNCIA

1. DEFINIÇÕES DE VIOLÊNCIA

Na última década, a palavra “violência”, em suas diferentes expressões, está cada vez mais presente na literatura, nos jornais, revistas, e diálogos. Uma palavra forte, de grande impacto, que está muitas vezes associada a cenas assustadoras, a situações de intenso sofrimento e medo e também a um tipo de prazer.

A violência existe ao nosso redor e faz parte das práticas cotidianas. Na maioria das vezes, estamos tão habituados a ela que nem a percebemos. Esse é o maior perigo que corremos, pois, quando não nos sensibilizamos com ela, estamos vulneráveis à sua colonização.

A etimologia da palavra violência:

- [Novo Aurélio, ed1975 e o grande Dicionário Larrousse Cultural, de 1999] .
Em ambos aparece no verbete “Violência “(do latim violentia) 1. Qualidade ou caráter de violento.2. Ação violenta. 3. Ato ou efeito de violentar. 4. Constrangimento físico ou moral; uso da força, coação. No verbete “violento” (do latim violentu) 1. Que atua com força, com ímpeto, forte impetuoso.2. Que se exerce com força. 3. Colérico, irritadiço, arrebatado. 4. Intenso , veemente. 5. Em que se usa a força bruta. 6. Contrário ao direito, à justiça, à razão. No verbete “Violentar”(do francês violenter) 1. Exercer violência sobre; coagir; constranger. 2. Contrariar as normas de ; violar. 3. Forçar,arrombar.4. Violar, estuprar.

Analisando esse termo em nosso idioma, deparamos com várias palavras que, isoladamente, referem-se à violência, mas que, a meu ver, somente em conjunto podem chegar mais perto da complexidade de seus significados. Da mesma forma, apresentamos algumas definições de autores sobre a violência, pois nenhuma, isoladamente consegue abranger todo o seu significado.

A definição de violência, segundo o DSMIII é uma das mais tradicionais e citadas nas publicações científicas.

[Definição de violência – Associação Psiquiátrica Norte Americana. Dsm-III R,]
Um fato traumático (incluindo a violência) é definido como : “Um acontecimento que vai além da categoria das experiências humanas habituais e que geraria desassossego marcante em praticamente qualquer pessoa, tal como uma ameaça ou risco de vida ou integridade física, uma ameaça séria ou danos aos filhos, cônjuges, parentes próximos ou amigos, a destruição súbita do lar ou da comunidade; ou presenciar o dano ou a morte de outra pessoa como resultado de acidente ou violência física.”(American Psychiatric Association, 1987).

Nessa definição, os autores ressaltam o ato violento de forma geral. É uma definição semelhante à da Organização Mundial de Saúde, que enfatiza o uso da força, poder, a ameaça contra um grupo ou comunidade, ocasionando lesões, morte, danos psicológicos, transtornos de desenvolvimento e privações. Segundo Viviane Azevedo Guerra (1998, p.32) “Violência doméstica é todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra a criança e adolescente, que pode causar danos físicos , sexuais e ou psicológicos à vítima; implica, de um lado, em abuso de poder/ dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento “.

Considera-se importante essa definição de Viviane Guerra pela ênfase a um tipo de violência: a negligência, a falta de cuidados em relação à criança e ao adolescente, que pode ser geradora de violência física e sexual. A autora refere-se à vítima na relação hierárquica de poder com fim de dominação, exploração e opressão, mas não se referiu ao idoso na família.

Para Saffioti (1997), a violência familiar recobre o universo das pessoas relacionadas por laços consangüíneos ou afins. A violência doméstica é mais ampla, abrangendo pessoas que vivem sob o mesmo teto, mas não necessariamente vinculadas pelo parentesco.

Segundo Adorno (1988, apud Guerra, 1998, p. 31), “a violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob essa ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade, em um momento determinado de seu processo histórico. A compreensão de sua

fenomenologia não pode prescindir, por conseguinte, da referência às estruturas sociais; igualmente não pode prescindir da referência aos sujeitos que a fomentam enquanto experiência social”.

O autor conceitua a violência sob a ótica social e cultural enfatizando a importância do contexto.

A meu ver considerar essas definições no seu conjunto, é uma maneira de ampliar a visão da violência e observá-la sob focos distintos.

Na prática clínica, além dessas maneiras de pensar a violência estarem presentes como pano de fundo, o encontro terapêutico agrega novos significados a ela, singulares e pertinentes àquele sistema terapêutico.

A visão sistêmica compreende a violência como um sintoma de um sistema, no caso uma família ou um grupo de pessoas, e essa forma de pensar colabora para não estigmatizar os papéis de vítimas e de agressores, ampliando a percepção destas para além do sintoma. Assim, com as contribuições de alguns autores como Cecchin, Bateson, Sluzki e Bentovim que, a meu ver colaboraram com a noção de violência familiar ou grupal na perspectiva sistêmica.

Segundo Cecchin (1996, p.241), violência é uma forma de comunicação. Ela denuncia dificuldades nas relações familiares e na sua comunicação.

Para o autor, “a violência é uma forma de relação não dialógica entre pessoas, um colapso da conversação. A violência ocorre quando a conversação já não se sustenta”.

Para haver uma boa comunicação, é necessário a escuta respeitosa, diálogo e reflexão.

Assim, Cecchin define violência como uma forma de comunicação, utilizando-se também das produções do grupo de Bateson: a noção de duplo vínculo – dupla comunicação, cujos pontos centrais nos remetem a situações contraditórias, em níveis distintos de comunicação.

Caminhando na ideia de que existe dificuldade em ouvir o outro como um legítimo outro, em estabelecer o diálogo e a reflexão, podemos pensar que fica improvável a possibilidade de negociação familiar, o que dificulta a resolução de conflitos de uma família ou grupo. Marilena Chauí (1998, p.34), considera violência quando o indivíduo ou instituição a partir de meios físicos ou psíquicos, impede a manifestação do outro indivíduo na sua singularidade. Para a autora “

a violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é irracionais, insensíveis, mudos, inerte ou passivos”.

Os conflitos surgem através da expressão das diferenças de interesses, valores, desejos de membros de um grupo. O conflito pode e deveria ser um fator de crescimento, se for negociado, mesmo que a partir de confrontações e disputas. Mas, quando não há negociação, possivelmente não se fala mais... não se ouve..... não se percebe..... “ embota-se”, ou seja , paralisa-se.

Para que seja possível uma ação violenta, é necessário haver um certo desequilíbrio de poder no sistema com auxílio de manobras interpessoais e de controle, legitimados no contexto.

Segundo Corsi (2001), a violência implica na tentativa de eliminar os obstáculos que se opõem ao exercício do poder, mediante o controle da relação obtida pelo uso da força.

Isabel Kanh Marin (2004) ressalta a importância de se pensar no termo etimológico da palavra violência (o latim *vis* quer dizer “força vital”) que para a autora, além do caráter destrutivo, é uma força necessária para a sobrevivência.

2. TIPOS DE VIOLÊNCIA

A classificação utilizada pela Organização Mundial da Saúde sobre Violência e Saúde, de 2003, divide a violência em três categorias gerais:

A violência auto-infligida, que compreende o comportamento de auto-agressores, comportamentos suicidas, intenções suicidas, auto mutilações.

A violência interpessoal, que divide-se em sub categorias:

- **Violência familiar e de casal**, quando está presente na família ou entre o casal. Abrange a família extensa. Nesse grupo, incluem-se formas de violência como maus tratos, violência sexual, outros abusos e violência na comunicação.

- **Violência comunitária**, dirigida a grupos de pessoas sem qualquer grau de parentesco. Está incluída a violência juvenil, violência física por estranhos e a violência nas instituições, escolas, hospitais e trabalho.

A violência coletiva subdivide-se em violência social, política e econômica. Ela promove interesses sociais, ações terroristas, violência de massas. É representada pelas guerras e outros conflitos, em geral pela disputa de poder. A violência econômica compreende ataques por parte de grupos motivados por lucro econômico e pelo poder do dinheiro, prejudicando serviços essenciais à população.

3. NATUREZA DOS ATOS DE VIOLÊNCIA

A descrição da natureza dos atos de violência é útil no sentido de compreender a sua complexidade, mas imperfeita, já que essas categorias e subcategorias contêm e estão contidas umas, nas outras. Também na prática e nas investigações nem sempre estão claras as linhas divisórias entre os diferentes tipos de violência:

- **física;**
- **sexual;**
- **maus tratos, negligência e outras formas de abuso;**
- **psíquica.**

Nessas subcategorias, a **violência física** implica na violência contra o corpo, como bater, machucar que, dependendo da intensidade, pode causar a morte. Acontece quando os pais ou responsáveis tentam educar e disciplinar seus filhos por meio da força. Acabam batendo, queimando, empurrando etc. Em muitos casos, esses pais culpam as crianças pelos seus atos, como: “ele não obedece....” Em outras circunstâncias, negam os sinais corporais da criança; como: “ele se machuca muito, quando joga bola com amigos.” Os adultos também se agridem fisicamente e muitas vezes se escondem para que as marcas não sejam vistas.

No entanto, é possível perceber alguns sinais no corpo de crianças ou adultos da família que indicam violência: arranhões, manchas roxas, queimaduras, feridas, fraturas e outros.

Em relação à violência física, pelos dados do Lacri (Laboratório de Estudos da Criança), de 1996 a 2004 foram notificados 525 casos em 1996 e 6.066 casos em 2004.

Apesar de a **violência sexual** ser considerada um abuso físico, a intenção do agressor em relação à vítima é sexual. Muitas vezes, a violência física também está presente e pode levar à morte.

A violência sexual, principalmente contra a criança, é considerada uma das piores formas de agressão. As meninas e meninos podem ser vítimas desse tipo de violência. Na maioria dos casos, quem abusa é alguém conhecido da criança, o que pode ser pior, no sentido de ela confiar e estar mais vulnerável. Quando o abusador é uma pessoa importante afetivamente para a criança, a quebra de confiança, o medo, a vergonha, o silêncio, enfim, os danos emocionais podem comprometer gravemente seu desenvolvimento.

Essa violência pode acontecer com ou sem contato físico. Nesse caso, a violência sexual é caracterizada por conversas sobre atividades sexuais, com o objetivo de despertar interesse, ou pelo uso de termos sexuais grosseiros, xingamentos, dirigidos à criança ou ao adulto. Exibir o corpo é também uma forma utilizada com a intenção de chocar ou como forma de prática sexual, com objetivo de estimular sexualmente.

A violência com contato físico caracteriza-se pelo ato sexual oral, anal ou vaginal , masturbação, pela prostituição e estupro ou, de modo sádico, por torturas e surras e pela pornografia, em que as pessoas são usadas como atores em vídeos ou fotos.

Alguns sinais corporais nas crianças podem alertar para a violência sexual: infecções urinárias, dificuldades para sentar, dor nos genitais, masturbação, manchas roxas no corpo.

Pelos dados do LACRI¹, (Laboratório de Estudos da Criança) a violência sexual passou de 95 casos em 1996 para 2.573, em 2004.

Maus tratos e negligência são um tipo de violência caracterizado por falta de condições para sobrevivência, falta de cuidados físicos e emocionais, podendo chegar à morte. Podemos perceber sinais como: falta de cuidados

¹ Lacri- os dados obtidos foram colhidos em Delegacias da mulher, Justiça da infância e da juventude, unidades de saúde, hospitais, escolas, SOS criança.

médicos , roupas sujas, falta de banho e alimentação, quando a criança falta muito à escola e anda sozinha pelas ruas.

Segundo dados do LACRI, por maus tratos e negligência foram notificados 572 casos em 1996 e 7.799 em 2004, e a violência fatal que, de 135 casos em 2000, decresceu para 17 casos em 2004.

A **violência psíquica** é definida na literatura em variadas acepções, como ameaças, agressões verbais, desqualificações do outro e, indiretamente, pode causar a morte. Considero esse tipo de violência presente em todas situações, já que os danos emocionais atingem o psiquismo de todos que fazem parte do jogo. A natureza da violência associada à intensidade e à frequência dos seus atos determinam o grau de risco para a família.

Segundo notificações do LACRI, a violência psicológica passou de 53 casos em 1997 para 3.097 em 2004.

Os dados nos confirmam aumento da violência na família e das denúncias de violência, o que não quer dizer que ela aumentou nesta proporção, já que os dados anteriores podem ser parciais. Esses dados foram também colhidos pelo LACRI (Laboratório de Estudos da Criança), de 1996 a 2004 e, possivelmente, cada vez mais se consiga ter acesso aos registros da violência familiar.

Segundo uma pesquisa realizada pela Sociedade Mundial de Vitimologia (Holanda) que pesquisou a violência doméstica em 138 mil mulheres de 54 países, 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas à violência doméstica.

As estatísticas disponíveis e os registros nas delegacias especializadas de crimes contra a mulher demonstram que 70% dos incidentes acontecem dentro de casa, e o agressor é o marido ou companheiro; mais de 40% desses episódios resultam em lesões corporais graves decorrentes de socos, tapas, chutes, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos.

Os dados revelam números alarmantes de violência, totalizando 1.192 casos em 1996 e 19.552 em 2004. Dão-nos uma amostra mais próxima da real situação da violência em São Paulo, já que muitos casos permanecem em silêncio.

Desse total de ocorrências, os dados que aparecem mostram que a violência contra o sexo feminino é maior, porém, se nos detivermos em sua proporção, veremos que diminuiu em relação ao sexo masculino: em 1996, a

proporção era de 8 casos para o sexo masculino contra 68 casos do sexo feminino. Já em 2004, o número passou a ser de 589 casos contra o sexo masculino para 1.984 casos do sexo feminino.

V - CLÍNICA DA FAMÍLIA: DO INDIVIDUAL AO SOCIAL

É possível considerar violência familiar como um padrão de funcionamento, em que os membros da família são co-autores, possuindo responsabilidades e possibilidades distintas tanto na autoria, como na sua desconstrução. Tal funcionamento pode ter suas raízes em outras gerações, e as gerações atuais tendem a perpetuá-lo.

Alguns autores salientam estudos e explicações da violência familiar sob a ótica individual e psicopatológica; outros enfatizam o contexto social e cultural como determinante e, nessa investigação, procuro relacionar esses sistemas: individual, familiar e sócio-cultural.

O olhar sistêmico para a violência familiar propõe um estudo dos sistemas que se inter-relacionam, não se restringindo ao sistema familiar, considerando o sistema individual, as díades, triângulos familiares e famílias de origem como parte do sistema familiar, o qual está inserido em um determinado contexto sócio-cultural.

1. UM OLHAR SOBRE O INDIVÍDUO

Um elemento chave para observarmos o sistema individual no sistema de relações é o padrão de apego entre pais e filhos. Como foram estabelecidos os vínculos afetivos do indivíduo em sua família? Como foi estabelecida a relação mãe-bebê ou cuidador e bebê ?

Para Bowlby (1990), o vínculo estabelecido na díade cuidador-bebê colabora essencialmente para a formação da personalidade do indivíduo.

Alguns estudiosos utilizaram-se de várias pesquisas com o objetivo de separar a influência do meio ambiente e das relações estabelecidas na compreensão do indivíduo. Segundo Vaughn e Bost (1999), há mais de duas décadas que se pesquisa o temperamento do indivíduo e a relação de apego. Alguns autores constataam que seus resultados se mostraram parcialmente positivos com respeito à possibilidade de atribuir uma influência exercida pelos componentes genéticos nas relações estabelecidas. O que nos leva a crer que o

temperamento² não determina a personalidade, mas colabora na sua construção. Esses estudos nos indicam que, dependendo do temperamento do bebê ao nascer e da propensão da mãe em estabelecer vínculos, determinam-se características que podem facilitar ou dificultar a relação de apego inicial.

Nesse momento, vários fatores influenciam a construção conjunta do vínculo cuidador-bebê: o momento de vida da família, sua história, suas crenças e o contexto sócio-cultural e histórico.

Para Bowlby (1990), toda criança tem tendência a desenvolver laços afetivos íntimos com seu cuidador. A qualidade destes laços afetivos determina o tipo de apego desenvolvido na relação, que tende a ser auto perpetuante, levando a criança a agir de forma que o confirme. De acordo com o padrão de apego construído na relação criança-cuidador, haverá uma predisposição de modelos internalizados que podem determinar a visão do mundo, do outro e de si próprio, e estimular comportamentos distintos da criança frente a uma determinada situação.

A construção do padrão de apego inicia-se com o nascimento do bebê e a medida que a criança cresce, vai internalizando essa forma de relação, formando um estilo de reação que se amplia para todas as formas de relacionamento.

O apego é um sistema comportamental interno que controla a propensão estável para a busca de proximidade da pessoa ou objeto de apego. Os comportamentos de Apego são intermitentes e variam de acordo com circunstâncias próprias do indivíduo e da situação; podem variar desde um contato quase imperceptível, como troca de olhares e sinais, ou busca de proximidade, como chorar, comer, agarrar etc. Apesar desse sistema permanecer ativo durante todo ciclo vital do indivíduo, o sistema tem seu desenvolvimento durante a infância.

Já em 1969, Bowlby (1990), afirmava que até os três anos de idade esse padrão é predominantemente uma propriedade da relação, e, com o crescimento da criança, vai se tornando característica da personalidade e tende a persistir, já que a relação estabelecida entre ela e seu cuidador tende a permanecer a mesma, a menos que haja alguma influência renovadora.

² Temperamento é a personalidade primitiva observada ao nascer (emoções, motricidade, vigor, resistência e tendência na busca da interação).

A partir do primeiro ano de vida, o comportamento de apego passa a ser mediado por sistemas comportamentais cada vez mais complexos, incorporando modelos representacionais do self e do mundo. O termo “Internal Working Model”, criado por Bowlby, é definido como representações mentais internalizadas, carregadas de afetividade, do self, do outro e da relação estabelecida que organizam a memória desses comportamentos e da relação entre eles e que servem de base para a percepção e interpretação do mundo. Tais modelos como estão diretamente ligados à percepção do indivíduo, dependem do seu repertório de visão e percepção de seus mapas prévios.

Um modelo representacional seguro pressupõe que o indivíduo perceba o outro e a si próprio com perspectiva positiva da relação, sentindo-se merecedor de apoio, afeto e conforto, sabendo buscá-los quando necessário. Um modelo representacional inseguro ou evitador já é visto como negativo pela alta frequência de situações vividas como rejeitadoras e inconsistentes, o que favorece a baixa auto-estima e pouca eficiência para conseguir apoio e atenção. Em muitos casos, a busca por atenção é realizada de forma confusa, confirmando a rejeição e a falta de disponibilidade do outro.

O desenvolvimento do apego na criança está intimamente ligado ao desenvolvimento cognitivo e motor, dependendo da interação, maturação e aprendizagem.

A teoria de Bowlby e Ainsworth (1990), explica como e por que as crianças e seus pais criam vínculos no primeiro ano de vida e como as experiências interpessoais no contexto de apego se desenvolvem e se transformam em relacionamentos amorosos.

A teoria de Bowlby se propõe a estudar e analisar:

- a) a propensão do ser humano para formar fortes vínculos afetivos com outros seres humanos;
- b) as várias formas de perturbação emocional que ocorrem quando os vínculos são ameaçados ou rompidos;
- c) a construção, ao longo da infância de modelos mentais de si próprio e do outro e da possibilidade de relacionamento interpessoal;
- d) A maneira como os modelos mentais se tornam componentes centrais da personalidade, regulando a percepção, o sentimento e o comportamento do ser humano.

Para explorar esses padrões é necessário descrevê-los:

No apego seguro, a relação estabelecida entre o cuidador e a criança é de sensibilidade e observação das suas necessidades e assim, a partir dessa relação de entendimento recíproco, de confiança, de satisfação das necessidades, a criança passa a ter boa auto-estima e uma visão positiva da vida e do outro. As famílias que estabelecem tal padrão possuem boa comunicação familiar, narram lembranças de experiências de vida, situações dolorosas, experiências traumáticas com o objetivo de resignificação da experiência com perspectivas positivas.

No padrão de apego ambivalente, a relação estabelecida é também ambivalente. Existe o medo da rejeição, a desconfiança, caracterizando-se por um apego desorganizado. O cuidador, em alguns momentos, faz-se presente e sensível, em outro está ausente e pouco sensível, assim a criança se torna mais insegura e confusa, com tendência à baixa auto-estima. As famílias que possuem maior tendência de estabelecer esse padrão muitas vezes vivem situações traumáticas e estressantes, com memória parcial de suas histórias de vida. A comunicação e a reflexão são evitadas, por gerarem medo e dor emocional. Os sentimentos vividos são de raiva, angústia e confusão.

No padrão de apego evitador, as relações afetivas são de hostilidade e evitação, levando a um desconforto com a intimidade, assim evitando a relação afetiva. Nas famílias com tendências a esse padrão, as crianças aprendem a tratar as pessoas como algo sem importância, e muitas vezes, persistem nesta indiferença. Em alguns casos, idealizam suas experiências e negam as recordações de histórias vividas.

Bentovim (1992) descreve outros dois padrões de relação mais específicos nas situações de violência e de estresse. O padrão da reedição ou inversão, descrito como um tipo de vínculo afetivo inseguro e abusivo, caracterizado pela raiva, pelo abandono, pela ameaça, por abusos e por situações de violência constantes nas relações. As crianças, adolescentes e adultos, em tais circunstâncias, ficam muito agressivos, ambivalentes e fechados em um mundo de ameaças e agressões. Outros podem adotar uma postura complacente nas relações e identificam-se no papel da vítima. Os papéis de vítimas e agressores podem se inverter, já que ambos podem ser vítimas e agressores.

Por último, o padrão desorganizado, descrito por Lyons & Jacobvitz (1999), como um padrão caracterizado pela confusão, angústia, raiva e aflição causadas por situações traumáticas vividas na família.

A teoria do apego nos fornece indicadores de como os vínculos foram construídos na família e, portanto, frente a situações-limite e de estresse podemos observar mais ou menos dificuldades em enfrentá-las. Indivíduos cujo padrão de apego é ambivalente ou evitador possuem maior tendência de estabelecer vínculos em que a violência está presente na relação.

O padrão evitador e também o padrão da reedição, descritos por Bentovim (1992) estabelecem um tipo de relação facilitadora de transtornos emocionais para o indivíduo. Além da desorganização, as reações frente à vitimização podem passar de um momento para o outro da raiva intensa à depressão, à euforia, à impotência e a sentimentos de culpa. Também se pode apresentar uma reação tardia, descrita como estresse pós-traumático nos manuais de diagnósticos psiquiátricos (PTD: Post-Traumatic Disorder, 1987). O PTD consiste em uma série de transtornos emocionais ocasionados por situações traumáticas. Algumas delas, descritas nos manuais de diagnóstico psiquiátricos, são: pesadelos noturnos, dificuldade de concentração, transtornos do sono, dificuldades de aprendizagem, depressão, sentimentos de culpa, medos e pânico, amnésia.

Segundo Bowlby, os padrões de apego podem se transformar durante a vida, tanto positiva como negativamente. A partir de uma experiência de apego seguro, o indivíduo pode mudar a sua forma de estabelecer vínculos e seu estilo de reação.

Sluzki (1994), em seus estudos, assinala seis níveis de efeitos da violência para o indivíduo nas suas relações, segundo uma combinação de variáveis - o nível de ameaça percebido pelo indivíduo e a frequência da conduta violenta que determina a diferenciação dos efeitos desta.

1. *Dissonância cognitiva*. Quando se produz uma situação de violência de baixa intensidade em um contexto, num momento inesperado. A reação é de surpresa e de impossibilidade de integrar esse novo dado na experiência de vida. É o caso de mulheres ou homens que vivem o primeiro episódio de violência.

2. *Ataque e fuga.* Quando se produz uma situação de violência de alta intensidade, de um modo abrupto e inesperado. Nesse caso pode desencadear-se uma reação psicofisiológica de alerta para ataque ou fuga. É o caso de pessoas que vivenciam o ciclo inicial da violência e ficam surpreendidas com o acontecimento. A surpresa deste desencadeia o ataque ou a fuga.
3. *Inundação e paralisação.* Quando se produz uma situação de violência extrema que implica em alto risco para a integridade da vida. A reação pode desencadear alterações do estado de consciência, desorganização, e ainda causar a síndrome do estresse pós-traumático (citada acima). Algumas mulheres descrevem essas experiências como paralisação frente a situações de ameaça com armas, seqüestros, torturas. Segundo o autor, a diferenciação dessa situação se dá pelas variações toleráveis para o indivíduo, ou seja, do quanto o fato ocorrido está na variação das fronteiras do tolerável e do intolerável. Um ato extremo de violência destrói a capacidade de construir a história e de criar uma narrativa coerente. Muitas vezes escutamos algumas narrativas que são possíveis para aquele indivíduo, nas quais ele acredita que consegue ter algum controle sobre os eventos e fugir de sua história.
4. *Socialização cotidiana.* Quando situações de maus tratos de baixa intensidade se transformam em habituais e são considerados normais, como as desqualificações, humilhações; pelo fato de serem habituais e normais, causam um efeito anestesiante e paralisador do pensamento e também da ação.
5. *Lavagem cerebral.* Quando as ameaças, as coerções e humilhações são intensas e persistentes, passando a fazer parte do sistema de crenças, como um modo defensivo frente às ameaças. Um exemplo são mulheres ou homens que, nessas circunstâncias, sentem-se culpados e merecedores das humilhações, ou seja, da ação do outro.
6. *Embotamento e submissão.* Quando as experiências aterrorizantes são extremas e freqüentes. O efeito causado nessa situação é de intumescimento psíquico, ou seja, um viver desconectado das emoções e dos sentimentos. Um viver sem passado ,sem presente e sem futuro. Em muitos casos, a vítima está submetida ao agressor e possui empatia

com este como forma de sobrevivência da sua auto-imagem. Trata-se de casos de abuso sexual e outros abusos familiares.

Este olhar sobre o sistema individual não exclui o sistema familiar; ambos se inter-relacionam, porém a proposta é diferenciar as relações individuais na família.

Quando a violência familiar é um padrão de relação constante e está presente também nas gerações anteriores, os vínculos familiares tendem a ser ambivalentes, evitadores, abusivos e desorganizados; seus efeitos serão distintos para cada membro da família.

Tais famílias, quando estão em tratamento, possuem dificuldades em confiar no terapeuta e necessitam que este possua muita habilidade para co-construir um vínculo seguro.

Quando se trata de famílias que pelo menos o pai ou a mãe possuem boa capacidade de estabelecer vínculos afetivos, a terapia passa a ser um espaço menos ameaçador, de expressão de sentimentos como o medo, angústia e, ao mesmo tempo, de confiança e esperança.

O terapeuta que estabelece um padrão de apego seguro com seu cliente ou com a família que atende pode ser um colaborador para a mudança de padrão de relação e seu estilo de reação. Nesse contexto clínico, a criação do espaço de confiança para a comunicação e reflexão são fundamentais para um novo padrão familiar de não-violência.

2. FAMÍLIA: CULTURA E INTERGERACIONALIDADE

A família possui uma organização complexa: é formada por um grupo de pessoas com diferença de idade, de sexo, vivendo momentos distintos do ciclo vital, com necessidades e objetivos diversos; um grupo que, inserido na rede social, recebe e transmite informações do ambiente privado para o social e vice-versa sempre em um movimento constante de adaptação. Assim, na sociedade em geral, a família é vista como uma entidade que situa e legitima o indivíduo em seu espaço social, tendo essa função maior importância, ainda

mais uma sociedade orientada para a família, como a brasileira. (Macedo, 1994).

A família é transmissora da cultura, de suas crenças e mitos, e muitas vezes estes se perpetuam por gerações. Também são criados para explicar situações não compreendidas pela família e muitas vezes estão baseados em experiências de vida originais daquele grupo.

Cada família possui uma cultura própria que está inserida em uma cultura mais ampla, a comunidade e a sociedade, que também determinam regras de conduta e de funcionamento da família. Para Morin (2002), a cultura é o conjunto de hábitos, costumes, práticas, saberes, regras, normas e interdições.

As regras culturais nos servem de base e limite para o comportamento e são diferenciadas por gênero e pela etapa do ciclo vital. Muitas das características femininas ou masculinas não são biologicamente definidas, mas construídas socialmente. O valor do sexo e do gênero numa família pode estar relacionado com suas histórias e vivências no contexto em que está inserida, ou seja, sua cultura.

Na terapia familiar, a família é, portanto, um sistema aberto em transformação, inserido em outros sistemas e formada por subsistemas. As famílias de origem, parentes e amigos fazem parte desses sistemas, que se interconectam.

Encontramos algumas definições do termo “família” em textos de antropologia, sociologia, direito, psicologia e, na maioria deles, estabelece-se a distinção entre família nuclear e família extensa, dependendo do objetivo de estudo. Também se levantam algumas funções fundamentais desses núcleos humanos: cooperação econômica, socialização, educação, reprodução e relação sexual.

De acordo com as diferentes definições, os indivíduos se unem por razões biológicas, psicológicas e sócio-econômicas, independentemente do status jurídico das uniões. A família pode ser considerada como um grupo social primário, com o objetivo de cumprir as funções básicas de reprodução da espécie e transmissão da cultura às novas gerações. Segundo Ferrari (2002, p.28), pode-se definir família como “a constituição de vários indivíduos que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas e

afetivas”. A família é uma unidade social emissora e receptora de influências culturais e de acontecimentos históricos, que possui uma organização própria de funcionamento. Cada membro familiar possui uma função nessa organização. Assim, segundo Macedo (1994, p.64), “o propósito da família seria prover um contexto que supra as necessidades primárias de seus membros, referentes à sobrevivência – segurança, alimentação e um lar -, ao desenvolvimento – afetivo, cognitivo e social – e ao sentimento de ser aceito, cuidado e amado”.

Podemos dizer que a família mudou e ao mesmo tempo é como era. Isso quer dizer que, se observarmos a família, esta mudou: está mais aberta ao mundo ; um casal , uma vez constituído , tem sua história própria , sua biografia, é uma unidade baseada na comunicação ou intimidade emocional (Giddens, 2000); convive com divórcio, outros casamentos e com a redução da formalização legal do casamento; maior afastamento da família extensa; dificuldades em estabelecer hierarquias e normas de funcionamento; o tabu familiar passa ser a morte e não mais o sexo. Ao mesmo tempo, segundo pesquisas sobre a família paulista de Cervený e Berthould (1997), algumas crenças ligadas à família tradicional continuam presentes, como: o casamento como uma forte instituição; o marido como provedor da família; o amparo emocional como função da mulher. De certa forma, alguns pontos centrais da estrutura familiar, como esses citados, impossibilitam mudanças mais profundas na sua organização, ocasionando tensão nas relações, já que o contexto social não é o mesmo.

No contexto clínico, a primeira questão é: o que é família e quem é família para esse grupo? Onde moram? Como moram? Para conhecê-la, precisamos estudar o seu entorno, sua cultura, suas crenças e mitos.

As variações de organização que um grupo adota acompanham desde mudanças de uma escala global às mudanças estruturais da sociedade em um determinado tempo histórico.

O objetivo não é aprofundar uma discussão sobre diferentes critérios teóricos para definir família, mas privilegiar algumas características de relações familiares geradoras de violência.

Se pensarmos no significado do termo família, lembraremos que, implícito neste, termo existem noções míticas que aprendemos nas histórias infantis, nas

escolas, que mostram a família como um centro ideal de realização afetiva, segurança, compreensão e reciprocidade. Segundo Macedo(1994, p.63), “ Em termos de estrutura e função, entretanto, nota-se algo mais no imaginário coletivo: a atribuição à família de qualidades ideais que se referem ao refúgio seguro para onde se volta depois das batalhas do cotidiano – lugar de paz, amor e harmonia entre pessoas, onde reina a camaradagem, a fraternidade”.

Mas os dados empíricos demonstram que a família, por ser um espaço de intimidade e privacidade, tende a ser conflituosa. A noção mítica de família, juntamente com os dados empíricos , mostram realidades antagônicas e assim pode parecer que, para ser uma família amorosa e feliz, não deveria haver conflitos. Os conflitos são inerentes à vida familiar e não necessariamente geram violência. Negar a existência do conflito pode contribuir para o sintoma de violência familiar.

Vários estudos salientam a transmissão intergeracional de padrões de relações familiares. A família é onde se aprende a viver, a se relacionar, ensina-se a olhar o mundo. Portanto, se a forma aprendida é por meio da violência, a tendência será que, nas novas gerações, esta continue como uma forma de interação.

Nas pesquisas de Gelles e Strauss (1987), quanto mais violentos são os pais com os filhos , mais violentos serão estes filhos com seus irmãos e futuramente com sua família, ou seja, segundo este autor, existe uma tendência da violência ser transmitida para outras gerações com maior intensidade.

Na prática clínica, observamos a importância do trabalho com a família de origem, que facilita a exploração das histórias familiares. Quando a família não pode estar presente, o mapeamento e as histórias dos familiares também propiciam a compreensão de ações do presente, vindas do passado. Em casos de violência familiar e abuso, os membros da família aprendem que “ as pessoas a quem ama batem em você” e portanto, “quando gosto de alguém, também devo bater , devo fazer o mesmo que me fizeram, ainda que cause dor”. Para desconstruir uma forma de relacionamento, é necessário voltar às origens da família.

Por que a família é uma instituição mais propensa à violência do que ao cuidado? Que situações podem favorecer a violência familiar?

A partir de pesquisas realizadas por Gelles y Strauss em 1987, foram levantados onze fatores facilitadores da violência. Dentro destes fatores, os autores observaram aspectos que diferenciam as famílias violentas “abusadoras” das famílias violentas “normais”. (Gelles y Strauss, apud Bentovin, 1992. p.3) Considero esses fatores importantes para servir de guia a uma observação minuciosa da família.

1-*O tempo pode determinar risco*: quanto mais tempo a família fica junto, maior a oportunidade para surgirem problemas e violência quando se trata de uma família com dificuldades de resolução de conflitos .

2-*Atividades e temas de interesse familiar*: interação em contextos distintos podem ser favoráveis à violência, possivelmente pela complexidade da situação. O esforço de adaptação a contextos diferentes pode trazer mais estresse familiar.

3-*A intensidade dos vínculos interpessoais*: padrões de comunicação, alianças, limites e emoções podem ser pontos vulneráveis de uma família.

4-*Conflitos nas decisões familiares*: como a família lida com as diferenças. A competição, diferenças de gênero e poder, castigos e obediência, são tópicos a serem observados.

5-*O poder e direito culturalmente adquiridos para determinar comportamentos e atitudes e influir nos valores dos outros membros da família*: este item complementa o anterior e, a meu ver, está relacionado ao funcionamento da família e ao poder. Qual o momento do ciclo vital ? Qual o regime vigente? Democracia familiar ou autoritarismo ?

6-*As diferenças de idade e sexo*: complexidade nas interações e diferenças no ciclo vital.

7-*As funções atribuídas por diferenças de gênero e idades*: relações definidas por meio de uma construção social e, no caso nas famílias de baixa renda, muitas vezes por necessidade ou pela falta de um adulto, uma criança realiza uma função como cozinhar para os irmãos menores.

8-*O caráter privado do meio familiar*: o direito à privacidade familiar, embora, ao mesmo tempo essa privacidade pode ser perigosa e silenciadora.

9-*Pertencimento involuntário*: existe uma dialética constante entre, por um lado, a autoridade do Estado e os direitos da criança e adolescentes de serem protegidos e, por outro, considerar as crianças e adolescentes membros

involuntários de uma organização – Família - cuja integridade deve ser protegida.

10-O *estresse familiar*: momentos do ciclo vital, acontecimentos como mortes precoces e perdas podem gerar muito sofrimento.

11-O *conhecimento íntimo da vida de cada membro da família*: por um lado pode criar intimidade entre os familiares, mas, por outro, pode favorecer a fragilidade e o medo. Pode ser sentido como zonas de ataque, que deixam o indivíduo vulnerável.

Além desses onze fatores , considero *o espaço físico de moradia da família e seu contexto* como facilitadores da violência familiar. Uma família numerosa, habitando um espaço de 12m² à 20m², com pouquíssima privacidade , cujas necessidades básicas não podem ser satisfeitas, é um grande agente de estresse familiar, assim como os condições do local, bairro ou região.

Todos esses fatores podem aumentar a vulnerabilidade da família, transformando conflitos inerentes à vida familiar em fatores de risco. Dentre eles, os que estão presentes de forma implícita ou explícita e que são centrais na organização familiar são poder e gênero. Quem é o chefe da família ? A estrutura de poder tende a seguir critérios de gênero e idade.

3. GÊNERO, PODER E MITOS NA FAMÍLIA.

As diferenças de gênero, as relações de poder e mitos fazem parte da cultura familiar e social e são temas interligados. Numa visão macro, podemos constatar que alguns estudos de gênero, nas últimas décadas, mostram claramente a vigência de estereótipos culturais que atribuem mais valor ao gênero masculino do que ao feminino, apesar do conceito de gênero não explicitar desigualdades nas relações entre homens e mulheres. Esta desigualdade de gênero não é colocada previamente, mas é construída socialmente, baseada nos comportamentos sexualizados ditos masculinos ou femininos.

Assim, gênero refere-se preferencialmente às relações entre pessoas em termos de características masculinas ou femininas, independentemente do sexo biológico. Força, coragem e agressividade são algumas das características

masculinas e afetividade, submissão e doçura são consideradas femininas. A partir dessa constatação, o homem detém o poder na nossa sociedade, mas nem sempre em uma visão focalizada na família é o que sucede. Muitas vezes, observamos famílias em que a mulher é a detentora do poder, e muitas vezes essa posição foi construída nas gerações anteriores. Assim, observar as relações de poder é fundamental para o estudo do funcionamento familiar e da violência.

O modelo de funcionamento familiar pode intensificar ou minimizar as relações de poder e as diferenças de gênero. Em função da intensidade dessas variáveis, os conflitos existentes na família tendem a uma negociação ou a permanecer como conflito. .

Um modelo autoritário possui como característica a unidirecionalidade, uma estrutura de poder cujas normas estabelecidas partem de cima para baixo. É um modelo gerador de violência, que normatiza e legitima formas de abuso, principalmente violência física e sexual dirigidas à criança, em decorrência das normas relativas à obediência e respeito. Um modelo democrático familiar, chamado por Giddens (2000) de democracia das emoções, não implica na ausência da autoridade e, sim, na presença, prevalecendo a igualdade de princípios e a reciprocidade. Para este autor, na democracia familiar, a autoridade dos pais deveria ser baseada em um contrato implícito, no interesse de todos. Tal modelo não implica em falta de disciplina ou ausência de respeito mas pressupõe hierarquias distintas e legitimidade das diferentes vozes. É um modelo que aceita as obrigações e direitos, também legais, que favorece a proteção e o cuidado na família.

Assim, essas variáveis, como o modelo familiar, poder e gênero, permitem delimitar possibilidades de risco da violência familiar.

Quanto às diferenças de gênero em uma família, podemos observar que, dependendo do sexo, a criança é tratada de uma determinada forma desde seu nascimento, com variações, dependendo da cultura familiar e da cultura mais ampla da qual a família faz parte, como a maneira de se vestir, as cores das roupas, comportamentos que serão valorizados ou desvalorizados com o objetivo de cumprir um padrão social e familiar do ser homem e mulher .

Muitas vezes, a preferência por determinado sexo em uma família ou em uma comunidade está ligada ao valor atribuído a ele. Para Hare-Mustin e

Marecek (1990), gênero não é somente uma propriedade individual , mas uma relação socialmente prescrita, um processo e uma construção social. Aceitamos o masculino e feminino como algo absoluto, ancorado num conjunto de idéias, mitos e valores determinantes do comportamento, normatizados pela sociedade.

Muitas vezes ouvimos em nossa clínica relatos de conflitos ancorados em preconceitos sobre a identidade sexual, ser homem ou mulher e a vivência de um sentimento secreto de fracasso a esse respeito. Quando um homem relata ser muito sensível, dependente , estar triste , sentir-se um fracassado, ou quando uma mulher expõe o medo de terminar uma relação, sua responsabilidade nas dificuldades com filhos, estão expressando a idéia de que têm um comportamento condizente com o que se espera de seu sexo e que aprenderam em suas famílias, por intermédio de sua cultura.

Para Peggy Penn (2000, p.91), “ A identidade sexual é uma propriedade orgânica de nossa co-construção de histórias e, já que ela é auto-referencial em razão do fato de que nós somos seres sexuados , reforça posições cibernéticas de segunda ordem junto ao observador- participante, tanto para a família quanto para nós.”

Nestes últimos anos, com a perspectiva feminista, conceitos e pressupostos teóricos foram e têm sido reavaliados, refletindo de forma mais precisa os dilemas sócio-políticos que as famílias enfrentam.

Podemos perceber que nem todos os indivíduos de uma família têm as mesmas opções, oportunidades e que o terapeuta não está neutro neste processo, pelo contrário , sua atuação vai além da esfera familiar.

Segundo Breunlin, Schwartz, Mac Kune-Karrer (2000), durante a década de 50 nos Estados Unidos, os papéis históricos / geracionais da sociedade eram de que os homens deveriam ser treinados para serem provedores e as mulheres, donas de casas e cuidadoras dos filhos; na família paulista ainda se esperam essas funções para homens e mulheres. (Cervený e Berthoud, 1997)

O estudo de gênero propicia ampliação do pensamento, transcende o biológico e permite a visualização do desenvolvimento cultural e histórico, considerando as diferenças religiosas , raciais, étnicas etc. Podemos, então, observar como as diferenças entre os sexos determinam diferenças sociais e relações de poder. Para Izquierdo (1994), não seria o sexo o fator

desencadeante das diferenças, mas a maneira em que ele é significado socialmente.

Segundo Hare-Mustin e Marecek (1990), é necessário pensar não somente no significado de gênero, mas de que forma o contexto social legitima o poder.

As diferenças entre homens e mulheres se tornaram bem evidentes. Determinadas profissões, tidas como masculinas tais como cargos de chefia, de gerenciamento, nos quais são tomadas decisões importantes, representam um lugar de poder. As profissões tidas como femininas não têm o mesmo valor, pois lugar da mulher é em casa, como cuidadora dos filhos. O lugar do homem, do pai, é o de provedor e guardião da família, assim, pela desigualdade de gênero e de sexo, estabelece-se a relação de poder e hierarquia na família e na sociedade.

Há pouco tempo, o homem possuía legalmente direitos em relação à família e muitos atos de violência de sua parte em relação à mulher e a criança eram legitimados pela lei.

Se voltarmos na história, à época dos Romanos, Constantino, o Grande imperador, assassinou sua esposa Fausta, filha de Maximiano, quando ela não lhe servia mais para assegurar seu poder. Torturou-a e a esbaldou em uma caldeira de água fervente.

Na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes, enterram-se as mulheres consideradas adúlteras em praça pública, e os homens lhes atiram pedras até morrerem. Até hoje ainda ela é castigada com mutilações físicas, e as fontes históricas asseguram que, entre 1450 e 1800, mais de 80% de pessoas torturadas no mundo eram mulheres. Além da violência física, a violência verbal faz parte do cotidiano das famílias. Resulta, evidentemente, que a vitimização geralmente é exercida sobre grupos vulneráveis, considerados inferiores e que, como tal, a sociedade discriminou com hostilidade e violência.

A “passividade feminina” é um estereótipo construído culturalmente, um mito que coloca as mulheres em posição de vítima, por serem mulheres. A passividade passa a ser um atributo do feminino, com características de submissão, obediência, propensão a serem atacadas, pouca capacidade de defesa, medo frente à força e ao poder do agressor, reforçada pela psicanálise de Freud. Um levantamento da Organização Mundial de Saúde (2003), conclui

que 70% das mulheres assassinadas entre 15 e 44 anos foram mortas por homens com quem mantinham ou haviam mantido algum tipo de relacionamento amoroso. A Fundação Perseu Abramo constatou que 2,1 milhões de mulheres são espancadas a cada ano no Brasil, e 43% das brasileiras foram vítimas de violência doméstica em algum momento da vida.

No entanto, atualmente temos estatísticas bastante elevadas da violência da mulher em relação ao marido ou ao homem. As estatísticas não são fidedignas pelo fato de os homens não delatarem as agressões sofridas. Com auxílio de técnicas sutis e silenciosas, as mulheres conseguem ser bastante perversas, quando querem.

De certa forma, construímos mitos (ver definição adiante) sobre a violência e carregamos mitos familiares que ditam regras de conduta, trazem ensinamentos baseados nas histórias de origem da família. Da mesma forma que são organizadores, se houver muita rigidez, podem aprisionar o sistema familiar, dificultando o crescimento de seus membros e comprometendo sua adaptação à vida. Todas as famílias possuem crenças e mitos que organizam o modo de ser daquele sistema. Fazem parte da cultura familiar e muitas vezes se estendem na cultura mais ampla. A partir do conhecimento dos mitos familiares, podemos compreender crenças originais da família.

Antonio Ferreira (1974, p.156), foi o primeiro a usar o termo mito familiar. Para o autor, trata-se “do conjunto de crenças bem sistematizadas e compartilhadas por todos os membros da família com respeito a seus papéis recíprocos e à natureza das suas relações. Os mitos familiares contêm muitas das regras secretas da relação, regras que se mantêm ocultas, submersas na trivialidade dos clichês e das rotinas. Como deixa transparecer sua operatividade, alguns desses mitos estão de tal maneira integrados com a vida diária que se convertem em parte inseparável do contexto perceptual com que os membros da família representam sua vida em comum”. Essas crenças organizadas mantêm e justificam os padrões de relações, são compartilhadas e apoiadas por todos os membros como se tratassem de verdades únicas.

Os mitos são o ponto central dos processos familiares, mantendo a homeostase do sistema. Oferecem as regras de conduta, definem as funções, percepções e são pontos centrais, em torno dos quais giram esses processos. Existe um grande esforço para a família manter o mito.

Na definição proposta por Bagarozzi e Anderson (1996), os mitos se modificam, são conscientes e compartilhados pelos membros da família. Alguns se mantêm persistentes, mas outros evoluem. Outros autores, como Mircea Eliade (1998, p.11), enfatiza a dimensão do sagrado: “mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.” Mais adiante: “O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio”. O que parece interessante nesta definição é o fato de ser uma narrativa da criação, da origem de como algo foi produzido. Assim, fica evidente a sua força, estando relacionada ao sagrado e às origens, na tentativa de explicar o inexplicável.

Os mitos familiares possibilitam viver como profecias, histórias já conhecida, e muitas vezes surgem a partir de lacunas não explicadas e difíceis de compreensão, com o objetivo de diminuir a ameaça do inexplicável. As crenças não possuem o poder e a força dos mitos, mas lhes dão suporte.

No atendimento clínico à família, fica muito evidente a força do mito. Quando ele aparece, a sensação como terapeuta é de estar diante de um muro. Em todos os casos, o reconhecimento desse obstáculo e a reflexão sobre a necessidade de sua existência, são etapas necessárias para a flexibilização dessa força tão poderosa. Quando se trata de um mito em torno do tema violência, isso porque em muitas situações a trama da violência faz parte da construção mítica familiar, a sensação enquanto terapeuta, é de estar diante de uma muralha. Nesses casos, trata-se de histórias de violência presentes na família de origem, assim como na atual, repetidas por várias gerações e valorizadas pelo poder outorgados por elas e pela intergeracionalidade, ou seja, quando a violência é o mito familiar e possui valor constitutivo.

O terapeuta também possui seus mitos familiares e profissionais que devem ser sempre revistos, tanto para o atendimento clínico, como para sua vida pessoal.

Nos atendimentos, como nos grupos de supervisão e consultoria, surgem vários mitos relacionados ao tema da violência por parte de profissionais da saúde, médicos, psicólogos, advogados, que me chamam a atenção como: também o levantamento feito por Corsi (2001) sobre os mitos da violência;

1- Os casos de violência familiar não representam um grave problema.

As estatísticas indicam que mais de 43% das mulheres já sofreram algum tipo de violência na família. É um índice bastante elevado, que merece muita atenção.

2- A família é lugar seguro para crescer.

É nas famílias que ocorre o maior índice de violência . A família pode ser um lugar seguro para crescer , embora o contrário também aconteça.

3- Os agressores são, na sua maioria, homens.

Até há pouco tempo, as estatísticas mostravam as mulheres como vítimas; quando agrediam, o motivo era sempre defesa pessoal. Mas sabemos que isso acontecia pelo fato de os homens agredidos não procurarem por ajuda, por motivo de vergonha.

4- A violência familiar é um fenômeno que ocorre nas classes mais empobrecidas.

Esta relação não é verdadeira, apesar de a pobreza e a exclusão social serem fatores de risco da violência. Ela ocorre em todos os níveis sócio-econômicos.

5- A violência familiar é produto de algum tipo de patologia mental.

Não necessariamente precisa haver alguma patologia. É uma conduta aprendida nas relações familiares, que se define como um recurso possível para resolução de conflitos.

6- O consumo de álcool é a causa de comportamentos violentos.

O álcool pode ser um fator desencadeante da violência. Não é a causa.

7- Se existe violência , não pode haver amor na família.

Como amor e ódio são sentimentos humanos e fazem parte das relações familiares, o amor pode existir e ser muito intenso nestas famílias.

8- As mulheres que são maltratadas pelos maridos, gostam. Por isso continuam juntos.

As mulheres mal-tratadas pelos maridos sofrem muito, mas geralmente aprenderam a serem maltratadas em suas famílias de origem e muitas vezes desconhecem outra forma de relação.

9-A violência física e sexual é séria, mas a violência psíquica, não.

A violência psíquica deixa marcas na alma. Ela bloqueia os processos psíquicos do indivíduo.

10- *A conduta violenta é algo inato. A violência é aprendida.*

Algumas teorias focalizam a violência como um distúrbio de comportamento que possui origens orgânicas e genéticas.

11- *O risco da violência sexual é maior na rua.*

As estatísticas nos mostram que a maioria dos casos de violência sexual ocorrem no espaço doméstico.

4. SISTEMA SOCIAL

Ao iniciar este tema deparei-me com a amplidão e com a complexidade de relações e conexões de uma rede extensa que forma o sistema social. Para compreender a rede social, é necessário rever sua estrutura e utilizar os conhecimentos da teoria social, da sociologia, da filosofia, da biologia, da ciência da cognição e de outras disciplinas.

Para Capra (2002), sistemas sociais envolvem não só seres humanos vivos como também a linguagem, a consciência e a cultura. Esse mesmo autor ressalta a preocupação de Luhmann em identificar a comunicação como elemento central das redes sociais e um modo de reprodução em que cada comunicação cria pensamentos e significados que darão origem a outras comunicações, de tal modo que a rede inteira se reformula. Como as comunicações se dão de modo recorrente em múltiplos anéis de realimentação, produzem um sistema comum de crenças, explicações e valores, construindo um contexto comum de significado que é continuamente sustentado por novas comunicações.

Segundo Capra (2002), no contexto comum de significados, cada indivíduo adquire sua identidade como membro da rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo. Para o autor, não se trata de um limite físico, mas de um limite baseado na intimidade, lealdade, conservado e renegociado pela rede de comunicação. Lembrando que a comunicação humana é caracterizada por uma contínua coordenação de comportamentos, e por envolver o pensamento conceitual e a linguagem simbólica, ela gera imagens mentais, pensamentos e significados. Podemos pensar que estas redes de

comunicação geram contextos de significado como também regras de comportamento.

Dessa forma, o sistema social determina e ao mesmo tempo é determinado pelo contexto antropológico, geográfico, cultural, histórico e econômico, em um processo recursivo, com a idéia de um círculo recorrente. Dependendo da lente que utilizamos, podemos estudar desde um bairro ou uma comunidade até além do globo terrestre. Assim, o sistema social possui um papel muito importante para o indivíduo e sua família, na medida que influencia a dinâmica familiar e ao mesmo tempo é influenciado por ela, estando sempre em movimento.

Uma sociedade, com suas normas e cultura (def. p.37), legitima ou renega atos e comportamentos, reproduzindo, nas relações familiares, suas convenções culturais e sociais e, ao mesmo tempo, a sociedade recebe e sofre influências das interações e significados criados nas famílias. O sistema social possui uma função reguladora, estabelecendo limites de comportamentos e ao mesmo tempo sendo auto regulado pelo sistema familiar e por outros sistemas mais amplos, como as comunidades e sociedades.

Para Arnon Bentovim (1992), todos os sistemas são importantes quando se trata de violência: o sistema individual, o sistema familiar e o social. Para o autor, o indivíduo se conecta tanto com a sua família como com a sociedade. Na sua família, o indivíduo co-constroi significados e ações e é, de certa forma, sociabilizado por ela. Na sociedade, ele aceita as regras e interdições ou as desafia e, ao mesmo tempo, a sociedade identifica-o, aceitando ou não publicamente seu papel social.

Esse mesmo autor, quando descreveu as relações entre o indivíduo, a família, a sociedade e a violência, desenhou a violência como um elemento de intersecção entre os sistemas, deixando-a como um elo de ligação entre eles. Dessa forma, quando existem níveis elevados e alta frequência de violência nas famílias, provavelmente está havendo uma permissividade da mesma, tanto no nível social, como no familiar e no individual. Nessa interação, vão sendo criados significados legitimados sobre atos de violência. O indivíduo e a família, nesta circunstância, podem perder sua capacidade de conter seus instintos e de diferenciar seus atos e os de seus próprios familiares. Para

Bentovim, a sociedade, a família e o indivíduo criam formas de violência e são criados por ela.

Vivemos em uma era em que o indivíduo, a família e a sociedade abriram as portas para um novo veículo coadjuvante na construção da identidade, que tem sido a mídia. Por um lado, ela possui um grande poder de comunicação e informação; por outro, segundo Lipovetsky (2004), a partir de suas mensagens, determina as normas e valores de um grupo que anteriormente estava a cargo das famílias e das igrejas.

A todo momento estamos expostos pelos meios de comunicação – jornais, revistas, TV – a cenas de violências de diversas naturezas. Exemplo disso: “Novos Tempos- O crime da menina de Brasília é um fenômeno inerente à globalização”; “Mais um - o pai não é mais intocável. Pôde virar simplesmente um empecilho a ser eliminado.” (jornal O Estado de São Paulo, 17/04/2005). Essa notícia se refere a uma jovem de 20 anos que encomendou a morte do pai como seu presente de aniversário. O crime teria sido praticado por um pai-de-santo.

Em nome dos mais variados ideais, convivemos e presenciamos práticas de terror, crueldades, extermínios dirigidos a povos inteiros ou a grupo de pessoas. [As guerras e outras violências, como o 11 de setembro, com a destruição das torres gêmeas]. As guerras, bombas e o terror são muito bem retratados por toda mídia que, por um lado denuncia e, por outro, explora os fatos e suas vítimas, tornando a violência um espetáculo. Convivemos com o avanço tecnológico e com cenas de violência primitivas e brutais no cotidiano, que nos fazem perder a capacidade de nos sensibilizarmos.

Segundo Boudrillard (1990), que estuda fenômenos vistos como violentos no mundo atual, a conduta de jovens, na qual a violência assume uma forma lúdica e espetacular, potencializa os níveis de adrenalina no corpo e possibilita participar, aparecer em um cenário de espetáculo criado pela mídia a ser notado pela sociedade. Nesse contexto, a violência pode ser fruto de uma hipermodernidade, em que todos anseiam por alguns minutos de fama, seja lá qual for. Para compreendê-la, é necessário rever o caminho e voltar à modernidade.

A modernidade, segundo Lipovetsky (2004), prometia a autonomia e a liberdade, porém não conseguiu objetivar seus ideais e deu lugar à disciplina, à

subjugação, cuja finalidade era de controlar o homem, ou seja, na modernidade, a idéia era o controle; estabelecer uma conduta padronizada e não de liberdade. O objetivo era adestrar os indivíduos e submetê-los a regras de conduta. Por um lado, havia uma sensação de conforto, por saber o que era “certo e errado”, e o caminho a seguir parecia ser previsível, como também as conseqüências dos atos e ações.

Na ciência, havia preponderância do pensamento racional. A idéia era “quanto mais pudermos conhecer a história e a nós mesmos, mais seremos capazes de moldá-la para nossos propósitos. Assim, através da tecnologia e da ciência, o mundo ficaria mais ordenado e estável. Mas não foi o que aconteceu. O que se pensava ser previsível se mostrou imprevisível e em descontrole.

Com a pós-modernidade, nomeada por Lipovetsky (2004), como “a era do vazio”, significando uma sociedade pós-disciplinar que se percebeu sem parâmetros, sem verdades e sem controle, até nas áreas das ciências, e que experimentava resultados opostos ao previsto. Conseqüentemente, a vida passou a ser percebida de forma insegura, desorganizada e complexa. As regras do passado não ecoam mais. O que é ser um pai e uma mãe neste tempo?

O que se considerava saudável no passado, nem sempre o é. Lidar com o imprevisível, com a incerteza passou a ser uma necessidade de sobrevivência. Tudo passou a ter um sentido próprio, caracterizado naquele sistema familiar ou grupal.

Para Lipovetsky, porém, a pós-modernidade iniciou um processo promovendo o valor da subjetividade e da originalidade do indivíduo e foi atropelada pela hipermodernidade, como denomina os tempos atuais. Desse modo, as famílias e a sociedade não tiveram tempo suficiente ou não foram capazes de criar suas leis e uma base que servisse de estrutura para os novos tempos. Assim, a hipermodernidade chegou rapidamente, e segundo o autor, promovendo basicamente o valor ao consumo. Atualmente, valorizam-se os termos: “hiper”, “super”, “mega”, que agregados à outras palavras, remetem-nos à idéias e imagens grandiosas, muitas vezes inacessíveis, como hipermercados, hipershoppings e outros.

Para Lipovetsky, a hipermodernidade é uma sociedade caracterizada pela fluidez, pela flexibilidade, indiferente aos grandes princípios estruturantes

da modernidade, mas que se utiliza da “moda” como um caminho a seguir, e da “mídia” como meio principal desse processo. Os indivíduos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais infantis e mais adultos, menos ideológicos e mais aprisionados pela moda, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos.

O mundo do hiperconsumo, das ofertas e do descartável, e o valor de qualquer produto é dado pela mídia. Um mundo de maior autonomia e de sensação de independência, mas de dependência. A lógica da moda e do consumo permearam os espaços cada vez mais amplos da vida pública e privada.

O lema é ser feliz e dizer não ao sofrimento, portanto, é preciso consumir. Tal situação me faz pensar no desamparo e na exclusão social que favorece o aumento do fosso entre os que possuem condições de consumir e, decorrente disso, de pertencer a grupos “mega ou hiper”, e os que não possuem tais condições.

Convivemos com a violência à nossa volta, presenciando os menores abandonados nas ruas, os explorados sexualmente, os seqüestrados, os drogados, os corrompidos politicamente, os homicídios, os suicídios, as injustiças sociais e a impunidade.

Assim, pode-se criar um contexto que autoriza e oficializa, por tornar pública e impune, condições sociais facilitadoras de violência e desse modo fazer parte da co-autoria da violência.

VI - MÉTODO

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:

O método utilizado na pesquisa esclarece a forma de obter conhecimento sobre o mundo, sustentada por um conjunto de crenças, conceitos, valores e normas singulares ao pesquisador, revelando sua forma de ver a realidade e sua maneira de produzir conhecimento científico.

A metodologia fornece os meios para alcançarmos nossos objetivos, portanto é a ferramenta de trabalho para responder à questão proposta. A escolha da metodologia foi determinada pela natureza do problema a ser pesquisado, e cada estratégia oferece uma perspectiva particular e única para o estudo do problema.

Tendo em vista que nesta investigação o foco é o estudo aprofundado dos processos e padrões de interação da família co-construídos no atendimento clínico familiar, a pesquisa qualitativa é a mais adequada.

Para Denzin e Lincoln (1994), a pesquisa qualitativa é um estudo aprofundado de um determinado tema em que o pesquisador junta suas peças como uma “bricolage”, sua prática e teoria, construindo um sentido, e buscando soluções para seu problema. Para esses autores, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo, o que significa estudar o fenômeno no seu cenário natural, buscando compreendê-lo e interpretá-lo segundo os significados que os participantes atribuem a ele.

Assim, a pesquisa qualitativa é um processo interativo, delineado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social, raça e etnia, tanto do pesquisador como dos participantes da pesquisa, na busca de uma compreensão profunda do fenômeno em questão.

Uma vez que não existe a possibilidade de conhecimento baseado em uma realidade objetiva, a experiência vivida é conhecida pelo seu significado e co-construída na relação. Segundo Grandesso (2000, p.301) “os resultados de estudos qualitativos decorrem do campo da intersubjetividade, na medida em que podem ser definidos como um produto da ação conjunta entre o pesquisador e os participantes da pesquisa”.

A escolha da pesquisa qualitativa em psicologia clínica, é a estratégia mais condizente com o objetivo principal e o específico. Alain Giami e Revault d'Allones (1989) retratam a pesquisa clínica como uma possibilidade de se compreender determinado tópico em níveis distintos. Nesta pesquisa, os níveis referidos são : sistema individual, sistema familiar e sistema social cultural, que se interconectam no sistema organizador da violência.

Segundo Alain Giami, a pesquisa em psicologia clínica visa à observação, à descrição e à exploração dos processos singulares do encontro terapêutico.

Para Claude d'Allonnes, o estudo de caso na psicologia clínica visa alcançar a lógica de vida singular articulada em situações complexas, que necessita de leituras em diferentes níveis.

Fazem parte desta pesquisa três famílias atendidas pelo pesquisador no projeto de atendimento clínico do Centro de Estudos e Assistência à Família-CEAF, abaixo descrito.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo clínico, em que o pesquisador terapeuta estuda o processo terapêutico numa abordagem focal sistêmica e construtivista. Na proposta focal, é estabelecido com a família um número de sessões de terapia, que não ultrapassam quinze, hora e local dos atendimentos; elege-se um problema a ser trabalhado e, quando possível, utiliza-se a participação de outros profissionais - equipe multidisciplinar - nos atendimentos ou nos grupos de estudos do caso atendido .

A terapia é um espaço de reflexão e conversação sobre problemas e vivências contextualizadas nas histórias familiares. Cada membro da família, incluindo o terapeuta, introduz observações, pensamentos, sentimentos e emoções relacionadas às descrições trazidas, pela escuta e reflexão, e assim, outras visões e alternativas poderão ser co-construídas. Toda comunicação e linguagem passam a ser fundamentais na construção das narrativas, e o terapeuta, um facilitador e um curioso que propõe questões minuciosas que colaborem na reflexão dos dilemas familiares.

A análise das sessões de terapia terão como pano de fundo a teoria sistêmica, que propicia a análise dos sistemas interconectados, individual, familiar, social e cultural. Na análise do sistema individual, a teoria do Apego de

Bowlby possibilita a compreensão do vínculo afetivo entre pais e filhos como constitutivo do indivíduo nas suas relações familiares e sociais.

2. CONTEXTO E PARTICIPANTES

Nesta pesquisa, os atendimentos foram todos realizados no CEAF, em sala reservada, com horário pré-marcado. O CEAF- Centro de Estudos e Assistência à Família é uma associação sem fins lucrativos, situada na rua Japuanga 235, Alto da Lapa, São Paulo, Capital.

Desde sua fundação, em 1983, tem por objetivo o atendimento psicológico preventivo e terapêutico gratuito a famílias de baixa renda e pouca instrução formal, que não têm acesso a outros serviços dessa natureza.

No CEAF, estão alguns projetos de atendimento sendo um deles, a Terapia Familiar. Os profissionais desse projeto são terapeutas familiares voluntários que atendem na própria instituição e fazem parte de um grupo de estudos e supervisão clínica dos atendimentos.

O CEAF se tornou um centro de referência em atendimentos de grupo e de famílias na região. Agrega um número grande de parceiros, como escolas, creches, centro de saúde, centros religiosos, Conselho Tutelar e o Fórum da Região. Está localizado em uma zona nobre da cidade de São Paulo. A seu redor, existem favelas e alguns bairros empobrecidos, mas as famílias que chegam ao CEAF e que vêm desses bairros empobrecidos e favelas, cruzam esta fronteira invisível, chegando em um bairro de classe média alta, onde ele se situa. No entanto, o fato de o CEAF não estar inserido na comunidade em que vivem os participantes facilitou a coleta de dados desta pesquisa, já que as famílias participantes não eram reconhecidas por outras famílias que são atendidas no CEAF e nem por funcionários da Instituição.

É interessante destacar que, inicialmente, a coleta de dados para esta pesquisa foi realizada em outro contexto, em uma Instituição POF-Posto de Orientação Familiar, situada na favela de Paraisópolis, em São Paulo. Pelo fato de a Instituição estar no centro da favela, as famílias atendidas no Projeto de Terapia Familiar não aceitaram a gravação das sessões, e os funcionários da Instituição também estavam receosos com a existência de fitas gravadas, pois

segundo eles, todos poderiam correr risco de vida. As famílias atendidas neste projeto conheciam os funcionários do POF, participavam de outras atividades e necessitavam de total sigilo de nomes e conteúdo das sessões de Terapia. Trata-se de uma comunidade enredada por segredos e medos da violência. O quadro aqui descrito determinou a mudança de estratégia de coleta de dados referida.

Os participantes desta pesquisa são três famílias encaminhadas para atendimento clínico por motivo de violência nas relações familiares.

A família Almeida foi encaminhada pela psicóloga e assistente social do judiciário, Fórum das Varas Especiais da Infância e Juventude, para o Centro de Estudos e Assistência à Família- CEAF. Foi atendida em meados de maio de 2004, seguindo até o início de julho de 2004.

A família Borges foi encaminhada para o Centro de Estudos e Assistência à Família- CEAF pelo Conselho Tutelar, em agosto de 2004.

A família Castro foi também encaminhada para terapia familiar ao CEAF pelo Conselho Tutelar, em agosto de 2004.

Tabela 1. Identificação dos participantes da família Almeida presentes nos três atendimentos iniciais.

Participantes	Idade	Estado civil	Cor	Religião	Profissão	Escolaridade
Maria	34	casada	Branca	Católica	Serviços gerais	4a série
Cláudia	15	solteira	Parda	Católica	Estudante	8a série
João Pedro	12	solteiro	Pardo	Católico	Estudante	4* série

Tabela 2. Identificação dos participantes da família Borges presentes nos três atendimentos iniciais.

Participantes	Idade	Estado civil	Cor	Religião	Profissão	Escolaridade
Rosa	38	Casada	Branca	Católica	Serviços gerais	4ª série
Lúcia	20	Casada	Parda	Católica	Dona de casa	8ª série
Walter	17	Solteiro	Negra	católica	Estudante	8ª série
Fernando	12	Solteiro	parda	Católica	Estudante	5ª série

Tabela 3. Identificação dos participantes da família Castro presentes nos atendimentos iniciais.

Participantes	Idade	Estado civil	Cor	Religião	Profissão	Escolaridade
Zenaide	50	Viúva	Negra	Evangélica	Dona de casa	4ª série
Graça	16	Solteira	Branca	Evangélica	Estudante	8ª série

3. ESTRATÉGIAS

Como se trata de pesquisa de caso clínico, o pesquisador está inserido no sistema terapêutico, ocupando dois lugares: o de terapeuta e o de observador/pesquisador. Esses diferentes lugares serão observados e considerados na análise do processo terapêutico. O pesquisador deve ser capaz de compreender os fatores intelectuais e emocionais que influenciam não só o seu desempenho, mas também seu envolvimento com o objeto de estudo, e suas ações no lugar de terapeuta e de pesquisador. Com o objetivo de enriquecer os atendimentos e a análise das sessões de terapia, nesta investigação foram atendidas duas famílias em co-terapia com uma colega terapeuta familiar, voluntária da instituição.

Foram gravadas as sessões de terapia com as três famílias participantes e, como nos encontros iniciais surgiram, nas histórias familiares, conteúdo

suficiente para análise, foram priorizadas as três sessões iniciais de cada família e utilizados alguns trechos de outras sessões transcritas em anexo.

A partir da análise do material coletado dos casos é que foi possível fazer um levantamento dos temas nas sessões e criar as categorias e subcategorias para análise.

Material

As salas de atendimento de famílias no CEAF possuem equipamento para gravação e filmagem; algumas possuem o espelho unidirecional, no caso de estudo e da necessidade de equipe reflexiva. Dispõem de materiais gráficos que foram utilizados nas sessões e consideradas na análise as histórias contadas a partir de desenhos feitos durante as sessões de atendimento da família.

Foram utilizados dois gravadores de som para garantia das gravações e as sessões não foram filmadas. As fitas foram posteriormente transcritas pelo pesquisador de forma literal e digitadas, para serem utilizadas na coleta de dados.

4. PROCEDIMENTOS

As famílias encaminhadas para o Projeto de Terapia Familiar do CEAF habitualmente passam por uma triagem realizada por terapeutas de família, que informam sobre o funcionamento do projeto e colocam a possibilidade de gravação das sessões para estudo. São preenchidas fichas com os dados das famílias e a suas queixas. Esse material fica na secretaria, aguardando o encaminhamento pelos supervisores para os terapeutas.

Os três casos foram encaminhados pelas Instituições parceiras para esta pesquisadora, também supervisora do CEAF, a fim de que acompanhasse os casos. Em função da pesquisa e do encaminhamento por situações de violência familiar, foram realizadas pela pesquisadora as triagens das três famílias da pesquisa. Foi apresentada a proposta da pesquisa não focalizada no tema da violência, mas no estudo das relações familiares, a fim de que as famílias não

se sentissem rotuladas por esse tema. Foi esclarecido que a participação é voluntária.

Cada família foi convidada a participar, sabendo que poderia desistir a qualquer momento, sem que o processo terapêutico fosse interrompido. A partir do consentimento de cada uma delas, foram iniciados os atendimentos e as gravações das sessões e também esclarecido e enfatizado o sigilo profissional dos dados, trocas de nomes e algumas informações para não serem reconhecidas. As fitas gravadas ficaram arquivadas no CEAF, ou com às famílias.

4.1 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS:

O primeiro momento desta pesquisa foi a escuta minuciosa de todas as fitas gravadas de cada família. O passo seguinte foi a transcrição das três sessões iniciais de cada uma e alguns trechos importantes contidos em outras sessões. Em seguida, foi transformada em texto a história de cada família, levando em conta dados das sessões iniciais e algumas observações e ressonâncias dos terapeutas e do pesquisador. Neste momento foi necessário se ater a uma família de cada vez, e depois de várias leituras cuidadosas do material transcrito, foram sublinhados, nas transcrições das sessões, trechos das narrativas familiares que abordassem temas, problemas e situações vividas que pudessem estar envolvidas com a construção da violência familiar.

A partir das análises das sessões, foram levantados alguns temas baseados no conteúdo das narrativas. Esse procedimento foi realizado da mesma forma com as outras duas famílias participantes.

O material selecionado das três famílias foi agrupado por temas em função da relevância, das regularidades e das diferenças.

Os temas levantados foram:

Tabela 4

FAMÍLIA ALMEIDA	FAMÍLIA BORGES	FAMÍLIA CASTRO
✓ Dificuldade em ouvir o outro. ✓ Abuso sexual freqüente. ✓ Falta de reflexão da história familiar. ✓ Raiva e ódio intensos: sentimentos vividos na relação mãe e filha. ✓ Drogas e álcool na família. ✓ Obediência. ✓ Mentiras. ✓ Vergonha. ✓ Traumas. ✓ Sofrimentos ✓ Mortes trágicas. ✓ Pobreza. ✓ Sobrevivência. ✓ Mitos sobre a violência. ✓ Supervalorização da mãe. ✓ Segredos. ✓ Dores no corpo.	✓ Dificuldade em ouvir o ou outro. ✓ Violência freqüente nas relações familiares. ✓ Ameaças freqüentes. ✓ O poder pela morte. ✓ Mitos familiares na comunicação e da violência. ✓ Violência considerada um valor na família. ✓ Mortes trágicas. ✓ Tentativas de suicídio. ✓ Supervalorização da mãe. ✓ Obediência. ✓ Limites. ✓ Segredos ✓ Violência infantil. ✓ Dificuldades financeiras. ✓ Heranças de pobreza. ✓ Medo da pobreza.	✓ Dificuldade em ouvir o outro ✓ Dificuldade na comunicação ✓ Histórias de maus tratos e violência. ✓ Preconceito de cor e raça. ✓ Preconceito com a pobreza. ✓ Mitos familiares. ✓ Silêncio. ✓ Mentiras. ✓ Vulnerabilidade. ✓ Poder X falta de poder. ✓ Segredos familiares. ✓ Falta de proteção. ✓ Sexualidade. ✓ Medos. ✓ Desconfiança. ✓ Inveja. ✓ O trauma da morte. ✓ Herança: poder.

A partir do levantamento de temas mais abrangentes que se apresentavam regulares nas três famílias, foram delineadas as categorias de análise e interpretação em temas .

As categorias de análise são:

- PADRÕES DE COMUNICAÇÃO: o colapso da conversação.
- MITOS E CRENÇAS: tentativas de explicar o inexplicável.
- FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS INTERPESSOAIS.
- SEGREDOS: as conotações do visível e do invisível.
- INTERGERACIONALIDADE: lealdade e tradição familiar da violência.
- VIVÊNCIAS FAMILIARES: denominador comum das histórias de sofrimento.

Foram desenhadas tabelas de cada família, elaboradas a partir das categorias e subcategorias privilegiadas. Em cada tabela foram inseridas as narrativas da respectiva família, juntamente com uma descrição de significados de cada narrativa, com o objetivo de contextualizar o leitor na sua compreensão.

A análise do material foi realizada inicialmente com a elaboração de um texto referente a cada caso, a partir das reflexões e interpretação do conteúdo das categorias e das seguintes subcategorias:

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO: o colapso da conversação.

- o Dificuldade em falar e ouvir o outro: a expressão do colapso.
- o Falta de reflexão sobre a história familiar.
- o “O não dito”. Temas de difícil comunicação.

MITOS E CRENÇAS: tentativas de explicar o inexplicável.

- o Mitos sobre a comunicação.
- o Mitos reforçadores da violência.

FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS INTERPESSOAIS.

- o O poder pela violência.
- o Abusos e violência familiar freqüente.
- o Negação da violência vivida.
- o Indicadores de risco.

SEGREDOS: as conotações do visível e do invisível.

- o Silêncio: a garantia da invisibilidade.
- o Vergonha: visibilidade indesejada.

INTERGERACIONALIDADE: lealdade e tradição familiar da violência.

- o Aprendizado na família.
- o Relações de gênero e poder.
- o Pedido de socorro: o drama se repete.

VIVÊNCIAS FAMILIARES: denominador comum das histórias de sofrimento.

- o Os lutos: perdas, mortes e separações.
- o Pobreza: uma das vulnerabilidades.
- o Drogas: um perigo.
- o Dor e traumas: o corpo se expressa.

4.2 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foi pedida uma autorização prévia ao CEAf para a realização da pesquisa. As sessões de atendimento foram gravadas com prévio consentimento e transcritas individualmente pelo pesquisador, garantindo sigilo na identificação das famílias e fornecendo o material de análise de dados.

Aspectos éticos foram garantidos mediante consentimento informado por escrito (anexo) pelos participantes, após cuidadosa informação a respeito da pesquisa e sobre a possibilidade de lhes causarem qualquer dano, do direito à privacidade, assegurando- lhes o sigilo de nomes e o direito de interromper as gravações e a participação na pesquisa, garantindo a continuidade dos atendimentos.

No termo de consentimento informado foram priorizados o estudo e tratamento das relações familiares, não sendo focalizado somente o tema da violência pelo fato de se tratar de um processo terapêutico; a perspectiva era ampliar o conhecimento das relações familiares e não o de reduzi-las. Foi informado a cada família que a participação na pesquisa é voluntária. Os dados obtidos ficarão restritos à essa pesquisa e que somente os resultados serão divulgados, garantindo o anonimato dos participantes.

O sigilo dos nomes foi explicitado, enfatizando-se que os dados informados pelas famílias atendidas não seriam revelados à instituição em que foram feitos os atendimentos. Na finalização dessa pesquisa às famílias foram convidadas à conversarem e refletirem sobre os resultados.

VII - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1. DESCRIÇÃO DA FAMÍLIA ALMEIDA

Esta família foi encaminhada para atendimento familiar no Centro de Estudos e Assistência à Família, CEAf, pela psicóloga do Fórum de Pinheiros. O motivo do encaminhamento foram agressões físicas da filha Cláudia, de 15 anos, dirigidas à sua mãe. Maria, mãe de Cláudia, havia feito uma denúncia de sua filha por agressões físicas e verbais. A psicóloga que atende Cláudia em um grupo terapêutico na Casa do Adolescente do Ambulatório de Especialidades de Pinheiros não percebeu reações agressivas de Cláudia na terapia e no grupo, mas relatou que o discurso de mãe e filha são divergentes e intensos, sugerindo uma ligação de amor e ódio, que poderia ser tratada na terapia familiar. Cláudia se encontra cumprindo a medida sócioeducativa em liberdade assistida que, em caráter excepcional, está sendo executada por uma psicóloga e uma assistente social da equipe do Fórum das Varas Especiais da Infância e Juventude.

Diagrama do Núcleo Familiar

M -Maria, a mãe.

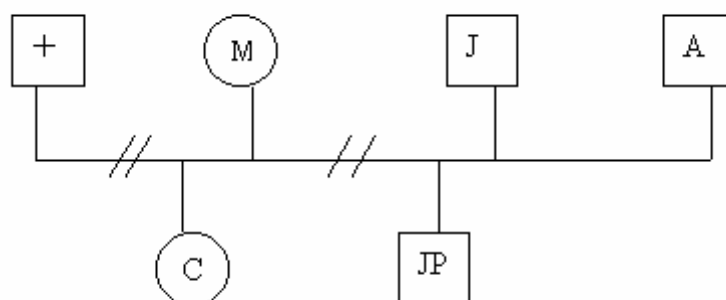
J -José, pai de João Pedro.

A -André, atual marido de Maria.

C -Cláudia, a filha.

JP- João Pedro, filho.

FAMÍLIA ALMEIDA



HISTÓRIA DA FAMÍLIA

A família atual é constituída pela mãe Maria, com 34 anos, seu terceiro marido, André, com 28 anos, que não é pai de nenhum de seus filhos, uma filha de 15 anos, Cláudia, e um filho de 12 anos, João Pedro.

Maria se casou pela primeira vez aos 18 anos, e um ano depois nasceu Cláudia. Separou-se dois anos após o nascimento de sua filha, alegando que seu marido se drogava muito e ficava desaparecido. Em 1999, o pai de Cláudia morreu de HIV, possivelmente adquirido por meio do uso de drogas: cocaína injetável. A família do pai de Cláudia consumia drogas. Sua avó paterna era alcoolista e veio a falecer de cirrose na mesma época em que perdeu seu filho, em 1999. Sua tia, irmã de seu pai, também faleceu em 1997 por overdose de cocaína. Maria narrou esta história como se ela não estivesse envolvida. O pai de Cláudia sempre pagou a pensão para a filha e procurava vê-la mas, segundo Maria, Cláudia não gostava de ficar com ele, gritava muito e chorava. Para Maria, a situação financeira do pai de Cláudia era muito melhor que a dela. A casa em que moram foi deixada por ele.

Após a separação, Maria juntou-se com José e ambos tiveram João Pedro. Esta união durou 5 anos. Maria relatou que não sentia mais nada por ele e resolveu terminar. Cláudia considera José seu pai. Segundo ela, ele brincava, era “legal” e conversavam muito. Para Maria, José foi presente na família; estava sempre perto de todos e era muito afetivo com as crianças. Cláudia e João Pedro sentiram muito a separação. De fato, trata-se de uma situação difícil, pois José, atualmente, está preso. Segundo Maria, após a separação, começou a beber, “desandou” e foi preso por tráfico de drogas. João Pedro visita regularmente seu pai e Cláudia, por não ser filha legítima, diz não ter autorização para vê-lo, o que a deixa triste.

Maria conheceu seu terceiro marido, André, e estão juntos há 5 anos. Para Cláudia, o segundo marido de sua mãe, e não o atual, é quem ela considera como seu pai. Não lembra de seu pai verdadeiro e não gosta do atual companheiro da mãe. Para ela, ele é um dos motivos das brigas. Segundo Maria, André foi segurança, agente ferroviário, porém está desempregado há alguns anos e faz grafite, o que segundo Cláudia, não lhe rende nada, só gasta

dinheiro para comprar tintas e ir aos bares. Maria discorda da filha, mas não consegue justificar algum ganho de André. Começa a contar uma outra história, negando a falta de colaboração financeira de André.

Atualmente, a família enfrenta sérias dificuldades econômicas. Maria está afastada do serviço por motivo de dores crônicas e recebe pouco dinheiro por esse afastamento. A família vive com a aposentadoria de morte deixada pelo pai de Cláudia, que é um motivo de briga entre Cláudia e Maria. Cláudia afirma que o dinheiro é dela e que, portanto, não quer que sua mãe sustente André. Quer guardar seu dinheiro para fazer uma faculdade e gosta de ajudar um pouco a família. Segundo Cláudia, André é folgado, gasta muito em celular e bares, nunca traz dinheiro para casa e quebrou financeiramente até a mãe dele, de tantos gastos feitos.

Maria possui 7 irmãos, assim, na família são 5 mulheres e 3 homens, sendo que dois irmãos homens morreram, um levou um tiro no rosto, era bandido, e o outro morreu de HIV, devido às drogas. Sua mãe, atualmente, está com 80 anos, e o pai é falecido. Maria é a filha caçula da família. Seus pais se separaram logo após seu nascimento.

Maria qualifica seu relacionamento com sua família como sendo muito bom e ao mesmo tempo relata as dificuldades familiares e muito sofrimento. Considera muito seus irmãos, principalmente os homens da família, que a protegiam das situações difíceis. Ao mesmo tempo que diz serem seus irmãos bandidos, enaltece-os por sua coragem e por serem protetores. Para ela, sua mãe é, até hoje, muito “trabalhadeira”, ausente por trabalhar demais, mas diz que é a melhor mãe do mundo. Se não fosse por ela, os filhos não estariam vivos. Moravam em favela, eram muito pobres, não tinham o que comer. A mãe trazia, do trabalho no restaurante, as sobras de comida, que eram repartidas entre todos. Com relação a seu pai, relata grande dificuldade, pois desde 8 anos a observava no banheiro se trocando e, aos 12 anos, abusou dela sexualmente por um longo período. O pai era mais velho, estava separado da mãe e pedia para sua ex- mulher ou para sua filha mais velha levarem a filha caçula, Maria, para visitá-lo. Nessas ocasiões, ocorria o abuso.

Segundo Maria, o pai não fazia sexo com ela, mas passava a mão e se esfregava em seu corpo todo. Machucava-a com os dedos, recorda-se da dor que sentia e até hoje não gosta de sexo, não gosta que o marido a veja nua e

sente muitas dores no ato sexual e no corpo. Sentia-se envergonhada e com medo de contar o que acontecia para os irmãos, por medo de que eles, ao saberem do abuso, o matassem. Diz sentir muita raiva do pai e não sentir falta dele. Pensou em ter seus filhos com inseminação artificial para que não tivessem pai.

Ao mesmo tempo, relata uma história com uma amiga que tinha um bom pai e de quem sentia inveja. Depois de um certo tempo, conseguiu contar para uma cunhada e para as irmãs. Uma das irmãs levou Maria para morar na sua casa. Ficou livre do pai, mas achava que a irmã abusava dela de outra forma, fazendo-a trabalhar muito como uma empregada. Contou um episódio em que a irmã dizia a uma amiga que estava com uma empregada nova em casa. Cuidava de tudo, dos filhos da irmã e da casa. Na época, acreditava que sua mãe não suspeitava das situações vividas de abuso com o pai. Suspeita que suas irmãs também sofreram abusos por parte do pai.

Atualmente, Maria está afastada do trabalho há mais de 3 anos, e recebe pelo afastamento por motivo de dores muito fortes, que a deixam paralisada. Pés inchados e dores fortes que, segundo o médico, é reumatismo.

Antes de ficar doente, houve um incidente com a filha Cláudia, que estava com 10 anos. Cláudia foi estuprada por um vizinho de 20 anos. Segundo Maria, Cláudia usava roupas provocativas e não parecia ter 10 anos. Seu corpo e seu jeito eram de uma mulher e não de menina. Maria não conseguiu fazer nada a respeito do abuso sofrido pela filha.

Cláudia relata que a mãe ficava muito ausente de casa e que, mesmo antes do abuso, ela pedia para a mãe ficar em casa, porque não gostava de ficar sozinha com André. Segundo Cláudia, ele a olhava de forma estranha quando começou a mudar seu corpo, e passou a odiá-lo. Maria diz que Cláudia é que o provocava, usando roupas curtas. Um dia, Maria picou todas as roupas da filha.

A partir desses fatos, o relacionamento entre mãe e filha passou a ser muito agressivo. Maria batia na filha e a filha ameaçava a mãe. Para Cláudia, o motivo era ciúme. E hoje ela tem um namorado e sente ciúmes dele em relação à mãe que, segundo ela, é simpática demais com o rapaz.

Apesar de Maria se colocar como alguém que conversa de tudo, a filha não conhecia a história de vida de sua mãe, e a mãe não tinha o hábito de escutar o que a filha tinha a dizer.

Para Maria, existe uma diferença entre elas: ela foi oferecida ao pai e a filha não foi abusada pelo pai, mas por um estranho, o que considera muito melhor.

Na terceira sessão, Cláudia relatou um sonho e, durante este sonho, fez xixi na cama, o que é um hábito quando tem pesadelos. Trata-se de um sonho no qual seu porquinho da Índia foi comido juntamente com seus filhotes por um rato grande. Disse que estava com medo que seu porquinho da Índia morresse, uma vez que em sua casa não havia segurança. Maria interveio e disse que nunca viu rato na sua casa. Na semana seguinte, estava muito triste porque o sonho se realizou. Seu porquinho foi comido por um rato. Maria, nesse dia, conta que estava preocupada pelo fato de estar encontrando diariamente fezes de rato nas panelas da cozinha.

A maneira de narrar os acontecimentos familiares é complementar entre mãe e filha; em muitos momentos existe a negação de um lado da história que instantaneamente é lembrado pela outra. Essa realidade vivida parece difícil de ser sentida na sua totalidade por mãe e filha e, possivelmente, é também motivo das brigas em que ambas querem reter somente a sua parte da realidade familiar.

OBSERVAÇÕES DAS SESSÕES DE ATENDIMENTO DA FAMÍLIA ALMEIDA

No primeiro atendimento, foi apresentado o CEAF e feito um contrato de atendimento familiar semanal. A partir do consentimento familiar para as gravações das sessões, iniciaram os atendimentos. Com ajuda das histórias familiares, foi possível conhecer a vida da família.

Com Maria foi mais fácil estabelecer um diálogo, mas Cláudia se mostrou resistente e ficou escondida em seu casaco, olhando para o chão. Quando tentei incluí-la na conversa, não respondeu. Direcionei a conversa para mãe, que estava com muita necessidade de falar o que estava acontecendo.

Enquanto a mãe contava a história, a filha foi ficando mais à vontade e passou a levantar o rosto e a olhar para os meus olhos. Assim, foi possível criar algum vínculo e um tipo de comunicação através do olhar; na segunda metade da sessão, foi possível fazer perguntas para a filha e obter respostas.

Penso que, nesse atendimento, falar das histórias da família de origem da mãe e de suas dificuldades facilitou o conversar sobre os fatos atuais e a compreensão dos mesmos.

No segundo encontro, mãe e filha chegaram diferentes. Estavam mais próximas uma da outra. Cláudia sentia dor de cabeça. Parecia receosa com a terapia, e a sua mãe relatou a dificuldade em pensar nos temas conversados na sessão anterior. Nunca havia imaginado que problemas passados pudessem acontecer novamente e que poderiam estar ligados. Sempre tentara esquecer o passado. Voltou às histórias com o pai e foi trazendo novos detalhes e lembranças vividas. Neste encontro se emocionou mais do que no primeiro, em que pareceu que a história contada não era dela. Fez algumas relações entre a forma de educar da sua família de origem e a sua forma de educar os filhos. Salientou aspectos da educação sexual dos mesmos.

Na terceira sessão, Cláudia relatou um sonho que se transformou em realidade, e o tema trazido pela família foi o cuidado com os filhotes para não serem comidos pelos ratos. Nos encontros seguintes, as situações de abusos do passado e do presente foram muito conversadas, principalmente a de Maria com André, seu atual companheiro. O uso da pensão de Cláudia nos negócios de André foi um assunto de conflito entre mãe e filha. Maria encerrou a terapia dizendo que não poderia viver sem André e, se não o sustentasse, ele iria embora.

Comuniquei ao Fórum que ambas haviam desaparecido das sessões marcadas. Os telefones mudaram e não conseguíamos comunicação. Soube, dois meses depois, que Cláudia havia se jogado na linha do trem, porque seu namorado havia terminado o namoro. Encontrava-se imobilizada, mas viva. As psicólogas do Fórum estavam preocupadas devido à sua ausência, e o Juiz prestes a colocá-la na Febem. Segundo as psicólogas, a mãe era favorável, e depois de algumas conversas minhas com a equipe do Fórum, decidimos dar mais uma chance de atendimento clínico, ao invés de colocá-la na Febem.

Percebemos que, para a mãe, era conveniente a internação da filha, pois assim poderia ficar com seu dinheiro. Optamos pela continuidade do atendimento. A família voltou a ser atendida no CEAF. Cláudia decidiu morar com a avó materna, para não correr riscos de abuso por parte de André. Está participando da terapia com a mãe semanalmente e voltou para o atendimento com a psicóloga do Fórum. Está estudando e trabalhando em uma pizzeria. Recebe metade da pensão do pai, e a outra metade fica com a mãe. Esta situação está colaborando para um melhor relacionamento entre mãe e filha.

CATEGORIAS: ANÁLISE DAS FAMÍLIAS

FAMÍLIA ALMEIDA

Legenda:

M- Maria, mãe

C- Cláudia, filha

A- André, padrasto

T- terapeuta

Descrição de significados visualizada em negrito

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO: o colapso da conversação	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
M - <i>É muito comprido, ela não queria chegar no horário combinado.....</i> C - <i>Não é bem isso, a minha mãe saía o dia inteiro e eu ficava com o André (padrasto) o dia todo, depois eu comecei também a sair, ela saía e eu também. Ela queria que eu ficasse em casa e eu não aceitei isso.</i> <filha comunica à mãe o risco de abuso sexual> C - <i>Eu falo para minha mãe não ter ciúmes de mim com o André. (padrasto) Eu tenho o meu namorado. < filha fala com a mãe sobre ciúmes e quer ser ouvida ></i> C - <i>A gente briga por este assunto, porque ele nunca recebe nada e pede tudo para minha mãe. Ela usa a pensão que é minha, que meu pai deixou. Esse dinheiro é meu e eu nunca posso comprar alguma roupa. Ele é folgado, pede cheque para tintas e não paga de volta. M- Ele recebe como ferroviário. <conflitos entre mãe e filha: ambas não aceitam a versão da outra relacionada ao dinheiro ></i> C- <i>Ela batia em mim . Ela foi me denunciar e disse que eu peguei uma faca para ela. ...M - Você pegou filhaC- Não, eu não peguei a faca. Eu estava fazendo a janta e estava com a faca na mão. < dificuldade para criar uma narrativa consensual do fato vivido></i> M - <i>O problema dela é ouvido e febre. < o corpo expressa a dificuldade></i> T - <i>O que está acontecendo ? M – É melhor ela falar. T - Você quer falar Cláudia ? C- Não (brava). C- Eu tenho medo de falar. <a fala pode ser uma ameaça></i> M - <i>Ela contou para a psicóloga do Fórum que ela começou a sentir isso quando começou a ter corpo. Ela nunca falou isso para mim. No meu ponto de vista eu nunca ofereci minha filha para o André. < dificuldade da comunicação do abuso sexual></i> M - <i>Eu vim a descobrir isto (abuso) quando ela tinha 13 anos. Nunca consegui tirar isto dela . Eu fui atrás e peguei ela pelos cabelos. < mãe descobre o abuso vivido pela filha :expressão do colapso></i>	Dificuldade em falar e ouvir o outro: a expressão do colapso

C - <i>Eu não penso. < hábito de não pensar nos acontecimentos ></i> C - <i>Meus pensamentos não são bons. E tenho medo de falar. < critica aos pensamentos></i> M - <i>Fiquei pensando no meu pai. Percebi que nunca mais falei a ninguém depois de velha e eu vim perceber e acho que a gente como a Dra. (psicóloga do Fórum) falou, de repente você não sabe que tem problemas.... < falta de percepção da dor do abuso></i> T - <i>O que você (Cláudia) foi pensando enquanto sua mãe falava?</i> C - <i>Eu fiquei triste . “Mas eu prefiro não ficar pensando. Eu nem quero pensar.” < pensar e refletir causam tristeza></i>	Falta de reflexão sobre a história familiar.
M - <i>A história é longa meus filhos não sabem. < não se deve falar de abuso sexual ></i> M - <i>Meus irmãos sabem minha mãe soube depois. - Eu escondi da minha mãe. Eu era criança e tinha vergonha. < dificuldade para falar do abuso sexual></i> M - <i>A família decidiu que não chegaria à boca da mãe, uma coisa dessas. <não se fala de abuso sexual para mãe></i>	“O não dito”: Temas de difícil comunicação.

MITOS E CRENÇAS: TENTATIVAS DE EXPLICAR O INEXPLICÁVEL	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
M - <i>Eu sou muito aberta ao diálogo. A gente sempre conversou muito sobre qualquer coisa. < abertura ao diálogo></i> M - <i>Não sei se devo falar. Isto é muito sério. Eu omiti isto deles. < fechamento- não se fala sobre abuso sexual></i>	Mitos sobre a comunicação
M - <i>Meus irmãos sempre foram meus heróis.(....) Ele era ladrão. < heróis são transgressores das leis -Poder ></i> M - <i>A família decidiu que não chegaria à boca da mãe, uma coisa dessas. <Segredo: mãe não pode saber do abuso sexual da filha ></i>	Mitos reforçadores da violência

FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS INTERPESSOAIS	
Citações – atendimentos à família	Sub categorias
C - <i>Eu fiquei brava com minha mãe e ela chamou a polícia.” Disse que eu estava com a faca na mão. Não estava não. E você (mãe) “queria que eu ficasse na Febem . Disse que eu ia matar ela. Eu não, ah não. Eu quero o meu dinheiro e vou embora. <polícia e Febem representam a autoridade e poder ></i> M - <i>Meus irmãos sempre foram meus heróis. Apesar das drogas e de tudo que faziam , eles eram tudo para mim. Ele era ladrão. Roubava bancos e dizia que distribuía dinheiro na favela. Para mim, ele era o Robin-Hood. < supervalorização da violência ></i> M - <i>Se eu gritasse , ele(irmão) matava meu pai na hora. < o grito como defesa do abuso sexual; com morte. ></i>	O poder pela violência
C - <i>Ela batia em mim. < violência freqüente ></i> M - <i>Eu não sei se aconteceu algo antes deste estupro com Cláudia. < falta de percepção da violência familiar ></i> M - <i>Do meu pai , não. No começo era ódio, raiva, e muita.... e depois fazia sexo comigo. < o ódio e a raiva no abuso sexual ></i> M - <i>Se meu pai que era de sangue fez aquilo comigo, imagine outros.... no fundo eu pensava assim e não sabia que pensava , o risco maior era em casa. Agora eu estou bem atenta jamais vai acontecer com ela de novo. O André tem consciência disso, ele está preocupado com ela , agora se preocupa. < minimização da vivência do abuso sexual na família atual ></i> M - <i>Ele (o pai)me fazia de gato e sapato, era como se eu fosse a esposa. < violência sexual freqüente ></i> M - <i>Quando fui morar com a minha irmã Cida, foi diferente. Ela me explorava. Ela dizia para os outros que eu era empregada dela. Isso foi humilhante. < exploração do trabalho infantil e humilhação ></i> C - <i>Ela tem muito ciúme, teve uma época que minha mãe deu todas as minhas roupas bonitas e só deixou as roupas largas e compridas. < roupas justas: feminilidade propicia o abuso ></i> M - <i>Eu vim a descobrir isto quando ela tinha 13 anos. Nunca consegui tirar isto dela. Eu fui atrás e peguei ela pelos cabelos. < filha não comunica o abuso sexual vivido ></i>	Abusos e violência familiar freqüente
M - <i>Nunca peguei raiva da minha mãe. Ela é uma heroína para mim...ela trazia os restos de comida do restaurante. < negação da raiva vivida através da supervalorização da mãe pela sobrevivência ></i> M - <i>Agora o André não está olhando a Cláudia com malícia, ele já entendeu. Eu falei o que foi falado aqui. < negação da dor do abuso ></i> M - <i>Quando fui morar com a minha irmã , eu cuidava de tudo, da casa, dos</i>	Negação da violência vivida.

sobrinhos, de tudo. Eu gostava de cuidar das crianças e de tudo. (...) Quando fui morar com a minha irmã Cida, foi diferente. Ela me explorava. Ela dizia para os outros que eu era empregada dela. Isso foi humilhante. < momentos de negação da exploração do trabalho > C - A gente (filha e mãe) briga com este assunto porque ele nunca recebe nada e pede tudo para minha mãe." Ela usa a pensão que é minha, que meu pai deixou. Ele gasta o dinheiro com cerveja, com amigos. < negação do abuso financeiro > M - Eu admiro ela(mãe) e eu nunca acusei ela do meu pai. < admiração e proteção da mãe >	
M - Ela(filha) ficava o tempo todo sozinha. < filha ficar sozinha em casa > M - A Cláudia começou a ficar feminina com 9 anos , antes ela era como um moleque. <desenvolvimento do corpo feminino > C - Um dos nossos problemas é o dinheiro e sempre é o André. < André gasta o dinheiro da pensão de Cláudia: abuso financeiro >	indicadores de risco.

SEGREDOS: AS CONOTAÇÕES DO VISÍVEL E DO INVISÍVEL	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
M - Eu escondi da minha mãe. A família decidiu que não chegaria à boca da mãe. (...) Não sei se devo falar. Não me lembro. < dificuldade e dúvida para falar do abuso sexual> M - O medo foi aumentando(...). Mataria na hora , isto é batata. Eu lembro perfeitamente do revolver. Se eu gritasse meu irmão matava meu pai na hora. < o silêncio como proteção à vida > M - Eu vim a descobrir isso(abuso sexual) quando ela tinha 13 anos. Nunca consegui tirar isso dela. < o silêncio do abuso sexual como proteção à mãe-mito familiar >	Silêncio: a garantia da invisibilidade
T - O que foi Cláudia ? C- Eu estava rindo porque meu namorado ligou e disse que me ama. T- E você também ama ele ? C- Ai , eu amo. Eu tenho vergonha. < filha com vergonha de mostrar que ama seu namorado> M - Eu escondi da minha mãe. Eu era criança e tinha aquela vergonha. <vergonha do abuso sexual vivido >	Vergonha: visibilidade indesejada.

INTERGERACIONALIDADE: lealdade e tradição familiar da violência.	
Citações - atendimentos à família	Sub- categorias
M - Se meu pai, que era de sangue, fez aquilo comigo, imagine outros.... no fundo eu pensava assim e não sabia que pensava , o risco maior era em casa. Agora eu estou bem atenta, jamais vai acontecer com ela de novo. O André tem consciência disso, ele está preocupado com ela , agora se preocupa. < a percepção do risco do abuso sexual dentro de casa > M - Como não percebi o que aconteceu com Cláudia. < dificuldade em perceber a violência sexual > M - Eu não quero que ele(André) beije meus filhos. Ele (meu pai) me beijava na boca, que horror! Ai e eu beijo meus irmãos e filhos com selinho... ih (gagueja). Não é selinho que ele dava, ele apertava a boca. "Selinho tudo bem." < tentativa de diferenciação do beijo abusivo e do beijo afetuoso > M - Sem marido, sem comida, ela trazia os restos de comida do restaurante que trabalhava. Ela não roubou, não matou e nem se prostituiu, foi um exemplo. < exemplo de mãe na família > M - Temos muitos conflitos, principalmente nós duas. Ela não aceita as normas de casa. Não aceita os horários. < conflito gerado por não aceitar a lei >	Aprendizado na família
M - Ele era ladrão. (irmão) < sexo masculino desafia a lei :poder > M - Ele foi preso. (2* marido). <ex marido traficante drogas: sob o domínio da lei> M - Minhas irmãs também ele (pai) olhava, mas a mim era pior, porque ele não deixava falar (do abuso) com ninguém. Ele separou da minha mãe e quis morar perto e disse que era para ficar perto de mim. O medo foi aumentando. < o homem visto como ameaçador, como abusador, e a mulher como refém do silêncio > M - Tinha a mãe dele (avó paterna), era alcoólatra. Ela já faleceu < morte e alcoolismo na mulher > C - Ela não tinha tempo para mim. Eu acho que ela podia ter trabalhado um pouco menos. < sensação de abandono pela mãe > M - Fingia que dormia, ele(pai) passava a mão nas minhas coxas.....Eu não estava preparada. T - E sua mãe, onde estava? M - Não estava..... < ausência da mãe na vivência de abuso sexual >	Relações de gênero e poder.
M -Ela(filha) ficava o tempo todo sozinha. < ausência de proteção > C - Eu pedia para minha mãe ficar um pouco em casa. Minha mãe saía o dia inteiro e eu ficava com o André. < pedido de socorro para evitar o abuso sexual > C - Ela (mãe) não tinha nenhum tempo para mim. < filha sente a falta da mãe >	Pedido de socorro: o drama se repete.

C - <i>Eu fiquei brava com minha mãe e ela chamou a polícia. Disse que eu estava com uma faca na mão. < mãe ameaçada pela filha ></i> C - <i>Ela tinha muitos ciúme, teve época que minha mãe deu todas as minhas roupas bonitas e só deixou as roupas largas e compridas. < a roupa justa vista como provocadora de ciúmes ></i> M - <i>Lá em casa , meu filho não gosta que a gente ande meio sem roupa. < andar sem roupa desperta o desejo></i>	
--	--

VIVÊNCIAS FAMILIARES: denominador comum das histórias de sofrimento	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
M - <i>O primeiro irmão morreu de HIV. Drogas. O segundo morreu das drogas. Ele faleceu com um tiro no rosto em 97. < morte dos irmãos ></i> M - <i>Meu pai faleceu quando João Pedro nasceu. Eu não via ele. Eu sei pouco dele. < perda do pai abusador ></i> M - <i>O pai da Cláudia é falecido, ele faleceu quando ela tinha 10 anos e me separei dele quando ela tinha 1 ano. < perda do primeiro marido ></i> T - <i>E o seu segundo marido?</i> M - <i>Ele está preso. < separação do segundo marido ></i> C - <i>Ele era o meu pai. (referência ao pai de João Pedro). < perda da figura paterna da filha ></i>	Os lutos: perdas , mortes, separações
M - <i>Eu era muito pobre. Minha mãe era pobre mesmo, coitada. Teve tempo que todos moravam em quartinho de pensão na favela, cheia de prostitutas.....minha mãe trabalhava dia e noite..... Sem marido e sem comida ,ela trazia os restos de comida do restaurante que trabalhava. Ela não roubou, não matou e nem se prostituiu, foi um exemplo. < a pobreza gera situações de risco: matar , roubar se prostituir- a mãe e o trabalho protegem a vida></i>	Pobreza: uma das vulnerabilidades
C - <i>O que foi mesmo que ele morreu? (Pai)</i> M - <i>Ele morreu de HIV. Por causa das drogas. Cocaína injetável..., maconha também. A mãe dele era alcoólatra. A irmã morreu por causa de cocaína. < as drogas na família matam ></i> M - <i>O primeiro irmão morreu de HIV. Drogas. O segundo morreu das drogas. Ele faleceu com um tiro no rosto, em 97. < perigo no consumo e no tráfico de drogas ></i>	Drogas: um perigo
M - <i>Tenho tantas dores no corpo. (...).Será que o que eu passei com meu pai tem a ver com isso? Depois da semana passada eu achei que tenho problemas que afetou muito o meu lado mulher. Sexual. Essa coisa sexual não me faz</i>	O corpo se expressa: dor, traumas

falta. < percepção das dores e traumas do abuso sexual > M - <i>Eu estou muito triste, acho que , eu já estava , tenho muitas dores, mal posso caminhar. < dor e sofrimento expressos no corpo ></i>	
---	--

Reflexões a partir das categorias: FAMÍLIA ALMEIDA

Essa família apresentou muitas dificuldades relacionadas à comunicação. Mãe e filha, no início dos atendimentos não, se ouviam e, quando o faziam, discordavam das histórias contadas . Não reconheciam a narrativa da outra como possível. Assim, havia impossibilidade de ouvir e construir uma história que tivesse um sentido comum sobre as situações vividas pela família. Havia cisão na comunicação, em que cada uma trazia um fragmento. Possivelmente essas cisões preservavam, tanto mãe como filha, das histórias doloridas que haviam vivido. Pareciam narrativas mutiladas, em que o terapeuta e pesquisador necessitava colar os pedaços para compreender a história vivida. As dores dos fatos não eram reconhecidas, mas sentidas no corpo e dissociadas dos acontecimentos e das emoções. A fala também era vista como um perigo, já que poderia desencadear mais agressividade na relação e sofrimento dos fatos vividos.

No decorrer do processo terapêutico e das sessões, e a partir do ouvir das histórias de cada uma, mãe e filha puderam escutar trechos não ditos, segredos e sentimentos e se reconhecerem na trama familiar.

Essa dificuldade na comunicação manteve as situações obscuras, os segredos intactos, mas não impediu as dores no corpo. O sofrimento dessa família, revelado por meio das histórias de abuso sexual e de muita violência, possivelmente gerou pouca percepção e reflexão sobre o vivido, desencadeando a repetição dos abusos na geração subsequente.

Por outro lado, a família se dizia muito comunicativa, mas alguns acontecimentos não deveriam ser revelados, como o abuso sexual que surge como um segredo a ser mantido para poupar a figura materna. - “A família decidiu que não chegaria à boca da mãe uma coisa dessas.” A mãe deveria ser

preservada desse sofrimento. Assim se configura o abuso sexual como um mito nessa família. Outros mitos familiares pareceram ser reforçadores da violência, como a supervalorização do seu poder, na figura dos irmãos. Eles eram ladrões, traficantes e heróis. Assim, essa forma de violência direcionada para fora da família não é caracterizada como violência, mas como proteção. Na medida que intimida, amedronta e gera poder.

Podemos observar que, em relação aos vínculos interpessoais existe uma fragilidade nas relações. Um apego inseguro, que colabora na falta de confiança na relação. Dessa forma, a figura materna perde a autoridade frente à filha e necessita da polícia para colocar limites e a lei.

A fragilidade dos vínculos pode ser decorrente da violência freqüente e de abusos vividos na infância da mãe, ocasionando dificuldade no reconhecimento, na percepção da própria história e nas necessidades emocionais dos filhos.

O minimizar das histórias de violência e das emoções (o que é freqüente em pessoas que viveram muitas situações violentas) e, além disso, responsabilizar e culpabilizar a filha pela situação de abuso, como se uma menina pudesse ser culpada do abuso sofrido, sugere dificuldade em cuidar da família e de criar laços afetivos seguros.

A negação da dor da violência do abuso sexual e por outras formas de abusos freqüentes dificulta a comunicação familiar e o processo reflexivo. Trata-se de uma cultura familiar, em que o abuso sexual não é falado claramente, mas sugerido e mantido como tradição familiar, ou seja, quando Maria relata que sua mãe a levava na casa do pai e depois ia buscá-la, está de certa forma dizendo que ela era oferecida para o abuso. As irmãs também haviam sido abusadas sexualmente pelo pai e, na geração seguinte, o drama se repete com sua filha, porém com a diferença de não se tratar de um abuso sexual de pai com filha, mas de padrasto com filha, que, segundo Maria, não é tão sério.

A exploração do trabalho infantil também está presente nas narrativas da família de origem de Maria, mas não aparece na geração seguinte. Nessa geração surge o abuso financeiro, ou seja, o uso do dinheiro da filha (pensão) para sustentar não somente a família, mas também os gastos de André (padrasto).

Alguns indicadores do risco de violência surgiram: o abandono, como risco de violência sexual, quando o corpo de menina se transforma em corpo de mulher, e a exploração financeira como risco de violência familiar. Os segredos também podem indicar risco para a violência e, por outro lado, o silêncio pode ser garantia da invisibilidade, evitando a vergonha, a vingança, portanto, podendo ser nesta família, uma proteção à vida e ao abuso.

A presença da violência intergeracional é marcante e está presente nas gerações de forma semelhante. O aprendizado da cultura familiar, as lealdades e tradições da violência, principalmente do abuso sexual, passaram por poucas modificações e se mantiveram presentes. A família se manteve como um lugar de perigo. A falta de percepção da violência e do sofrimento vividos dificultou o reconhecimento, a comunicação e a reflexão das situações vividas, e ao mesmo tempo são ensinados valores como: não roubar, não se prostituir, não matar e o obedecer, que aparece como um valor que proporciona a continuidade da cultura familiar.

Observando sob a ótica de gênero, a família nomeia o sexo masculino como o que detém o poder, o que abusa, o que protege e ao mesmo tempo mata, rouba e morre. O sexo feminino é referido e valorizado no papel materno. Mãe trabalhadora, mãe que protege a sobrevivência dos filhos, que não os abandona, mas que fica ausente para proporcionar a sua sobrevivência. Desprotege-os pela falta de percepção das situações de riscos familiares, como o abuso. À figura materna fica atribuída a fragilidade e a necessidade de proteção dos filhos quanto a situações de muito sofrimento. Assim, a possibilidade de pedir socorro nas situações de risco se torna difícil, já que é necessário proteger a mãe de situações de sofrimento. O ciúme intenso aparece na relação entre mãe e filha como um pedido de ajuda, revelando a ausência das fronteiras familiares e hierarquias. Ele denuncia a competição entre ambas e a percepção nebulosa do abuso sexual, e podendo favorecer a indiferenciação do afeto e da sexualidade.

Outro tema importante que favorece a violência familiar são os fatores externos. Esta família viveu muitas perdas, mortes de familiares de forma trágica, separações, várias uniões que geraram muito sofrimento. A mãe perdeu dois irmãos de forma trágica, perdeu o primeiro marido, pai de Cláudia, e o segundo marido, que está preso. Para Cláudia, a perda de seu pai não é vista

como dolorosa, mas a prisão do segundo marido de sua mãe foi um momento difícil. Segundo ela, ele era o seu pai.

Nesse mesmo tema, a pobreza financeira da família de origem da mãe foi vivida como uma vulnerabilidade. Essa situação limite favoreceu o sofrimento, a violência e, por outro lado, foi destacada como um valor familiar na luta pela sobrevivência.

A presença das drogas também é marcante na família de origem materna e não surgiu na família atual. Mãe e filha fazem uma relação causal entre drogas e morte, e essa relação cria sentido na história desta família.

A dor e os traumas vividos aparecem no corpo em forma de dores constantes e paralisias freqüentes da mãe. Para a filha, aparecem como dores de cabeça freqüentes e de ouvido, e o sofrimento é tão intenso que é vivido e sentido nos momentos em que mãe e filha trazem lembranças e histórias.

Podemos sugerir que a relação de intimidade entre homem e mulher pode ser caracterizada como traumática e perigosa em ambas gerações. Assim, Maria preserva seu companheiro André, que não exige sexo na relação conjugal. Atualmente, Cláudia mora com sua avó materna. Foi a maneira encontrada pela família de Cláudia não correr risco de abuso sexual.

2. DESCRIÇÃO DA FAMÍLIA BORGES

Esta família foi encaminhada para atendimento familiar no Centro de Estudos e Assistência à Família, CEAF, pela psicóloga da escola onde estuda o filho caçula, Fernando. O motivo do encaminhamento está associado às dificuldades de relacionamento de Fernando com os colegas e com as professoras com quem foi relatada agressividade. Em função destas dificuldades a escola precisou retirar Fernando da classe e colocá-lo em uma classe especial para ser acompanhado com maior atenção pelos professores. Segundo a escola, Fernando não apresenta dificuldades psicopedagógicas, mas para Rosa, sua mãe, Fernando sempre apresentou problemas de relacionamento nas escolas que frequentou.

A família foi atendida em co-terapia pela pesquisadora, que é supervisora da clínica do CEAF, e por uma terapeuta de família voluntária do CEAF.

Diagrama do Núcleo Familiar

R - Rosa, a mãe.

L - Lúcia, 1^o filha.

W - Walter, 2^o filho.

F - Fernando, filho caçula.

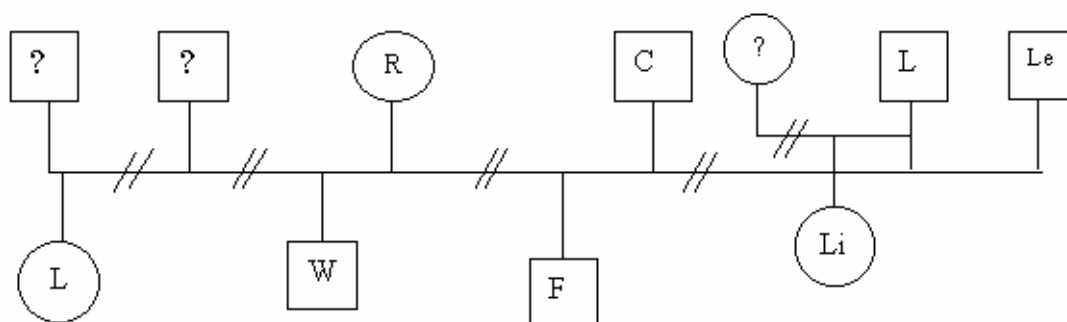
Lu - Luiz, 3^o marido de Rosa.

C - Carlos, pai de Fernando, 2^o marido de Rosa.

Lê - Leandro, 4^o marido de Rosa.

Li - Lindalva, filha de Luiz.

FAMÍLIA BORGES



HISTÓRIA DA FAMÍLIA

A família atual é constituída pela mãe, Rosa, com 38 anos, uma filha mais velha com 20 anos, Lúcia, casada, com duas crianças pequenas de 4 e 2 anos. Pedro, marido de Lúcia, com 24 anos, trabalha como segurança.

Rosa conheceu o pai de Lúcia e moraram juntos durante dois anos. Logo após seu nascimento, o pai foi embora de casa e até hoje não se sabe de seu paradeiro. O segundo filho de Rosa, de pai desconhecido, Walter, tem 17 anos. O terceiro filho é Fernando, com 12 anos. Seu pai está preso por assassinato.

Atualmente, Rosa mora com Luiz, seu terceiro companheiro, a filha Lindalva, de 15 anos e seus dois filhos, Fernando e Walter. Segundo Rosa, seu relacionamento com Luiz passou a ser caracterizado como uma sociedade e não como uma união amorosa. Dividem o aluguel da casa na região do Jaguaré e as despesas.

Anteriormente, Rosa e seus filhos moravam em Santo Amaro, perto da família, mas, para ficar mais próxima do trabalho e da escola dos filhos, preferiu mudar-se para o Jaguaré e, segundo ela, seu terceiro relacionamento começou, não por afeto, mas por conveniência. Desejou morar mais perto do trabalho para ter mais tempo com os filhos. Luiz, por sua vez, também precisava mudar de região, por causa do envolvimento da filha com drogas.

Rosa conheceu o pai de Lúcia com 17 anos e logo engravidou. Quando ele soube da gravidez, sumiu e não deu notícia. Como sempre trabalhou, precisou de ajuda de suas irmãs para cuidar de Lúcia.

Dois anos depois, em uma festa, simpatizou com um rapaz e engravidou. Segundo Rosa, quando soube que ele era casado, não quis procurá-lo para dizer que estava grávida e, a partir daí, nunca mais o viu. Assim, Walter também não conhece seu pai e só sabe seu primeiro nome.

Depois de alguns outros namorados, Rosa conheceu o pai de Fernando. No início do relacionamento, ele era um bom companheiro, mas logo passou a ser traficante e a consumir drogas, principalmente álcool. Assim, tornou-se muito agressivo com seus filhos e com ela. Rosa apanhava constantemente e chegou a perder a visão de um olho. Carlos batia muito em Walter desde pequeno, e em Fernando. Rosa relatou episódios em que Walter foi internado no hospital por espancamento. Houve também tentativas de estupro da filha

mais velha, Lucia. Rosa constantemente fugia com os filhos, mas Carlos a perseguia até encontrá-la, ameaçando seus filhos e suas irmãs.

Rosa acreditava que Carlos não suportava viver sem ela e acabava dando novas chances a ele. Dizia que esquecia o que ele fazia e acreditava que pudesse mudar. Foram anos difíceis com ele, já que estavam sempre fugindo. Segundo seus filhos, ela gostava muito de Carlos.

Rosa trabalhava em uma escola pública, fazendo serviços gerais e, num determinado momento, foi transferida para uma escola em Caçapava. Ela e os filhos se mudaram para a cidade, pensando que ficariam longe de Carlos. De fato ficaram afastados, pois Carlos ficou na casa, em São Paulo. Nessa época, Lúcia, a filha mais velha, estava morando com seu atual marido e ficou também em São Paulo, mas, em Caçapava, Rosa relata que começaram outros problemas. Havia uma diretora da escola que a tratava muito mal, dando-lhe trabalhos pesados e humilhando-a diante de suas companheiras. Sua mãe estava doente e não podia vê-la. Pediu transferência, mas a diretora não facilitava, e Fernando apresentava problemas na escola, como faltas constantes, brigas com os colegas, a ponto de os pais pedirem, em reunião, a sua saída da escola, que, desde essa época, indicou tratamento psicoterapêutico e médico para Fernando.

A saída encontrada por Rosa frente a essa situação foi a tentativa de suicídio. Tomou um vidro de remédios que seu psiquiatra lhe havia receitado. Não quis pedir demissão, já que havia prestado um concurso público para a ocupação do cargo. Durante sua recuperação, Lúcia, a filha mais velha, foi para Caçapava a fim de cuidar dos irmãos. Pouco tempo depois, todos retornaram a São Paulo, pois Rosa havia sido transferida para uma escola na região da Lapa. Nessa mesma época, Carlos foi preso, condenado a cumprir pena de 12 anos pelos crimes cometidos e sua mãe faleceu, devido a problemas cardíacos.

Rosa conheceu Luiz e resolveram morar juntos. Alugaram a casa em que moravam e combinaram dividir as despesas. Mas, segundo a família, Luiz só pagava o aluguel e todo o resto das despesas ficava para Rosa. Seus filhos se irritavam com isso, achavam que a mãe ficava prejudicada por Luiz e por Lindalva que, segundo os meninos, não respeitava as ordens da mãe. Rosa dizia que não vivia com ele e que nunca teve encanto e, como ele não cuidava

dos seus filhos, estava cansada, mas ao mesmo tempo não conseguia se desligar dele; achava mais confortável morar perto do trabalho do que se separar dele e voltar para sua casa em Santo Amaro. Seus filhos retrucavam e diziam que a mãe dormia na mesma cama com ele, portanto, não acreditavam na história contada.

Rosa vem de uma família pobre, de 20 irmãos, sendo que três faleceram pequenos e restaram 9 mulheres e 8 homens. Segundo ela, seu pai, também falecido, batia muito na sua mãe.

Na família, somente o irmão mais velho não se envolveu com drogas, trabalha e não bate na mulher. O irmão mais novo era homossexual e apanhou muito dos irmãos mais velhos, fugiu e não se tem notícia dele. Os outros homens também batem muito nas mulheres e nos filhos. Rosa é bastante próxima das irmãs, principalmente da madrinha de Walter, trabalha muito na escola e faz bolos e salgados para vender.

No início dos atendimentos, Rosa ameaçava se matar quando estava desesperada, seus filhos ficavam muito angustiados e também ameaçavam a mãe de outras maneiras: Walter, dizendo que se mudaria para a casa da madrinha e Fernando, ameaçando-a com objetos perigosos, como a faca da cozinha.

Rosa não via sua filha e seus netos há quase um ano. Mãe e filha brigaram e não se falavam. Rosa disse que foi vê-la, mas que a filha saiu de casa para não encontrá-la.

Segundo Walter e Fernando, Lúcia é muito agressiva, sempre bateu muito neles quando pequenos e também bate nos filhos menores.

Na terceira sessão, Rosa chegou bastante aflita, pois Fernando havia tentado enforcar Lindalva, filha de Luiz. Ele entrou no quarto à tarde, enquanto ela dormia, fechou a janela e a porta, colocou um móvel atrás dela e enrolou o pescoço da menina com uma fita isolante. Ela acordou e conseguiu gritar e reagir. Walter estava na sala e entrou no quarto. A partir desse acontecimento, Luiz e Rosa decidiram se separar. Rosa voltou para Santo Amaro com seus filhos, para sua casa perto da casa da família de Lúcia.

Atualmente, a família está em terapia e Rosa conheceu seu quarto marido, Leandro, que está participando dos atendimentos junto com seus filhos, bem como sua filha Lúcia e seus netos. Leandro tem 38 anos, já foi casado e

não possui filhos do casamento anterior. Tem uma empresa própria de prestação de serviços. A família reformou a casa e reorganizou os espaços de cada filho. O relacionamento familiar está muito bom, segundo a família. Fernando está indo à escola e participando de atividades esportivas, como futebol, perto de casa. Rosa está conseguindo, junto com Leandro, colocar regras e limites na casa. Walter e Fernando conversam e dizem que gostam muito de Leandro. Fernando não está necessitando da medicação psiquiátrica (Gardenal) e, tanto a mãe como o filho, estão conseguindo conter melhor a raiva e o desespero.

Os atendimentos passaram a ser quinzenais, e o receio de Rosa é conseguir manter um bom relacionamento com Leandro e compartilhar o seu lugar de chefe de família.

Observações do processo terapêutico

No primeiro encontro terapêutico foi apresentado o CEAF, as normas de funcionamento, as terapeutas e a proposta de pesquisa. A família concordou tranquilamente não só com as gravações como também com sua participação na pesquisa. Assinaram o consentimento lido pela pesquisadora e guardaram sua cópia.

Neste primeiro encontro, estiveram presentes mãe e filhos. Rosa tinha uma expressão muito preocupada. Seu filho Walter estava meio mal humorado e não parecia estar ali por sua vontade. Fernando estava assustado e, ao mesmo tempo, pareceu-nos muito simpático. A família, de modo geral, desde o início, foi muito simpática com os terapeutas.

O objetivo dos terapeutas era ouvir a família, suas queixas e conhecer sua história, propiciando um espaço afetivo e acolhedor. Esta família foi atendida por duas terapeutas, pela pesquisadora e por outra terapeuta familiar. Assim, foi possível ampliar o olhar na compreensão da trama familiar.

Estas três sessões iniciais relatam a história da família e, nos encontros seguintes, estiveram presentes: a filha mais velha, Lúcia, com seus filhos e marido. Foi ampliado o sistema terapêutico, com o objetivo de aproximar mãe e filha e conhecer a história da família pelos olhos da filha. Nesse encontro,

conversou-se sobre as situações difíceis vividas entre ambas, e o tema freqüente foi a falta de proteção. A partir desse encontro, mãe e filha passaram a se encontrar freqüentemente.

Foi feito um genograma familiar, com o objetivo de visualizar a história da família e estabelecer novas relações. Ficou muito claro e visível para eles a violência como forma de relação familiar, repetida por gerações: a dificuldade em ser “homem” que trabalha, que não bate nos filhos e na mulher; a dificuldade em ser “mulher” e carregar sozinha a educação e a manutenção dos filhos e ainda apanhar do companheiro, não sendo possível confiar no homem; a fidelidade para com as histórias das gerações anteriores, e o reviver das dificuldades familiares existentes.

Foi objetivado, nos atendimentos familiares, favorecer à família a tomada de consciência da seriedade das situações vividas - ameaças, agressões , espancamentos , tentativas de suicídio, tentativa de enforcar e matar - e as possíveis conseqüências que não eram conversadas, mas consideradas como “normais”, além de possibilitar a reflexão dos limites das ações, das noções de respeito, de cuidado e valores.

A maior dificuldade encontrada nos atendimentos dessa família é o modo de exercício do poder e da diferenciação de níveis de violência e da lealdade com a violência. Os homens violentos da família eram poderosos e temidos. O único homem trabalhador e não violento era considerado pela família como um molenga e medroso. A violência é vista de forma ambígua, como um valor e como causadora de dor.

Durante os atendimentos, Fernando ficou desenhando figuras de homens musculosos tatuados e carros. Durante as sessões, fica sentado no chão, numa postura bem infantil e Walter sempre fica mal humorado e meio irritado com a terapia. Rosa é sempre muito simpática e está participando com os filhos de outras atividades no CEAF, no Cine Família e na Terapia Comunitária.

FAMÍLIA BORGES

Legenda:

R- Rosa, mãe

L- Lúcia, 1ª filha.

W- Walter, 2º filho.

F- Fernando, filho caçula.

C- Carlos, 2º marido de Rosa, pai de Fernando.

L- Luiz, 3º marido de Rosa

L- Lindalva, filha de Luiz.

Descrição de significado visualizada em negrito

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO: o colapso da conversação	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
R - <i>Ele(Carlos) estava com outra mulher na época, mas não deixou claro que nós estávamos separados.(...) Eu conversei sobre isto várias vezes. Ele mentiu várias vezes. < pouca clareza na comunicação ></i> R - <i>No começo, como marido e mulher, mas depois eu vi que não dava certo e ficamos amigos(Rosa e Luiz). Mas não tem espaço lá nem camas para se separar. A gente fica na mesma cama. W- Faz muita diferença, ela pode dormir comigo. (referência ao fato de Rosa dormir na cama com Luiz)</i> <quando a comunicação não acorda com o comportamento: dupla comunicação >	Dificuldade em falar e ouvir o outro: a expressão do colapso
W - <i>Tento não pensar. < dificuldade do filho para pensar na tentativa de suicídio da mãe ></i> W - <i>É muito difícil pensar. É confuso. Agora está melhor. < dificuldade para pensar nas situações de violência na família ></i>	Falta de reflexão da história familiar.
R -<i>Eu não podia ter outro para ele(Carlos). Não que eu não arrumava alguém, mas eu tinha medo que ele aparecesse e matasse o cara. Eu nunca deixei que ele soubesse. < ex-marido não pode saber sobre relacionamentos de sua ex- mulher- risco de vida ></i> R - <i>Só que o pai dele (Walter) não tem contato.Ele não conhece o pai.</i> < a falta de comunicação entre mãe e filho referente a paternidade >	“O não dito”: Temas de difícil comunicação.

MITOS E CRENÇAS: TENTATIVAS DE EXPLICAR O INEXPLICÁVEL	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
W - Ela tem mania de conversar besteira. (Lindalva filha do Luiz) Ela fica falando da minha mãe. Ela diz que não deixa isto nem aquilo. Que ela quer ir embora com o pai dela.< o filho não aceita que outra pessoa critique e responsabilize sua mãe >	Mitos sobre a comunicação
F - Eu queria ser mais forte e poderoso. < para o filho é importante ser forte e poderoso > R- Ele(Fernando) não tem medo de nada. < mãe refere-se à coragem do filho, com preocupação e receio de que ele seja igual ao pai > R - Tem horas que eu perco a força e penso em morrer. < perder a força pode significar o desejo de morrer>	Mitos reforçadores da violência

FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS INTERPESSOAIS	
Citações- atendimentos à família	Sub- categorias
R - A diretora não me transferiu e eu estava desesperada. (...) Eu falava que ia me matar na frente dela , da diretora. <a ameaça de morte frente ao desespero e o limite imposto pela diretora da escola > R - o Walter ameaça de ir embora e eu fico nervosa.< filho ameaça a mãe ao dizer que vai embora de casa > R - Quando o Fernando ameaça com a faca. < a faca e o filho são ameaçadores para a família > R - Eu falava que eu ia me matar na escola, na frente da diretora. < o suicídio como uma ameaça > R - Foi com a morte. Eu tomei tranquilizantes e quase morri. Com a morte, eu ganhava dela. <a morte como um trunfo de poder > R - Tem horas que eu perco a força e penso em morrer. <perder a força ameaça a vida > R - Na época, tinha revólver em casa.... Eu ia pegar o revólver. Cheguei a pegar e apontava para mim e para ele e não sabia se matava ele ou se me matava. Ele estava dormindo e acordou na hora que eu estava com o revólver e, a partir desse dia, nunca mais trouxe a arma para casa. < poder pela ameaça >	O poder pela violência

R - Uma vez ele(Carlos) bateu no meu irmão e na minha mãe. < bater nos familiares- uma prática habitual > R - Uma vez ele(Carlos) pegou o Fernando e jogou contra o teto da lavanderia. < violência física sem limites > R - Eu me escondia dele, fugia e ele ia atrás de mim e quando ele me achava eu voltava, de medo dele fazer alguma coisa com as crianças. <constrangimento através da violência > R - Além de tudo, tinha gastos, ele comprava coisas e não pagava. Sobrava para mim. < abusos financeiros> R - Aquela mulher me torturou, além da transferência que ela dizia que não daria. Eu sofri muito e me senti presa a ela. <sofrimento referente ao abuso do trabalho, do aprisionamento na situação e da falta de compreensão da diretora da escola > R - O pai dele era muito agressivo, violento. Ele judiava das crianças e de mim. Ele dava tiro e ameaçava dar tiro na gente. Eu apanhava muito. Este olho ficou assim.... Foi por causa dele.. Eu não enxergo com ele. <agressividade, ameaças aos familiares e suas consequências > R - Ele(Carlos) quase matou o Walter. Eram duas horas da manhã,ele chegou e atacou meu filho e machucou muito. W- Se lembro. Eu tinha quebrado a tampa do vídeo, e à tarde ele me acordou bravo e eu disse que foi sem querer e ele começou a bater. Ele me deu um soco e eu fui para o hospital. < violência sem limites > R - O caso que teve foi que o pai de Fernando... tinha uma menina em casa , uma empregada, mas a menina ele abusou da menina... não era tão menina ... mas na época ele chegou para mim e falou. Teve também a minha sobrinha que o pai dele estuprou. Ela estava grávida e quando ela ganhou nenê, ele matou o pai do nenê.<abuso sexual e violência máxima sem interdição e sem constrangimento > W - Quando minha mãe ficou doente com hemorragia, ele(Carlos) tentou agarrar a minha irmã. (Lúcia) < Tentativa de abuso sexual da enteada no momento de fraqueza de sua esposa > R - Eu não estava em casa. Parece que era mais ou menos cinco horas da tarde, o Walter estava assistindo televisão. A Lindalva estava no quarto dormindo. O quarto não tem fechadura e ele (Fernando) fechou a janela. O Fernando tentou enforcá-la com a fita isolante. < Filho tenta enforcar e abusar sexualmente de da enteada de sua mãe>	Abusos e violência familiar freqüente
W - Eu não tenho raiva não. (pai de Fernando) <não expressão da raiva > R - Pelo que eu percebo o que ele fala , ele tem carinho pelo Carlos. (pai do Fernando).< afeto pelo abusador >	Negação da violência vivida.
R -Eu prefiro morrer se eu ver que falta alguma coisa para filho meu e não puder dar. < perda de emprego e da situação econômica é uma ameaça à vida > R - Quando eu fui para escola eu me senti acuada, presa à escola. < situações sem saída > R - O Walter falava que, se ele aparecesse e fizesse alguma coisa para mim, ele matava ele. < a vingança > R - Eu pensei em me matar. Na época, tinha revólver em casa.... Eu ia pegar o revólver. Cheguei a pegar e apontava para mim e para ele e não sabia se matava ele ou se me matava. < desespero gerador de ameaça>	Indicadores de risco.

SEGREDOS: AS CONOTAÇÕES DO VISÍVEL E DO INVISÍVEL	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
R - Eu não podia ter outro(homem) para ele (Carlos). Não que eu não arrumava alguém, mas eu tinha medo que ele aparecesse e matasse o cara. Eu nunca deixei que ele soubesse. Era escondido. < silêncio como proteção > R - Só que o pai dele (Walter), ele não tem contato. Ele não conhece o pai. < histórias não contadas sobre o pai do filho>	Silêncio: a garantia da invisibilidade
R - Ela sabia das minhas dificuldades e ela gritava comigo, dava serviço muito pesado. Outras funcionárias me falavam que o que ela fazia comigo não tinha condições. < Vergonha da exploração no trabalho perante aos outros >	Vergonha: visibilidade indesejada.

INTERGERACIONALIDADE: lealdade e tradição familiar da violência.	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
M - Meu pai era.. ele bateu na minha mãe até quando meus irmãos cresceram e não deixaram mais ele bater nela. Mas ele ajudava minha mãe. Ele sempre trabalhou e dava o dinheiro para ela. < valor do sustento familiar mesmo que haja violência > W - O pai dele (Fernando) estuprou e depois matou o cara. <ensinamento familiar da violência > R - O caso que teve foi que o pai de Fernando... tinha uma menina em casa , uma empregada, mas a menina ele abusou da menina... não era tão menina ... mas na época ele chegou para mim e falou. Teve também a minha sobrinha que o pai dele estuprou. Ela estava grávida e quando ela ganhou nenê, ele matou o pai do nenê. <ensinamento da violência e da falta total de respeito à mulher > W - Quando minha mãe ficou doente com hemorragia ele tentou agarrar a minha irmã. (Lúcia) < vulnerabilidade da mulher na família > R - Eu não estava em casa. Parece que era mais ou menos cinco horas da tarde o Walter estava assistindo televisão. A Lindalva (filha de Luiz) estava no quarto dormindo. O quarto não tem fechadura e ele (Fernando) fechou a janela. O Fernando tentou enforcá-la com a fita isolante. < repetição da violência > R - Ele acha que ele só tem razão. Ele não quer ir para a escola ele faz o que	Aprendizado na família

quer.(referência à Fernando) < não aceitação da autoridade> R - O Walter tenta ajudar o Fernando. Ele chama na rua , ele se preocupa. Eu digo que precisa obedecer o irmão mais velho.<importância da obediência (irmão mais velho na ausência da mãe) como proteção e cuidado> R - Daí eu falo toma banho, vai para a escola e é uma dificuldade, falo vai dormir mais cedo para acordar e ele (Fernando) não vai. < falta de autoridade da mãe para que o filho cumpra as regras>	
R - A diretora fazia eu raspar os tacos da escola na mão. Fiquei acabada. Ela abusava de muito. < sexo feminino: abuso e autoritarismo> R - Meu pai batia na minha mãe quando bebia, batia muito Ele só me bateu uma vez, mas pouco. < sexo masculino : violência> R - R- Eles bebem, batem nas mulheres, quando bebem. Mas só. (irmãos) . Os homens da minha família, o mais velho é o exemplo, (não bate na mulher), mas os outros são difíceis. < homens violentos>	Relações de gênero e poder.
R -Eu prefiro morrer se eu ver que falta alguma coisa para filho meu e não puder dar. < mesma resposta (morte) para situações de impossibilidade> R - Quando eu fui para escola eu me senti acuada, presa à escola. <aprisionamento nas relações de violência> R - Eu não estava em casa. Parece que era mais ou menos cinco horas da tarde, o Walter estava assistindo televisão. A Lindalva (filha de Luiz) estava no quarto dormindo. O quarto não tem fechadura e ele (Fernando) fechou a janela. O Fernando tentou enforcá-la com a fita isolante. < repetição da violência paterna na nova geração> R - Minha mãe ficou com meu pai cinqüenta e poucos anos. Ele era alcoólatra.(...) Ele não é de beber. (Walter). Só uma cervejinha, não é filho ? Mas uma vez , faz uns meses, aí eu levei um susto, ele chegou carregado de bebida em casa. < medo da repetição do alcoolismo>	Pedido de socorro: o drama se repete.

VIVÊNCIAS FAMILIARES : denominador comum das histórias de sofrimento	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
R - Quando deu o primeiro enfarto, ela (mãe) tinha 76 anos. Eu peguei minhas férias e vim ficar com ela. Quando ela piorou mesmo , eu já estava aqui em São Paulo. Ela veio a falecer logo que eu voltei. (Caçapava para São Paulo) < sofrimento e alívio por estar perto da mãe na doença e na morte> R - Neste fim de semana foi difícil, morreu um sobrinho que não mora aqui,de tiro, bala perdida. Também morreu um amigo de Walter. (acidente de moto) < sofrimento pela perda e medo da violência>	Os lutos: perdas , mortes, separações

R - A gente passa necessidade. Eu saio para trabalhar a semana toda e de manhã na segunda eu faço um bico no salão de cabelereiro. Faço faxina. < sobrecarga de trabalho >	Pobreza: uma das vulnerabilidades
R - Ah ele era bonzinho. No começo não tinha problemas. Depois ele se envolveu com drogas, bom daí... Ele ficou muito agressivo Eu apanhava dele. <o uso de drogas como geradora de violência > R - Minha mãe ficou com meu pai cinquenta e poucos anos. Ele era alcoólatra.(...) Ele não é de beber. (Walter). Só uma cervejinha não é filho ? Mas uma vez , faz uns meses, aí eu levei um susto, ele chegou carregado de bebida em casa. < drogas: um perigo para a nova geração >	Drogas: um perigo
R - Eu não podia ficar ali (na escola em Caçapava) e não podia pedir as contas. (...) A diretora da escola era muito difícil de lidar. Eu não conseguia dormir e chorava muito. A diretora não me transferiu e eu estava desesperada. <choro como expressão do aprisionamento na vivência da exploração e do abuso no trabalho > R - Aquela mulher(diretora) me torturou, além da transferência que ela dizia que não daria.Eu sofri muito e me senti presa a ela. (choro) < sofrimento gerado pelas torturas e pelo aprisionamento > W - Tento não pensar.(expressão de pânico) < trauma da tentativa de suicídio da mãe > R - Ele ficou muito agressivo. Eu apanhava muito dele. Este olho ficou assim... Foi por causa dele . Eu não enxergo com ele. Ele dava tiros e ameaçava dar tiros na gente. Eu fugia e ele(Carlos) perseguia muito. <corpo marcado pela cicatriz real e simbólica- traumas da violência >	O corpo se expressa: dor, traumas

Reflexões a partir das categorias: FAMÍLIA BORGES

Esta família apresentou dificuldades na comunicação. Mãe e filhos discutiam sobre os acontecimentos e tentavam impor opiniões; não queriam escutar uns aos outros, ou seja uma maneira de se comunicar simétrica, em que todos competem e lutam para ver quem é o vencedor. Em outros momentos, quando a narrativa não parecia coerente com os fatos e sentimentos, a comunicação passava a ser desqualificada e aparecia a dupla comunicação.

É marcante nessa família a dificuldade de percepção da história vivida e também da legitimação da percepção do outro: nessa circunstância, a reflexão das histórias familiares se torna um grande esforço. A sensação descrita é de confusão e vontade de não pensar sobre as situações vividas.

Observando os relatos, percebe-se que, devido às situações freqüentes de violência, falar e ouvir o outro pode ser perigoso, pode trazer maiores riscos de violência e morte. A comunicação pode ser geradora de sofrimentos e revelar fragilidades familiares, como, por exemplo, a história do pai de Walter.

Assim, contar a história de forma parcial pode ser vista como protetora de situações ameaçadoras, e a comunicação dialógica pode ser vista nas situações de violência como um perigo, adquirindo um poder de mito.

“Falar mal de mãe e criticar a mãe, só filho pode” uma fala que retrata a importância da mãe e limites na comunicação. Outros mitos aparecem nas entrelinhas das narrativas e colaboram com a violência familiar, como a força física e psíquica, qualidades importantes para ataque e defesa nas situações de vulnerabilidade. Ser forte significa ter poder para ameaçar, vingar-se, educar filhos, viver, lutar, escapar, matar, abusar. A força adquire um significado do poder da violência e, do mesmo modo, da possibilidade da sua desconstrução.

A ameaça está muito presente nessa família como forma de controle ou poder, e aparece em várias formas, como o suicídio, as facas, o abandono. Outro ponto que chama muita atenção são os abusos e violência freqüentes vividos de forma intensa por mãe, filhos e parentes, sem interdições. Verdadeiras torturas familiares. Violência gratuita às crianças, abuso sexual, violência física e psíquica e, decorrente desses sofrimentos intensos, aparece a negação da violência vivida, medo dos sentimentos, a impossibilidade de sentir raiva, o afeto ao agressor e desejo de vingança. Assim, aparece tanto a negação dos sentimentos e sua contradição como o prazer na violência.

Os abusos são freqüentes e de várias naturezas, como sexual, financeiro, referentes ao trabalho no sentido da exploração, e são ensinados de uma geração para outra. Desta forma, a intergeracionalidade possui um papel marcante na transmissão da violência familiar. As lealdades à cultura familiar e sua tradição colaboram para que a situação das gerações subseqüentes se repita. Nessa família, tanto os homens como as mulheres são violentos na maneira de se relacionar. Os homens são temidos pelos abusos sexuais, mortes, abandono e traição. As mulheres se utilizam das ameaças de vida, morte e abandono, do uso da fragilidade como poder, da exploração do trabalho.

Analisando o contexto familiar, podemos observar que a família viveu situações de mortes de familiares, filhos conviveram com ausência da figura paterna e houve uniões e separações, mudanças de cidade e bairro, envolvendo trocas de escola dos filhos. A figura materna é quem sustenta financeiramente os filhos e, decorrente desse fato, trabalha em dois empregos, na limpeza de uma escola, nas folgas faz outras faxinas e vende doces e bolos nas horas vagas. Uma sobrecarga de trabalho para manter a família.

As drogas aparecem como perigo que pode gerar morte, acidentes e violência.

Na família Borges, portanto, os traumas familiares decorrentes das situações de violência são freqüentes. As cicatrizes reais e simbólicas da violência marcaram a família, que até hoje apresenta reações físicas e psíquicas a determinadas situações que lembrem o passado. Rosa relata que, quando sente uma situação de risco como estar acuada, aprisionada, se desespera e não consegue controlar o que sente; e automaticamente revive situações do passado com Carlos. Outra situação de risco é a possibilidade de perder o emprego e a situação econômica.

Os filhos ficam assustados quando a mãe está nervosa, sempre com a expectativa de que vai ocorrer uma catástrofe familiar.

3. DESCRIÇÃO DA FAMÍLIA- CASTRO

Esta família foi encaminhada para atendimento no Centro de Estudos e Assistência à Família, CEAF, pelo Conselho Tutelar. O motivo do encaminhamento está associado às dificuldades de relacionamento entre mãe e filha. Zenaide, mãe de Graça, procurou o Conselho Tutelar, preocupada com a filha de 15 anos, que estava muito agressiva com ela. Segundo a psicóloga do Conselho, Zenaide não permite a saída da filha com colegas, dificulta suas amizades, até mesmo com amigas da Igreja Evangélica que sempre frequentou. Segundo as psicólogas do Conselho Tutelar, Zenaide impede o desenvolvimento de sua filha Graça. Assim, mãe e filha não conseguem conversar e a filha conta muitas mentiras, parece estar depressiva e fala muito em morte.

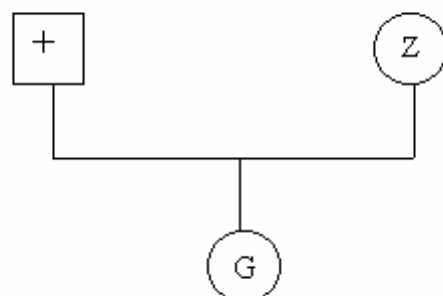
Essa família foi atendida por duas terapeutas, Suzanna Levy (T1) pesquisadora e terapeuta familiar e por Lena Bartman(T2), terapeuta familiar, ambas voluntárias do CEAF.

Diagrama do Núcleo Familiar

Z- Zenaide, a mãe. ⚰ - Sr. José, marido falecido de Zenaide.

G- Graça, filha de Zenaide e Sr. José.

FAMÍLIA CASTRO



HISTÓRIA DA FAMÍLIA

A família atual é constituída pela mãe, Zenaide, com 50 anos e pela filha, Graça com 16 anos. Zenaide conheceu o pai de Graça, Sr. José, aos 15 anos quando foi trabalhar em sua loja. Sua família alugava uma das casas do Sr. José.

Zenaide e sua família viveram no interior de S. Paulo, na colônia de uma fazenda. Desde pequena ajudava seus pais na roça e estudava. Seus pais eram autoritários e não aceitavam desobediência dos filhos. Quando, por alguma razão, não fazia o que os pais pediam, desobedecendo principalmente à mãe, apanhava com vara de marmelo, muitas vezes chegando a sangrar. Depois das surras, a mãe habitualmente cuidava dos ferimentos dos filhos e Zenaide considera esses episódios como formas de demonstrar amor. Seu pai não batia, mas Zenaide diz que tinha pulso forte e autorizava a mãe a bater nos filhos. Sua mãe atualmente é bem idosa; doente e mora nos fundos de sua casa. A família de Zenaide é negra.

Zenaide, depois de trabalhar na loja de Sr. José, foi trabalhar como funcionária de limpeza em uma grande empresa por onze anos, até o nascimento de sua filha Graça. Enfatiza que só deixou esse trabalho porque seu marido, pai de Graça, queria que ela ficasse em casa para melhor cuidar de sua filha.

Ao 27 anos, foi pedida em casamento por Sr. José, que estava viúvo. Sua mulher havia falecido por problemas ocasionados pela diabetes. Zenaide vinha de uma história de decepção amorosa com um colega de trabalho e mesmo não sentindo amor por Sr. José, aceitou morar com ele. Aos poucos, diz que aprendeu a gostar do marido, por ele ser um homem bom. Um homem que a tratava com respeito e carinho.

Sr. José estava com 68 anos na época em que foi morar com Zenaide. Sobre sua história, Zenaide conta que ele veio de Portugal com 14 anos, trabalhava em navios, carregando carvão. Resolveu ficar no Brasil e, no início, morou em Recife. Nessa época, trabalhava com comércio e depois veio para S. Paulo. Inicialmente, trabalhou muito como camelô e depois abriu um mercado. Aos poucos foi comprando alguns imóveis em S. Paulo, vivendo do

aluguel. Sr. José somente retornou a Portugal, em sua cidade, Caiscais, para rever sua mãe doente, antes de ele morrer e não tinha o hábito de se comunicar com sua família, em Portugal.

Alguns anos depois que Zenaide e Sr. José estavam morando juntos, ela engravidou. Foi uma surpresa e muita alegria. Ambos queriam muito um filho e pensavam que já era tarde. Com o nascimento de Graça, Sr. José se dedicava dia e noite à filha. Havia vendido seu mercado e vivia de suas rendas. Graça nasceu muito clara de pele, parecida com o pai e com sua família de Portugal.

Para Zenaide, foi difícil a filha não ter o seu tom de pele e, quando passeavam na rua, as pessoas perguntavam sobre a mãe do nenê, considerando que ela era a babá e não a mãe. Às vezes chegava a duvidar que ela era sua filha. Como poderia ter uma filha tão clara? Ao mesmo tempo, se encantava com a beleza da menina.

A situação familiar passou a ficar difícil quando Sr. José, com 84 anos, começou a ter problemas de saúde. Quando Graça estava com 6 anos, seu pai morreu de problemas cardíacos, e a família ficou muito só; Zenaide traz sua mãe, já adoentada, para morar com elas, no fundo de sua casa.

Zenaide relata que este período foi extremamente sofrido para elas. Por um lado, nunca se preocupou com os negócios da família e não sabia como cuidar dos bens e dos aluguéis. Por outro lado, relembra que Graça era pequena e que ficou muito triste com a perda do pai, na escola se isolava das colegas, ficando no canto. A psicóloga da escola recomendou uma terapia que segundo a mãe ajudou muito.

Procuraram ajuda do advogado da própria imobiliária para cuidar dos aluguéis. Este mesmo advogado fez o inventário da família e, mais tarde, Zenaide descobriu que o falecido marido não havia feito testamento, assim como a situação do casamento não era legal os imóveis e dinheiro em conta ficaram todos como herança somente da filha. Achou que não deveria contar à ela sobre esta situação. Mais tarde, Graça veio a saber, pelo advogado, e sentiu-se enganada. Zenaide ficou muito aborrecida e desconfiada do advogado, pois achava que teria direito sobre a herança. Dessa maneira Graça teria direito a receber toda herança, quando completasse 18 anos. Esta situação foi de muito sofrimento para Zenaide, que sentiu que dependeria da

filha no futuro. Atualmente, Zenaide não dispõe de renda e nem de bens. A renda com que a família vive é devida aos aluguéis e uma renda que gira em torno de R\$ 3000,00. Portanto, não se trata de uma família de baixa renda, mas atualmente está vivendo com R\$ 800,00, devido à falta de pagamento dos impostos dos bens que Zenaide disse não ter pago por falta de dinheiro. Quando o Sr. José faleceu, a casa da família estava em reforma; segundo Zenaide, os gastos foram altos e tiveram, nessa mesma época, problemas com inquilinos, portanto, não teve renda para pagar impostos. Atualmente, fez uma negociação para pagá-los. Mais de dois terços da renda recebida está sendo encaminhada para acertar as dívidas, o que é um ponto de conflito familiar, pois Graça reclama e briga com a mãe por estarem sem dinheiro e ela não poder comprar alguma roupa. Também o fator financeiro tem sido usado pela mãe como um obstáculo para as eventuais saídas de Graça.

Para Zenaide, sempre ela e sua filha tiveram bom relacionamento, mas agora brigam muito e se ameaçam. Segundo a mãe, isso está acontecendo por causa da adolescência da filha. A mãe não permite que ela saia de casa e não aceita suas amizades; a filha ameaça, dizendo que, quando receber sua herança, vai sumir no mundo e não vai à escola, causando uma aflição grande na mãe.

Graça diz que sua vida assim não tem sentido. Quer ter amigos e sair com eles. Algumas vezes mente para a mãe e fica conversando com pessoas em chat de conversas, trancada no seu quarto.

Graça estuda em escola particular, mas não gosta da escola, pelo fato de ter somente seis colegas na classe. Gostaria de estudar em uma escola maior. Zenaide também tem dificuldades nessa escola. Sente que as professoras não a tratam bem pelo fato de ela ser negra. Percebe o preconceito nas reuniões de pais mas, ao mesmo tempo acredita que escola particular é melhor do que as outras. Incentiva a filha a estudar, dizendo que ela estudou pouco e também o pai de Graça, que não teve chance de estudar em vida. Graça falta constantemente às aulas, deixando a mãe revoltada.

No decorrer do processo terapêutico, Graça convidou amigos para irem em sua casa, e relata que a mãe é agressiva com ela, principalmente na frente dos colegas. Trata mal seus amigos e a inferioriza diante de suas amigas. Rasgou suas roupas porque diz que são provocativas. Graça passa a falar mais

nas sessões de terapia, e a contar sobre um namoradinho que foi na casa dela pedir à mãe consentimento para o namoro e esta ficou muito brava e o tratou mal, dizendo que não estava de acordo com o namoro da filha. Zenaide diz que não confia em ninguém, que sentiu que o advogado a enganou. Relatou que no momento que estava muito necessitada de dinheiro, pediu ao advogado para liberar algum dinheiro da conta do Sr. José, que estava em juízo como herança da filha. Deu uma procuração mais ampla para o advogado e este liberou o dinheiro para ajudá-la naquele momento. Segundo ela, ele não a advertiu que deveria prestar contas do dinheiro para o Juiz e ela nada fez. Em função disso, recebeu uma intimação judicial para prestar contas. Procurou outro advogado da igreja Evangélica para ajudá-la e disse ter sido ameaçada de perder a guarda da filha por uma funcionária do Fórum. Atualmente, dispensou os advogados e disse que o último estava seguindo sua filha, pois a viu molhada na rua em um dia de chuva, na porta de casa, e espalhou pelo bairro que ela estava drogada e era mal cuidada pela mãe. Disse desconfiar de todos, inclusive da terapia, e depois da quarta sessão solicitou a interrupção das gravações dos atendimentos.

Em muitas situações, Zenaide se coloca como uma pessoa ingênua, que fez besteiras como não negociar e não pagar os impostos dos bens da filha, alegando não saber nada sobre isso, mas ao mesmo tempo constata que, se não pagasse, a filha, ao receber seu patrimônio aos 18 anos, teria de acertar as contas, que estariam próximas ao valor comercial de seus bens. Portanto, teria que vendê-los para saldar suas dívidas.

Observações do processo terapêutico

Inicialmente, a proposta da terapia foi conhecer a história familiar e os conflitos vividos. Houve, por parte das terapeutas, preocupação com a adolescente que estava deprimida e com muita raiva da mãe. Nosso receio era de que Graça saísse de casa e também sentimos medo de suicídio. Fomos investigando além da história familiar, criando um espaço de reflexão desse sofrimento de uma adolescente muito presa em casa. Assim, começou a haver

um movimento da mãe, deixando a filha sair um pouquinho com amigos para ir a lugares como o Shopping Center. A partir daí, fomos percebendo a filha mais comunicativa, com uma expressão menos angustiada e depressiva. Relatava conversas com amigos e muita vontade de namorar. Ao mesmo tempo, fomos pesquisando a história de Zenaide antes e depois da morte do marido. Todas as situações vividas, inclusive as relacionadas com a herança deixada pelo pai de Graça, não faziam parte das conversas entre mãe e filha e havia muitas lacunas nessas conversações. Partimos de uma hipótese que essa herança havia sido extremamente dolorosa para Zenaide e podia também ser destruída por ela que, de uma forma aparentemente inconsciente, levou os bens à situação de risco. Assim, a filha estava em risco e a herança também. O foco terapêutico nesse momento foi destrinchar a situação vivida e essa história, em muitos momentos, pareceu um enigma a ser desvendado. Existia uma violência intensa pouco clara na situação familiar que ficou mais clara quando foi possível conversar sobre a vida dura vivida por Zenaide, com dificuldades financeiras, com a fase da adolescência pouco vivida, pois necessitou trabalhar desde menina. A vivência da sexualidade também foi reprimida e pouco vivida em um casamento com um homem de 68 anos. Outra violência sentida foi não receber parte dos bens do marido. Já sua filha, uma adolescente herdeira, rica segundo a família, bonita, jovem, com pele clara, querendo viver a fase da adolescência de forma diferente do que a mãe deseja e que precisa ser impedida. Assim a mãe a prende em casa, algumas vezes destrói suas roupas e quase a faz perder seus bens, deixando de pagar os impostos.

FAMÍLIA CASTRO

Legenda:

Z- Zenaide, mãe

G- Graça, filha

J- Sr. José marido de Zenaide e pai de Graça

Descrição de significado visualizada em negrito

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO: o colapso da conversação	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
<i>Z - Ela não quer mais escutar. < mãe reclama que a filha não a escuta e não a obedece></i> <i>G - Ela não deixa eu namorar. Ela é brava e não consegue falar assim.... ter um diálogo com ela. Ela começa a gritar.(...) Ela não sabe conversar, faz um escândalo. < filha reclama que a mãe não estabelece um diálogo e faz escândalo ></i> <i>Z - Eu não falo abertamente como a senhora(terapeuta) . Eu tenho dificuldades de falar do assunto .<a mãe confirma dificuldade para falar de sexualidade></i> <i>Z - Por isso nosso desentendimento. Ela não me ouve.< desentendimento causado pela dificuldade em ser ouvida pela mãe></i> <i>G - Eu precisava falar com alguém. Por isso entrava em Chat Amizades. < filha relata sua necessidade de comunicar-se e relacionar-se com alguém></i> <i>Z - É isso. Parece que quanto mais eu falo “não” , mas eles querem.< para a mãe, a negativa incentiva o desejo></i> <i>Z - Eu não gosto de falarmas.... a gente começa a bater boca e a gritar. < mãe relata o desespero e os gritos na comunicação ></i> <i>Z - Eu sinto que ela melhorou, ela gritava e eu alterava e as duas não conversavam.< mãe relata a melhora na comunicação com a filha></i>	Dificuldade em falar e ouvir o outro: a expressão do colapso
<i>Z - Eu, às vezes, não queria fazer o serviço(trabalho na roça). Aí eu apanhei demais, mas agradeço. Eu sentia que era amor. Minha mãe me educava muito bem. < a mãe recorda de fatos da infância e qualifica o bater como forma de educar e de obedecer></i>	Falta de reflexão sobre a história familiar.
<i>Z - Eu acho que como ela tem a herança dela, não pensa em estudar e trabalhar. Quando ela fizer 18 anos,ela recebe tudo que o pai deixou. Esse assunto é difícil. É nosso maior problema. Agente nunca falou isso. < para a mãe é difícil e perigoso falar sobre a herança da filha ></i> <i>Z - Eles namoram e se encontram escondidos.(...) Ela não fala nada para mim. < mãe diz que a filha esconde seu namoro e outras coisas></i> <i>Z - Eu nunca tive ninguém. Eu já tive uma decepção com um rapaz que eu gostava muito. Eu nunca contei para ela,não é necessário. < mãe não acha necessário falar sobre seus relacionamentos com a filha></i>	“O não dito”: Temas de difícil comunicação.

MITOS E CRENÇAS: TENTATIVAS DE EXPLICAR O INEXPLICÁVEL	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
Z - <i>Eu nunca tive ninguém. Eu já tive uma decepção com um rapaz que eu gostava muito. Eu nunca contei para ela, não é necessário.</i><mãe acredita que falar para a filha sobre suas vivências e sobre sua decepção amorosa não é necessário> Z - <i>Eu não falo abertamente.(sexualidade) Eu sou Evangélica.</i><Para a mãe, não se deve falar de sexualidade sendo Evangélica.	Mitos sobre a comunicação
G - <i>Estou sim. Eu mudei , mas ela quer que eu fique sempre criancinha dentro de casa. A gente muda não que eu sou uma adulta. Eu ainda sou nova , mas não sou mais criancinha...</i>< filha reclama por ser infantilizada pela mãe>	Mitos reforçadores da violência

FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS INTERPESSOAIS	
Citações – atendimento à família	Sub categorias
G - <i>Não é porque eu estou rebelde, é que ela não deixa eu fazer nada. Ela não deixa eu sair com amigas, ir ao Shopping.</i>< filha reclama de não poder sair com amigas e ficar sempre em casa> G - <i>Minha mãe não gostava dela. (amiga) Ela ia me chamar e minha mãe falava que eu não estava. E é a única amiga, porque a rua que eu moro é comércio e não tem gente para ser amiga. Ela não deixava eu sair e eu ficava em casa e queria conversar com alguém. Eu queria conversar e então entrava no Chat Amizade. < filha relata que a mãe a afasta das amizades e relacionamentos e que a saída ficou sendo a internet ></i> Z - <i>Ela me obriga a dar dinheiro e me ameaça dizendo que vai dizer que eu deixo ela passar fome.</i>< mãe se diz ameaçada pela filha, forçando-a a lhe dar dinheiro> Z - <i>É de fato porque ele (pai de Graça) deixou tudo para ela e ela diz, quando a gente briga, que vai embora e vai levar o dinheiro com ela. < filha ameaça abandonar a mãe></i>	O poder pela violência

G - Não é porque eu estou rebelde é que ela não deixa eu fazer nada. Ela não deixa eu sair com amigas, ir ao Shopping.< filha é impedida pela mãe de relacionar-se > G - Minha mãe não gostava dela. (amiga) Ela ia me chamar e minha mãe falava que eu não estava. E é a única amiga, porque a rua que eu moro é comércio e não tem gente para ser amiga. Ela não deixava eu sair e eu ficava em casa e queria conversar com alguém. Eu queria conversar e então entrava no Chat Amizade.< filha relata que a mãe mente e expulsa suas amigas e só pode ficar em casa > Z - Ela é agressiva com palavras, fala alto. Eu também.< mãe e filha se agridem com palavras> Z - O pai dela era loiro e ela também. Sempre acharam que eu era empregada dela.< mãe relata sua vivência com o preconceito de cor > Z - Nunca pensei que ele se casaria comigo.< mãe não acreditava que o marido português poderia se casar com uma negra pobre> Z - Ela precisa aprender... Não sei se ela aprende. < mãe não acredita no potencial de aprendizagem da filha na escola >	Abusos e violência familiar frequente
Z - Eu às vezes não queria fazer o serviço (trabalho na roça). Aí eu apanhei demais, mas eu agradeço. Eu sentia que era amor. Minha mãe me educava muito. < D. Zenaide qualifica a forma de educar de sua mãe>	Negação da violência vivida.
Z - Eu vi a agenda dela a aí..... Eu quero ver ela bem.< mãe espiona a agenda da filha > G - Eu não fiz a lição dois dias, mas eu esqueci de fazer lição e não é para ela mexer. <Filha reclama que a mãe espiona suas coisas> G - É eu sei.... ah... porque sei lá.... é por causa daquele caso do meu namorado... ela falou todas aquelas coisa para ele. < filha estava muito brava com a mãe, por tratar mal seu namorado, e se vingava, não indo à escola> Z - Eu não confio em ninguém. <mãe não confia> Z - Este namorado dela (filha) viaja muito, pelo trabalho, e ontem ela estava preocupada que ele estava no litoral.<a mãe diz que sua filha desconfia do namorado quando ele viaja > T - Você confia no seu namorado? G - Não.<filha também não confia >	Indicadores de risco.

SEGREDOS: AS CONOTAÇÕES DO VISÍVEL E DO INVISÍVEL	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
Z - No papel pode ser que seja dela , mas eu acho que eu tenho parte disso. Eu sou mãe e pai. Que ela não sabe nada disso direito. < mãe relata que, apesar de a herança ser da filha, também tem direito. A filha sabe pouco	Silêncio: a garantia da

deste assunto> Z - <i>Eu nunca tive ninguém. Eu já tive uma decepção com um rapaz que eu gostava. Eu achei que não era necessário. < mãe silencia sua história de decepção amorosa></i> Z - <i>Eu não falei que a herança era dela.< mãe silencia sobre a herança deixada somente para a filha ></i>	invisibilidade
G - <i>Daí, quando ela(mãe) chegou em casa e viu que ele(namorado) estava em casa e ela falou aquilo tudo para ele, ele foi em casa outro dia para falar comigo e eu pedi para ele falar para minha mãe que a gente não ia namorar mais. < filha relata a dificuldade no encontro de sua mãe com seu namorado e do seu desejo de parar a crise com a mãe ></i> G - <i>Ele(namorado) queria conhecer ela e ela não devia ter dito aquilo tudo. Depois ela conversava comigo.. Mas ela fez escândalo.< mãe faz escândalo com o namorado da filha ></i> G -<i>Quando ela fala estas coisas para mim. Ela me trata como pequena . Eu tenho 16 anos é difícil. < filha expõe dificuldade de se sentir infantilizada></i> Z - <i>Porque ...bomé quequando entrou a nova diretora da escola dela, eles achavam que ela não era minha filha, porque ela é clara como o pai. Sempre acharam que eu era empregada dela.< mãe expõe a dificuldade gerada pela diferença de cor com sua filha e preconceito vivido ></i>	Vergonha: visibilidade indesejada.

INTERGERACIONALIDADE: lealdade e tradição familiar da violência.	
Citações - atendimentos à família	Sub categorias
Z - <i>Eu não confio em ninguém. <mãe não confia em ninguém></i> G - <i>Não é porque eu estou rebelde é que ela não deixa eu fazer nada. Ela não deixa eu sair com amigas, ir ao Shopping.< mãe não deixa filha sair de casa></i> Z - <i>Eu contei aqui já, que eu não gosto de sair e quando ela era pequena a gente ficava muito em casa. < mãe não gosta de sair de casa ></i> Z - <i>Ela dizia que eu era nervosa, que eu chorava e fazia birra. Mas com a idade dela(filha) eu era uma menina adolescente calma. Quem era rebelde era minha irmã e sempre deu problemas para minha mãe. Na minha criação, era o seguinte, da escola ia para roça trabalhar, ajudar a família na roça. Eu às vezes não queria fazer o serviço. Aí eu apanhei demais, mas eu agradeço. Sabe, não saía sangue, era com vara de marmelo, não ficava hematomas, mas minha mãe lavava com água e sal Eu sentia que era amor. Minha mãe me educava muito bem Eu aprendi muito. < para a mãe é importante ser calma, e obediente. A mãe pode bater para educar, e é uma forma de amor></i> Z - <i>É isso. Parece que quanto mais eu falo “não” , mais eles querem.< mãe se refere aos adolescentes que não aceitam o não></i> Z - <i>Ela não quer mais escutar.(....) Eu acho que a Graça quer passar por cima</i>	Aprendizado na família

da minha autoridade.(....) Os diretores da escola já me disseram que eu tenho que ter autoridade. Eles pensam que quem manda é a Graça. < mãe reclama que a filha não quer obedecê-la e pode estar perdendo a autoridade >	
Z - Este advogado, depois de 9 anos, ele me tratava mal.... (choro) era difícil para mim. Vocês entendem? Eu confiei nele e fiquei com ele 9 anos. No início ele tratava bem, depois ele me agredia com palavras.< homens não são confiáveis> G - Lá eu só tenho amizade com uma menina (escola) , porque tem mais meninos que meninas. Eu tenho amizade com os meninos , mas só na escola.< Graça demonstra receio nas amizades masculinas> Z - . Eu já tive uma decepção com um rapaz que eu gostava. < homens podem decepcionar> Z - É de fato porque ele (marido) deixou tudo para ela(filha). < O marido deixa a herança toda para filha > Z - Eu às vezes não queria fazer o serviço. Aí eu apanhei demais, mas eu agradeço. Sabe, não saía sangue, era com vara de marmelo, não ficava hematomas, mas minha mãe lavava com água e sal Eu sentia que era amor. Minha mãe me educava muito bem Eu aprendi muito. < a mãe relata que quando não obedecia sua mãe, apanhava>	Relações de gênero e poder.
Z - Não porque estava acontecendo assim..... problemas entre ela e eu , entre nós. Ela não quer mais escutar. Então eu fiquei muito preocupada com isso e queria procurar..... eu conversei com uma amiga da Igreja.... eu sou Evangélica. Ela disse: – eu vou te dar o telefone do Conselho Tutelar , você vai lá e conversa o que está acontecendo. < escutar significa obedecer> G - Não é porque eu estou rebelde, é que ela não deixa eu fazer nada. Ela não deixa eu sair com amigas , ir ao Shopping. < filha demonstra sofrimento por não poder ter amigas, passear etc. - aprisionada pela mãe>	Pedido de socorro: o drama se repete.

VIVÊNCIAS FAMILIARES : denominador comum das histórias de sofrimento	
Citações - atendimentos à família	sub categorias
Z - O maior problema foi o inventário dele. Toda a herança dele ficou para ela < perda do marido e da herança> Z - Nós vivemos juntos quase 10 anos. Com 84 anos, ele começou a ficar doente, com deficiência cardíaca e falta de ar . Eu fiquei viúva com 37 anos. < doença e morte do marido e de um relacionamento de 10 anos> Z - Eu acho que a figura do pai e da mãe é importante na formação, no crescimento da criança, e ela teve ele até 5 anos, Ela sentiu falta. Ah e eu também, muita falta, porque ele era uma ótima pessoa. < mãe relata a falta do marido e pai para a filha, um bom homem >	Os lutos: perdas , mortes, separações

Z - <i>Eu era pobre , vivia na roça.(....) de fato, eu não tinha nada. Só meu trabalho.< mãe se refere à pobreza vivida na sua família de origem e o valor do trabalho ></i>	Pobreza: uma das vulnerabilidades
	Drogas: um perigo
Z - <i>Ela viu ele (pai) morrendo. Eu acho que ela ficou com trauma. < para a mãe, o fato de a filha ter visto o pai morrendo, pode ter causado um trauma ></i> Z - <i>Segundo o advogado que fez o inventário, ele diz que quando eu fui morar com o pai dela eu não tinha nada. De fato, não tinha nada. Só meu trabalho. Eu estranhei que não colocou meu nome como uso-fruto e estava tudo no nome da menina.< mãe relata o estranhamento de toda herança do marido ter ficado para filha, sem uso- fruto dela></i> Z - <i>Eu não tive ninguém. Eu tive uma decepção com um rapaz que eu gostava muito. Demorou muito para apagar tudo aquilo, cicatrizar feridas. Hoje eu tenho lembranças que não me afetam muito. (choro) < mãe relata seu sofrimento e dor por decepção amorosa ></i> Z - <i>Este advogado, depois de 9 anos, ele me tratava mal.... (choro) era difícil para mim. Vocês entendem? Eu confiei nele e fiquei com ele 9 anos. No início ele tratava bem, depois ele me agredia com palavras.< o relacionamento com o advogado e o inventário foi traumático e quebrou a confiança ></i>	O corpo se expressa: dor, traumas

Reflexões a partir das categorias: FAMÍLIA CASTRO

Na família de Zenaide e de Graça, podemos observar muitas dificuldades de comunicação. Existe uma queixa entre mãe e filha de não ouvir e compreender o que cada uma fala. Para a mãe, o fato de a filha não obedecer significa que ela não a ouve. O ouvir significa obedecer. A maneira como conversam é através de brigas, gritos de forma escandalosa e muitos temas de conversas são proibidos, como a sexualidade e a herança do pai de Graça. Esses temas bloqueiam a comunicação e são ameaçadores para a família. Os assuntos relacionados com o namoro da filha, amigos, a vida amorosa de Zenaide e a herança do Sr. José, são temas pouco abordados e envolvidos de segredos e mitos. Zenaide parece refletir sobre sua história, mas de forma rígida, seguindo os modelos de sua família de origem. Considera que a maneira como foi educada era boa e deve ser perpetuada, mesmo observando as diferenças entre ela e sua filha, contexto de vida e tempo.

Alguns mitos relacionados à comunicação estão presentes na maneira de comunicar da família. Sexualidade é um tema proibido e está, segundo Zenaide, apoiado nas crenças da Igreja Evangélica. Ao mesmo tempo, situações de decepção amorosa vividas no passado podem ser vistas como vergonha, como fracasso e também não devem ser conversadas.

Os mitos sobre a comunicação se apóiam em um mito reforçador da violência, ou seja, o fato de a mãe desqualificar sua filha, tratando-a como uma criancinha que tem dificuldades para aprender, que é mentirosa, que não deve ser levada a sério e nunca poder ser independente.

Ficam muito evidente a fragilidade dos vínculos interpessoais, o poder pela violência e a violência familiar frequente. O sistema familiar se organiza de forma a aprisionar filha, e mãe e avó materna. A avó doente há alguns anos aprisiona Zenaide que, segundo ela, é muito caseira e não gosta de sair de casa. Graça se sente aprisionada pela mãe, que não aceita que ela possa ter amigos, namorado, querer sair e passear. Assim, aparecem mãe e filha se ameaçando. No início da terapia, Graça estava muito deprimida, sua ameaça era de morte e, depois de saber a respeito da sua herança, a ameaça passou a ser de abandonar a mãe e a avó. Também faz ameaças, pedindo dinheiro para a mãe quando quer roupas novas e sua mãe muitas vezes a ameaça com

doenças. São muitas ameaças, algumas veladas e outras que aparecem claramente nas brigas e gritos da família.

A raiva da filha por não poder ter seus amigos é intensa, e a raiva de Zenaide da filha poder viver uma vida diferente da que ela viveu, com mais oportunidades e com facilidade financeira, também está presente nas entrelinhas dos discursos. O fato de a filha ter recebido a herança integral gera muita raiva por parte da mãe e medo de ser dependente da filha no futuro. Acredito que, em função desse sentimento de raiva relacionado à herança, Zenaide deixou de pagar impostos dos bens de sua filha e, em função disso, quase que a dívida dos impostos ultrapassou o valor dos imóveis; decorrente desse fato, Graça poderia perder seus bens quando recebesse sua herança. Mas, quando o advogado do inventário percebeu, foi feito um parcelamento dos pagamentos para saldar as dívidas e Zenaide, hoje, responde ao um processo em que precisa apresentar para o Juiz um levantamento dos gastos da família e as razões pela falta de pagamentos dos impostos.

Nessa família, tanto a mãe como a filha lutam pelo poder. Em função da herança ter sido direcionada para Graça, Zenaide perde muitas vezes sua autoridade e luta para recolocá-la por meio de ameaças e boicotes.

A violência familiar aparece no cotidiano. Zenaide impede sua filha de encontrar com amigos, e afasta os que procuram Graça. Ambas são agressivas com palavras e se desqualificam.

Outro tipo de violência que surgiu está relacionada ao preconceito de cor. Na escola, os vizinhos duvidam que ela seja mãe de Graça por ser negra e a filha, branca. Tratam Zenaide como se fosse a empregada, e ao mesmo tempo Zenaide também se coloca nesse lugar e em casa se sente empregada de sua filha.

Na família, observo que aparece uma certa negação da violência vivida. Parece haver confusão entre violência e educação. De certa forma, existe um valor em apanhar como forma de educar. É minimizada a violência materna. Alguns indicadores de risco foram levantados, como : falta de respeito e direito à privacidade da filha. A mãe tem o hábito de ler a sua agenda e anotações. O desejo de vingança da filha em relação à mãe também aparece como um risco de violência e, principalmente, a forma como foi conduzida a herança, em que se enfatiza o poder da filha em detrimento da mãe. A falta de confiança de

Zenaide em qualquer pessoa também pode ser um risco para manter a violência familiar.

A intergeracionalidade da violência é um ponto forte nessa família. As lealdades à família de origem materna são marcantes e vividas como leis, impedindo a reflexão do vivido. Existe o pensar, mas não a reflexão, porém a impressão que fica é que não se pode mudar. A autoridade de mãe, se questionada, era sempre punida, portanto obedecer também era uma lei. Trabalhar também era visto como lei. E a violência aparece quando Zenaide vê que sua filha não está pensando ainda em trabalho e diz querer viver de rendas; por um lado, existe um desejo de mãe, de ascensão social e ao mesmo tempo de lealdade à cultura de sua família de origem.

A figura masculina, na família de origem de Zenaide, era assustadora e pouco confiável. Seu pai era um homem violento com os filhos, e sua mãe também, porém a violência materna possuía o objetivo de educar. Outras figuras masculinas também trouxeram sofrimento e confirmaram a desconfiança e o receio do homem. Sr. José, seu marido, foi considerado um bom homem e marido até a notícia da herança. Assim, em função deste fato, Zenaide se sentiu pouco cuidada por ele. O homem, portanto, é visto como alguém que abandona, que trai e que desprotege. A filha, em muitos momentos, também crê na traição do homem.

O contexto de vida dessa família foi muito diferente daquele vivido na família de origem de Zenaide. Depois do casamento com Sr. José, Zenaide pára de trabalhar fora de casa e vive em um meio social mais elevado do que o anterior.

Considera que a morte do marido foi um trauma para ela e para a filha, ocasionando vulnerabilidade para ambas. A partir da morte, tiveram de enfrentar muitos problemas e situações difíceis. Para Zenaide, essas cicatrizes são difíceis de apagar e ficam marcadas no corpo. Durante esse tempo sofreu vários problemas de saúde, e a filha precisou de um psicólogo porque ficava muito quieta e isolada em um canto. Outra situação muito dolorosa foi quando teve uma decepção amorosa e problemas com o advogado do inventário.

VIII - A CO-AUTORIA DA VIOLÊNCIA: SISTEMAS QUE SE INTERCONECTAM.

Compreender a violência sob a ótica sistêmica é considerar os sistemas que se inter-relacionam, deste modo, a responsabilidade da violência familiar não é somente do indivíduo e da família, mas também da sociedade. Assim, podemos dizer que os sistemas são co-autores da violência: a sociedade ao adotar uma postura de muita flexibilidade e tolerância à violência, deixando de cumprir um importante papel social de cuidado e proteção às famílias e indivíduos; a família, que também pode manter e incrementar o padrão de relação com violência; o indivíduo ao realizar a ação.

Nesta pesquisa direciono o olhar para as vivências familiares que colaboram na co-construção da violência, no entanto, a intenção não é minimizar a responsabilidade do contexto social nessa co-autoria.

Nas três famílias atendidas, a violência esteve presente de formas distintas. Na família Almeida, a vivência constante de abusos - sexual desde a infância, financeiro e no trabalho - acarretou traumas familiares. Estes podem ser observados através de alguns sintomas como perda da memória, dores no corpo, dificuldade na percepção e na capacidade de reflexão sobre os fatos e emoções vividas, assim como prejuízo nas relações familiares, favorecendo a repetição de situações do passado na geração atual, o que contribui para intensificar as dificuldades no vínculo mãe e filha.

Na família Borges, foram marcantes as ocorrências de violência física intensa, as tentativas de suicídio e ameaças aos familiares, que criaram um sistema organizado pelos traumas vividos. A comunicação, em muitos momentos, foi perigosa por poder gerar mais violência e, ao mesmo tempo, as situações nebulosas evitaram a percepção dos fatos e suas definições. A dupla comunicação³ também foi freqüente na família, ocasionando uma situação nomeada como “sem saída.”

Na família Castro, a violência apareceu de modo mais sutil, na forma de desqualificação, aprisionamento e infantilização, encoberta pelo discurso de

³ A dupla comunicação caracteriza-se pela presença de duas mensagens contraditórias em níveis lógicos e hierárquicos distintos.

proteção e de educação. Porém, os traumas da morte, do preconceito racial e a ausência de proteção financeira criaram segredos entre mãe e filha, dificuldades na comunicação, na percepção do outro e na diferenciação. O processo de reflexão também se tornou uma ameaça, pela possibilidade de clarear as situações nebulosas que possibilitam a manipulação. O diálogo, por sua vez, favorece o relembrar de histórias e emoções, mas devido ao fato de existirem traumas familiares, esta, como outras famílias, para evitar o sofrimento e o sentimento de vergonha e fracasso, evitam o diálogo e a intimidade familiar.

Nas três famílias, surgiram temas de maior dificuldade de comunicação, calcados por mitos e crenças familiares, como: - *“Não se fala de abuso sexual para mãe”* (família Almeida) - *“Eu nunca deixei que ele soubesse.”*(família Borges) - *Eu não podia ter outro para ele.”*(família Borges). Falar sobre abuso sexual é muito difícil. Esclarecer a paternidade do filho vinda de um relacionamento relâmpago pode autorizar a repetição do comportamento, já que, segundo as três famílias, conversar sobre temas e histórias vividas pelas mães e pais favoreceria a repetição de modos de agir e de maneiras de relacionar-se nas novas gerações.

Para essas famílias, transmitir a informação sobre os fatos pode ser compreendida como uma autorização para aquele comportamento. Ao mesmo tempo, ficou evidente, nesta pesquisa que o não conversar sobre fatos vividos e a falta de reflexão sobre eles favorecem a repetição das situações nas gerações subsequentes. Essa visão é um contraponto à crença das famílias. Sintetizando a idéia: não basta informar, mas é necessário pensar, conversar e refletir em família para haver um descolamento da situação vivida. Nesse caso a reflexão é o pensar sobre o pensar, numa posição questionadora sobre a situação vivida.

Analisando as três famílias participantes, podemos observar, a partir das categorias e subcategorias construídas a partir das narrativas, que a dificuldade na comunicação familiar é geradora e mantenedora da violência. Ficou muito transparente a impossibilidade das famílias em ouvir o outro, falar sobre sentimento e refletir sobre o que ouviam e o que foi dito. A partir do aprendizado da comunicação dialógica na terapia, ocorreram mudanças significativas no padrão de funcionamento familiar. Nesta pesquisa ficou realçada a necessidade de diálogo e reflexão da família sobre sua história e

traumas vividos, que funcionam como facilitadores do descolamento dos comportamentos e maneiras de agir aprendidos na família de origem, para não serem reproduzidos automaticamente. Conseqüentemente, surge um novo modo de agir diante das situações vividas e as famílias tornam-se capazes de proteger seus descendentes e de escrever uma nova história.

Quando se cria um espaço de conversação na família, com a escuta atenta sobre o que foi dito, o pensamento, o diálogo e a reflexão, cria-se um contexto que possibilita novas experiências e significados para as situações vividas e a mudança do sistema familiar apresenta-se como consequência dessas conversações. Esse espaço favorece a existência do outro, a diferenciação dos membros familiares e protege a família de possíveis situações de violência, tanto interna como externa. É um espaço de intimidade que favorece a troca de descrições e explicações que proporcionam uma base mais ampla de escolhas, para que as pessoas possam tratar de forma diferente as situações da vida.

Retomando o tema da comunicação, algumas idéias foram surgindo: quando ouvimos e refletimos sobre o que o outro diz, podemos nos perceber através do relato desse outro e, ao mesmo tempo, quando falamos, também nos percebemos enquanto sujeito. Quando existe uma conversação com escuta, com o pensar, o diálogo e a reflexão, a imagem que me vem é de um contínuo abrir de portas e descobertas de recintos não visitados.

A partir de uma simples conversa, pode-se criar um universo de percepções e lembranças. Não saberia dizer o que ocorre primeiro: se nos percebemos mais no ouvir o outro ou no falar; mas acredito que a relação estabelecida na conversação favorece sua continuidade e é essencial neste processo de descoberta. Para Goolishian (1998), a linguagem é a matriz de todo entendimento humano e a psicoterapia pode ser entendida como um espaço para a atividade lingüística, na qual as conversações a respeito de um problema geram novas experiências e novos sentidos.

Assim, enfatizo a importância da terapia familiar ensinar as famílias a conversarem de forma respeitosa e estabelecerem o diálogo como meio de comunicação. Considero importante que as famílias conheçam o valor do diálogo e da reflexão como forma de resolverem seus dilemas e como prevenção de violência e de outros sintomas na família.

Nesta investigação pude sentir intensamente a dificuldade das três famílias vítimas de muita violência, na construção de vínculos afetivos. A meu ver, as vivências de intensa violência envolvendo figuras importantes como pai e mãe comprometem a possibilidade de se criar laços afetivos seguros, confiança nas relações, na vida e no desejo de ser dono de sua história. O relembrar de fatos muito dolorosos, como os abusos e outros tipos de violência é um processo de intenso sofrimento, em que os membros da família necessitam apegar-se em algo que considerem bom, que traga alguma lembrança de proteção, afeto e cuidado, mesmo que a experiência não seja necessariamente protetora. Ou seja, existe a ambivalência quanto aos sentimentos em relação ao agressor e negação da violência vivida - a valorização do poder pela violência, a supervalorização da figura materna mesmo nas situações de abuso, o valor da violência como forma de educar.

São crenças que surgem como barras de suporte ou sustentação para se apoiar e são tão fortes e compartilhadas entre os membros familiares que se assemelham a mitos reforçadores que mantêm e reforçam a violência pelo fato de fazerem parte da construção familiar e terem sido aprendidos nas gerações anteriores.

Assim, o poder da intergeracionalidade na violência familiar é muito intenso. Situações de abuso, de agressões físicas e mortes foram aprendidas nas famílias e mantidas por lealdades familiares e por mitos reforçadores da violência, como: o poder de transgredir a lei visto como valor; a coragem; e uma maneira de diferenciação que protege e desprotege. A ambivalência de sentimentos é uma constante: aparecem o medo, o sofrimento, a vergonha das situações vividas e, paradoxalmente, aparecem a coragem e a força na sobrevivência dessas situações limite.

Desse modo, fica evidente a fragilidade dos vínculos interpessoais na base das relações familiares vindas de outras gerações e mantidas na geração atual. Segundo a teoria de apego de Bowlby (1990), é um indicador de padrão de apego inseguro ou evitador. Esse modelo representacional já é visto como negativo pela alta frequência de situações vividas como rejeitadoras, perigosas e inconsistentes, o que favorece a baixa auto-estima e pouca eficiência para conseguir apoio e atenção.

O vínculo estabelecido nos atendimentos com as famílias foi construído com dificuldade. Com a família Almeida, foi possível estabelecer um vínculo frágil. Em muitos momentos, a família faltou e não avisou. Interromperam e voltaram. Com a família Borges, também ocorreram algumas dificuldades denunciadas pelos filhos, que faziam de tudo para faltar às sessões de terapia. Com a família Castro, foi necessário interromper as gravações no decorrer dos atendimentos por falta de confiança da família em relação aos terapeutas.

Em todas as famílias, o sexo masculino é visto como ameaçador e o sexo feminino como refém do silêncio. A falta de proteção materna em relação à violência só pode ser compreendida no decorrer do processo terapêutico. A negação do papel da mãe no jogo da violência serve de suporte emocional para se agarrar, ou seja, supervalorizar a figura da mãe serviu nessas famílias como um porto seguro. A compreensão sistêmica da violência vivida pelas famílias, ao explicitar que cada membro possui responsabilidades distintas é geradora de um processo doloroso e difícil que quebra com a visão de supervalorização da figura materna. É um processo necessário para revisar, desconstruir e impedir a perpetuação da violência familiar.

Nesta trama da violência, os segredos são freqüentes e diferenciados: os segredos das situações de violência vividas causadores de vergonha e dor e os segredos de fatos e acontecimentos que não podem ser compreendidos pelos familiares, por serem ameaçadores de violência. Exemplo disso, a necessidade de Rosa (família Borges) esconder de seu ex-marido, seu novo relacionamento.

Um outro tema levantado nas três famílias e trazido como um grave problema gerador de violência foi a “obediência”, ou seja, a autoridade familiar. As famílias relataram uma luta diária para que os filhos as obedecessem. Segundo elas, obedecem, somente com violência - tapas, ameaças e castigos. Em alguns casos com sucesso, mas, na maioria das situações, sentem-se fracassadas.

Pensando sobre o tema da obediência, a partir dos atendimentos compreendi que, inicialmente para as mães, o obedecer assegurava seu poder e seu lugar de autoridade na família e para os filhos, obedecerem à mãe, significava serem bobos e fracos. A situação assemelhava-se a uma luta de poder, todos queriam mandar na família e ninguém queria obedecer. Por outra

perspectiva, existia a importância e necessidade de obedecer às regras como forma de ensinar os valores, o padrão de funcionamento familiar e a manutenção das lealdades. Mas, como se tratava de famílias com violência, eram freqüentes as duplas mensagens de todos os membros familiares - queremos seguir modelos da família e ser leais a ela, e ao mesmo tempo não.

Desse modo, havia uma ambivalência quanto aos sentimentos e mensagens, além de ambigüidade para seguir as leis da família. Como nelas existiam dificuldades na comunicação e a falta de respeito em relação ao outro, as ordens não podiam ser cumpridas. Não havia uma compreensão das regras a serem seguidas por parte das mães, nem por parte dos filhos e a tônica era a desobediência. A partir do momento que a família passou a dialogar e a conhecer sua história, a respeitar o outro e reconhecer as dificuldades que viveram no passado e presente, foi possível criar leis e regras a serem seguidas e que possuíam um sentido comum no sistema familiar. Isso me faz pensar, que quando nos referimos à falta de obediência, poderíamos acreditar simplesmente na dificuldade em colocar limites, mas, quando se trata de famílias que vivem situações de violência freqüente, ligadas à falta de respeito, falta de limites físicos e corporais, sem interdição e sem constrangimento da violência, não é possível ninguém ser respeitado e nem exigir respeito.

Analisando as famílias em relação às vivências familiares, podemos observar que relatam vivências dolorosas de perdas e mortes de familiares, consideradas traumáticas. Na família Almeida, ocorreram mortes trágicas de irmãos da mãe, do pai de sua filha por drogas e também do avô, pai da mãe, que era o abusador; essas mortes foram vistas de forma ambígua, o que sugere dificuldade na elaboração do luto. Na família Borges, o relato da vivência da perda é lembrado com sofrimento mas, segundo a família, o fato de estar perto do familiar e acompanhar sua doença, aliviou esse sentimento. Na família Castro, a perda do marido e pai foi um trauma familiar, causador de todas as dificuldades por que passaram.

Em relação às perdas vividas, não foram nomeadas as separações entre os parceiros como situações que ocasionem sofrimento familiar. Das três famílias participantes, duas delas tiveram vários relacionamentos com filhos e separações, o que me leva a pensar que essas separações e os novos arranjos

possam facilitar a violência familiar, ainda que aparentemente não sejam percebidos e nem relatados como estressores.

Outro tema levantado foi a pobreza. A família Almeida relatou situações de miséria no passado, que contribuíram para os abusos financeiros no presente. A falta de dinheiro acarretou sofrimento e vergonha. Na família Borges, a falta de condições para criar os filhos foi vista com pavor pela mãe. Existiam dificuldades financeiras, mas ela trabalhava muito e valorizava seu trabalho. A família Castro possuía rendimentos mais elevados em relação às outras duas, porém existia o medo da mãe de não ter dinheiro no futuro. Em relação à situação econômica das famílias, ambas vieram de situação de pobreza e miséria, mas atualmente possuem melhores condições financeiras comparadas ao passado. Assim, por esses dados, acredito que a pobreza pode facilitar situações de violência na família, como os abusos financeiros, o uso do dinheiro de filhos, mas não é determinante de violência familiar. Quando existe muita pobreza, miséria, a luta pela sobrevivência se sobrepõe a qualquer condição.

As drogas também aparecem como geradoras de violência familiar. Das três famílias estudadas, somente a família Castro não relatou situações com drogas. As famílias, de forma geral, consideram as drogas um grande risco de violência e vivem amedrontadas com a possibilidade dos filhos virem a usá-las.

Nesta mesma categoria de vivências familiares, as situações traumáticas relatadas foram muitas e sentidas no corpo como dores, tonturas, dificuldades sexuais, dificuldades na escola, cicatrizes e até perda da visão. A família Almeida e a Borges trazem marcas profundas da violência física e dos abusos vividos. A família Castro relata o sofrimento pelo preconceito de cor, pela morte do marido, pai da filha, e pela vulnerabilidade financeira decorrente dessa morte. Acredito que os traumas familiares paralitem o tempo da família e impeçam o desenvolvimento familiar.

Outro ponto a ser considerado são os riscos para a violência familiar levantados pelas famílias, que foram: falta de respeito, invasão da vida privada dos filhos, aprisionamento dos filhos, falta de confiança, vingança, desespero, situações sem poder ver as saídas, perda de emprego e capacidade de sustentar filhos, deixar filha sozinha em casa - no momento em que o corpo de

menina se transforma em corpo de mulher; as separações e novos arranjos familiares.

Outro ponto considerado foram os pedidos de socorro ou avisos daqueles membros da família que estão correndo riscos, como: a depressão, dificuldades escolares, repetição da violência na nova geração, presença de drogas, dificuldade em ouvir o outro, ameaças familiares, ausência de proteção e cuidado.

IX - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como etapa final desta investigação, minha proposta é considerar o sumo desta pesquisa de forma breve, respondendo às questões propostas inicialmente como objetivos específicos.

Como se constrói o padrão de relação com violência na família?

Nesta pesquisa, a intergeracionalidade apresentou-se como um fator determinante na manutenção e na intensificação da violência nas gerações seguintes. A maneira de se relacionar aprendida em família serve como base na organização familiar. Estas formas de ser, pensar e agir aprendidos foram norteadoras das ações e do modo de conceber o mundo, que, se não forem revistos serão mantidos nas gerações seguintes.

Quando se trata de famílias cujo padrão de relação é a violência, o modo de se relacionar será, então, transmitido para as próximas gerações e estarão calcadas pelas vivências traumáticas originárias da violência.

Em outros casos em que não havia a intergeracionalidade da violência, esta pesquisa mostrou que, os acontecimentos e situações vividas pela família, geradoras de intenso sofrimento, podem ser facilitadoras da violência familiar. Isso ocorre pelo fato de os membros da família não se sentirem capazes de aceitar e compreender o fato em si, naquele momento do seu ciclo vital e muito menos de criarem significados que dêem sentido à experiência vivida. Instala-se, então, um trauma familiar e decorrente dessa situação, vai-se lentamente criando um padrão de relação familiar sem diálogo, sem reflexão, que aduba o terreno da violência.

Os traumas estão presentes na co-construção da violência familiar?

Pelas análises e interpretações das famílias participantes, ficou evidente a presença de traumas vividos no presente e no passado. A partir dos resultados desta pesquisa, podemos dizer que os traumas familiares colaboram na co-construção da violência familiar. Pelo fato da situação traumática trazer lembranças dolorosas, evita-se pensar, conversar e refletir sobre ela. Assim, podem surgir segredos e temas de difícil comunicação que geram um certo distanciamento emocional entre os familiares; decorrente dessa situação, cada

membro da família vai construindo seu próprio texto, sem ligação com os dos outros e a sensação é de desconhecimento, afastamento e pouca compreensão. Quando não é possível o espaço para intimidade familiar, o processo de crescimento e desenvolvimento se paralisa.

Além dos traumas, que outras situações vividas pelas famílias colaboram para desenvolver esse padrão de relação?

Para responder a esta questão, foi necessário fazer uma diferenciação em relação à intensidade e poder das situações que colaboraram com a violência familiar.

No primeiro nível, estão descritos os funcionamentos construtores e mantenedores de um padrão de relação.

a) Intergeracionalidade – Aprendizado do padrão de relação com violência e a lealdade a este funcionamento. Decorrente da violência nas relações, ocorre a fragilidade dos vínculos construídos na família.

b) Comunicação – A falta de diálogo, do pensar e da reflexão familiar favorecem os segredos e o surgimento de temas de difícil comunicação.

No segundo nível, trata-se de situações facilitadoras da violência familiar, mas não determinantes:

a) Situações de vida que são estressoras - Miséria e pobreza; drogas; mortes e perdas traumáticas ; preconceitos; sofrimentos intensos; emoções intensas e pouco compreendidas; separações e novos arranjos familiares, mudanças no ciclo de vida.

b) Contexto social - Flexibilidade social à violência; políticas públicas que colaboram para a exclusão social.

Em função desses níveis, cabem diferentes ações preventivas de violência, tanto nos contextos terapêuticos como em grupos, escolas, creches e instituições.

Considero importante salientar que, por mais que neste trabalho alguns temas e situações ocorridas tenham sido levantados como problemas facilitadores e construtores da violência, cabe ressaltar que cada família é única,

portanto, o intuito é levantar novas questões e dúvidas, não restringir o modo de pensar a violência familiar.

Esta pesquisa mostrou que muitas situações e problemas vividos por uma família em seu contexto podem tanto facilitar, como também proteger a co-construção da violência familiar. A meu ver, as famílias são responsáveis, portanto, autoras de suas ações, de suas construções e desconstruções, e os terapeutas são meramente facilitadores na compreensão de seus atos.

O encontro do terapeuta / pesquisador com a violência, fez-me lembrar uma frase que não saberia em que obra de von Foerster localizá-la, quando diz que somos cegos até vermos o que não queremos ver. Na minha prática como professora e supervisora, acompanho diariamente profissionais que lutam para não ver e considerar a violência nos grupos e famílias que atendem. Querem evitar o próprio sofrimento e o das famílias. Em muitos casos, esses profissionais necessitam de treinamento e de um grupo de apoio para abrirem os olhos para as situações de abusos e de outras violências nas famílias que atendem. É importante ver para se proteger.

Finalizando esta investigação, proponho alguns caminhos para novos estudos: uma possibilidade seria estudar a violência familiar em famílias de alta renda e fazer um estudo comparativo com este trabalho. Outro caminho poderia ser um estudo aprofundado da comunicação familiar, com o intuito de se criar possibilidades criativas de ensinar às famílias, grupos e até na escola “o estar em diálogo” com objetivo preventivo. Outro tema que visualizo seria um estudo aprofundado e interdisciplinar sobre os traumas familiares. Muitas outras questões podem surgir a partir desta pesquisa e de outras que se criam no encontro de cada leitor com o trabalho escrito.

X - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, *Diagnostic criteria from DSM III R*. Washington D.C. EUA, 1987.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA,V.A. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Cortez,1997.

BAGAROZZI, D.A. & ANDERSON,S.A. *Mitos personales, matrimoniais y familiares. Formulações teóricas y estrategias clínicas*. Barcelona- Buenos Aires- México: Paidos, 1996.

BENTOVIM, Arnon. *Trauma Organised Systems. Physical and sexual abuse in families*. London: Karnac Book, 1992.

BLENDLER, J. SILVER, M. HABER, M. SARGENT, J. *Doença Mental, caos e violência. Terapia com famílias à beira da ruptura*. São Paulo: Artes Médicas, 1991.

BOUDRILLARD,Jean. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 1990.

BOWLBY,John. *APEGO, A natureza do vínculo*. vol 1. trilogia Apego e Perdas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BREUNLIN, D. SCHWARTZ, R. MAC KUNE-KARRER, B. *Metaconceitos, Transcedendo os modelos de terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BRUSCHINI, Cristina. *Teoria crítica da família*. In: AZEVEDO E GUERRA (org.) *INFÂNCIA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: fronteiras do conhecimento* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

CECCHIN,Gianfranco. Diálogos- SLUZKI,C. *Violência familiar e violências políticas: implicações terapêuticas de um modelo geral*. In : SCHNITMAN,D. (org.) *Novos paradigmas , cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CERVENY, C. BERTHOUD, C. *Família e Ciclo Vital. Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CORSI, Jorge. (org.) *Violencia familiar. Una mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social*. Buenos Aires- Barcelona- México: Paidós, 2001.

CHAUI, Marilena. Ensaio “ÉTICA E VIOLÊNCIA” publ. 39. out/nov/dez98

D’ALLONNES, C.R. *L’ étude de cas: de l’ i llustration à la conviction*. In: D’ALLONNES C. R. et al. *La Démarche Clinique em Sciences Humaines: Documents, Méthodes, Problèmes*. Paris : Bordas, 1989.

DEMO, Pedro. *Pobreza da pobreza*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

DENZIN, N.K. & LINCOLN, Y.S. (org.) *Entering the Field of Qualitative Research..* In: DENZIN, N. & LINCOLN, Y. (org.) *Handbook of Qualitative Research*. London: Thousand Oaks – Sage, 1994.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ELKAIM, Mony. *Se você me ama, não me ame. Abordagem Sistêmica em Psicoterapia Familiar e Conjugal* . Campinas: Papirus, 1990.

FERRARI, D.C.A. & VECINA, T.C.C. (org.) *O fim do silêncio na violência familiar. Teoria e Prática*. São Paulo: Agora, 2002.

FERREIRA, Antonio, J. *Mitos familiares*. In: BATESON, G.; FERREIRA, A.J.; JACKSON, D.D.; LIDS, T.; WEAKLAND, J. WYNNE, L.C.; ZUK, G. *Interaccion familiar*. 2.ed.. Buenos Aires: Tiempo Contemporaneo, 1974.

FONTANA, A. & FREY, J.H. *Interviewing. The Art of Science*. In: DENZIN, N. & LINCOLN, Y. (org.) *Handbook of Qualitative Research*. Cap 22. London: Thousand Oaks-Sage, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 6.ed. São Paulo, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1950.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Site- www.fpabramo.org.br

GAMBINI, R. & DIAS, L. *Uma conversa sobre a alma Brasileira*. São Paulo: Senac, 1999.

GELLES, R. J. & STRAUSS. *Is violence towards children increasing?* In: GELLES, R.J. *Family Violence*. 2. ed. Londres: Sage, 1987.

GIAMI, Alain. *Recherche em psychologie clinique ou recherche clinique*. In: D’ALLONNES, C.R. et al. *La Démarche Clinique em Sciences Humaines: Documents, Méthodes, Problèmes*. Paris : Bordas, 1989.

GIDDENS, Anthony. *O mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOLDNER, Virginia. *“Generation and Gender: Normative and Covert Hierarchies. “Women in Families, A Framework for Family Therapy* , Nova York : Norton, 1991.

GOOLISHIAN, H. ANDERSON, H. *O cliente é o especialista: A Abordagem Terapêutica do Não-Saber*. In: McNAMEE, S. & GERGEN, K.(org). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GUBA,E.G. & LINCOLN, Y.S. *Competing Paradigms in Qualitative Research*. In : DENZIN, N. & LINCOLN, Y. (org.) *Handbook of Qualitative Research*. , London: Thousand Oaks- Sage, 1994.

GUERRA, Viviane,N. A. *Violência de Pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 1998.

GRANDESSO, Marilene. *Sobre a Reconstrução do Significado: Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

HARE – MUSTIN, R. T. & MARECEK, J. *“The Meaning of difference. “* American Psychologist, vol. 43 n. 06; pag. 455- 464, junho, 1998.

HIRIGOYEN, Marie-France. *Assédio Moral. A violência perversa no Cotidiano*. São Paulo: Bertrand, 2000.

HUTZ,Cláudio,S. (org.) *Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: Aspectos Teóricos e Estratégias de Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

IZQUIERDO, Maria Jesus. *Uso y abuso del concepto de genero..* In: VILANOVA, Mercedes (org.). *Pensar as diferenças*. pag 31- 53. Barcelona: Universitárias, 1994.

KEMPE,R.S. & KEMPE,C.H. *Child abuse*. Londres: Fontana Open Books, 1978.

LACRI(2004). www.usp.br/ip/laboratorios/lacri/iceberg.htm.

LEVISKY, Davi, L. (org.). *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção. Conhecendo, articulando, integrando e multiplicando*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYONS- RUTH, K. & JACOBVITZ, D. *Attachment Disorganization. Unresolved Loss, Relational Violence, and Lapses in Behavioral and Attentional Strategies*. In: CASSIDY, J. & SHAVER,P. *Handbook of Attachment. Theory, Research and Clinical Applications*. New York- London : The Guilford Press, 1999.

MACEDO,Rosa.M. *A FAMÍLIA DO PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO: LUGAR SEGURO PARA CRESCER?* In *A FAMÍLIA EM DESTAQUE*. Cadernos de pesquisa. N° 91. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994.

MARIN, Isabel, K. *VIOLÊNCIAS*. São Paulo: Escuta/ Fapesp, 2002.

MARIN, Isabel,K. *Sofrimento e violências na contemporaneidade: destinos subjetivos*. In: SANDLER, P.(org.) . *Leituras psicanalíticas da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MORIN,E. & BAUDRILLARD,J. *La violencia del mundo*. Buenos Aires: Zorzal, 2003.

MORIN, Edgar. *O Método. A humanidade da humanidade. A identidade humana*. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - KRUG,E., DAHLBERG,L., MERCY,J., ZWI,A.& LOSANO, R. *Informe mundial sobre la violencia y la salud*. Washington, E.U.A, 2003.

PARKER, Lynn. *Bridging Gender Issues in Couples Work: Bringing “ Mars and Venus” Back to Earth*. IFTA. Journal of Family Psychotherapy. Vol 10, number 2 . E.U.A - Canada.: The Haworth Press, Inc, 1999.

PENN,Peggy. *Violência e Identidade Sexual*. In: ELKAIM, Mony (org.). *Terapia em Transformação*. São Paulo: Summus, 2000.

PRIORE, Mary. del. (org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1995.

REDE FEMINISTA DE SAÚDE. (nov. 1999) -N° 19- site www.redesaude.org

RUTH, K.L. & JACOBVITZ, D. *Attachment Disorganization*. In CASSIDY,J& SHAVER, P. *Handbook of Attachment. Theory, research, and clinical applications*. New York – London: The Guilford Press, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth, I.B. *Violência doméstica ou a lógica do galinheiro*. In: KUPSTAS, M. (org.). *Violências em debate*. São Paulo: Moderna, 1997.

SCHNITMAN, Dora, F. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SLUZKI, Carlos. *Violência familiar e violências políticas: implicações terapêuticas de um modelo geral.* In: SCHNITMAN, D. (org.) *Novos Paradigmas , Cultura e Subjetividade.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VAUGHN, B. & BOST, K. *Attachment and Temperament: Retundant, Independent, or Interacting Influences on Interpersonal Adaptacion and Personality Development?* In: CASSIDY,J. & SHAVER,F.(org.) *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications.* New York- London: The Guilford Press, 1999.

ZUK, G. H. & BOSZORMENY, Nagy. *Terapia Familiar y Familias in Conflicto.* México : Fondo de Cultura Economica, 1998.

WATZLAWICK, Paul. *A Realidade Inventada. Como sabemos o que cremos saber?* São Paulo: Editorial Psy II, 1994.

WATZLAWICK, P. & KRIEG, P.(org). *O olhar do observador.* São Paulo: Editora Psy II, 1995.

XI - ANEXOS

TRANSCRIÇÃO LITERAL DOS ATENDIMENTOS CLÍNICOS DAS FAMÍLIAS DA PESQUISA.

FAMÍLIA ALMEIDA

1. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 09/ 06/2004 NO CEAf.

T: Terapeuta.

M: Maria, a mãe.

C: Cláudia, filha de 15 anos.

J.P: João Pedro, filho de 12 anos.

A: André, atual marido da mãe.

T: Quantos são na família?

M: A Cláudia de 15 anos, João Pedro de 12 anos, a Cláudia fez 15 anos dia 35 de dezembro, o João Pedro fez aniversário dia 12 de janeiro, e eu tenho 34 anos e o meu companheiro que não é pai dos meus filhos, com 28 anos.

T: E o que está acontecendo com vocês?

M: Eu acho melhor ela falar.

T: Você quer falar Cláudia?

C: Não (parecia brava e com a cara fechada).

T: Você prefere que a mamãe comece ?

C: Eu prefiro (sorriso).

M: Nós estamos tendo muitos conflitos. De um mês para cá melhorou bastante. Eu não sei o que se passa na cabeça da Cláudia. Eu sou bem aberta com meus filhos.

T: Aberta, como ?

M: Eu sou aberta ao diálogo, agente sempre conversou muito sobre qualquer coisa. Até converso demais. Falo demais.

T: O que você fala demais?

M: Situação financeira, o que se faz , nossa situação....

T: O que você faz?

M: Eu estou na caixa há 3 anos. Eu estou afastada do trabalho. Eu trabalhava em dois empregos, auxiliar de cozinha de manhã e fazia bicos de segurança à noite. Me afastei porque começou doer e inchar meus pés. Inchava tanto os pés que não podia andar, não tinha firmeza. Eu trabalhei sempre. Levantava às quatro horas da manhã todo os dias. O trabalho era perto de casa na vila Clarisse, meia hora de casa, depois fui transferida longe pra caramba , no Tucuruvi na av. Água Fria.

T: A noite?

M: Eu tinha que ficar todo tempo em pé, no almoço, na cozinha, porque trabalho no quartel.

T: E o que você tem nos pés?

M: Eu pensava que era esporão. Mas é reumatológico. Depois vieram a inchar as mãos , os joelhos.... Meu chefe achou melhor afastar.

T: E você esta recebendo pelo afastamento?

M: Estou recebendo no quarto dia útil. Mas não sei até quando. Depende se continuo a sentir dores. Hoje fiquei muito de pé e fiquei cheia de dores. Aliás, dói muito, 24 horas.

T: Desde quando?

M: Já há 3 anos.

T: Três anos que você está afastada do trabalho!

M: Eu estou correndo atrás e corri para fazer também medicina alternativa. Porque nada melhorava. A acupuntura e a cromo-terapia me ajudou. Isso mexeu com meu lado emocional.

T: E você, Cláudia, lembra alguma coisa que tenha acontecido há três anos atrás? Que possa ter facilitado aparecer este processo inflamatório de sua mãe?

M: Eu não sabia que os problemas podiam acarretar estes processos inflamatórios. Diz o médico que foi estresse. Eu nunca tive problemas de saúde, quando pequena eu tinha problema de anemia até ter o João Paulo. Mas agora não, sempre fui ativa e dinâmica, uma criança levada com saúde. O médico falou que é o estresse, muito serviço e muita friagem.

T: E me fale um pouco do pai deles.....

T: Quando você se separou dele?

M: Eu me separei bem antes dele morrer. A Cláudia era pequena , tinha 1 ano.

T: A Cláudia conviveu com o pai?

C: Não conhecia ele.

T: Você não conheceu seu pai? Nem por fotos?

C: Uma vez eu vi em uma foto.

T: E o seu segundo filho, era filho dele?

M: Não, o meu outro filho é do segundo casamento. E hoje eu estou no terceiro casamento.

T: Quer dizer que você se casou com o pai dela se separou e se casou com o pai do João Pedro e também se separou. E se casou novamente. É isto? Me explique um pouco mais.

M: O pai da Cláudia é falecido, ele faleceu quando ela tinha 10 anos e me separei dele quando ela tinha 1 ano.

T: Vai fazer então 5 anos que ele faleceu? O que aconteceu com ele Cláudia?

C: O que foi mesmo mãe que ele morreu?

M: Ele morreu de HIV. Por causa de drogas. Cocaína injetável., maconha também. E o motivo da separação foi este.

M: Eu conheci o pai da Cláudia com 17 anos e me casei com papel com 18 anos. Minha família gostava dele.

T: E o problema de drogas?

M: Ele tinha mas eu não sabia. Parece que bem antes ele já tinha problemas de drogas, maconha e cocaína. A irmã dele morreu por causa da cocaína.

T: Tinha mais alguém na família dele com problemas de drogas?

M: Não, tinha a mãe que era alcoólatra. Ela já faleceu. Quando eu conheci ele, eu já sabia que a mãe tinha problema de alcoolismo. Eu sabia desde o início.

T: Ele já nasceu em uma família com problemas de drogas .

M: Ele né

T: E quando a mãe dele morreu?

M: Eu não tenho certeza, se a mãe morreu antes dele ou depois dele. Eu acho que foi um ano antes.

(Cláudia estava atenta à história e tira o capuz da cabeça.)

M: Quando eu me separei do pai da Cláudia ela não gostava de ficar com ele.

T: O que você está pensando Cláudia?

C: Eu não penso.

M: Eu resolvi isto na justiça, ele tinha o direito de ficar com a Cláudia no fim de semana. Ela gritava e não queria ir.

T: E como era deixar a Cláudia ir com o pai?

M: Para mim tudo bem. Ele queria estar com ela. Eu nunca omiti nada para os dois. Não sei se é certo, mas sempre contei tudo da família deles.

T: Quando você se separou do pai da Cláudia , o que acontecia?

M: Eu comecei a montar um quebra cabeças.

T: Como era isto?

M: Faltava peças, eu comecei a desconfiar, ele chegava tarde, as vezes desaparecia por dias , era um desespero eu não sabia onde ele estava. Um dia o pai dele me falou sobre as drogas, quando ele estava desaparecido. O pai sabia onde ele podia estar. O pai é uma excelente pessoa. Ai eu montei meu quebra cabeças, fiquei quietinha e decidi terminar. A convivência estava muito ruim. Ele ficou ignorante, grosso comigo.

T: E o que é ser ignorante e grosso?

M: Conversava pouco. Se comportava como um homem solteiro. E quando confirmei que usava drogas, terminei.

T: O que você sentia nesta época com uma filha pequena, decidindo se separar ?

M: Eu estava grávida da Cláudia, e eu me dediquei muito à ela. Eu curti muito a minha gravidez. Eu morava com a família dele e quando a mãe estava ruim, eu ficava no quarto na minha. Era meu sonho ter filho. Eu tinha 19 anos e não estava nem um pouco aflita. Ela é tudo na minha vida.

T: Como ela era quando nasceu?

M: Linda , gordinha, deus me deus uma coisa maravilhosa. E eu não podia ter filhos, porque tinha útero infantil. Agora que eu sei isso, mas eu não podia ter filhos.

T: Você pensava que não podia ter filhos?

M: Não , eu não podia ter filhos. O médico falou que eu tinha problema no útero, que eu tinha que fazer tratamento.

T: Você fez tratamento ?

M: Fiz.

T: Então foi uma gravidez muito planejada !

M: Ela é querida, eu falei para a psicóloga do Fórum que eu desde 12 anos falo em ser mãe. Eu alimentei aquilo dentro de mim, aquela ilusão.

T: Que ilusões ?

M: Uma criança de 12 anos pensar em ser mãe, não é uma ilusão? Eu tomei conta dos meus sobrinhos. Eu ensinei minha irmã a colocar fraldas no meu sobrinho. Ela não sabia. Eu aprendi sozinha. Eu sou a casula, a gente se virou sozinha sempre em casa. Minha mãe tinha bastante filho. Nós éramos em 8. Morreram dois e eu a casula. 5 mulheres e 3 homens. Quando fui morar com as minhas irmãs eu cuidava de tudo da casa dos sobrinhos, de tudo.

T: Você não achava pesado fazer tudo isto ?

M: Não, eu gostava, sentia prazer.

T: Às vezes as meninas se queixam de tomar conta dos irmãos!

M: Não, eu nunca, eu não era rueira. Não gostava de ficar em praça ou portão, gostava de ler. Minha mãe brigava para eu sair. Em casa é ao contrário. Eu não quero que ela saia. Eu estava bem preparada psicologicamente para ser mãe. Até a psicóloga do Fórum falou como eu podia estar preparada psicologicamente para ser mãe tão cedo!

T: Parece que você aprendeu mesmo a cuidar de crianças !

M: Eu sabia cuidar do umbigo, dar banho, tudo.

T: E a sua mãe?

M: É um amorzinho , minha mãe, ela se chama Antonia. Faz um mês que eu não vejo minha mãe. Ela tem 80 anos e está ocupada com um a mercearia dela.

T: Sua mãe trabalha?

M: Aquela lá não para.

T: Carla conta um pouco dessa avó.

C: Ela é engraçada ela vai no teatro do Francisco Rossi. Ela estava bonita.

M: Eu sou careta perto da minha mãe , ela com 80 anos é mais aberta descontraída. Eu brincava com meu irmão falecido que...

T: O que aconteceu com seus irmãos?

M: O primeiro irmão morreu de HIV, drogas. O segundo morreu de drogas.

T: Você perdeu dois irmãos de drogas e o marido?

M: O primeiro irmão que morreu , a Cláudia tinha alguns meses e ele ia ser o padrinho. Estes irmãos eram ovelhas negras . bebiam , usavam drogas, eram

irresponsáveis. O segundo irmão faleceu com um tiro no rosto em 97. Ele ficou preso também.

T: Que difícil ! A Cláudia deve lembrar bem deste tio?

C: Eu lembro sim. (rosto sério)

T: E seu pai ?

M: Meu pai faleceu, quando o João Pedro nasceu. Eu não via ele. Eu sei pouco dele.

T: Você mal conhecia ele?

M: Quando tinha 7 anos ele vinha pra S. Paulo, mas ele separou da minha mãe. Minha irmã Maria Filomena me levava para ver meu pai. Mas com 8 anos, eu tive mais contato com ele.

T: O que você pensava sobre ele?

T: Eu não gostava do meu pai, ele me olhava como um homem. Não olhava como um pai.

T: E você era uma menina! Complicado isto!

M: São coisas que nem minha filha sabe. Eu omiti isto deles. Não sei se devo falar sobre os detalhes, nem é possível. Isto é muito sério.

T: Você acha que se você revela , você pode ajudar? Ou não ?

M: Ajudar como?

T: Ajudar a prestar a atenção a estes olhares que não são de cuidado.

M: Ela Não sabia disto, está sabendo agora.

(filha dá a mão para mãe)

T: Cláudia, você nunca imaginou esta história da mamãe?

C: Eu nunca pensei...

M: A história é longa meus filhos não sabem.

T: Quem sabe?

M: Meus irmãos sabem minha mãe soube depois.

T: Aconteceu com outras irmãs ?

M: Com a minha irmã do meio e talvez com a minha irmã mais velha; ela fugiu de casa e foi morar com ele. Nós perguntamos e ela negou, mas achamos que ela tem medo de falar. Eu não posso afirmar , mas escutava um zum zum e achava que era. Eu não era boba. Ela sempre foi a favor do meu pai contra minha mãe.

T: A família procurou alguma ajuda judicial para impedir ?

M: Não, meu pai era velho e ficou por isso mesmo.

T: E sua mãe pode fazer alguma coisa ou dizer?

M: Eu escondi da minha mãe.

T: Sua mãe nunca imaginou que ele pudesse ter abusado das filhas?

M: Nunca conversei com minha mãe a respeito. Eu era criança e tinha aquela vergonha.....

T: Muita vergonha

T: Eu só falei para minha cunhada e ela contou para meu irmão. Minha mãe foi a única que eu nunca contaria. A família decidiu que não chegaria a boca da mãe , uma coisa dessas.

T: E os irmãos homens tomaram alguma providência ?

M: Eles tomaram sim, não me lembro , é uma longa história. Não sei se devo falar.

T: Acho que você deve falar o que achar possível. Eu penso que essas histórias que acontecem nas famílias quando são reveladas trazem ensinamentos importantes, abre os olhos para não se repetir.

M: A Cláudia acha que eu sou diferente de todas as mães de famílias.

T: Em que ?

Carla tenta responder e a mãe interrompe.

T: O que está acontecendo com vocês de fato?

Uma pausa ninguém responde.

C: É porque minha mãe se casou pela terceira vez.

T: O desentendimento vem daí?

C: Hã Hã.....

T: Por que você acha que este casamento foi o desentendimento?

C: Eu não sei mas.....muitos problemas vieram a acontecer.

T: Faz quanto tempo que vocês estão juntos?.

M: Faz 5 anos que eu estou com o André.

T: Na mesma época que morreu o pai da Cláudia?

M: É, mais ou menos.

T: E o seu segundo marido pai de seu filho?

M: Ele está preso. Vai sair agora.

T: O que houve ?

M: Eu me dou muito bem tanto com a família do pai da Cláudia como com a família do pai do João Pedro. Ele era legal , mas dizem que depois da separação ele desandou. Ele não bebia, mas depois começou a beber.

T: Por que vocês se separaram?

M: Um dia agente olhou um para o outro e viu que não tinha nada a ver. O João Pedro estava com 4 anos.

T: Cláudia você gostava desse marido da sua mãe?

C: Muito. Ele cuidava da gente. Ele era meu pai.

M: A minha família; minha mãe queria que eu me casasse novamente. Ele trabalhava comigo. Eu não saía de casa.

T: Imagine Cláudia se sua mãe saísse para baladas!....

M: O Julio fez amizade com minha mãe, ele fazia tudo o que eu pedia, ele não bebia. Ele insistiu muito. Eu não gostava muito.

T: Quem queria terminar?

M: Eu queria e ele queria e, também não queria.

T: O que aconteceu que ele está preso ?

M: A mãe dele disse que ele desandou ele virou traficante de drogas. O filho foi vê-lo na prisão , mas a Cláudia não pode, por que não é filha dele. Só podem a mãe a esposa e filhos. Eles conversam por carta. Ele tem bom comportamento, então as vezes, ele pode sair e visitar as crianças.

T: E você Cláudia tem namorado?

C: Tenho.

T: Que idade ele tem ?

C: Ele tem 20 anos.

M: Ele vai sair agora e vai ficar com liberdade assistida. Espero que ele se cuide. Eu não desejo nada ruim.

T: Você acha que os filhos sofrem pelo fato dele estar preso? ter feito coisas fora da lei, um caminho com risco de vida !

M: Não.

C: A gente não comenta.

M: O João Pedro sofreu mais, ele chorava porque ele estava preso. E Quando ele desandou , antes de ser preso , ele não ia visitar o João Pedro, e ele ficava triste.

T: O que aconteceu que a Cláudia está com liberdade assistida ?

M: Fala Cláudia , aqui a gente aprende. A Dr.^a ensina..... Temos muitos conflitos. Principalmente nós duas . Ela não aceita as normas de casa. Não aceita os horários de casa. Agente não tem condições de uma escola particular , o João Pedro está na quinta série e a Cláudia no primeiro colegial, eles precisam estudar. Durante a semana precisa estudar e no final de semana eu deixo sair. Não deixo faltar na escola, só quando tem problema de saúde , ou que nem ela que tem a psicóloga que o Fórum mandou. Às vezes precisa faltar para ir lá. No fim de semana tem hora para chegar dos programas.

T: Mas e aí o que aconteceu para a Cláudia estar com liberdade assistida?

Silencio.

M: É muito comprido, ela não queria chegar no horário combinado.

C: Não é bem isso, a minha mãe saía o dia inteiro e eu ficava com o André, o dia todo, depois eu também comecei a sair , ela saía e eu também. Ela queria que eu ficasse em casa e eu não aceitei isso.

T: Você não estava aceitando, você acha que sua mãe ia trabalhar e....era importante este trabalho dela ? ou não ? Na sua concepção Cláudia você acha que ela podia ter trabalhado menos?

C: Ela não tinha nenhum tempo para mim. Eu acho que ela podia ter trabalhado um pouco menos.

T: E o André é que ficava mais com vocês?

C: É comigo. Eu lavava tudo em casa , fazia comida.....

M: E o dia da minha folga eu arrumava a casa.

T: Eu não sei se eu vou falar uma coisa, talvez uma loucura que estou pensando, mas vendo aqui na ficha , o André tem 28 anos, ele não é tão mais velho que o seu namorado de 20 anos, não é? Existe algum desconforto seu Cláudia de ficar com o André que é bem moço e não é seu pai? Existe algo um pouco parecido com que a mamãe contou do pai dela? Como os olhares diferentes?

C: No começo agente era maior amigos me dava melhor com meu padrasto que com minha mãe. Era super legal mas, daí eu não sei o que aconteceu que começou a ter conflitos , eu , minha mãe e meu padrasto. Era ciúmes que minha mãe tinha de mim. AH , eu não sei mas começou uns olhares, quando eu comecei a ter corpo assim. Ai eu não sei..... Uma coisa que não tinha nada a ver.

T: Parece que a história que a mãe viveu no passado, está acontecendo agora novamente? Parece que esta história continua na família?

M: Ela contou esta história para a psicóloga Antonia que ela começou a sentir isso quando começou a ter corpo. Ela nunca falou isto para mim. No meu ponto de vista eu nunca ofereci minha filha para o André, não tem cabimento. Nem tenho ciúmes.

T: Não sei se ciúmes. Eu me lembro bem de observar minha filha quando pequena, correndo e pulando no colo do pai, ela se jogava e quando começou a crescer o pai não gostava muito das brincadeiras, dizia que ela estava mocinha. Os homens às vezes ficam sem jeito. Às vezes não. As meninas se enfeitam para se mostrar, faz parte da idade. Como se passa isto quando o pai não é o pai e ainda é mais jovem? Não é simples isso, o que vocês pensam?

C: Tem muito ciúmes, teve uma época que minha mãe deu todas as minhas roupas bonitas e só deixou as roupas largas e compridas. Todas, todas.....

T: Você acha que este fato pode ter sido uma forma da mãe cuidar de você? Como algumas mães que eu conheço que pedem para as filhas vestirem roupas largas e não curtas para não provocar os homens. Para não atrair tanto !

C: Eu não pensei assim.

T: Como você pensou?

C: Eu pensei que minha mãe estava com ciúmes, ou alguma coisa.

T: Você não pensou que poderia ser uma forma para você ficar menos exposta e não correr riscos? É diferente ter 30 anos e usar uma mini saia e saber se cuidar do que quando se tem 15 anos. Com 15 anos provoca muitos olhares e não é fácil saber o que fazer com isso. Tem sentido o que eu falei ?

C: Mais ou menos, eu acho que é ciúmes.

T: Com é então o ciúmes de mãe para filha de filha para mãe?

M: E eu nem posso falar com o Renato, o namorado da Carla, ela fica brava. Risadas. Ela não gosta.

C: Eu não gosto, ela fica muito simpática, toda rindo

M: É meu jeito de ser

C: É, eu entendo Cláudia que você não goste, quando eu tinha a sua idade eu também não gostava que minha mãe conversasse muito com meu namorado, eu achava que a conversa dela era mais interessante que a minha.

Eu penso que as mães não têm que ser muito simpáticas com os namorados das filhas, precisam ficar no lugar de mães, observadoras, às vezes bravas, manter autoridade.

M: Eu só conversei com o Renato quando tudo aconteceu e precisei da ajuda dele. Ele é um bom rapaz.

T: Vocês têm conversado sobre os cuidados com o namoro, para não engravidar, não pegar doenças como o HIV?

C: Não.

M: Eu e você conversamos muito.

C: Não sobre o Renato e sexo.

M: Eu vou num lugar que faz exames de HIV e sífilis e pego as camisinhas para ela. A gente não tem dinheiro. Eu ganho lá. É muito importante você exigir que ele use camisinha, tomar cuidados.

T: Precisa também um controle médico, pode ser o do Posto, mas são vários os cuidados que se tem que ter quando se inicia a vida sexual.

É delicado este assunto porque por um lado se já tem vida sexual precisa cuidar, por outro se trata de uma adolescente menor de idade e outros cuidados são necessários, não é? Agente sabe que hoje isso acontece muito com jovens mas....Além de tudo isso, que aconteceu para vocês chegarem no Fórum?

M: Ela começou a fugir de casa, a sair para a rua.

T: Quem foi procurar quem?

C: Eu saí de casa, eu não estava nem aí. Aí ela batia em mim e, minha mãe foi denunciar e disse que eu pequei uma faca para ela.

M: Você pegou filha....

C: Não eu não pequei a faca. A Sra. estava trancada dentro do quarto, e eu estava fazendo a janta e estava com faca na mão.

M: Ela estava faltando muito na escola, tinha muitas reclamações lá. Meses aprontando não chegava no horário, a escola reclamando, ela roubou o celular. Aí eu pequei ela na porta da escola com um rapaz chamado Paulo em que ela perdeu a virgindade com 11 anos. Pequei elas pelos cabelos.

T: Ela tinha 11anos e o rapaz?

M: Ele tinha mais de 20 anos, era bem mais velho.

T: Isto é caso de polícia.

M: Exatamente, os pais deste menino..... eu vim a descobrir isto quando ela tinha 13anos.Nunca consegui tirar isto dela. Eu fui atrás e peguei ela pelos cabelos.

T: Mas porque pegar ela pelos cabelos ? você acha que ela é culpada?

M: Não sei, mas ela estava aprontando. Ela não podia ficar na porta da escola. Falei muito para o rapaz. Ele ficou com medo.

T: O que você sentiu por ter acontecido este abuso com sua filha tão nova?

M: Tem meninas de 10 anos e meninas de 10 anos, a Cláudia já tinha corpo e parecia bem mais velha. Eu tinha reclamação dos pais dos meninos, quando chegava do serviço que ela ficava na janela de lingerie.

C: Eu não sabia.

M: Um casal de velhos dizia que ela era danada, ela aprontava quando eu ia trabalhar. O casal de velhos ficava de olho para mim. A Cláudia ligava para ele, o rapaz e a família dele reclamava da Cláudia, dizendo que ela ficava em cima dos filhos deles.

T: O que poderia ter ocorrido, antes, destes fatos?

M: Eu não sei se aconteceu algo antes deste estupro, eu falei para ele que como mãe tinha que fazer alguma coisa, mas ela disse que foi ela que quis.

T: Você concorda Cláudia?

C: Eu não sei, não lembro. Eu preciso ir ao banheiro, estou meio enjoada.

T: Nós estamos na nossa hora, falamos de coisas muito difíceis e de muito sofrimento. Espero vocês na próxima semana no mesmo horário e toda a família.

M: Muito obrigado Dr.^a

C: Tchau, tia.

T: Vou deixar meus telefones com vocês, caso precisem, além do telefone do CEAF.

Vou esperar você Cláudia aqui fora do Banheiro se precisar de alguma coisa ou se não se sentir bem, estou aqui fora.

Enquanto a mãe contava a história à filha foi ficando mais à vontade e passou a levantar o rosto, olhar para os meus olhos. Assim foi possível se criar algum vínculo e um tipo de comunicação através do olhar e na segunda metade da

sessão, foi possível fazer perguntas para a filha e obter respostas. O que inicialmente não foi possível.

Penso que neste atendimento falar das histórias da família de origem da mãe e suas dificuldades, facilitou o conversar dos fatos atuais e a sua compreensão.

FAMÍLIA ALMEIDA

2. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 16/ 06/2004 NO CEAF.

Havia combinado com a família para que o filho mais novo estivesse presente no processo terapêutico. Logo que chegaram, a mãe desculpou-se por não ter trazido o filho. Justificou a ausência, dizendo que naquele horário está na escola. Estavam presente Maria e Cláudia. Cláudia estava mais risonha e simpática.

Entramos na sala de atendimento.

C: Iniciou a sessão, perguntando se eu havia lido o Sr. dos Anéis.

T: Você leu todos, Cláudia?

C: Não, eu li o primeiro.

T: Eu li há muitos anos atrás, e recentemente vi os filmes. Vocês assistiram os filmes?

M: Eu assisti e gostei do primeiro.

T: Eu gostei do primeiro e do terceiro e você Cláudia.?

C: Eu gostei de todos.

M: Eu gosto muito de ler, mas gosto de livros infantis. Não gosto de comédia. Gosto de ação. Está difícil ir no cinema, por causa da grana. Eu vi que aqui tem cinema e filmes de graça. Olha, Cláudia podemos vir. O João Pedro também gosta.

T: E você Cláudia.?

C: Eu estou mais ou menos. Estou com dor de cabeça.

T: O que é? Você costuma ter?

M: É raro ela ter . O problema dela é ouvido e febre, mas é raro.

T: O que você faz quando tem dor de cabeça ?

C: Eu, nada.

M: Ela para tomar um remédio doutora.....é um sufoco dar na boquinha da Cláudia.

T: Você prefere ficar com a dor?

C: Não gosto de tomar nada, sara sozinha.

M: Eu preciso levar ela no médico. Mas ela tem medo de tomar injeção.

T: Mas ir no médico! Mas nem sempre precisa de injeção....

M: Eu falei a gente vem aqui , depois vai no médico. Mas ninguém consegue dar injeção nela . A última vez ela tinha dez anos e ninguém conseguiu..... Ela tem pavor. Eu já falei tem xarope, anti-inflamatório. Já o João Pedro, adora tomar remédio e fica pedindo para olhar se ele está com febre para tomar remédio.

T: E o que vocês pensaram depois do nosso encontro ? Você conversaram ?

Risadas da Cláudia e Maria. As duas mexem com a cabeça que não pensaram e não conversaram.

M:Eu fiquei pensando no meu pai. Isto não me incomodou nada, mas fiquei pensando aqui e tentando pensar por que não falar ? não me incomoda mais. Fiquei pensando muito nisso e queria chegar aqui e falar isso. Fiquei pensando o quanto já me atrapalhou a vida. O quanto isto me fez sentir recuada e não percebi. Percebi já, mais nunca falei a ninguém, depois de mais velha , eu vim perceber e acho que a gente como a Dra.^a(psicóloga do Fórum) falou, de repente você não sabe que tem problemas...

T: Você contou para a Dra. ^a sobre seu pai?

M: Não... Não.... só contei aqui, também para Cláudia, na última vez. As vezes a gente não sabe que tem um problema, no fundo da gente. A Dra.^a perguntou porque você quis ter a Cláudia.? E eu disse à ela que queria ter a Cláudia. com inseminação artificial, o que era meu objetivo. Eu não queria ter um marido. Um homem do meu lado.

M: Ai ela me perguntou o que te levou a pensar isso? E eu fiquei com uma coisa no ar. Será que, o que eu passei com meu pai tem a ver com isso? Depois da semana passada eu achei que eu tenho problemas e que afetou muito o meu lado mulher. Sexual; eu nunca fui uma mulher namorada , só

elétrica , muito reservada . Eu não gosto de quando os homens mexem comigo e não gosto muito deles, essa coisa sexual, não me faz falta. Detesto homem avançado, saidinho. Hoje também tenho tantas dores no corpo..... Hoje também com meu marido.... como vou me expressar....eu fico egoísta, não gosto que ele me veja trocando de roupa. Ele é todo apaixonado , romântico...me chama de meu anjinho....meu amor.....eu não sou de intimidade e quando eu estou me trocando ele adora ver... me deixa encabulada , me deixa sem jeito..... fiquei pensando sobre isto.

T: E você Cláudia , o que está pensando ?

M: Ele é bom demais, ele tem muita paciência?

T: E o que é ter paciência?

M: É que eu nunca estou boa ele espera não força para transar.

T: Ele sabe esta história com seu pai ?

M: Um dia eu contei mas ele esqueceu. Eu acho que Cláudia, sente falta de pai e o André, também já falou disso. A irmã dele também esta fazendo terapia e me disse que estava descobrindo os problemas dela. E hoje eu penso que terapia não é só para loucos. A irmã do André também sente falta do irmão como eu e do pai. Eu acho que nunca tive....

T: Você também sente falta de um pai?

M: Não eu nunca senti. Tive muito meus irmãos presentes, alguns já faleceram e eu sinto uma falta de menina de querer um abraço dele de deitar no colo. Do meu pai , não. No começo era ódio, raiva e muita.....e depois de grande, fazia sexo comigo.

T: Ele fazia sexo mesmo ?

M: Não chegou a fazer , ele passava a mão em mim de todos os jeitos e se esfregava em mim , ele estava velho. Eu preciso falar... botar para fora.... para minha filha escutar e também falar ... já que ela diz que o André fez coisas com ela.

T: Cláudia, o que você está pensando?

C: Essa semana agente não brigou.....eu ajudei minha mãe na casa e eu falo para ela, não ter ciúmes de mim com o André . Eu tenho o meu namorado e, eu tenho ciúmes dela com ele.

M: Primeiro que para eu me envolver com um homem é muito difícil , depois sou uma mulher separada com dois filhos e uma moça. Se meu pai que era de

sangue fez aquilo comigo , imagine outros... no fundo eu pensava assim e não sabia que pensava, o risco maior era em casa. Eu agora estou bem atenta jamais vai acontecer com ela de novo. O André tem consciência disso, ele está preocupado com ela , agora se preocupa.

T: O que você esta pensando Cláudia ?

C: Nada.

T: É difícil pensar no que sua mãe esta dizendo ?

C: Você mãe não contou aquilo ?

M: Ah é eu me esqueci. Meu pai , antes de separar da minha mãe ficava me observando tomar banho e olhava no ralo se tinha pelos no banheiro e queria saber se estava raspando as partes intimas. Eu já cheguei a raspar para parecer menina. Minhas irmãs também, ele olhava , mas à mim era pior , porque ele não deixava eu falar com ninguém. Ele separou da minha mãe e quis morar perto e disse que era para ficar perto de mim . O meu medo foi aumentando.

T: Você sentia que corria perigo?

M: Sentia nesta época eu tinha 8 ou 9 anos. Infelizmente eu lembro até da roupa que estava. Parece que não foi comigo. Hoje eu conto assim.....bem tenhonão tenho vergonha de falar. Sinto mal. Mas não penso, ai coitada de mim.... Já passou mas no fundo, tenho máguia, raiva. Meu deus meus filhos são tudo para mim! Como não percebi o que aconteceu com a Cláudia. (choro, tristeza)

O meu filho , eu amo. A gente se abraça , beija se agarra. Ele é lindo. Mas eu não vejo ele como homem, não dá, só como filho. Eu com 9 anos fiquei menstruada, já tinha peitão e tudo....

T: Como você escapou dele?

M: Um dia quando tinha uns 10 anos , estávamos todos juntos ali, meus irmãos e todos íamos dormir juntos , só tinha um cômodo e quando deitamos , meu pai ficou perto de mim , mas como era meu pai..... e eu acordei com meu pai apertando meu peito e doía muito muito e ele falava besteiras no meu ouvido, todos no quarto juntos e eu me lembro muito bem que eu não gritei não sei porque. Fingi que dormia , ele passava a mão nas minhas coxas, no meu corpo e apertava o peito. Ai ! que horror! Eu acho que não estava preparada.

T: E sua mãe, onde estava?

M: Não estava. Ele mexeu no meu short e mexia na minha vagina e apertava com muita força, que nojo ! Eu não sabia o que fazer. Eu me lembrava que meu irmão estava com revólver embaixo do travesseiro e foi um dos motivos que eu não sabia o que fazer.... se eu gritasse ele matava meu pai na hora. Podiam achar que era mentira minha.

T: Você acha que ele mataria seu pai?

M: Mataria na hora , isto é batata.... Eu lembro perfeitamente do revólver Muito nítida na minha cabeça , isto tudo, até o short jeans.

T: Por que seu irmão estava com revólver debaixo do travesseiro?

M: Ele era ladrão. Estava com medo de ser preso. Eu sempre escutei as conversas de outras pessoas sobre ele, eu era pequena. Meus irmãos sempre foram meus heróis. Apesar das drogas e tudo que faziam, eles eram tudo para mim. O Rafael (irmão) morreu. Ele roubava bancos e diziam que distribuía dinheiro nas favelas, para mim ele era o Robin Hood. Ele não usufruía do dinheiro. Não andava de carrão , nada. Ladrão , quando a gente é pequena é horrível , mas eu nunca pensei isso deles. Hoje acho que eles devem ter feito coisas horríveis . Já ouvi muita história. Eu falo para Cláudia. Para não andar com gente que não deve , porque eu tenho este espelho na minha própria casa. Fui criada em um ambiente assim, morei em favela, passei fome, mas nunca me prostituí e nunca procurei drogas. Hoje nem cerveja eu tomo. Cada pessoa é uma pessoa . Eu era muito pobre, minha mãe era pobre mesmo, coitada. Teve tempo que todos moravam em quartinho de pensão na favela , cheia de prostitutas.....minha mãe trabalhava dia e noite. Nunca peguei raiva da minha mãe , ele é uma heroína para mim. Sem marido , sem comida , ela trazia os restos de comida do restaurante que trabalhava. Ela não roubou, não matou e nem se prostituiu, foi um exemplo. Eu acho ela uma mulher maravilhosa. Nunca quero fazer coisas erradas. Eu falo para Cláudia, isso. Do meu ponto de vista que seja errada. Não curti muito a vida , na adolescência eu trabalhava muito, eu não me queixo. Minha mãe dava tudo que tinha para nós. Eu admiro ela e eu nunca acusei ela, do meu pai. Eu sempre sonhei em ajudar minha mãe. Para ela ficar bem de vida. O que me incomodava até hoje é meu pai. Ele me fazia de gato e sapato , era como se eu fosse a esposa.

M: Você perguntou quando eu escapei dele? E Um dia eu fugi dele e apanhei tanto com um guarda chuva , mas tanto.....se não fosse uma vizinha , ele tinha acabado comigo.

C: Você não tinha ódio dele?

M: Tinha ...ele me beijava na boca, que horror! Ai e eu beijo meus irmãos e filhos com selinho...ih! (gagueja) . Não é selinho que ele dava , ele apertava a boca. Selinho ... tudo bem .

T: Seus filhos não acham um pouco estranho a mãe dar selinho neles ?

M: Eu acho que não.

T: O que você acha Cláudia. ?

C: Eu não ligo. A gente também beija ela assim.

M: É uma forma de carinho entre nós.

T: E seu filho ?

M: Eu acho que ele não liga ?

M: Lá em casa , meu filho não gosta que a gente ande meio sem roupa.

T: Eu vejo muitas famílias que quando os filhos crescem , não se sentem bem da família andar sem roupa, uns na frente dos outros. Parece que quando são pequeninos não ligam tanto. Fico pensando que seu filho está te dizendo algumas coisas . Talvez seja bom escutar. A família cresce os hábitos mudam.

T: Quando você fala , eu lembro do meus filhos e quando eles foram crescendo , principalmente meu filho, que hoje tem 18 anos , não gosta muito de contato físico, gosta as vezes de cafuné ou que eu trago um chocolatinho, mas gosta de conversar. Mudou muito o tipo de contato físico.

M: As vezes tem aquelas coisas um está tomando banho , o outro precisa do banheiro e entra. O André (marido atual da mãe) gosta muito do João Pedro. Eles se dão bem.

M: Acho que tudo depende de mim , eu que tenho que cuidar.

T: E o André também depende de você ?

M: O André; eu não quero que ele beije os meus filhos.

T: E o André sabe da situação do colega com a Cláudia. ?

M: Não ele não sabe de nada e eu acho que ele não sabe como agir.

C: Ele sabe sim mãe.

M: Ele não sabe como agir , como ele não é pai . Ele é caladão por natureza. Ele era amigo da Cláudia. Mas agora não.

T: Você pode contar mais sobre isso, Cláudia?

C: Eu não gosto de fazer nada com ele. No começo eu gostava mas depois não. Ele é folgado, chato. (silêncio)

T: O que você foi pensando , enquanto sua mãe falava?

C: Eu fiquei muito triste. Algumas coisas ela contou esta semana , eu não sabia. Mas eu prefiro não ficar pensando.

T: E quando você pensa em você.?

C: Eu nem quero pensar.

T: Eu sinto uma tristeza grande , ela faz algum eco em vocês ?

Silêncio.

M: Eu estou muito triste, acho que , eu já estava, tenho muitas dores, mal posso caminhar.

C: Eu fico brava. Com raiva.

M: Nunca senti falta de pai. Um dia eu fui na casa de uma amiga, meio vizinha . Ela era muito bonita , assim como a Xuxa e quando cheguei lá a mãe dela me disse que ela não estava muito bem. Ai o pai dela disse – Entra lá no quarto. Quando eu entrei, ela estava com uma camisetinha e uma calcinha e quem cuidava dela era o pai e não a mãe , eu não lembro o que ela fazia mas o pai é que cuidava , e ela estava com cólica menstrual, e no meu ponto de vista era a mãe que devia cuidar , mas no caso eu achei lindo como o pai cuidava. Hoje eu moro em três cômodos e não tenho liberdade de ficar assim a vontade, com uma blusinha e calcinha. Ela ficava assim , uma puta mulherona com um corpo maravilhoso , na frente do pai deitada na cama. Ele , o pai tirou o cobertor de cima dela e colocou uma bolsa de água quente. Ela foi para o banheiro vomitar e o pai foi junto , limpou tudo . Achei muito bonito, nunca me esqueci. Eu não tinha corpo e meu pai mexia comigo e ela com aquele corpo, o pai não mexia com ela. Eu queria um pai que me fizesse sentir protegida e cuidasse de mim.

T: Quais os cuidados que você tem com sua filha?

M: Eu sou muito aberta , falo tudo e digo se ela for no motel , usar camisinha , se valorize

T: Como você imagina que a Cláudia. viveu esta situação com o rapaz. ?

M: Eu acho que ela queria , ela provocou?

T: Você acredita que ela queria mesmo ?

M: Ela é que me falou. Eu acho que se eu estivesse presente , ela estaria mais ocupada com estudo, ballet e não teria acontecido nada.

T: Você acha que aconteceu porque você não estava presente?

M: Ela estava todo tempo sozinha

T: E o André ?

C: Estava junto.

M: Pai e mãe é importante estar presente. Eu trabalhava o dia inteiro e a minha mãe trabalhava o dia inteiro.

T: Trabalhar o dia inteiro pode facilitar estas situações ?

C: Pode sim, eu pedia para minha mãe ficar um pouco em casa.

M: Eu perdi minha virgindade com 15 anos , eu quis, eu escolhi. Eu me lembro que estava com um macacão branco e uma calcinha fininha.

T: As vezes pode se perder a virgindade sem querer, nem imaginando que iria perder. O que você esta pensando Cláudia. ?

M: A Cláudia. começou a ficar feminina com 9 anos , antes ela era como um moleque.

Eu desde pequena era muito até demais vaidosa. Até hoje eu adoro me arrumar.

T: E você Cláudia.?

C: Eu sou um pouco, mas gosto de esportes de natação. Eu gosto de luta.

M: Eu trabalhei em academia e os funcionários pagavam a metade para as pessoas da família. Ela sente falta , devido a nossa situação financeira , não dá para nada.

T: E o André trabalha?

M: Ele é funcionário publico, segurança . Ele foi mandado embora. Ele esta fazendo grafite. Ele adora desenhar.. mas na carteira ele é agente ferroviário, segurança .

T: Ele recebe então como agente ferroviário ?

M: Não, agente ficou sabendo que ele tem alguns direitos.

T: Hoje em dia ele não tem renda?

M: Ele é autônomo, mas faz grafite.

T: Ele ganha com isso?

M: O serviço que ele pegou ele vai receber R\$170,00. tem mês que consegue um serviço. Está difícil a situação dele.

T: O que você pensa Cláudia. ?

C: Agente briga com este assunto porque ele nunca recebe nada e pede tudo para minha mãe. Ela usa a pensão que é minha , que meu pai deixou. Ela usa o dinheiro para pagar aluguel, contas , tudo , a mãe também não recebe , só um pouquinho. Este dinheiro é meu e eu nunca posso comprar alguma roupa. Eu não ligo de dar este dinheiro um pouco para casa. Mas não gosto que dê para ele. Ele é folgado pede cheque para tintas e não paga de volta . Nunca dá nenhum em casa e tem casa e comida. Ele gasta dinheiro com cerveja , com amigo. Meu irmão não recebe nada do pai.

T: O dinheiro então vem da pensão do seu pai e do afastamento de trabalho da sua mãe?

C: Eu estou muito revoltada porque se eu quiser fazer um curso ,não posso porque ela dá muito para o André.

M: Os meus planos era a faculdade dela. Ela é boa aluna.

C: Eu acho que o André não faz nada , engana a gente.

M: A Cláudia acha um absurdo ele não trazer dinheiro. Ela acha que ele como homem, deve trazer dinheiro.

T: O que será que acontece que o dinheiro das mulheres é que sustenta a família e os homens não precisam colaborar.? Isto também não é um abuso?

M: Até é, mas o que eu vou fazer?

M: Agora o André não está mais olhando para a Cláudia com malícia , ele já entendeu. Eu falei o que foi falado aqui.

C: Mas um dos nosso problemas é o dinheiro e sempre é o André.

Eu fiquei muito brava com minha mãe e ela chamou a polícia . Disse que eu estava com uma faca na mão.

M: E você estava sim .

C: Não estava, não. E você queria que eu ficasse na Febem. Disse que eu ia matar ela. Eu não ia não . Eu quero meu dinheiro e vou embora.

T: Continuaremos na próxima semana.

FAMÍLIA ALMEIDA

3. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 23/ 06/2004 NO CEAF.

Neste encontro estiveram presentes a mãe e a filha. Havia sido reforçado na sessão anterior, a importância da presença do filho, João Pedro. Segundo a mãe, ele não pode faltar na escola, porém ela diz que não quer comentar estes assuntos perto dele.

C: Ai, meu celular caiu na água no caminho, acho que quebrou...

T: Uma vez aconteceu comigo e me disseram para não ligá-lo e secar com secador.

T: Como vão ?

M: Você recebeu meu recado? Eu pedi para a secretária pedir para você livros emprestados para ler.

T: Você ligou para pedir livros ? que tipo de livros?

M: Eu queria ler sobre psicologia, pais e filhos, filhos adolescentes. Eu gosto de ler. Quando estamos conversando, eu não assimilo muito, mas depois em casa penso. Eu vi um livro escrito, “Filhos criados por pais separados” acho que fala das manias dos filhos, como xixi na cama.

T: O que você está pensando Cláudia ?

C: Eu faço xixi na cama.

M: Não tem vergonha, não Cláudia. Pode falar. Até hoje ela faz xixi na cama, mas isto não é doença não, filha, isto é sinal que você está muito relaxada. Tem adultos que fazem. É um distúrbio.

C: Eu faço xixi quando me assusto. Eu estou dormindo e acordo e penso, “que sonho feio” e acordo.

T: E nessa hora, você já fez ou pode ir ao banheiro?

C: Eu já fiz e molhou tudo.

T: E o que você sente nestes momentos ?

C: Fico triste e com medo.

T: Dá para falar um pouco disso?

M: Eu também já fiz, quando nasceu o João Pedro, as vezes faço até hoje. (risada) Também é durante o sono.

T: Cláudia, você lembra de algum sonho , que deu medo ?

C: Outro dia eu sonhei um sonho estranho que meu bichinho estava na cozinha.

T: Que bichinho era?

C: Eu tinha um porquinho da índia. Eu tinha colocado ele na cozinha e o rato veio e comeu meu bichinho e começou a comer agente . Quando ele veio me comer, eu assustei e batia nele e ele não morria e fiz xixi.

(risada da mãe)

T: O que você pensou deste sonho, Cláudia ?

C: Que o rato ia me comer. Eu já sonhei que estava em um lugar muito escuro e que estava caindo, caindo.....um buraco, não sei.

T: E você Maria , o que está pensando.

M: No sonho do rato. Nunca apareceu rato em casa. Só agora apareceu uma ratazana e comeu de verdade o porquinho da índia.

T: O sonho aconteceu?

M: É faz 15 dias, o bichinho tinha 4 dias de vida.

T: Cláudia , você sonhou antes ou depois.

C: Eu sonhei no dia que ele veio para casa.

M: Eu fiquei impressionada com isso. Ele ficava na gaiola de noite e solto de dia. Nossa casa é bem pequena. Eu também sonhei com rato. Te contei? Filha.

C: Não, mãe.

M: Eu sonhei depois que ele morreu. Acordei nervosa, o rato estava no sonho subindo em mim e eu não podia fazer nada.

Tocou o celular da Cláudia. Ela fica feliz que não quebrou. Era seu namorado.

C: Não posso falar estou na terapia.

M: Aquilo que você perguntou do sonho, eu acho que ela dormiu sonhou ficou com medo e fez xixi.

M: Em casa tem higiene, eu vi coco de rato e deixei o bichinho preso na gaiola e não sabia que o rato podia come-lo na gaiola. Eu fiquei preocupada.

T: Com que ?

M: Com o xixi que a ratazana podia ter feito nas panelas. Eu lavei tudo. Mas não sei se ela está por lá.

Cláudia estava rindo .

T: O que foi Cláudia?

C: Eu estava rindo porque meu namorado ligou e disse que me ama.

T: E você também ama ele?

C: Ai ,eu amo. Você também diz para ele?

C: Não. Eu tenho vergonha.

T: Vergonha do que ? Ou você não fala porque não o ama?

C: Eu tenho vergonha porque está gravando.

T: É difícil falar coisa quando está gravando ?

C: Não só isso.

T: Uma palavra bonita como “amor” é difícil de falar?

C: Eu não gosto de falar isso no telefone.

M: Ai Dra.^a , eu me sinto tão bem com você.....muito bom. Eu não fico tímida. Consigo falar as coisas. Até as coisas de vergonha. Eu sou franca e direta . Desde o primeiro dia eu senti a vontade. Bem tranquila . Eu sempre quis fazer uma terapia.

T: Como vocês estão em casa?

M: Eu estou melhor de saúde , um pouco menos de dores. Estou tomando cuidado para não ter dores. Eu tenho sentido falta de compartilhar coisas com o André. Eu acho importante na família ter comunicação . Se não for amiga da minha filha eu não vou compreender ela, nunca. Eu sou enérgica . Eu quero que ela confie em mim.

C: Eu não sou obrigada a confiar em você.

M: Claro que não. Você que escolhe.

T: Talvez fique uma confusão de mãe amiga e mãe. A mãe que compreende o momento da filha , protege , cuida , ensina e é enérgica....

M: Eu acho que sou assim , mas ela não é obrigada a pensar.

C: Eu gosto de falar com meus amigos.

T: Você tem uma super amiga , Cláudia?

C: Não tenho.

T: Por que ?

C: Eu não quero que ninguém fique sabendo o que eu estou pensando.

T: E, por que ?

C: Meus pensamentos não são bons.

T: O que é bons pensamentos? Você acha que todo mundo tem bons pensamentos?

C: Eu tenho medo de falar.

T: Eu penso que tem coisas que agente conta e coisas que não conta.

C: Neste fim de semana , eu saí com amigos e as amigas falam o que fizeram e comentam coisas , eu fiquei com tal pessoa a mãe da Bruna é chata....

T: E você não conta aonde foi com seu namorado . Que estava gostoso....sei lá.

C: Não.

T: Nem comentar um filme que assistiu.

C: Não, só comentei do Harry Potter.

T: Você não acha que comentar seu ponto de vista sobre o filme ou outra situação que não seja coisas íntimas suas pode ajudar a ter mais amigos , a trocar informação com os outros?

C: Mas como é ?

T: Por exemplo. Você foi ao cinema , viu um menino bonito , viu algo engraçado que aconteceu e contar o que viu.

C: Isso eu faço quando está acontecendo , mas não conto depois.

M: Eu vi um rapaz bem bonito , no caminho para cá.

C: Ai mãe , ridículo.

M: Ele olhou para ela. Eu vou contar para o namorado dela

C: Ai, para

M: Ela fica nervosa, imagina se vou contar para o namorado dela . É brincadeira. É, que ontem.....

T: O que aconteceu ontem?

M: Minha mãe veio lá em casa. Ela estava internada. Eu queria ver ela mas a situação financeira..... condução não dava para ir lá. Agora descobri que com o passe que ganho aqui, dá para passar lá, na casa dela. Voltando ao assunto, ela foi em casa e eu estava fazendo faxina. Eu estava com dores e a Cláudia me ajuda, senão não posso pegar a faxina. Preciso da ajuda dela. Eu preciso de ajuda do João Pedro, não posso carregar peso. Eu fui para o serviço e me disseram que a mãe estava em casa. Só faltava bater uma máquina de roupa e estender. Falaram que a minha mãe estava brava me esperando e dizendo que eu não fui ver ela. Eu estava doente e ela não quer esperar. Eu liguei lá e falei que eu estava subindo só faltava estender a roupa. O André estava em casa fazendo os trabalhos, porque a loja que ele trabalha fecha às 18: 00

horas e só dá para trabalhar em casa. Ai chegamos falei coma minha mãe e ela saiu. O André disse que tinha um serviço de tinta, saiu e voltou mais tarde . Ai eu não gosto desse tipo de coisa, sempre falo para os meus filhos , por mais que seja ruim é bom contar a verdade. Por mais que seja difícil , a verdade é sempre a melhor opção. Eu falei uma mentira ontem. Não é do meu feitio, mas joguei verde para colher o maduro com o André. Ai eu falei que, fui no serviço dele e ele não estava. Ele perguntou que horas eu tinha ido. Eu falei às 9:20 ou vinte para às dez. Ele falou – Você viu a confusão lá fora ?

Eu disse que não. Em vez dele falar dele, ele fez um monte de perguntas. Ele devolve. Eu disse: te chamei no portão, as luzes estavam apagadas. Tem uma loja de lingerie , em cima , uma oficina em baixo. A mentira tem perna curta , e eu tive que usar isso. E nos fundos eu tentei bastante. Ele disse que estava preocupado com o portão aberto da frente que podia roubar as ferramentas dele. Estava comendo miojo e disse para eu parar com a ladainha. E eu disse que, quem não estava entendendo era eu. Mantive a mentira. E ele falou que ia falar com a moça que trabalha lá que não abriu a porta.

C: Não mãe....ele falou que ia falar com a mulher e foi para o quarto.

M: Ele disse para eu ir para o quarto atrás dele. Eu disse que não era cachorra. Eu falei tchau. Isso me ofendia no passado. Hoje ofende, mas não tanto como antes. Ficou por isso mesmo.

T: Sempre fica como isso mesmo ?

M: Eu acho errado , precisa ser diferente. Todo mundo foi dormir. Eu estava dolorida ,não dormi.

T: Eu imagino que estas situações lhe causem mais dor.

M: É , eu fico pior , mais nervosa. E lembrei que eu perguntei se ele tinha ido trabalhar hoje. Ele falou que estava por ai e eu disse que não é resposta. Ele estava nervoso e com a voz alterada. Para mim, morreu. Ele dormiu.

C: O meu namorado também fez uma que eu não gostei . Ele trabalha tem o dinheiro dele e, ele foi em casa comendo miojo e eu disse que queria também. Ele disse que foi comprar e não voltou. Eu fiquei esperando ele. Ele depois disse que comprou e guardou na casa dele. Eu fiquei esperando. E ele disse que ficou tarde. Ai, ontem ele trouxe o miojo. E eu queria comer com ele . Ele deixou um monte de miojos em casa e foi pra casa dele . Eu liguei lá e disse que só comeria o miojo se ele viesse.

T: Ele mora perto?

C: Mora , bem perto. Ele foi lá . Todo mundo em casa estava comendo miojo.

M: Eu pedi para o André o dinheiro da condução para vir para cá. Falei que devolveria que aqui dão o passe para ir e voltar. Eu perguntei novamente e ele disse que não arrumou dinheiro. Ele disse que não pode fazer nada ; sinto muito.

T: Como você esta aceitando isso ? Sua filha parece que está fazendo diferente.

M: Eu não estou aceitando.

C: Está aceitando , sim .

M: Nunca aceitei. Eu gosto de conversar. A gente já conversou sério. E a última vez , faz uns dias, eu pensei em separar. Eu faço muito para te agradar. Ele diz que me ama e gosta dos meus filhos. Mas eu disse que ele fala uma coisa e faz diferente . Eu acho que sou durona. Eu sou durona em coisas da educação dos meus filhos e do futuro deles. Eu estou um pouco mais flexível , já que estou lidando com adolescência. Aqui é um compromisso, o fórum é um compromisso. Eu fui criada assim . Eu sempre digo o que penso e respondo o que você me pergunta. Eu não digo, não sei. Eu respondo, o que sei. Se você pergunta se eu estou gostando eu respondo. Que sim. Mas posso responder que estou conhecendo e que não sei. Mas respondo.

T: E em casa como estão vocês duas ?

M: Nós estamos bem melhores , mas eu fico maguada com as discussões. Eu analiso tudo que eu falei e tudo o que ela falou. Quando eu errei. Eu erro muito. Quando eu pensei que podia falar diferente. Penso que se tivesse falado de outro jeito , ela não falaria daquela forma. Agora na questão de sentimento , eu fico muito maguada. Sempre tudo que quis era ter um filho e estou realizada com isso. Acho dez, ter um filho e ter amigas. E, eu penso , onde errei? O que estou fazendo de errado? Muitas pessoas acham os defeitos do outro e não se enxergam . Eu sou diferente . Estou sempre me olhando.

C: Fala mãe, que você fala brava. Eu não sou obrigada a ter o mesmo pensamento que você.

M: É difícil quando a pessoa está fora de controle ser educada. A pessoa ofende , magoa.

C: Você deveria pensar um pouco como você fala .

M: É porque discussão não chega a nada. São raras as discussões que conseguem chegar em algum lugar. Ela perguntou meu sentimento e eu me sinto muito mal. Ela ficou com mais raiva de mim e eu dela. Fica pior a convivência e agrava.

T: Você está contando quando vocês discutem , vocês podem sentir, dizer o que pensam e que algumas vezes dá mais certo outras vezes não , mas me intriga quando você discute com o André , como fica estas coisas o que muda?

M: É diferente. Porque minha filha fica para sempre , porque vale a pena. Eu pensei nisso ontem. Mas o André diz que eu sou durona , mas que eu relevo algumas coisas dos meus filhos. E, é mesmo. São meus filhos. O André não compreende uma coisa que eu ensino a pendurar as toalhas , dar descarga, lavar a louça. Ensino tudo. Eles não são obrigados a fazer. A obrigação é do adulto.

C: Eu vejo que é obrigação.

M: A Cláudia tem as obrigações dela . O João Pedro , arruma a cama e cuida dos bichos. Cada um tem obrigação. Eu acho que não é qual palavra se usa muito na televisão ? é exploração. Eu estou educando e ensinando.

T: Você contou aqui que na sua vida você se sentiu explorada , quando trabalhava na casa de sua irmã. Não foi isso que contou?

M: Eu fui explorada sim. Na casa de minha irmã.

T: Você sentiu isso ?

M: Sim, a criança , o adolescente..... quando faço birra para Cláudia, os adultos também fazem birra.

C: Não é mãe.

T: Sua irmã te explorou na casa dela , fazendo você fazer muitas coisas ? Na sua casa qual é o sentimento é de exploração ou de aprendizado?

C: Eu sempre ajudei minha mãe, acordo cedo, limpo toda a casa. Lavo a roupa, limpo o banheiro e vou para a escola correndo, tomo banho e quando voltava da escola limpava a casa e fazia a janta.

T: Você faz porque quer fazer?

C: Não , mas porque ela pedia. Aí eu fazendo tudo, ela brigava comigo, dizendo que eu não fazia nada. Aí eu falei: tá bom não vou fazer mais nada.

M: E você falava: eu faço , faço e nunca agrado a senhora.

C: É eu faço e nunca está bom.

T: Ela fazia mal feito?

M: Não , ela sabe fazer. Eu que estava nervosa.

T: E com Você Maria acontecia assim quando estava na casa de sua irmã?

M: Em parte. Quando a Cláudia fala isso, eu estava doente com a perna engessada e logo eu precisava dela . Se eu tivesse um marido que enxergasse isso, poderia me ajudar. A Cláudia sabe de tudo. Ela é uma criança.

T: Eu não vejo ela como uma criança.

M: Mas na época ela era. Há 4 anos atrás. Ela tinha provas , lição de casa.

Ela poderia colaborar, mas não tinha a obrigação de fazer tudo , porque tinha os afazeres da escola.

C: Mas tinha que fazer.

M: Não eu estava muito chateada e nervosa, o dia inteiro na cama, sem poder fazer nada.

C: Mas era quando a sra. trabalhava também.

M: Ai fui teimosa e procurei um serviço de faxina que é esse que eu estou até hoje. Eu falei para a Cláudia que iria precisar de ajuda dela.

T: Mas quando você reclamava do trabalho, da ajuda dela, por que ?

M: Toda vez que eu erro eu falo depois para ela.

T: Reconheciam o seu trabalho na casa de sua irmã?

M: Ela reconhecia ela não dava muita tarefa. Ela me sustenta , ela trabalhava fora e eu cuidava das crianças, de tudo.

T: Eu me lembro de você contar que trabalhou muito na casa de sua irmã.

C: Um dia você falou que lavou a roupa.....

M: Um dia eu vou chegar nesta história. Isso foi com a minha irmã Nena, agora com a minha irmã Cida foi diferente . Ela me explorava. Ela dizia para os outros que eu era a empregada dela. Isso foi humilhante. Ela é mandona brava. Ela é a ovelha negra da família. Eu falei o que a mulher tinha dito. E ela negou e fazia eu engolir, me entupir. Eu preciso reconhecer.Eu aprendi muita coisa com ela. Ela não fala com minha mãe nem com meu irmão e nem com a Nena. Hoje comigo ela fala.

C: As vezes ela estava com preguiça.

M: Ela contou para a D. Antônia , psicóloga e aproveitou e exagerou e ela deu razão para ela . O que é normal, ele é adolescente. Ela tem que proteger, é claro.

T: Me pareceu que na história da sua família, as mulheres trabalham muito, fazem muito bem feito e a Cláudia está também neste caminho. E os homens? Eles tem mais regalias?

M: Não na minha família eles não tiveram. No caso, o André tem sim.

C: A minha mãe pede para ele comprar a mistura e ele não compra.

M: Eu não queria falar com as crianças sobre este problema. Hoje eu já falo. Precisamos amenizar isto. Olhar para o lado dele. A mãe dele criou ele assim, eu vejo os dois lados.

T: Então a mãe pode continuar cuidando.

C: A mãe está muito melhor de vida sem ele. Ele usava o telefone demais , fazia gastos que ela não podia pagar. A filha dela, pagava a conta e cada vez a conta era maior. Ele nunca pagava nada . Ele jogava video game e a conta de luz era alta.

T: Ele estava sendo um filho , o tempo inteiro.

M: Eu sempre quis amenizar a situação.

T: Por que ?

M: No início , eu não queria passar os problemas para os filhos , mas a Cláudia, não é boba e percebe. Eu sempre usava isto, o André foi criado de um jeito , você de outro , não é igual. Nunca teve filhos. A gente tem que dar tempo para a pessoa se adaptar. A Cláudia está arrumando as coisas, o João Pedro lavando a louça e ele está fazendo , o quê ?

C: Nada.

M: Eu comecei a falar com a Cláudia que eu achava errado, ele não fazer nada. Falei para eles não arrumarem as coisas dele.

T: Ele deveria dar exemplo , fazer , ensinar

M: Lógico.

C: Até eu paguei conta , quando trabalhava. Eu sempre dei todo dinheiro para minha mãe. Eu trabalhava no Buffet com minha mãe trabalhava até a meia noite e ganhava 15 reais e dava tudo para ela. E ele diz que trabalha , ganha 300 reais em um dia e não dá nada , nem sei o que ele faz.

M: Isso acontecia desde o início, eu era compreensiva. Depois fiquei chata e agora não tem mais compreensão. Eu bato de frente , mas nada muda, ele bate o pé. Ele sempre fala que está por aí. Nunca fala aonde. Eu acho que ele não consegue e tem vergonha. Ele diz que vai procurar trabalho e mostrar o que ele faz , mas ele sai e não leva os trabalhos e aí eu digo: como vão gostar se você não levou seu material? Ele diz que já conhecem o trabalho.

Mas a gente sabe com a convivência que não é isso. Ele reclama e diz que eu quero relatório. Eu sempre falo aonde vou e ele não.

Mas eu não aceito e nada muda.

T: Será que as situações vividas quando você era criança; nesta época você não tinha instrumentos para mudar uma situação e para dizer eu quero ou não quero, Está acontecendo hoje, como se você não tivesse possibilidades de dizer o que quer e o que não quer ?

M: Eu dizia também para meu pai de forma educada , que não queria . Ele me chamava de marruda e birrenta. Eu não tinha como sair. Ele não me respeita. Me deixou passar fome. Mas nada mudava.

T: Você pensa que hoje seu poder é outro para mudar?

M: Para o André , eu falo discuto. O André não se altera , ele sai e me irrita.

T: Isto é o que ?

M: Ele não me respeita. Isso me incomoda muito. Ele sai e eu espero ele chegar e continuo a falar. Eu digo que insisto por que não resolvemos o assunto. A maioria fica por isso mesmo. Ele fala que me ama e vai mudar , mas não muda. Ele diz que é o marido, e que eu me imponho muito.

T: É um jeitinho que te enrolar ?

C: Ele fica no lugar de irmão. E minha mãe fica no lugar de mãe. Aí, ele fica bravo. Ele sai.

M: Bem lembrado, Cláudia. Ele não se coloca como meu filho.

C: Ele não se põe como marido.

M: Exatamente.

C: Mas ele quer mandar e aí ? não dá.... como ele vai mandar.

T: Cláudia , você tem uma clareza nesta situação. Parece que se sua mãe aceita este jeito dele mais crônica fica esta situação não é ?

M: Ontem, quando estava minha mãe em casa bom não devia falar na frente da Cláudia , mas a minha mãe viu o meu jeito com o André. E falou que

duvidava que ele ia trabalhar. Eu falei para ela que estava de saco cheio. E a Cláudia estava passando e falou: Tomara a Deus.

C: Eu acho que seria bom. Minha mãe precisava arrumar alguém que ajude ela. E não atrapalhe. Cada vez está pior em casa. Ela se complica , fica confusa e fica doente, com dores e briga comigo.

T: Eu acho que você pensa muito bem, seus idéias são boas e ajudam muito sua mãe e a você.

C: Eu falo que podemos ficar os três e que ela pode arrumar alguém melhor e ser feliz.

T: Talvez sua mãe possa não ser mais explorada por ninguém. É um jeito bom de proteger a família e ensinar coisas importantes. Eu estou pensando no sonho seu, Cláudia, e neste sonho tem uma ratazana que come o filhote. Isso me faz pensar em filhos indefesos que precisam de proteção.

M: Neste livro sobre mentiras , o pai não quer que os filhos mentem , mas ele mente e daí como ele vai ensinar isso? As poucas vezes que menti , não prejudicou ninguém, foi necessário. Mentira pesada eu nunca falei. O pai da Cláudia , quando eu estava grávida , não tinha nenhuma fralda, ele não estava nem aí. O Outro marido ajudou mais, mas era conformista. Se precisava comprar um aspirador , ele achava que não precisava.

T: Estamos na hora , até a próxima semana.

FAMÍLIA BORGES

1. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 06/ 08/2004 NO CEAF.

A família de Rosa, Walter, e Fernando foram atendidos por Suzanna Levy (**T1**) e por Lena Bartman (**T2**).

No início do atendimento foi conversado sobre a pesquisa e só iniciou a gravação depois da autorização estar consentida e assinada por Rosa , mãe de Walter e Fernando.

T1: Nos conte um pouco da história de vocês e o que está acontecendo.

R: Eu estou procurando por causa do Fernando, ele me dá muito problema. Desde que agente morava no interior ele dá trabalho e o conselho tutelar indicou uma psicóloga para ele.

T1: Vocês moraram no interior? quando ?

R: Nós estávamos em Caçapava. Nós fomos por que eu prestei um concurso público e fui indicada para trabalhar em uma escola , como auxiliar de serviço. A vaga saiu para o interior. Alugamos uma casa lá. Ai ele apresentou problemas lá.

T1: Ele apresentou problemas logo que chegou lá ?

R: Não, depois de um tempo.

T1: Vocês conheciam a cidade ? Tinham conhecidos lá ?

R: Não conhecia ninguém e foi a primeira vez que fomos para lá.

T1: Corajosa , você deixou a família e foi para um lugar diferente.

T2: É corajosa mesmo.

T1: Qual a distância daqui lá ?

R: Uma hora e meia. Daí eu comecei a trabalhar lá e apareceram os problemas. Tanto dele como meus . Só que eu não percebia.

T1: O que aconteceu com você ?

R: Em mim.... eu não conseguia dormir e chorava muito.

T1: Me conta um pouco deste choro.

R: Ah eu tive muitos problemas com o trabalho. A diretora da escola era muito difícil de lidar. Ai, eu fui levar ele na psicóloga e ela disse que eu precisava de ajuda e tentou me ajudar. Disse também que o Fernando dobrava muito todos nós. Me deu um carta de afastamento do serviço. Mas não conseguiu me ajudar, naquela época.

T1: Por que ela não conseguiu ajudar?

R: Porque eu precisava voltar e mudar de trabalho mas, não ia deixar uma vaga de concurso público. Depois de dois anos você tem direito a transferência , é um concurso estadual. E tudo depende da chefia. E a chefe era justo a diretora da escola e ela não dava a transferência. Ela queria que eu pedisse as contas. Eu já tinha sofrido dois anos no interior e eu não queria perder a minha vaga. Não era fácil, eu tinha muitos gastos de aluguel e tudo a psicóloga foi conversar com ela e nada .

T2: Eu estou olhando o desenho do Fernando , este homem forte, muito bem desenhado.

R: A diretora não me transferiu e eu estava desesperada.

T1: Eles estavam estudando?

R: Os dois estavam.

T2: Em outra escola?

R: Em outra. Ai eu não conseguia , eu queria me matar. Pedir a conta. A psicóloga proibiu eu entrar na escola. Eu falava que eu ia me matar na escola na frente dela , a diretora. Ai eu voltei para S. Paulo. Meu irmão foi me buscar porque eu estava muito mal. Eu tomava calmante. E ele com problemas psicológicos também.....

T1: O que ele tinha ?

R: Ele (Fernando) tem problemas de relacionamento na escola. Ele briga muito , ele não ia para escola. O horário dele era de manhã. Ele sentia sono e

esperava eu sair para trabalhar e voltava e dormia. Ele tinha muitas faltas na escola e brigava muito e ficou com a mesma professora no primeiro e segundo ano. E a professora não gostava dele. Ficou cansada... ele era difícil.... A professora falou que ele teve sorte pelo fato dos pais dos alunos serem sangue de barata e não reclamaram das brigas dele. Poderiam até ter matado ele.

T1: Foi então muito sério?

R: Eu não sei....mas acho que a professora também tinha problema psicológico. Quando ela conversava comigo ela falava de um jeito e quando estávamos com a diretora ela falava de outro jeito e falava outras coisas. A psicóloga também foi na escola conversar. Aí voltamos para S. Paulo. Quando cheguei aqui minha sobrinha tinha arrumado um papel para levar para a diretora e a minha casa estava pintada e arrumada . Eu morava no Capão Redondo. Agora moro aqui perto , por causa da escola que ficava longe. Eu já tinha transferido eles na escola para S. Paulo. A psicóloga disse que eu não precisava me matar.

T1: O que estava acontecendo no trabalho, que era tão difícil? Que você chegou a pensar em tirar sua vida ?

R: Eu não podia ficar ali e não podia pedir as contas.

T1: Já houveram outros momentos da sua vida que você pensou em se matar?

R: Eu cheguei a cometer o suicídio. Fiquei internada uma semana.

T1: Quando foi ?

R: Foi nesta situação mesmo , quando minha irmã ligou e disse que eu não tinha saída. Ela também estava ajudando mas soube que não tinha jeito de eu trabalhar em S. Paulo, teria que ficar no interior. Ai eu cometi o suicídio. Eu tomei um monte de comprimidos e eu fiquei internada muitos dias não me lembro.

T1: Como ficaram os filhos ?

R: Eles ficaram em casa. Eles foram para casa da minha filha.

T1: Então você tem uma filha ?

R: Ela tem 20 anos. (choro) Minha sobrinha conseguiu minha transferência e eu fui trabalhar nesta escola que estou até hoje. Gente muito bacana.

T1: O que você está sentindo Walter? Com o que sua mãe está contando ?

W: Tristeza. Ela esta melhorando um pouco.

T1: Como você entendeu o que aconteceu ? Quais suas idéias ?

W: Tento não pensar.

T2: O que você imagina?

W: Ela estava sendo mal tratada no trabalho, era um trabalho muito pesado e depois teve os problemas com meu irmão.

T2: E antes dos problemas lá neste trabalho haviam outros ?

W: Não sei.

T2: E você Fernando , o que está pensando ?

F: Ela precisa de um emprego melhor . Ser bem tratada.

T1: Você está desenhando homens fortes é isso?

F: São lutadores , são fortes. Todo mundo tem medo deles.

T1: Você tem talento para desenhar. Olhe Lena ,os desenhos dele mostram os movimentos! Você gosta de futebol ?

F: Gosto muito.

T2: Qual time você torce?

F: Eu sou Corinthiano. E vocês ?

T2: Eu sou Corintiana .

T1: Eu também sou e vocês.

R: Todos somos.

W: O Corinthians está melhorando , agora.

T2: Melhor você, Fernando sentar aqui na mesa para desenhar , fica mais confortável e tem uma base melhor para desenhar.

T1: Rosa , me conta um pouco sobre a família, o pai dos meninos , sua filha, seus irmãos.....

R: Eu tinha mãe , mas ela morreu logo depois da minha vinda para cá. Quando eu voltei para S.Paulo ela não estava boa do coração e morreu não faz nem um ano.

T1: Que idade ela tinha ?

R: Quando deu o primeiro enfarto , ela tinha 76 anos. Eu estava no interior. Eu peguei minhas férias e vim ficar com ela. Ela melhorou e foi para casa. Quando ela ficou pior mesmo , eu já estava aqui em S. Paulo. Ela veio a falecer logo que eu voltei. Eu voltei em novembro e ela morreu em março. Eu tenho minhas irmãs nós somos em sete irmãs e sete irmãos. São 14 na família. Éramos 17 mas faleceram 3 e mais 3 ao nascer. Nasceram 20.

T2: Vocês moravam aqui em S. Paulo ?

R: Nós moramos aqui há 32 anos. Antes a família era de Governador Valadares.

T1: E seu pai ?

R: Meu pai faleceu há 10 anos.

T1: Sua mãe morreu antes ou depois da sua tentativa de suicídio?

R: Ela morreu depois.

T1: Como ela reagiu?

R: Ela ficou triste mas ela era forte. O problema dela era o coração, ele era fraco. Ela falava muita coisa para gente, conversava. Ela passou coisas muito difíceis era forte. Eu não sou tão forte como ela. As dificuldades da minha mãe foram maiores que as minhas. Eu queria ser forte como ela. Eu tenho meus irmãos. Fora de S.Paulo eu tenho 4 irmãos. Eu vejo muito as minhas irmãs. Eu procuro ver eles também , mas agora eu estou trabalhando tanto que sobra pouco tempo.

T2: E os meninos convivem com todos ?

R: Convivem mais com as minhas irmãs. Elas moram perto. A gente se vê muito. Agora eu estou morando um pouco longe delas (irmãs), mais estou próxima do trabalho e da escola deles(filhos).

T1: Com uma rede familiar desta , deve ter sido difícil ficar longe, no interior.....

T2: Eles devem ter muitos primos , vocês aproveitam isto?

F: Agente gosta deles , mas não de todos.

T2: E você Walter também ou é diferente/

W: eu gosto muito dos primos.

T1: E o pai deles ?

R: A Lúcia, minha filha é filha do meu primeiro casamento. Casar mesmo eu nunca casei. Eu morei com o pai dela dois anos. Não deu certo e agente se separou ai eu fiquei sozinha uns anos e tive ele (Walter). Só que o pai dele ele não tem contato. Ele não conhece o pai. Porque na época que eu fiquei grávida dele foi uma noite só e eu nunca mais vi ele. E nem procurei porque ele era casado. Eu assumi os 3 desde que nasceram, eu assumi. E depois de um ano eu casei com o pai do Fernando. Hoje o pai dele está preso

T1: Por que ?

R: Porque ele matou um rapaz há 14 anos atrás e agora ele foi condenado e estava fugido. Ele precisou de um documento e quando foi tirar foi preso. Já

tem dois anos.Quando ele foi preso eu estava no interior. Me ligaram para avisar.

T2: Vocês não moravam juntos ?

R: Não nesta época. Eu sempre fugia dele.O pai dele era muito agressivo , violento. É muito difícil viver com ele. Ele judiava das crianças e de mim.

T1: E no início, como era?

R: Ah... ele era bonzinho. No começo não tinha problemas. Depois eu não vivia muito com ele , eu fugia muito. Ele me perseguia muito. Ele queria muito viver comigo. Ele era trabalhador. Depois ele se envolveu com drogas , bom... daí...Ele ficou muito agressivo. Eu apanhava muito dele . Este meu olho ficou assim... Foi por causa dele. Eu não enxergo com ele. Ele dava tiro e ameaçava dar tiro na gente.

T1: Durante este tempo que vocês estavam juntos você não teve medo de morrer, ou que ele te matasse?

R: Não. Eu pensei em me matar. Na época tinha revólver em casa....Eu ia pegar o revólver. Cheguei a pegar e apontava para mim e para ele e não sabia se matava ele ou se me matava. Ele estava dormindo e acordou na hora que eu estava com o revólver e a partir desse dia nunca mais ele trouxe arma para casa.

T1: Ele ficou com medo?

R: Eu não sei o que passava na cabeça dele , mas deve ter ficado com medo de alguém morrer. Eu me escondia dele fugia e ele ia atrás de mim e quando ele me achava, eu voltava de medo dele fazer alguma coisa com as crianças. Ele ameaçava. Também era a minha casa e eu queria ficar em casa.

T1: E quando ele foi preso , vocês estavam juntos?

R: Não nós estávamos em Caçapava. Ele estava com outra mulher na época. Ele estava com outra , mas não deixou claro que nós estávamos separados. Eu não podia ter outro para ele. Não que eu não arrumava alguém , mas eu tinha medo que ele aparece e matasse o cara. Eu nunca deixei que ele soubesse. Era escondido. Quando eu fui morar com ele o Walter tinha 8 meses.

T1: Como ele foi para você, Walter ? Ele deu algum suporte?

W: Não. Ele foi muito violento.

T1: Com você também?

R: Ele quase matou o Walter. Eram 2 horas da manhã ele chegou e atacou meu filho e machucou muito. Eu tirei ele do meu filho. Ele tinha uns 10 anos.

T1: Nossa como foi isso , você lembra bem Walter?

W: Se lembro. Eu tinha quebrado a tampa do vídeo a tarde ai ele me acordou bravo e eu disse que foi sem querer e ele começou a bater.

T2: Mas bateu com que ?

W: Ele deu soco. Eu fui para o hospital.

T2: Nesta é poça o Fernando tinha mais ou menos 2 anos ? É Isto?

R: Ele tinha uns 2 anos. Quando o Walter tinha dois anos também apanhou muito dele.

T2: E o Fernando também apanhou?

R: Uma vez ele pegou o Fernando e jogou ele contra o teto na lavanderia. Machucou muito. Se ele quisesse matar agente tinha matado. Ele não queria.

T1: E seus irmãos homens ?

R: Uma vez ele bateu no meu irmão e bateu na mãe . Na mãe, ele empurrou o portão em cima dela, e cortou fundo a mão dela. Nesse dia ele foi na casa dela e quebrou coisas na casa . Quando eu cheguei do trabalho fui levá-la para o pronto socorro. Minha mãe chamou a Polícia. Ele fugiu. Mas era uma situação difícil por que a gente não conseguia se livrar dele.

T2: O fato dele ter sido preso foi de alguma maneira um alívio?

R: Foi sim , além de tudo tinha os gastos, ele comprava coisas e não pagava. Sobrava para mim. Ele ia muito no bar e não pagava. Mas para o Fernando foi um choque . Ele sofreu muito. Era pai dele né!

T1: Walter, o que você pensa ou pensava sobre esta vivência da família e do pai do Fernando, do sofrimento vivido por vocês ?

T2: Deve dar uns sentimentos muito diferentes.....

W: É muito difícil pensar. É confuso. Agora está melhor.

T2: E você Fernando?

(pensa e não responde)

T1: Este desenho o que é ? me conta sobre ele.

T1: Quem são, Fernando ? (referência ao desenho)

F: São meus amigos. Eles se encontraram e estão apertando a mão um do outro.

T1: É um cumprimento?

F: É.

T1: Estes homens tem os braços fortes. Quem são eles?

F: São os caras da TV.

T1: Eu queria perguntar para o Walter. Estes sentimentos de confusão como são ?

W: Um dia o cara está legal outro dia aparece e está louco.

T2: Que sentimento é esse? Raiva , medo ?

W: Eu não tenho raiva não.

R: Pelo que eu percebo o que ele fala , ele tem carinho pelo Das Cruzes (apelido do padrasto) ele gosta dele. A única coisa que ele falava era raiva no momento da briga . Isto minha filha Maria também falava. O Walter falava que se ele aparecesse e fizesse alguma para mim , ele matava ele. O que é uma reação normal. Mas eu percebo que ele tem carinho por ele. Não tem raiva mortal dele. Eu hoje, não tenho raiva mortal , mas já tive. Na hora que ele chegava daquele jeito , eu tinha muita raiva. Mas depois eu não consigo ter aquele ódio. Hoje eu me sinto uma pessoa forte. Eu sei que ele vai sair da prisão e eu estou preparada para conversar com ele, e eu não vou fazer mais tudo aquilo que eu fiz, contra minha vontade por medo dele. Hoje eu não tenho medo dele. Naquela época eu sentia muito medo dele. Eu não sentia ódio, eu sentia medo dele fazer alguma coisa para mim, ou para minha família ou alguém que estivesse perto de mim na rua ou do lado. Naquela época eu fazia tudo , eu voltava para casa eu ficava com ele. Eu acho que quando ele voltar ele vai ser uma pessoa melhor.

T1: Quando vocês estavam separados era melhor ou pior?

R: Quando eu fui para o interior ele estava mais calmo. Agente estava separados. E mesmo antes de ir para Caçapava eu estava na casa da minha mãe.

T1: Quando vocês se separavam ele ficava mais organizado?

R: É ele ficava melhor e mais calmo e esperando eu voltar. Ele ficava calmo para eu voltar. Ai eu voltava e qualquer coisa era motivo para briga. Ele ficava na rua dias sem avisar

T1: E você voltava para casa e esquecia o que acontecia ?

R: Não esquecia, mas achava que podia ser diferente. Eu também não gostava de ficar lembrando. Ele ainda escreve cartas para nós.

Mas agora eu estou com um companheiro. Não é um companheiro futuro . Agente era amigos e ele também estava com problemas difíceis e agente resolveu morar junto aqui até vencer o contrato da casa.

T1: Mas não está bom estar com ele ?

R: Ah porque eu acho que eu sou uma pessoa difícil. Como vou explicar.... eu sou uma pessoa que não gosto, bom a parte financeira é difícil , quando eu sei que não tem eu cubro mas no caso ele ganha e não compra nada para casa. É complicado. Eu fico chateada. Um homem assim não dá para morar comigo. Sem perspectiva , se ele não está colaborando agora que recebe , não vai colaborar nunca. Chegou ao ponto dele não comprar nem o pão e nem o leite em casa para o café. Eu acho um defeito muito grande no homem.

Quando eu morava com o Carlos, eu sustentava ele , ele era uma pessoa totalmente..... como vou explicar.....agente construiu uma casa juntos e tivemos um filho e ele estava com uma situação muito difícil . Hoje eu vejo.

Eu acho que ele estava doente. E hoje eu vou morar com uma pessoa que não dá o pão e leite. A gente passa necessidade. Eu saio para trabalhar a semana toda e de manhã na segunda eu faço um bico no salão de cabeleireiro. Faço faxina. Neste dia só tinha o dinheiro da condução e pedi para ele comprar pão e nada. Neste dia ele tinha dinheiro. Os meninos foram para escola sem comer nada. Eu perguntei para ele depois ele não respondeu e eu achei que ele é ruim. É uma pessoa ruim. É importante alguém que divida as coisas. Isto aconteceu várias vezes. Ele não compra a mistura e come muito, ele a filha que mora com nós. Eu vejo estas coisas e não gosto não. Quando agente alugou a casa juntos , nós não tínhamos os planos de ficar até vencer o aluguel mas as coisas pioraram então. Nosso plano era ficar juntos .

T1: Você gostava dele?

R: Eu gostava. Hoje não gosto mais. Eu fui percebendo que quando a gente foi morar nesta casa só depois de vinte dias ele trouxe as roupas dele. E ai foi passando os dias e eu perguntei Luiz onde estava o documento dele, que eu vou precisava. Ele respondeu que estava na casa da mãe. Todas as coisas dele principais, documentos; as roupas melhores ele guarda na casa da mãe dele. Será que ele tem medo de guardar os documentos na nossa casa? Eu fui perdendo a confiança .

T1: Vocês conversaram sobre isto?

R: Conversei sobre isto várias vezes. Agora a gente está como amigos não temos nada juntos. Ele mentiu várias vezes.

T1: Como era o casamento dos seus pais?

R: IH.... era muita briga. Minha mãe foi tudo na minha casa. Minha mãe ficou com meu pai cinquenta e poucos anos. Ele era alcoólatra.

T2: Ele era violento?

R: Meu pai era, ele bateu na minha mãe até quando meus irmãos cresceram e não deixaram mais ele bater nela. Mas ele ajudava minha mãe. Ele sempre trabalhou e dava o dinheiro para ela.

T1: Você também tinha esperança que o Carlos parasse de te bater quando seus filhos tivessem um tamanho que o impedisse de te bater ?

R: É eu pensava porque agente comprou uma casa , mas eu não via melhora e fiquei com medo que ele matasse meu filho. Diferente da história do meu pai e minha mãe. Meu pai batia nela mas não fazia tanta ruindade como o pai dele (refere-se ao Fernando). Ele dava tiro. Estava sempre com armas.

T1: O que você passou com a diretora da escola foi fichinha perto do que você passou com ele, não é ?

R: Quando eu fui para escola eu me senti acuada, presa à aquela escola. Eu não podia pedir as contas.

T1: Mas com o Carlos, você não se sentia presa ?

R: Não porque eu conseguia fugir. Eu ia para casa da minha mãe eu ia para casa de uma irmã, me escondia na casa de uma amiga. Tinha como escapar. Eu fugi várias vezes até a cabeça dele esfriar e ele refletir. Da diretora não tinha como fugir. Eu tinha que trabalhar. Não tinha ninguém para me ajudar financeiramente. Sem trabalho não dá perante a minha família. Eu tenho que trabalhar. Eu me vejo assim . Se eu tiver condições de ajudar minha família, que é minha responsabilidade , os meus filhos. Eu não agüento ver meus filhos passarem fome e não ter o que dar para eles ou um filho doente ; graças a Deus eu não tenho, sem remédio. Nunca faltou remédio para eles. Eu prefiro morrer se não puder dar as coisas para eles. Essas coisas importantes.

T1: Você disse que prefere morrer se o que mesmo?

R: Eu prefiro morrer se eu vê que falta alguma coisa para filho meu e não puder dar.

T1: Agora eu entendo porque você não tentou sair desse emprego. De repente você poderia ir procurando outro emprego para mudar. Me parece que o medo de não poder dar o que seus filhos precisavam foi muito grande.

R: Eu sempre trabalhei desde 9 anos. Eu era criança e ajudava a família. Nunca me faltou emprego. Na escola eu faço faxina e em casa vendo salgados e bolo. É um emprego do estado e isto é difícil de arrumar . Hoje eu estou fazendo 37 anos , eu estou com uma idade.....

T1eT2: Hoje é seu aniversário ?

R: É .

T1 e T2: Puxa , parabéns.

R: Obrigada. Eu não vou conseguir um emprego que dê estabilidade como este. Eu lutei muito para conseguir este. Foi com concurso. E eu tentei várias vezes até conseguir. A diretora ia ser minha chefe por 4 anos na escola, mas a partir de 2 anos, eu podia ser transferida para qualquer lugar, mas eu dependia dela para mudar. Ela sabia das minhas dificuldades e ela gritava comigo, dava serviço muito pesado. Ela abusava muito. Não tinha boa vontade, eu percebia isto. Outras funcionárias me falavam que o que ela fazia comigo não tinha condições. Elas diziam para eu procurar a justiça. A diretora fazia eu raspar os tacos da escola na mão. Tinha anos de cera e eu raspei corredores da escola. Fiquei acabada. Aquela mulher me torturou, além da transferência que ela dizia que não daria. Eu sofri muito e me senti presa à ela (choro).

T1: Você não podia escapar?

R: Não podia.

T1: Como você escapou? porque hoje você está aqui.

R: Foi com a morte eu tomei tranqüilizantes e quase morri. Com a morte eu ganhava dela.

T1: Com a sua morte ela se sentiria culpada e assim você vencia?

R: Não, eu ia perder o emprego mas os meninos recebiam dinheiro até ficarem maiores.

T2: Assim você não estava pedindo as contas e estava deixando seus filhos amparados ? É isso?

T1: Eles iam ficar sem você , não é desamparo?

R: Eles não iam querer uma mãe do lado sem condições, e lá não tinha nada para fazer , só trabalho e era difícil outro emprego. Só tinha aquele trabalho.

T1: Acho que dá para perceber quando você fica sem saída e qual saída você procura. Me parece que conseguiu o que queria não morreu e foi transferida.....e seus filhos ? quando você joga com sua vida como é isso ?

R: Eu pensei neste lado mas.....eu me vejoé difícil.

T1: Se você estivesse no lugar de seus filhos o que você sentiria ? ficar sem mãe tão cedo?

R: A minha filha me cobrou muito isso. Agente conversou muito disso.

T1: O que vocês conversaram ?

R: O que eu falei aqui.

T1: É uma marca muito dolorida para uma família , o suicídio. Que bom que você não morreu.

R: Agora vendo , eu acho que eu estava muito doente esta época. Eu estava desequilibrada, até com a medicação que tomava. Eu tremia muito. Minha cabeça ficou mal. Hoje, as vezes eu fico mal , sem dormir como hoje , mas não daquele jeito. Eu estou tomando remédio.

T2: O que você está tomando?

R: Eu tomo Equilid, agora. É um antidepressivo. Eu já tomei outros que me fizeram mal. O Fernando toma Tegretol. Só que esses dias ele não está tomando. Ele está mais calmo , mas teve uma crise um dia .

T2: Quem retirou o remédio?

R: Nós mesmos. Eu falo: vai tomar remédio. Ele não vai e não toma.

T1: Quando ele tem crise ele fica como?

R: A crise dele é muito nervoso. Ele briga muito com o irmão, puxa a faca. Ele acha que só ele tem razão. Ele não quer ir para escola ele faz o que quer.

T1: Ele está na idade de querer fazer tudo isto, como você mostra sua autoridade para ele ? Nas horas de crise também. Na hora que pega a faca , por exemplo.

R: Ele chega a me levantar do chão.

T1: Tem algum vizinho ou amigo com os braços fortes como estes que ele desenhou que possa segurá-lo no momento de crise? Para conte-lo. Muitos meninos na idade dele precisam ser contidos fisicamente para aprender a se conter.

R: Não preciso achar alguém. Hoje ele não quis ir para escola.

T2: Como é isso, ele não quer ir e não vai ?

R: Eu vou explicar..... eu não estou conseguindo ter autoridade sobre ele.....na escola ele arruma tanta confusão.....ele afastou da escola e ficou 3 meses sem ir. Ele foi afastado. A escola exigiu que arrumasse psicóloga e psiquiatra, mas já estava. Agora a diretora mudou ele de sala . Ele está em uma classe especial e mudou o horário dele para manhã. Daí eu falo toma banho, vai para escola e é uma dificuldade, falo vai dormir mais cedo para acordar e ele não vai.

T2: Parece que o Fernando está muito poderoso nesta família , muito forte.

T1: Também Lena, quando a gente se sente forte assim nesta idade , a gente morre de medo. A gente precisa ter alguém mais forte para ajudar a controlar o que sente. Ele dorme bem?

R: Ele dorme muito , mas tem muito pesadelo. O irmão mais velho chama ele , e brigam. Eu brigo muito por causa de pipa , linha.... e o Walter, o mais velho nem tanto, mas, eu também brigo muito com ele. Mas ele me ajuda. O Walter tenta ajudar o Fernando. Ele chama na rua , ele se preocupa. Eu digo que precisa obedecer o irmão mais velho. Mas o Walter está preocupado com as coisas dele.

T1: Você sente que seu irmão se preocupa com você , Fernando ?

F: É

T2: É difícil quando começa a faltar muito na escola porque perde muito, depois dá mais vontade de faltar, se sente de fora sem saber. Não acompanha... é uma pena, ele parece tão inteligente.....tão expressivo.... possivelmente seria só ir à escola, que ele aprenderia fácil.

R: Falta força de vontade . Ele aprende fácil.

T1: Estamos na hora mas penso que precisamos falar mais sobre esses homens da família. Me chamou a atenção a presença de homens nessa família que assustam as mulheres e crianças, que batem.... que bebem que ficam presos....Será que nesta família podem ter homens diferentes? Podemos conversar semana que vem.

FAMÍLIA BORGES

2. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 13/ 08/2004 NO CEAf.

T1: Olá como vão vocês?

T2: Como passaram esta semana?

F: Bem ... mas acho que não muito bem? Eu fiquei muito nervosa esta semana..... nós todos brigamos.

T1: O que aconteceu ?

R: Eu fiquei nervosa , porque não sabia como pagar , se podia pagar o aluguel da casa e aí teria que voltar para casa de Santo Amaro. Ele (Fernando) não obedecia , não saía da rua.

T1: E o Walter. também saí muito ?

W: Eu sou caseiro, gosto de ficar em casa.

T1: Lena, na semana passada eles falaram sobre ficar em casa e sair, e Rosa disse que queria que os filhos ficassem em casa por segurança. Eu fiquei pensando como uma mãe pensa. Sair para a rua pode ser mais perigoso, mas o desejo de estar com os amigos , jogar bola é saudável, ficar em casa envolve menos riscos, deixa a mãe mais tranqüila , mas e os amigos? será que também preocupa a mãe , eles ficarem muito em casa?

R: Não , porque ele sai muito no fim de semana.

W: Eu tenho muitos amigos.

T2: Que bom

T1: O que você gosta de fazer em casa?

W: Eu fico vendo televisão, arrumo a casa também para ajudar minha mãe.

T2: O que você assiste ?

W: O que tiver passando. Tanto faz.

T1: E você Fernando, gosta de ficar em casa um pouco ?

F: Eu gosto de ficar na rua com meus amigos.

R: Ele adora a rua, ficar com os amigos, eu chamo ele para casa.

T1: Ele também ajuda na casa como o irmão ?

W: Não ele não faz nada, não lava a louça , arruma a cama quando quer.

R: Eles brigaram neste fim de semana. E o Walter ameaçou de ir embora e eu fiquei nervosa.

W: Eu cheguei em casa e estava uma bagunça a cozinha , cheia de copos sujos. Ele (Fernando) e os amigos usaram e eu tinha deixado tudo limpo.

T1: O que acontece ? ele não lava, por que ?

R: Ele não obedece , eu falo, falo e nada.....

T1: E você Walter, o que você pensa?

W: Ele é mimado , só faz o que quer ? (expressão de raiva)

T1: Você fica com raiva disso ?

W: Fico muito bravo, com a minha mãe também.

T1: O que significa voltar para casa de Santo Amaro?

R: Ah! Fica longe do meu trabalho, eu demora mais de duas horas para ir trabalhar e fico pouco com os meninos. A escola do Fernando é perto. Tem a terapia , aqui perto, apesar de que,mesmo em Santo Amaro dá pra vir. Santo Amaro é muito longe. Mais eu fiquei nervosa e briguei com o Fernando. Ah ! com os dois. Eles não me obedecem...eu não gosto de brigar. Aí, além de achar que ia para Santo Amaro, mas agora já resolvi . Nós vamos ficar aqui perto. É que este fim de semana foi difícil, morreu um sobrinho que não mora aqui, de tiro, bala perdida . Pode imaginar minha irmã como está. Também morreu um amigo do Walter.

T2: o que aconteceu com seu amigo Walter?

W: Ele morreu de acidente de moto.

R: Ele bebeu muito e bateu.Estava também a namorada dele.

T1: Ela,como está?

R: Machucou bem , perfurou a cabeça , mas está viva.

T1: E como você está Walter.?

W: Eu estou triste.

T2: E você Walter, as vezes também bebe muito ?

R: Ele não é de beber , só uma cervejinha não é filho? Mas uma vez , faz uns meses, aí, eu levei um susto ele chegou carregado de bebida em casa.

T2: Conta esta história Walter ?

W: Eu bebi muito neste dia, eu estava com meus amigos.

T2: Mas os bares vendem bebida para você , com sua idade?

W.: Não, mas vendem para os meus amigos.

T2: O que você bebeu?

W: Eu misturei, cerveja, batida....

R: Este vulcão azul , uma batida.

W: Eu fiquei muito mal , mal mesmo.

R: Eu quase tive uma coisa , quando vi ele chegar , ele estava no chão , eu achei que estava baleado. Quase morri. Mas ele respondeu e eu vi que era bebedeira. Fiquei mais tranqüila. Ele ficou muito ruim. No dia seguinte também.

W: Nossa eu fiquei muito mal , no dia seguinte não passava a dor de cabeça.

T2: Como foi melhorando ?

R: Eu comprei remédios , Eparema e dei aquele líquido caro , tipo soro para ele tomar, depois eu fiz uma sopa de músculo, por que ele estava muito fraco. Custou melhorar.

T2: Você cuidou bem dele!

T Uma mãe cuidadosa....

T1: E aí, Walter depois desta experiência o que você pensou ?

W: Eu não quero mais ficar assim. Não bebi mais assim.

R: Ele ainda bebe umas cervejas, não é Walter?

T2: E você, também bebe?

R: Algumas vezes (risadas) umas cervejinhas. Neste fim de semana eu bebi mais para relaxar. Depois disso tudo.....precisei ajudar minha irmã..... Foi muito difícil. Eu não tinha muito contato com este sobrinho. O pior é que é difícil ajudar não tenho muito o que fazer. E ainda o problema da casa....

T2: E na sua família Rosa havia problema com bebida?

R: IH ! e como meu pai era alcoólatra bebia muito, meus dois irmãos também bebiam muito e bebem. Tenho uma irmã que bebe também.

T1: Conta um pouco mais

R: Ah meu pai batia na minha mãe quando bebia, batia muito. Eu sou mais nova não me lembro muito. Ele só me bateu uma vez , mas pouco. Mas na minha mãe ele batia bastante.

T2: E seus irmãos ?

R: Eles também quando bebem , um deles bate na mulher o outro não, ele fica mais calmo. Meu pai, as vezes, chegava carregado por outro pessoa . O meu irmão também já chegou assim.

T2: E o que você pensa destes homens da família e a bebida , por que você acha que eles bebem?

R: Não sei, eu bebo para relaxar, por que as vezes fico tão nervosa que não agüento.....Quero sumir. (Choro)

T2: O que vocês pensam sobre a bebida e este nervoso da mãe ?

W: É difícil por que ela fala um monte para gente, quando ela esta nervosa.

R: Mas eu fico nervosa eles brigam não me obedecem , o Fernando até faca avança na gente e o Walter também fica nervoso. O Fernando brigou esta semana na escola, ele briga na rua e me desespera e ele Walter ameaça embora. E eu falo então vai de vez , porque assim não dá !

T2: Como você escuta Walter isto que a sua mãe diz ?

W: Eu quero ir para casa da minha tia.....

R: Mas não dá para você ficar lá.

T2 Eu estou percebendo que vocês se ameaçam muito...

Você Rosa já ameaçou com sua vida , ameaçou não voltar mais. O seu filho Walter está ameaçando também vocês e o outro (Fernando) ameaça com faca Enfim vocês vivem ameaçados. Quando alguém não gosta de alguma coisa ameaça escapar. Como se tivesse uma porta aberta para escapar. Aliás, na semana passada Rosa , você disse que quando tentou se matar era porque não podia escapar de uma patroa difícil que você tinha. Eu penso que teria tantas formas de você resolver a situação que não esta de tentar se matar , pois você poderia ter morrido e aí ?

W: É isso acontece.....

T2: Que sofrimento isto não ?

R: O Walter disse que não queria mais vir aqui , eu briguei com ele por causa disso.

T2: Eu penso Walter, que também é uma ameaça e uma necessidade de escapar , pois aqui falamos de coisas difíceis , sofridas da vida de vocês. Faz sentido ?

W: Não sei.

T1: Lena , é tão importante as pessoas suportarem o que sentem mesmo quando é difícil.

R: Eu, as vezes, não agüento o que sinto é um nervoso forte, não sei o que fazer, o remédio que o médico deu não está fazendo bem. Eu fico com sangramento e não estou tomando .

T1: O que ele deu ?

R: Equilid . o Fernando também toma Gardenal , mas não está tomando .

T2: Por que?

R: Não muda nada.

T1: Lena o que faz quando você está muito aflita ?

T2: Eu caminho, saio na rua , respiro.

T1: Eu gosto de correr , me alivia muito , fazer arrumações e escrever.

R: Eu gosto de fazer arrumações me ajuda também.

F: Eu converso e melhora.

(troca de lado da fita , perde:se 3 minutos)

W: Eu saio com amigos.

T2: Ele faz só o que quer, você acha isso bom?

T2: Não teria uma outra alternativa do que esta “deixa que eu faço” ? Isto por um lado não seria ruim para ele?

R: Walter me ajuda , mas ele não.

R: Quando ele (Fernando) não quer fazer, ele ameaça com a faca .

T1: E aí, o que você faz?

R: Bom, eu chamei a polícia na última vez.

T1: Além da polícia, quem poderia ajudar vocês ? Algum amigo , vizinho, parente.... ?

R: Depois deste dia da polícia eu não tive mais problema com ele.

T2: O que sua mãe poderia fazer nestas horas ?

W: Eu acho que ela devia insistir para ele fazer a parte dele em casa.

T2: Seria arrumar a casa e fazer as coisas ?

W: Isto sim , mas tem outras coisas, o Luiz , arrumou as coisas, e foi embora , sem falar nada. O homem era para dividir o aluguel , mas nem isto . Ele está devendo o aluguel , se mandou e depois resolveu voltar e ela aceitou ele de volta ela tem que ter opinião própria .

T2: O problema para você é ela ter recebido ele de volta ?

W: Ela fica dependendo dos outros é uma atitude errada, e eu falei que queria ir embora. Eu não quero ficar lá , o ambiente é muito pesado.

T1: O que seria um ambiente pesado?

W: É o jeito dele , minha mãe já falou aqui, ele não compra nada para comer.

T1: Ele paga o aluguel , ou não ?

W: Ele paga o aluguel , é isto ? e a comida é por conta da sua mãe?

W: É isso.

F: Mas nem o aluguel ele está pagando.

W: Também o certo era morar, eu, minha mãe e ele (aponta para Fernando).

F: Esta morando também a filha dele, com a gente.

R: Mas , eu vou falar de novo que se o Luiz sair , eu tenho que voltar para Santo Amaro, e eles estão estudando aqui perto , o meu trabalho também fica perto, senão lá em Santo Amaro, eu gasto 2 horas e meia para voltar para casa a noite , eu saio do serviço às 11 horas da noite e vou às duas da tarde. É muito tarde e consegui o tratamento aqui. Eu consigo ficar mais perto deles.....mais tempo. Lá em Santo Amaro, o Walter ficou sem supletivo. Graças a Deus, eu consegui aqui no Guilermano Dias. Lá estava difícil mesmo. Eu queria morar nós três , mas o Luiz também estava com problemas com a filha e nós combinamos alugar uma casa juntos. Ele estava tendo muitos problemas com a filha, porque a casa dele é de frente para uma favela, ela ficava enfiada lá dentro. Mesmo aqui um dia destes tivemos que buscar a filha dele lá na favela. A menina engana ele e a mãe dela. Ela tem 12 anos. Nós achamos que alugando esta casa , a menina ficava fora da favela e eu mais perto do serviço e deles né..... ia melhorar a minha parte e a dele.

T2: Vocês alugaram a casa como sócios ou como casal, homem e mulher?

R: No começo como homem e mulher mas depois eu vi que não dava certo e ficamos como amigos. Mas não tem espaço lá nem camas para se separar. A gente fica na mesma cama.

T1: E como é ficar na mesma cama.

R: Deixa eu explicar.....

W: Faz muita diferença , ela pode dormir comigo.

R: Então, eu vou dormir com você , porque sempre ele não quer que eu chegue perto da cama dele.

W: Eu durmo no chão...

T1: Você tem sua filha que mora com você ?

R: Não, ela não mora com agente.

R: Deixa eu explicar, o por que, eu durmo com ele..... não acontece nada, a porta nem fechadura tem..... fica aberta.

T1: Pelo jeito para seus filhos , você dormir com o Luiz tem um significado diferente....

W: É como se ela estivesse com ele, como mulher dele.

R: Mas como eu posso pagar o aluguel sozinha, é R\$ 350,00 o aluguel.

T1: Você já fez esta conta ?

R: Eu já fiz , sou boa de conta. Eu pago a comida mas agente vive mal. Bem que eu queria comprar umas coisas boas para comer.

W: Eu acho que gasta bem menos.

T1: Talvez você Rosa, precise mostrar estas contas para seu filho.

W: O cara não compra nem nada e come , come,come...

T2: Você esta muito chateado com isso!

W: Lógico ...

R: Ele acha ruim, ele ter ido embora e não ter falado nada e o aluguel está atrasado.

T1: Sem dúvida.

F: A filha dele

W: A filha dele não é problema nosso...

R: Eu me preocupo com a menina dele.

F: Ele quer saber o que nós fazemos, porque a filha dele, ele não liga. Ele fica querendo controlar a gente.

T2: Mas tudo , segundo vocês , começou como marido, querer saber de vocês vem desde o começo ?

R: Ele até me ajuda , olhando eles.

F: Ele quer saber o que nós fazemos , mas a filha dele ele nem liga?

T1: Isto não pode ser bom ele querer cuidar de vocês ?

F: Ele fala para mãe , onde nós estamos.

R: O problema é que ele está perdido na educação da menina. Eu me preocupo com a menina e cobro dele isto. Quando ela diz que vai para casa da mãe dela ela corre e vai para favela.

T1: Vocês acham que ele não foi um bom marido ?

W: Não é.

R: Ele é boa pessoa , comparando com os outros ele é muito melhor.

Ele é prestativo. Ele vai pagar o aluguel. Eu preciso ficar.

T1: E como vamos fazer , porque seu filho disse que vai sair de casa.

R: Filho você vai perder a escola está tudo encaixado. Se o Luiz for embora , eu tenho que ir embora. Eu fiquei desesperada.

T2: Você procurou outra casa ?

R: Nossa , eu andei tudo, é muito caro por aqui.

T1: E você, Rosa, passou por um risco , se o Luiz não voltasse você teria que pagar a dívida da casa ?

R: Não , porque está tudo no nome dele e eu não sou fiadora. Eu tinha que ir embora.

T1: Ele conversou com você sobre o aluguel , se ele estava com alguma dificuldade?

R: Não, eu perguntei mas ele não disse. A responsabilidade é dele qualquer problema a responsabilidade é dele. O Walter achou ruim esta atitude dele de sair sem falar nada.

T1: E você o que achou?

R: Eu também, ele tem razão, mas o Luiz conversou. O que meus filhos querem é voltar para Santo Amaro. A minha filha também quer que eu fique perto dela. Mas a minha filha casou e tem a família dela, o marido. Eu preciso trabalhar , emprego não está fácil. Se eu morar lá não vejo quase meus filhos. Eu quero participar.

T1: Estamos na nossa hora e podemos voltar a falar deste assunto na próxima semana. Sem a presença de vocês meninos não podemos chegar a nada.

T1: Me parece que frente as pessoas que você já se relacionou, me parece não sei se é besteira mas ele não faz tão mal a família como os outros , e o que seu filho esta falando , abrindo os olhos para pontos importantes, como vocês viveram coisas ruins e ele apanhou e quase morreu. Ele está dizendo que: “eu estou de olho em quem esta aqui”. Como você já teve relacionamentos difíceis e sem respeito à você, parece que você esta acostumada a não ser respeitada. Faz sentido ?

W: É isso. Não dá mais.

T1: Pensem sobre isto. Até a próxima.

FAMÍLIA BORGES

3. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 20/ 08/2004 NO CEAF.

A família telefonou durante a semana. Rosa relatou pelo telefone que estava muito assustada porque o Fernando havia tentado matar a filha do Luiz, (padrasto) que mora com eles. Foi pedido que nessa sessão viessem além de Rosa , Walter e Fernando , Luiz e sua filha para que pudéssemos ouvir a história de ambos os lados.

Segundo Rosa , Fernando tentou enforcar a menina enquanto ela dormia, utilizando uma fita isolante. Todos estavam preocupados com o acontecimento.

R: Eu convidei eles mas eles não quiseram vir.

T1: Eu liguei para o Luiz e não consegui falar , mas deixei recados. O que acha que eles não vieram ; um acontecimento tão preocupante ?

R: O Luiz disse que ele não é da família que não tem nada a ver com o Fernando.

T1: Não tem nada a ver? Conte a história de novo.

R: Eu não estava em casa. Parece que era mais ou menos 5 horas da tarde, o Walter estava assistindo televisão. A Lindalva (filha do Luiz) estava no quarto dormindo. O quarto não tem fechadura e ele fechou a janela. O Fernando tentou enforcá-la com a fita isolante.

W: Eu estava assistindo televisão e pensei que ela já tinha saído para rua porque ela nunca para em casa. Eu não escutei nada. Aí eu fui para o quarto e ela saiu sem falar nada.

T2: Então como você ficou sabendo ?

W: Fiquei sabendo depois.

R: Quando ele chegou da escola é que ficamos sabendo.

T1: Como você não ouviu ?

W: Não dá para ouvir o som estava alto. Ela fica muito pouco em casa.

T1: Ela é uma menina que mora com vocês , na mesma casa , a quanto tempo?

W: Um ano talvez

T1: Eu pensei que era mais tempo.

T1: Mas ela fica junto com vocês ? assiste TV.....

W: Quando a gente está na TV ela vai escutar rádio. Ela nunca fica junto. E eu também as vezes vou para cozinha e escuto rádio lá. Eu evito ela .

T1: Por que você evita ela?

W: Ela tem mania de conversar besteira.

T1: Que besteira ?

W: Ela fica falando da minha mãe. Ela diz que ela, não deixa isto nem aquilo. Que, ela quer ir embora com o pai dela. Ou, as vezes, ela fala que vai voltar para casa da mãe.

T1: Ela quer que o pai vai embora ? Ela não quer mais morar com vocês ?

E vocês também não querem mais morar com ela ? É isso ?

W: É isso na verdade.

T1: Com tudo isso que aconteceu, pode apressar esta mudança ?

R: Eu cheguei nesta conclusão. O Luiz não quer todo mundo amontoadado, acho que, ele quer ir embora.

T1: Os meninos na semana passada falaram claramente que não querem morar com eles (pai e filha) e você Rosa?

T2: Nós estamos falando de uma coisa que ele fez(Fernando) eu queria ouvi-lo. Como aconteceu e como ele teve esta idéia ?

R: Ele fala que não lembra. As outras vezes que ele faz uma coisa assim como puxar a faca para o irmão, depois, ele sempre diz que não lembra.

T2: Você queria assustar ou você queria matar ? O que você lembra?

F: Quando eu cheguei da rua eu fui para o quarto da minha mãe e ela estava lá.

T2: Você tem idéia do que aconteceria se ela morresse ?

F: Eu ia preso .

T1: Você queria ficar preso como seu pai?

W: Depois ele ficou escondido no quarto quando ela saiu. Eu acho que ele achou que ia ser preso. Eles tiveram uma briga grande há 3 meses.

T2: Você acha que pode ter relação estes fatos?

F: Não.

T2: Eu fico pensando que quando agente tenta matar alguém , deve haver uma raiva grande . Você tem muita raiva da Lindalva?

F: Não.

T1: Muitas vezes sentimos raiva , brigamos com as pessoas , mas para querer matar é diferente , é muito forte , eu penso que os sentimentos são fortes demais. Muitas vezes, podemos até pensar e desejar a morte mas, agir é muito diferente. É muito sério pensar e montar uma estratégia para matar o outro. Fechar a porta e colocar um móvel atrás da porta, apagar a luz , fechar a janela, aproveitar o horário que ela dormia é montar uma estratégia. Assim seria difícil para ela se defender. Ela é maior ou menor que você?

F: Ela é maior.

T1: Isto tudo parece pensado. Eu pensei no pai dele que está preso; será que ele tem que ser igual ao pai . Também fazer coisas para ser preso. Matar como o pai. Ficar marcado como o pai com mortes. Quando sai da prisão também continua marcado . É difícil tirar esta marca.

R: O pai foi preso quando foi buscar os documentos. Ele nunca achou que seria preso.

T1: Você acha que o Fernando também pensa assim ?

R: Não sei.

T1: E os familiares , já houveram outros casos na família?

R: Não assim, o pai do pai é bem calmo . Os homens da minha família; o mais velho é um exemplo , mas os outros são difíceis . Eles batem nas mulheres, bebemmais só.

T2: Como você Rosa reagiu a este fato?

R: Quando me contaram eu fiquei nervosa, eu não consegui dominar o nervoso. Eu queria saber a verdade. E no dia seguinte eu queria dar o remédio para ele. Mas agente não consegue conversar como aqui. Ele sempre diz: já sei..... já sei. Ele sempre sabe tudo. O que é certo e errado. Ele sempre dá problema.

T1: Que problema ?

R: Ele deu problema na escola e a escola encaminhou para o conselho tutelar. No caso ele bateu nas crianças. É sempre relacionamento. Ele está sempre envolvido com confusão. Eu falei para ele que o que ele vem fazendo desde que agente mudou é muito , mas ele já vinha fazendo antes . Então, não justifica porque mudou de casa. Vem sempre trazendo problemas para mim. Eu já perguntei se ele tem muita raiva de mim, porque ele só faz o que eu não

gosto e o que é errado. A Lindalva, o Luiz não tem culpa do que ele fez, porque ele já era assim antes. Eu até falei, você quer me ver passar mal como em Caçapava? Eu estou muito desesperada como quando eu estava lá. Não conseguia dormir e não estou dormindo. E tudo começou porque eu não conseguia dormir. Depois eu só chorava, chorava e não queria mais sair de casa. Ele fala que não. Nada justifica as atitudes dele de agora. Lá em Caçapava ele teve problemas de relacionamento e a professora chegou a me falar para levar ele no médico e ameaçou ele a sair da escola e aqui também ele já foi ameaçado de sair da escola.

T1: Você rosa contou que ele (Fernando) apanhou muito quando era bem pequeno.

R: O Walter também, até mais.

T1: Quando vocês contaram o bater era quase matar. Precisava ir para o hospital. Então me parece que esta história de crimes vem vindo nesta família. Falta de controle . O adulto deveria ensinar os jovens e crianças à controlar as emoções. E não é isso que acontece aqui. Se agente pensar, as vezes não é fácil para um homem criar um filho que é de outra união, ou de outra história da mulher. Isto é comum em outras famílias. Mas se pensa, se conversa, não se bate para matar. Existem outras formas de lidar com estas dificuldades.

R: Eu acho, que tudo vem de quando eu estava grávida do Fernando.

T1: Ou antes no seu início de vida, Rosa.

R: Como assim?

T1: Veja se o que eu penso faz sentido. O que será que você viveu quando pequena que quando um homem quase mata seus filhos, você ainda continua com ele e acredita em melhora. E não toma outro rumo de vida. Como você podia dormir com alguém que quase matou seus filhos e você?

R: Eu fugia mas eu voltava. Só tive sossego agora.

T1: Acho que não. Parece que a sombra do pai continua com o filho. Não estou vendo você sossegada. Não sei se esta família não precisa da sombra dele, ainda. Quantos anos ele vai cumprir?

R: Treze anos.

T2: Fernando você faria de novo o que fez?

F: Não. (choro)

F: Ela respondeu muito para minha mãe. E minha mãe não fez nada. Nem o pai dela fez. A Lindalva xinga a minha mãe.

T1: Me pareceu que vocês (filhos) sempre falam na importância da mãe por alguns limites na vida dela e não ser maltratada. Assim Rosa se você não põe os limites; seus filhos quererem ser justiceiros e agirem por você de forma mais intensa e perigosa. Me parece Rosa que ele pensa assim: já que minha mãe não resolve eu resolvo, eu faço justiça com as minhas mãos. O Fernando, as vezes parece menor do que ele é , ele fica sentadinho no chão desenhando com uma expressão de criança pequena e as vezes parece ser o justiceiro , aquele que pensa que é muito forte que resolve se vai à escola ou não. Não toma remédio que a mãe manda. Nestes desenhos eu não sei Fernando se você se acha forte assim ou você gostaria de ser mais forte.

F: Eu queria ser mais forte e poderoso.

T2: Eu vou insistir um pouco com o Fernando. Você acha que pelo fato dele responder e xingar sua mãe justifica ela morrer?

F: Não.

T1: Você não acha que deveria pedir desculpas?

F: Não.

T2: Por que você não pediria desculpas?

F: Não.

T2: O que te deu para você fazer aquilo?

F: Não sei. Eu nem vi direito o que eu fiz. Não era eu.

T2: Eu acho esquisito isso. Você fez e nem viu que fez?

O que você acha Rosa que ele faz e diz que não sabe o que fez?

E diz que não era eu.

R: Eu acho que ele sabe bem o que faz.

T1: Eu penso numa imagem de um monstinho, que mora dentro de cada um, que dependendo do que a gente aprende em casa , segura o monstinho dentro e não deixa ele agir. Ele vai ficando fraquinho , mas se ele fica solto ele pode tomar conta. Todos temos dentro de nós. Eu entendo pelo que você diz que este seu monstinho ,as vezes, fica solto e daí ele fica muito forte e toma conta. Nessas horas o que a mãe pede, o monstinho não escuta, fica longe, não dá importância. Fica difícil de breca-lo. Para breca-lo, a mãe teria de ficar junto e segurar. Os médicos também ajudam dando algum remédio para deixar

este monstrinho sonolento. Mas temos que pensar em outras ajudas que não só os remédios . Sozinhos eles não dão conta. Esta situação precisa que se dê conta já.

Precisa ir na escola , estudar fazer o que tem para fazer, ajudar nas tarefas de casa sem privilégio. Isto já ajuda. Se a família faz as coisas por ele, lava a louça, arruma a cama todos estão dando corda para o monstrinho.

T2: Por isso , Suzanna que eu perguntei para a Rosa qual tinha sido a reação dela? Eu fiquei pensando o que uma mãe pode fazer quando o filho faz uma coisa assim tão grave. Quando o monstrinho toma conta.

T1: O medo ajuda, porque a gente tendo medo deixa de fazer coisas. Como o medo da polícia , o medo de morrer.

R: Ele não tem medo de nada.

T2: Como podemos ajudar a Rosa a controlar o monstrinho do Fernando ?

Quando a Rosa diz que ele não tem medo de nada....

T1: Eu penso que é difícil não ter medo de nada. Talvez ele não tenha medo da mãe, da autoridade da mãe, da voz da mãe. Mas quando a Rosa fala que fica nervosa, que não dorme e fica como em Caçapava eu acho que ele fica com medo. Não só ele, mas o Walter também que é o medo de morte dela . Dela tentar se matar. Isto me parece que fica escondida, a palavra morte, por detrás destas palavras dela. “Eu posso acabar com a minha vida.” É uma ameaça. É uma forma muito complicada de segura-lo.

R: Tem horas que eu perco a força e penso em morrer.

T2: O que você acha que pode fazer para controlar este monstrinho do Fernando, que ao mesmo tempo, eu vejo um outro lado maravilhoso nele. Não no monstrinho. Eu vejo inteligência, vivacidade.

T1: Se a pergunta é para mim Lena, eu não sei.

T2: Você Rosa já deu castigo para ele ?

R: Já, ele nem liga.

T2: Não tem nada que ele goste ?

R: O que ele gosta eu não posso dar , ele me cobrou. Ele quer uma bicicleta. Ele fica na rua . Ele gosta de jogar bola. O tênis fica sujo , o dedo do pé machucado.....Ele tem que ficar o tempo todo perto de mim , daí funciona. Mas eu preciso trabalhar..... Eu ligo bastante do trabalho, mas ele fica na rua. Mas o Walter já me deu muito trabalho. Ele não obedecia. Eu brigava muito com

ele. Mas ele (Walter) mudou muito. Ele está melhorando , está obedecendo mais.

T2: É isso mesmo, Walter ?

T1: O que você acha que fez você mudar, Walter ?

W: Foi quando eu caí da bicicleta.

T1: Me conta esta história.

W: Eu ia para escola com uma amiga e no caminho resolvi não ir para escola, estava muito calor. Resolvemos zoar com a bicicleta e passei em uma lombada e cai e machuquei muito. Depois deste dia nunca mais.

T2: Então você precisou ficar muito machucado para chegar a conclusão que era melhor ouvir sua mãe? Será que o Fernando também precisará ficar muito machucado para ouvir a mãe ?

R: Acho que não.

T2: Por enquanto, eu não estou vendo nenhuma consequência para a desobediência do Fernando. Ele vai para seu trabalho, Rosa , apronta lá, fica exigindo coisas, e você acaba atendendo porque fica sem ter o que fazer não é ? Ela não pode perder o emprego dela não é ?

W: Eu já falei com a minha mãe. Se ele faz alguma coisa lá , ela pode perder o emprego.

T1: E o Luiz não fez nada ? Ele não conversou com o Fernando ?

R: Não, não falou nada.

T1: Bom é estranho pois a filha dele foi agredida.....

R: Não teve conversa. Ele é uma pessoa assim como vou explicar..... ele tem 52 anos masele é uma pessoa diferente ele não tem iniciativa.

T1: Era para ele ficar muito bravo com Fernando e falar
R: não encoste na minha filha nunca mais. É um jeito de proteger a filha dele e de colocar limites.

W: Eu acho que é até pior. O Fernando vive na favela e ele aprende de tudo lá.

R: Que favela ?

W: A favela do Barranco... A mãe achou que como eu estava em casa era alguma coisa que eu combinei com o Fernando. Só porque eu não gosto da Lindalva.

R: Eu achei que foi uma brincadeira e falei Walter, vocês não combinaram juntos ? Você estava dentro de casa.

W: Eu estava dentro de casa mas não tive nada a ver. Eu fico na minha evito falar com o Fernando e com a Lindalva. Mas ela desconfiou de mim.

R: Não , eu não desconfiei. Mas as vezes você apronta dentro de casa. Eu perguntei porque você estava em casa.

T1: Isso não é uma brincadeira é muito mais que um susto. Isto é intencional e sério demais.

R: Eu pensei que podia ter acontecido isto pelo fato do Walter estar em casa e ter visto isso. A parede é grudada na sala. A TV está aqui e a porta aqui. E o Fernando teve todo o trabalho de fechar a janela , fechar a porta, prender a porta com o sofá e ele (Walter) não percebeu isso? Aí eu pensei se eles não combinaram algo de brincadeira.

T1: E aí Walter, o que você está pensando ?

W: Ele chegou da escola e entrou no quarto , eu não pensei. Pensei que ele ia dormir. Eu não sabia que ela estava lá.

R: Mas ele nunca dorme.

W: Dorme sim, muitas vezes.

T2: Eu estou muito preocupada....

T1: Eu fiquei pensando assim.... Eu acho que você Walter não pensou que seu irmão fosse enforcar a menina... mas você sabe que seu irmão apronta..... se ele entra em um quarto que está a menina filha de um homem que vocês não gostam...escuta empurrar um móvel para fechar a porta.... você acha que é boa coisa ? Não matar... certo. Ele podia até tentar fazer outra coisa com a menina ... vocês bem sabem o que. Ele se achando poderoso como as vezes ele acha, bem maior do que ele é. Não passou pela sua cabeça Walter alguma arte assim ?

W: É que eu não sabia que a menina estava lá dentro. Eu saí e voltei. Eu nunca entro no quarto quando ele está lá. Eu arrumei a casa , e aí ele entrou e fechou a porta. Quando ele saiu , eu vi que a janela estava fechada.

T1: Andou me passando umas idéias loucas na cabeça. É uma história tão séria que passam muitas coisas pela cabeça. Eu pensei em crimes com moças, de homens que matam a moça para violentar. Em geral não é uma coisa só. Não sei dizer qual seria o maior desejo, de estupro ou de matar. Mas muitas vezes matam também. Eu fiquei pensando uma coisa assim . Já

houveram casos na família parecidos, de tentativa de estupro e morte? Estas coisas não aparecem do nada.

W: Não , mais....o pai dele estuprou e depois matou o cara.

T1: Como é ?

R: O caso que teve foi que o pai do Fernando , tinha uma menina na casa , uma empregada , mas menina e ele abusou da menina, não era tão meninana época ela chegou para mim e falou. E teve também a minha sobrinha que o pai dele estuprou. Ela estava grávida e quando ela ganhou o nenê ele matou o pai do nenê.

W: Quando minha mãe ficou doente com hemorragia ele tentou agarrar a minha irmã.

T1: Quando agente não controla o que tem vontade de fazer e faz maldades e pode cometer crimes não é preciso esperar um crime acontecer para ser preso , mas o Fernando pode ser internado e aí se evita crimes. É melhor internar para ninguém sofrer com algum crime. É mais destruidor cometer o crime para todos , inclusive para quem cometeu , porque vai levar na consciência o crime para sempre. Se não se consegue breca o Fernando ele tem que ser brechado de alguma forma. Primeiro precisa ajudar breca-lo , mas um ato fora é para ser internado. Primeiro precisa ele ficar o dia ocupado , na escola depois em algum centro de jovens. Se o pai tivesse sido retido antes, não teria feito mal a tanta gente. Viver com crimes dentro da gente não se agüenta . Não é do nada que estas pessoas procuram as drogas para suportar o inferno dentro deles. Eu já escutei relatos de pessoas que diziam que eram perseguidos por demônios.

R: As pessoas, tinham medo do pai dele . Ele não era uma pessoa de respeito.

T2: Muitas pessoas tem necessidade de experimentar fazer o que o pai fazia. Mas tem coisas que repetir dos pais pode ser legal , mas tem coisas que não precisa e nem podem repetir. Existem caminhos que não tem volta. Assim como o do seu pai.

R: Nós corremos muitos riscos lá em Santo Amaro , por causa dele. Muitas pessoas querem vingar o que ele fez (Pai do Fernando). Ele aprontava muito e podem quere se vingar de nós.

T2: É curioso que muitas vezes se repete coisas feitas por familiares sem se perceber, sem se dar conta.

R: Eu não tinha pensado nisso, dele do pai. É mais sério do que eu pensava.

T1: Precisamos pensar na medicação , porque ela ajuda. E todos na casa precisam ajudar. Não pode ficar na rua nem com portas fechadas. Na rua só observado. Para ajudar o Fernando a ter uma chance de não ser internado. De poder aprender a breicar este monstinho que ele carrega. Ir para escola e ter atividades , como já falei ajuda.

F: Eu não quero ser internado. Chora.

R: A orientadora disse que ele faltou muito na escola.

T1: Nós gostaríamos de ter autorização de vocês para conversar com ela.

R: Seria muito bom porque eu conversei na segunda feira e falei o que aconteceu e ela pediu que eu não levasse o Fernando na escola por alguns dias.

T1: O Fernando precisa ter uma vida regrada como se estivesse em liberdade assistida.

T2: O Walter também passou por situações de risco mas escolheu com bom caminho. E o Fernando pode aprender com o Walter.

T1: Me parece que quando o Walter escolhe um caminho construtivo, passa a estudar a pensar no futuro, colabora com a mãe ele esta se tornando um homem. Ele passa a ser um bom modelo para o irmão. O irmão deve aprender com isso. Quando não dá para copiar um pai agente pode copiar um irmão.

R: Eu não sabia que atitude tomar. Eu falei com a coordenadora da escola e estava muito confusa. Quando vocês falarem com ela , vocês explicam isto. Ela pediu para ele ficar em casa. Ele não conseguia levantar para ir para escola. Eu tirei o remédio para ele poder levantar.

T2: Se você fica pela manhã em casa , não é melhor ele estudar à tarde?

R: Ele estudava , mas a diretora passou ele para manhã.

T2: Seria melhor ele ficar com você em casa de manhã e ir à tarde para escola , enquanto você trabalha. Ele precisa de você . Sabe, como um bebezinho que precisa ficar grudado, porque ele precisa de você. Ele se machuca porque não sabe se cuidar.

R: Se eu conseguir a vaga já ajuda. Quando eu passei a situação para a coordenadora ele falou que era melhor ele ficar em casa.

T2: Ela deve ter ficado com medo , não é ?

R: Se eu não tivesse que trabalhar , eu ficar com ele 24 horas. Eu não deixaria ele sozinho. É difícil eu não poder ficar do lado dele e ele fazer estas coisas.

T2: Ele precisa te obedecer mesmo quando você não está perto.

T1: Mas esta situação precisa ser interrompida já.

F: Eu não vou mais fazer isto.

W: Ah não....

T2: As regras precisam ser rígidas.

R: Vocês viram (filhos) eu falo para o bem !

F: Eu não vou estar fazendo.....(choro).

R: Mas lembra você chega com o sapato de barro, porque vai na favela . Eu falei para não ir . Lá tem drogas.

F: Mas eu não vou. Eu não quero ser internado.

T1: A sua família está disposta a te ajudar (Fernando) para você continuar a morar nesta família. Para você poder ter um outro caminho de vida. Depende muito de você e da ajuda dos outros.

R: Você está entendendo ? para não fazer tudo errado! Você precisa escutar o que eu falo. Você está entendendo o que eu estou falando ? Você acha que eu quero seu mal ou seu bem?

F: Meu bem.

T2: O Fernando tem uma única chance. Ouvir sua mãe e seu irmão mais velho. Não agredir ninguém. Obedecer e colaborar com a mãe. Assim é possível continuar na família que você tem. Se não conseguir fazer isto teremos de pensar em algo mais sério. Como uma instituição para você ser controlado para não fazer mal aos outros.

R: Eu vou na escola na segunda feira para conversar e falar com a diretora.

T1: Nos iremos ver um Centro de Juventude nesta região para indica para o Fernando, certo ,Rosa.

T1: Seria importante na próxima sessão a presença de sua filha. Ela também pode contribuir.

T2: Vamos chamar sua irmã , Fernando.

T1: Eu vou ligar para ela, esta semana. Ela precisa vir.

R: Eu falei para ela que vocês queriam conhecê-la , mas esta semana, ela não podia , mas disse que vem. O Tel dela é 9377.....

T1: Eu gostaria de poder falar com os seus avós, Fernando para conhecer um pouco da vida de seu pai , quando era pequeno . O que aconteceu para ele chegar onde chegou ?

R: O avó dele está muito velho. Ele não conversa, a D. Maria, mulher dele ainda fala um pouco.

F: Eles estão caducando.

R: D. Maria acha tudo normal, não liga para drogas. A irmã dele leva dinheiro para ele na cadeia.

T2: Que bom Rosa, que você não acha isto normal. Eu acho importante que você quer mudar muitas coisas nesta família. Você veio procurar ajuda para mudar. Caso você precise de alguma ajuda nesta semana, pode ligar para o CEAF.

T1: Estamos na hora até semana que vem.

FAMÍLIA CASTRO

1. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 06/ 08/2004 NO CEAF.

Esta família foi atendida por duas terapeutas, Suzanna Levy,(T1) pesquisadora e terapeuta familiar e por Lena Bartman,(T2) terapeuta familiar, ambas voluntárias do CEAF.

No início do atendimento foi conversado sobre a pesquisa e só iniciou a gravação depois da autorização consentida e assinada por D. Zenaide, mãe de Graça.

Z: Através de uma amiga que aconselhou a procurar o Conselho Tutelar para dar uma orientação, daí eu fui perto da minha casa.

T1: Que tipo de orientação ?

Z: Não, porque estava acontecendo assim..... problemas entre ela e eu , entre nós. Ela não quer mais escutar. Então eu fiquei muito preocupada com isso e queria procurar..... eu conversei com uma amiga da Igreja.... eu sou Evangélica. Ela disse: eu vou te dar o telefone do Conselho Tutelar , você vai lá e conversa o que está acontecendo. Eu fui e agendei para a gente. Ela ouviu nós duas e disse que precisávamos fazer uma terapia.

T1: Você esta com que idade?

G: !5 anos.

T1:É única filha?

Z: Única.

Z: Foi depois dos 15 anos, que ela mudou assim. De repente, eu não sei porque ela mudou o comportamento dela. Mudou o jeito dela. Que antes a gente era tão amigas mas não sei o que aconteceu que ela está tão rebelde.

T1: Conta um pouco da história dela , desde pequena, da história de vocês.

Z: Eu fui realmente casada com o pai dela. A gente se conheceu eu era jovem.

T1: Que idade você tinha ?

Z: Eu tinha 27 anos e eu trabalhava em uma firma. Trabalhei 11anos lá. Aí eu já conhecia o pai dela, desde que era adolescente. Nós morávamos em uma casa que era dele. A gente alugava a casa. Ele tinha uma loja perto. Mas eu nunca esperava algum dia casar com ele. Depois eu estava com 27 anos e ele decidiu e disse que gostava de mim.

T1: Você gostava dele?

Z: Não eu conhecia ele e trabalhei na loja dele um tempo. De repente a gente se encontrou novamente e ele veio e disse que gostava de mim e da minha família. Que eu era de família boa e ele estava procurando alguém que cuidasse dele , que gostasse dele e eu era a mulher perfeita para construir um novo lar. Ele morava com uma outra pessoa e ficou viúvo. Eu falei que eu queria um tempo para pensar, pela diferença de idade.

T2: Ele era mais velho?

Z: Ele tinha 68 anos quando eu fui morar com ele. Com a convivência e com o relacionamento eu aprendi a gostar dele. E fui gostando, simpatizando.... Ele era uma pessoa muito boa e me tratava bem , me considerava. Depois eu nunca esperava constituir família. Ele queria, ele dizia , mas agente não esperava.

T1: Ele tinha filhos do primeiro casamento?

Z: Não teve. Aí eu não sabia que estava grávida. Eu me senti diferente mas não sabia e até me acidentei. Eu escorreguei e fui para enfermaria e lá me disseram que eu estava grávida. Quando eu mostrei o exame para ele foi a maior felicidade. Nós vivemos junto quase 10 anos. Com 84 anos ele começou a ficar doente com deficiência cardíaca e falta de ar. Eu fiquei viúva com mais ou menos 37anos. E hoje eu estou muito acabada por tantos problemas. Antes de eu ficar viúva, tudo ele que fazia, a senhora entende ? Eu só cuidava da casa e dela que era pequena. Ele não quis que eu trabalhasse fora , eu só

ficava com as coisas da casa. Daí eu me perdi em várias coisas. Não sabia tomar decisões de coisas de negócio.

T1: Alguém ajudou vocês ? um familiar ?

Z: Não ninguém..... Agora eu aprendi muito . Eu apanhei, mas aprendi. A vida ensina agente. Agora estou tomando conta direitinho. Só que nesta parte da adolescência . Ela esta rebelde, e isto me preocupa. Não quer ir para a escola. Ela não quer ajudar nos afazeres de casa e eu sempre ensinei isto. Eu digo à ela que um dia eu também vou embora desse mundo e a gente precisa saber fazer as coisas. Ela precisa aprender fazer. São coisas de menina. Eu trabalhava e estudava a noite. Eu gostaria que ela terminasse os estudos . Se terminar o segundo grau e ela não quiser continuar ela poderia fazer cursos e depois trabalhar no ramo que ela gostaria de trabalhar.

T1: Isto que você gostaria para ela ?

Z: Eu penso assim. Mas parece que ela não gosta de estudar. Não sei o que acontece com ela?

T1: O que acontece Graça ? você pode contar?

(silêncio)

T1: Como você está ouvindo esta história que a mãe está contando?

G: Não sei.....

T1: Sobre a sua história . Você lembra bem de seu pai?

G: Lembro.

T2: Você tinha que idade quando ele morreu?

G: Acho que era 6 anos.

Z: Faltavam dois meses para ela fazer aniversário de 6anos.

T2: Sua mãe diz que procurou este trabalho porque sente dificuldade com você. Você está rebelde.....

G: Não é porque eu estou rebelde é que ela não deixa eu fazer nada. Ela não deixa eu sair com amigas , ir ao Shopping.

T2: Por que ?

G: Ela tem medo de tudo. Ela deixa um pouco. Mas, outras coisas ela não deixa.

T2: Como o que ?

G: Ela não deixa eu namorar. É porque eu estou namorando um carinha e ele foi falar com ela e ela não gostou dele. Ela é muito brava e eles não conseguem falar assim...ter um diálogo com ela, ela começa a gritar.

T1: Parece que você Zenaide acaba sendo pai e mãe. Alguns pais fazem este papel de serem mais bravos e assustadores para os namorados das filhas e aí, as mães pode ser mais simpáticas, acolhedoras. Mas sua mãe pelo jeito faz o papel dos dois. Eu fico pensando, que por um lado sua mãe está comunicando para seu namorado ter cuidado com que pensa fazer, esta menina vale muito nesta casa? Faz sentido Zenaide ?

Z: É exatamente isto.

G: Todos tem medo dela.

Z: Em casa mora também minha mãe de 80 anos. Ela mora no mesmo quintal só que em outra casa.

T2: E o que esta questão que sua mãe falou de não querer estudar?

G: Eu quero estudar, mas é porque ela me prende muito e aí..... ah!.....não sei..... eu perco a vontade das coisas.

T1: É um jeito de irritar ela? E de revidar porque ela não deixa você sair?

G: Não é bem isso. Eu sei que se eu deixar de estudar as conseqüências virão para mim e não para ela.

T1: Abala você muito mas à ela também.

G: Ah... é um pouco. Agora eu acho que não vai fazer falta , mas vai.

T2: Como é seu dia a dia ? o que você faz no fim de semana, na semana?

G: Nas férias eu saio um pouquinho mas durante o ano quase nada.

T2: Você tem ido à escola?

G: Tenho.

T2: Você vai e volta da escola sozinha? É perto?

G: É sozinha. Eu não tenho muitas amizades na escola. Só tem 5 alunos na classe. Daí eu vou sozinha e volto sozinha.

T2: Por que tem poucos alunos na sua escola?

G: Porque é uma escola particular. Só que na minha sala tem 5 alunos e nas outras classes também.

T2: Quer dizer que você estuda em uma escola particular?

T1: Pelo jeito muito particular.....

Z: É só tem 5 alunos.

G: Lá só tem algumas séries até a oitava série. Eu só tenho amizade com uma menina , porque tem mais meninos que meninas. Eu tenho amizade com os meninos também, mas só na escola.

T2: Mas e daí, você volta da escola e faz o que?

G: Ah , eu volto e não faço nada. Eu já enjoiei da televisão. Eu não tenho muita amizade na rua porque onde eu moro tem muito comércio. Eu moro em uma avenida e não dá para ficar na rua.

T2: E no fim de semana?

G: As vezes eu saio. Amanhã eu vou para o Shopping.

T2: Por que você acha que sua mãe veio procurar ajuda aqui?

G: Ah, eu não sei . Bom ele precisa de alguma ajuda é lógico.

T2: Ela precisa melhorar um pouco ?

G: É eu também.

T2: O que você acha que ela precisa melhorar?

G: Ela precisa não ter tanto medo e deixar eu sair.

T2: Você acha que você precisa melhorar, o que?

G: Ah.... tem coisas. Ela fala as coisas e eu quero mostrar para ela que eu também estou certa de algumas coisas.

T1: Quer dizer que agora você está brigando pelas suas opiniões...

G: Estou sim. Eu mudei , mas ela quer que eu fique sempre criancinha dentro de casa. Agente muda não que eu sou uma adulta. Eu ainda sou nova , mas não sou mais criancinha...

T2: Ela te vê como criancinha...?

G: É , ela fala que eu mudei porque eu não sou como antes. Eu sei me defender. Eu não sou adulta mas ela fala que eu quero ser adulta.

T1: É bom querer crescer.

T1: E você está namorando este rapaz que você gostou?

G: Eu estou.

T1: Como é este namoro, ele pode ir na sua casa?

G: Não ...não...

T1: E você namora ele aonde?

G: A gente marca de se encontrar no shopping.

T1: Vocês conversam sobre os cuidados que uma mocinha precisa ter quando namora ? Você conversa com ela, Zenaide?

Z: Ah , agente conversa um pouco.

T1: Como é este pouco?

Z: Eu falo para ela que a gente que é mulher precisa tomar cuidado com os rapazes. Quando agente se torna mocinha adolescente, tem sempre os atrevidos e ela precisa ter cuidado se tiver um relacionamento mais sério, porque corre o risco de gravidez e doenças como a AIDS.

T1: Como você está ajudando para ela se cuidar? Aprender os cuidados. Há anos atrás não se conversava isto coma as filhas, mas hoje se sabe que é melhor falar e ensinar para evitar uma gravidez fora de hora ou doenças que é até pior.

Algumas mãe falam assim: será que se eu falar, ela vai pensar que eu estou incentivando a logo ter vida sexual? Mas se sabe que, se não falar nada pode haver surpresas. Eu falava com minha filha assim na sua idade, mas sempre falei que devia esperar o máximo porque ter uma vida sexual também implica em responsabilidade com o corpo, dá trabalho e as vezes, dependendo da idade tomar um anticoncepcional pode não ser bom. Tem a vida pela frente. Eu penso que no namoro tem muitas coisas boas que não é só transar. Essa é a minha opinião. Mas cada um tem uma....

Z: Eu não falo muito abertamente como a senhora. Eu tenho dificuldade de falar este assunto. Eu falo para ter cuidado e só. Ela não deve se entregar , os rapazes são muito jovens. Os rapazes quando pegam uma moça virgem depois jogam para lá e não querem mais. Daí ela fica passando de mão em mão. Eu sou cristã. Eu sei que Deus não aprova uma pessoa assim. Ela deixou de ir para a Igreja

T1: Por que será ?

G: Porque minha mãe fica com estas coisas do tempo antigo. As coisa mudaram bastante e ela não.

Z: Desde que eu fiquei viúva , foi engraçado, mas ela era pequena e perdeu o pai cedo e ela sentia falta do pai e ele era muito apegado à ela. Ela é a cara do pai.

T1: É mesmo ? eles se parecem .

Z: Ela parece com ele e nada comigo. Quando ele nasceu ela era branquinha e todo mundo pensava que não era minha filha. Que era adotiva. O Pai era Português e muito branco de olhos azuis.

T2: Eu queria perguntar o que você não gostou do namorado dela?

Z: Ele foi até a minha casa. Esta semana foi muito agitada para mim , com a minha mãe doente. Eu ia dia e noite para o pronto socorro e eu voltava bem tarde da noite com ela. Neste dia ele foi conversar comigo em casa e ficou conversando com ela e disse para mim que ia pedir ela em namoro no Domingo . Mas ela falou para ele que eu era avó dela e não mãe. Eles já estavam namorando. Aí eu falei se você vai pedir em namoro no Domingo porque não fala agora ? Ele disse que estava sem coragem e que falaria no Domingo.

T1: Lena é difícil para estes meninos fazerem um pedido ?

Z: Bom eu até admirei ele pedir em namoro nestes tempos.

G: Se fosse por mim eu nem falava com a minha mãe . Foi ele que quis.

Z: Ele então falou que não ia esperar até Domingo e disse que gostava dela e queria namorar. Ele tem 20 anos e ele disse que ela é a primeira pessoa jovem que ele namora. Ele não é da Igreja. Eu não gostaria que ela namorasse agora, acho que ela devia só estudar. Ela não tem experiência da vida porque eu não liberei muito e eu falei tudo isso para ele.

Z: Hoje o mundo está muito violento, até mesmo na calçada pode acontecer coisas ruins. Uma bala perdida , sei lá. Precisa prevenir. Deus cuida da gente mas agente tem que se cuidar.

T1: Mas existem alguns lugares que é possível ir, sem correr tantos riscos. Como você pode ajudar sua filha a se proteger mas não ficar presa em casa.

Z: Depois que eu fui conversar no Conselho Tutelar e vim para cá eu acho que eu vou melhorar. Eu penso que vou liberar ela aos pouquinhos. Ela vai na casa de uma colega, às vezes a mãe dela vem buscar ela de carro. Vou deixar ela ir ao shopping.

T1: Da sua parte você está pensando em mudar e da parte dela ela precisa corresponder. Como combinar horários e outras coisas e cumprir. Você faz a sua parte e ela a dela. E assim ela mostrando que é capaz pode um pouco mais.

Z: Aí este rapaz.... eu fui levar minha mãe no hospital e eu não sabia , ela não comentou.

G: Eu também não sabia , ele foi na academia e era perto e como eu não tinha visto ele no final de semana , porque eu não saí, aí quando foi segunda feira eu

estava dormindo e minha mãe foi levar minha avó no médico e tocou a campainha e era ele. Eu não sabia que ele ia vir. Ai eu estava sozinha em casa e minha mãe chegou e ficou brava.

Z: Eu não gostei desta atitude. Ela mal conhece este rapaz e sem eu ou minha mãe não pode.....

G: mas eu conheço ele e você também.

Z: Você conhece assim para conhecer uma pessoa agente vai conhecendo aos poucos quem ele é . Ai ela levou ele para dentro. Quando eu vi ele lá sentado eu não me contive. Eu não consegui falar calma eu me alterei muito. Eu falei: como você tem coragem ? Esta atitude de aceitar entrar em casa!

T1: A Graça sabia que não podia deixar entrar?

Z: Claro, eu já tinha dito antes. Eu não aceito isso você está errado de entrar em casa e ela também está errada. Eu falei para ele no começo que eu aceitaria o namoro só no final de semana. Na semana agente tem outras coisas para fazer. Nós dormimos cedo. Então eu não vou permitir que você venha aqui só no fim de semana.

T1: E ele foi educado com você?

G: Ela não sabe conversar,ela fez um escândalo .

Z: Eu sei que eu errei do jeito que eu falei. Eu não me contive. Eu fiquei super.... ela nunca fez este tipo de coisa. A primeira vez que ele veio em casa, ele disse que queria conhecer a família dela. Eles se falavam pelo telefone.

G: No começo não era namoro , agente estava só ficando e a verdade é que ela encontrou agente se beijando.

Z: Ela mentiu para mim, porque ela já tinha ido ao encontro dele, não sei como, no shopping.

G: Eu conheci ele no shopping , porque ele é amigo do ficante da minha amiga.

T1: Então você tinha uma referência? É isso?

G: Mas ele

Z: Ela mente muito porque ela disse que conheceu na internet e agora ela está dizendo que ele é amigo da amiga.... assim não dá. Ele tem 24 anos.

G: Não é assim, a primeira vez que ele foi em casa foi para agente ir ao shopping no cinema , mas ele não era meu namorado.

T1: Você Graça, não fica receosa quando conhece alguém e não sabe bem quem é? Um rapaz mais velho com 24 anos ?

G: Eu sabia que ele era bem mais velho que eu. Se ele é casado....

T1: Você não fica com receio de que ele seja casado ? Que pelo fato de ter 24 anos o que ele vai querer neste namoro ? O que você pode com a sua idade e o que ele pode é diferente as idades são bem diferentes.

G: Eu penso

Z: Quando ele foi em casa ele disse que queria conhecer a família , até minha irmã estava lá. Eu perguntei o que ele pretende com ela se ele vai namorar ou não Ai ele falou assim: que estava conhecendo ela e que ele não queria nada por enquanto, que queria conhecer ela, primeiro.

T2: Conhecer o que mais ?

G: Mas é que na minha família se vai em casa quer dizer namoro. Ele era só amigo.

Z: Eu não conhecia....

T1: Deixa eu saber nesta idade de 15 anos quando vai sair me geral é com amigos não sozinha não é assim ou é diferente?

G: Sempre fico com os amigos juntos.

T1: O grupo protege não é ? Principalmente quando o amigo ou namorado é mais velho.... a gente tem que ser esperta porque temos pouca força física.

G: É mesmo.

T1: Sair com amigos sempre juntos, ir a lugares públicoslevar em casa para conhecer a famíliavai passando o tempo e assim é possível ir conhecendo a pessoa.

G: Daí quando ela chegou em casa e viu que ele estava em casa e ela falou aquilo tudo para ele , ele foi em casa outro dia para falar comigo e eu pedi para ele falar para minha mãe que a gente não ia namorar. Quando minha mãe viu ele,ela falo: você não tem vergonha na cara de vir aqui?

Z: Eu vi ele depois daquilo, que eu pequei ele fazendo aquilo.

G: Daí, ela falou um monte para ele na rua. Ele falou que agente não estava namorando , para ela porque a gente estava sim. Eu não vou apresentar ninguém para ela deste jeito.

Z: Eles namoram e se encontram escondidos.

T1: O que é pior.

Z: É pior . Ela não fala nada para mim. Por isso, nosso desentendimento. Ela não me ouve.

G: Ah mas eu tenho que me defender.

T1: Graça, você não acha que para levar um namorado para casa é importante ter alguém lá, além de você.

G: Neste ponto sim.

T1: Eu penso que neste ponto sua mãe é cuidadosa com você. É bom uma mãe que cuida. Como fazer ? Se você faz algumas artes por debaixo do pano e sua mãe sente o cheiro, ela vai ficar muito nervosa. Mãe tem instinto. Quando a situação não é clara, muitas vezes as mães tem xiliques e gritam. Como fazer também para você não se sentir tão presa ? As vezes existe até um certo prazer de deixar as mães loucas não é ?

G: Risadas. Eu acabei contando que eu estava namorando escondido.

T1: Bom que você foi transparente com ela .

Z: Mas ele foi lá, mas primeiro antes de ir em casa, ele foi no shopping com ele a e levou ela para conhecer os parentes dele.

G: Eu conheci a mãe dele , a família. Eu conheci a família toda e ele queria conhecer a minha família, mas eu que não queria por causa da minha mãe, então nós fomos na família dele primeiro. Depois na sexta feira ele ia falar com ela mas.... no Domingo..... depois ele acabou falando na sexta mesmo.

Z: Mas ele fez um papel errado. Primeiro ele levou ela, ela bateu o pé e foi para o shopping sozinha.

T1: Um rapaz de 20 anos faz confusão ainda é muito jovem . Eu penso que precisa conhecer, depois a família vai dizendo o que é importante. Pode ser um bom rapaz.

Z: Ele é bem educado.

T2: Um rapaz que vai pedir autorização dos pais para namorar é raro. Normalmente eles não fazem isso.

G: Eu também acho.

T2: Ele parece um rapaz que quer acertar , fazer direito.

T1: Como ele vem de outra família , deve ter costumes e modos diferentes de fazer as coisas. Os costumes são diferentes.

G: Ele também é filho único. A mãe dele tem muito ciúmes dela. (risadas)

T2: Você foi escolher bem este..... (risadas)

G: A mãe dele também é um pouco brava. Ele mora só com ela.

Z: Ele falou que ia namorar até onde dava, porque ele queria formar uma família.

T2: Ele fez tudo bonitinho para você Zenaide, gostar dele.

T1: Só que ele tem vinte e poucos anos , vamos com calma não é ? É melhor não formar família antes não é ? (risadas)

Z: Inclusive eu falei para ela do telefonema que ela tava

G: É que eu entrava naquele Chat Amizades, como eu não saia eu ficava no computador. Eu tenho uma amiga que me chamava para ir na Lan house, vocês sabem ?

T1e T2: Sabemos.

G: Para sair um pouco e como ele é da Igreja, ela me chamava e eu ia com ela.

Z: Ela é da Igreja , mas fazia o mesmo , tudo escondido.

G: É lógico ninguém é santa..... Não é porque você vai à Igreja que você é santa.

Z: Não é uma questão de Igreja ou religião que vocês faziam tudo escondido, mentiam para as mães.

G: Ela tem a mesma idade que eu. Minha mãe não gostava dela. Ela ia me chamar e minha mãe falava que eu não estava. E a única que é amiga porque a rua que eu moro é comércio é não tem gente para ser amiga. Ela não deixava eu sair, eu ficava em casa e queria conversar com alguém. Em casa só a minha mãe e minha avó e a minha avó é doente e não conversa , ela fica só deitada e minha mãe fica cuidando dela. Eu queria conversar então entrava no Chat Amizade. E veio uma conta alta de telefone e depois ela começou a ir no Conselho Tutelar e já melhorou um pouquinho. E agora aqui eu acho que ela vai melhorar. O Chat Amizade eu não quero mais, hoje eu vejo que é bobagem ficar falando com desconhecidos.

Z: Foi durante quase 6 meses que ela ficou direto. Ela nem comia. Eu falava e ela nem ouvia e minha cabeça até doía.

G: Era birraça que eu fazia porque ela não deixava eu sair e não deixa eu fazer amizades.

Z: E ela ficava até de madrugada , uma hora da manhã no celular e perdia a hora na escola e sempre perdia a primeira aula e a professora não deixava entrar na aula atrasada.

T1: A conta de telefone podia ficar tão alta?

Z: A conta de telefone dava R\$ 700,00 reais e não dava para ficar sem comer por causa do telefone. Eu vou parcelar por que eu tenho uma renda que o pai dela deixou de R\$ 3.000,00, mas temos muitos impostos e eu cuido de 3 pessoas e o gasto dela, ela gasta muito. Pra mim não, eu quero o melhor para ela. Eu vou deixando eu. Eu vou sobrando.

T1: Você acha certo isso ?

Z: Não é ela me obriga a dar dinheiro e me ameaça dizendo que vai dizer que eu deixo ela passar fome. Quando ela tem os piripagues dela.

G: Por isso que eu entrava no Chat Amizade. Eu ficava com raiva.

Z: Eu ensinei tudo que entra, tudo que sai, e que precisa pagar primeiro as contas. A gente tem responsabilidade. A roupa é menos importante. Não precisa comprar roupa todo mês. A gente compra uma vez por ano. O importante é andar em dia com as contas, ser honesta e procurar não dever para ninguém. Ela fala assim que o pai deixou tudo para ela.

G: Não falo assim.....

Z: Fala sim e me atinge.

T1: Como ele deixou ?

Z: No papel pode ser que seja dela , mas eu acho que eu tenho parte disso. Eu sou mãe e pai. Que ela não sabe nada disso direito.

T2: Você é a chefe da casa.

Z: As pessoas acham que eu sou super forte para ser pai e mãe. Ela é uma menina boa, educada e ela foi criada da melhor forma, ela ultrapassa um pouco mas não muito.

T1: Ela olha e ri para você o tempo todo. Estamos na nossa hora. Até a próxima sexta feira no mesmo horário.

FAMÍLIA CASTRO

2. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 13/ 08/2004 NO CEAF.

Z: Tudo bem ?

T1e T2: Tudo e vocês ?

Z: Eu queria trazer as notas da escola, mas eu esqueci. Ela não queria ir para a escola. Ela faltou 3 dias e no outro dia foi no médico.

T1: O que houve ?

Z: Ela foi no neurologista.

T2: Ela vai ao neurologista? Ela algum toma remédio?

Z: Ela toma sim, eu esqueci o nome.

G: É Neutrox, uma coisa assim.

T1: Por que o médico deu este remédio? Para que?

G: Ah... porque minha mãe falou que eu era nervosa; eu estou tomando todo dia.

Z: Eu pedi um remédio para ela porque ela não tem muita concentração. Ela é muito ansiosa e impaciente.

G: Eu sou ruim em matemática.

Z: Mas é para a ansiedade dela, para ter mais concentração, assim na o que a professora pede. Daí eu passei ela, no neurologista e expliquei tudo o que estava acontecendo.

T1: Seria bom trazer a bula. Será que não é Nootropil?

G: Ah é esse mesmo.

T1: Este remédio é para melhorar a circulação cerebral e a memória. É um remédio bom.

T2: Você sentiu diferença ?

G: Na verdade , não.

T2: O que está acontecendo na escola ? Sua mãe está preocupada. Ela nos ligou durante a semana preocupada com suas faltas na escola. Você sabe não é ?

G: É, eu sei. Ah.... porque sei lá . É por causa daquele caso do meu namorado.....ela falou tudo.....aquelas coisas para ele.

T1: Você não foi na escola porque está brava com ela ?

G: É . Eu não fui acho que dois dias.

Z: Não, você não foi na terça , na quarta, na quinta....

T1: E como está esta situação de faltas na escola?

G: Eu estou mal, mas eu consigo recuperar. Minha amiga me deu o caderno para xerocar.

T1: Você quer recuperar?

G: Ah, eu quero.

T1: Mas se você recuperar sua mãe provavelmente vai ficar contente e aí? A gente pode até pensar que se você passar de ano sua mãe fica feliz e é bom para você , mas se você não passa , sua mãe fica nervosa e pode ser um jeito de se vingar dela , então apesar de perder o ano você ganha por se vingar dela.

G: Pode ser, mas eu não sei. Eu também estava nervosa e faltei.

T1: Me parece que você está muito brava com ela , é isto?

G: É, eu estou. Mas depois que eu fui ao médico eu fui para escola, agora eu vou.

T1: Me parece que quando você não vai à escola você pune sua mãe. Como você pode brigar com ela de outro jeito que não te prejudique tanto.

G: Ah , eu não sei.

T1: O que você poderia dizer para ela?

G: Ah não sei.....

T2: Você já falou para ela o que foi tão grave ?

G: Ela sabe.....

T2: Será ?

Z: Eu fiquei muito brava com o rapaz. Não aceitei aquela atitude dele. Com isso ele desapareceu. Ele desistiu dela. Duas vezes eles se encontraram. Uma vez ela foi ao shopping e ele ligou e não se encontraram e a outra de novo. E ela chegou tarde.

G: Eu cheguei às quatro horas....

Z: Chegou tarde. Para mim é tarde.

T2: O que você acha que foi mais grave que sua mãe falou?

G: Ele queria conhecer ela e ela não devia ter dito aquilo tudo. Depois ela conversava comigo. Mas ela fez escândalo .

Z: Pensa bem, eu cheguei do médico com minha mãe e vejo ele lá.

G: Mas.... não

Z: A primeira vez eu tratei ele bem. A segunda vez, que ele estava lá com ela sozinha . Eu não aceito isso nunca. Eu sei que eu perdi o controle. Depois que eu acalmei e pensei bem , eu sei que eu agi errado. Eu não devia ter me alterado tanto.

T1: É possível consertar um pouco esta situação ?

G: Ah eu acho que sim. Mas ele não veio mais e disse que não vai mais na minha casa.

T1: Você acha que se sua mãe permitisse que você namorasse em casa e tivesse uma conversa com ele , teria possibilidade de volta?

G: Ah eu acho que sim.

T1: Eu penso que ele é homem precisa agüentar estas situações não é?

G: Eu acho que sim.

T2: Mas para isso acontecer, pelo que entendo, posso estar errada, a Zenaide precisa aceitar o namoro. Ela fala que a Graça não pode namorar , mas ao mesmo tempo ela sabe que ela pode namorar escondido. Escondido entre aspas.

T1: Lena , eu penso que quando os pais batem o pé firme que não pode namorar é o mesmo que dizer namore, para filhos desta idade. Como nas histórias de amor. Quanto mais a família proibi maior é o amor. Quando a família aceita o casal pode se centrar melhor no seu relacionamento e perceber se é bom ou ruim aquele namoro.

Z: É isso parece que quanto mais eu falo “não”, mas eles querem e é abertamente, um pouco é escondido. Se fosse escondido eu não saberia de nada. E eu não posso fazer nada.

T1: Em termos de segurança dela o que você acha melhor que namore em casa ou na rua ?

Z: Em casa , lógico.

T1: Eu também penso assim. Em casa se observa mais para conhece-lo.

Z: Eu nem conheço bem ele. Como ela fala que conhece ele. Eu vi duas vezes . Uma delas nem deu certo.

Z: Eu conversei com ela assim que eu falei tudo aquilo para ele , mas eu acho ele não deveria desistir do namoro por causa disso. Ele disse que não queria causar problema entre eu e ela. Então disse que queria terminar na minha

frente. Eu disse que se ele achava melhor assim..... Só que eu vou te avisar que eu não quero que vocês se encontrem escondidos.

T2: O que você acha , Zenaide dela namorar ?

Z: No começo, quando ela falava em namorar eu ficava , meu Deus..... mas agora eu..... este rapaz veio pediu em namoro mas não deu certo. Ele parece que deu mancada. No segundo dia ele deu mancada, eu encontrei ele lá.

T2: Não deu certo?

G: Para quem ?

Z: Eu quero dizer o seguinte, a questão de namorar, eu não queria que namorasse agora , ela é tão jovem ainda. Eu queria que terminasse os estudos. Já que ela tem dificuldade nos estudos e começa a namorar firme ela vai se desconcentrar mais ainda na escola.

T2: Mas namorar firme é outra coisa.

Z: Ela não sabe separar, a escola e o namoro. Ela mistura tudo.

T1: Ela pode aprender. Ela está na idade de poder aprender na escola e na vida. Tem muita gente que namora e estuda.

T2: É importante aprender a namorar , trabalhar , estudar . Será que você Zenaide não pode ajudar a ensinar isso à ela ?

Z: Ela precisa aprender. Não sei se ela aprende.

T2: Por que você acha que ela não aprende isso ?

Z: Eu acho que ela não tem muita vontade e esforço de estudar. Eu preciso pegar no pé dela sempre.

T1: Eu penso que namorar e estudar são coisas boas e diferentes. Relacionamento é muito importante . Ter um namoradinho, um amor, esse aprendizado é muito importante na vida. Se não a vida fica vazia. É muito bom gostar de alguém. Por que será que você não conciliaria a vida amorosa com sua vida de estudante ? O que vocês pensam?

G: Ah eu acho que sei dividir .

T1: Você, Graça conversa com sua mãe o que você quer no futuro?

G: De vez em quando.

T1: O que você pensa para você ?

G: Eu gostaria de ser veterinária.

T1: Por que ?

G: Eu gosto muito de cachorros e animais.

T2: É uma profissão médica. Precisa estudar muito para entrar. Normalmente são bichos doentes , precisa dar injeção..... você agüenta sangue?

T1: Eu penso que muito agente acostuma a agüenta.

Amigas minhas que filhos estão fazendo medicina, contam que no início não toleravam sangue e agora estão acostumados. Você gosta de cuidar da doença dos animais?

G: Não sei, acho que não.

T1: Será isso então ?

G: Ih! não sei, não pensei nisso.

T2: Existe muitos ramos na medicina veterinária. Alimentação, cuidados de produção animal. Tem mais alguma coisa que te interessa?

G: Uma outra coisa que eu penso é advogada. Mas eu acho que não é bom para mim.

T1: Por que ?

G: Porque não. Ah sei lá. Porque eu acho muito complicado.

T1: Qual seria a complicação?

G: Tem que estudar bastante para entrar.

T1: Talvez da mesma forma que veterinária. Você esta escolhendo o curso para estudar menos ou mais ? ou pelo seu talento ?

G: Acho que eu estou pensando agora.

T1: Eu penso que quando a gente não tem idéia do que quer , e não tem um objetivo é difícil querer estudar e planejar algo.

T2: Eu acho que a gente agüenta melhor as partes chatas para chegar lá. Quando a gente não sabe o quer, as vezes deixa um amor tomar todo o espaço na vida da gente. Quando eu tinha um bom professor, me interessava mais pela matéria. Quais professores que você gosta na escola ?

G: Tem o de português e matemática. Eu acho matemática muito complicada.

Z: Eu coloquei ela nesta escola faz dois anos, que é perto de casa . Só que tem poucos alunos.

T1: Você acha ruim , Graça ?

G: Na minha outra escola tinham 46 alunos e depois eu fui para esta escola com 6 alunos.

T2: O que você pensa sobre isto, gostaria de mudar de escola?

Z: Ela vai para a mesma escola que ela estudou na Lapa, lá tem o Colegial. É perto de casa.

G: Lá na Lapa tem as amigas que eram de lá.

T1: Por que mudou de escola?

Z: A da Lapa fechou , acabou e mudou para mais longe. Tinha que pagar a perua.

T2: E agora não é tão longe ?

Z: Eu vou mudar ela para lá, para ela sentir melhor. Lá ela tem mais colegas. Ela quer também.

T1: Realmente, uma escola maior pode ser bom para fazer mais amigos.

T2: Na idade dela, a escola tem também a função social.

Z: Quando ela estava na primeira série, ela teve que fazer acompanhamento com psicólogo, foi uma fase difícil. Ela entrou na escola e teve dificuldade de relacionamento. Eu esqueci de contar. Foi logo no início, depois da morte do pai.

T2: Qual dificuldade?

Z: Ela ficava muito quieta. Ela se sentia assim..... no canto sozinha.....

T2: É bem compreensível já que ela tinha perdido o pai. Ela melhorou depois com o tratamento ?

Z: Ela fez três anos de terapia. Ela melhorou nestes 3 anos. No começo ela não falava do pai, até a psicóloga disse: ela não falava nada do pai. Ela viu ele morrendo Eu acho que ela ficou com trauma.

T1: Antigamente o doente adoecia e morria em casa, a família ficava perto, acompanhava, hoje morre-se no hospital. Era mais natural, nascia-se em casa e morria-se em casa. Atualmente muitas pessoas preocupam da criança ver o parente morto para não traumatizar. Acho isso curioso. O que será que mais traumatizou ? Perder o pai não é fácil.

Z: Ela sentiu muita falta dele, ela não teve outra figura masculina dentro de casa.

T1: Quando você diz que ela não teve uma figura masculina dentro de casa, o que você quer dizer?

Z: Eu acho que a figura do pai e da mãe é importante na formação, no crescimento da criança e ela teve ele até 5 anos. Ela sentiu falta.

T1: E você ?

Z: Ah eu também, muita falta porque ele era ótima pessoa. Quando ela tomar o rumo da vida dela..... quando arrumar alguém que de valor para ela..... que goste dela..... espero que eu goste.....

T2: E você também pensa em alguém que goste de você ?

Z: Eu não. Eu sou medrosa. Eu não poria um homem em casa, com ela mocinha, jovem. Eu tenho medo.

T2: Você acha que não poderia ter um homem que você possa confiar ?

Z: Ela fala isso. Mas eu não confio em ninguém.

T2: Você diz que teve uma boa experiência com seu marido .

Z: Mas justamente por isso , por ele ser uma pessoa boa que eu não vou encontrar uma pessoa como ele , que respeita assim....

T1: Eu penso que não sei que histórias , a Zenaide tem para contar , mas eu acho que ela já escolheu um bom homem uma vez , será que ela não escolheria bem novamente?

T1: Existem padrastos que não são bons, mas existem outros que são. Existem muitas histórias tristes de abuso de padrastos.... que homens você já viu ou ouviu falar que não merecem confiança.

Z: Eu não tive ninguém. Eu já tive uma decepção com um rapaz que eu gostava muito.

T2: Que decepção ?

Z: Ah....tinha muito obstáculo. Quando eu via ele , minhas pernas tremiam. Ele trabalhava na M..... Ele não gostava de mim. (choro)

T2: Você já contou para sua filha ?

Z: Não eu achei que não era necessário. Eu falo para ela que a gente sofre muito quando ama alguém. A gente sofre mais do que eles . Quando a gente se apaixonaEu gostava muito dele. Não é bom a mulher gostar mais do homem que ele dela. Os dois tem que gostar igual.

T1: Como você ficou Zenaide quando não deu certo?

Z: Demorou para mim apagar tudo aquilo, cicatrizar feridas. Hoje eu tenho lembranças que não me afetam muito.

T1: Foi sua maior paixão?

Z: Foi.... triste...

T2: Mas ele te decepcionou tanto assim?

Z: Muito. Ele era muito mulherengo. Ele começou a namorar outra e foi morar com a outra. Foi um choque. É muito ruim. Eu fiquei depois um bom tempo sozinha e depois eu conheci o pai dela. Nós éramos do mesmo signo. A gente se dava bem. Nasceu ela. Foi uma coisa muito importante na vida dele e na minha. Para ele foi tão importante. Ele ficou com ela só 5 anos e não pode ver o crescimento dela. Ele ficava o dia com ela.

T1: Estes 5 anos que você foi tão amada pelo pai, você se dá conta?

G: Eu lembro um pouco.

T1: Eu penso que essa experiência pode te ajudar a encontrar pessoas que gostem de você.

Z: Este namorado dela viaja muito, pelo trabalho e ontem ela estava preocupada que ele estava no litoral.

T1: Você não confia nele?

G: Não . (risada)

T1: Você acha que ele é mulherengo ?

G: Um pouco.

T1: Então toma cuidado.

G: Eu não sei o que ele faz por lá. Ele viaja por trabalho . Ele sempre trabalha.

T2: Que trabalho ?

G: Ele instala ar-condicionado.

T2: Para você confiar é importante?

G: É muito.

T2: Você ficaria com alguém que não confia ?

G: Não.

T1: Eu penso que confiança é uma construção, vai aos pouquinhos.

T2: Se eu fico tensa o tempo todo porque eu não posso confiar pode ser uma roubada. O relacionamento precisa deixar a gente bem. O amor precisa deixar a gente melhor e não pior.

T1: Quando a gente ama , a gente sofre , sente medo de perder, sofre quando o outro está triste. Eu acho que faz parte. Quem ama é corajoso. Existe uma entrega , um risco, mas com muitos ganhos também. A gente muda muito, aprende com outro.

T2: E como está este namoro à revelia de sua mãe?

G: Bem tranquilo.

T1: Eu acho Lena, que não é à revelia da Zenaide.....

T2: Eu não entendi ainda até que ponto a Zenaide tem pulso firme ou a Graça faz o que quer.

Z: Ah eu não gosto muito de falar mas... a gente começa a bater boca e a gritar e eu sempre digo que escola é importante mas ela que decide. Os diretores da escola já me disseram que eu tenho que ter autoridade. Eles pensam que quem manda é a Graça.

T2: O que você acha ?

Z: Eu acho que a Graça quer passar por cima da minha autoridade. Ela não quer ser mandada por alguém. Ela quer fazer o que quer. Então a gente fica assim eu quero uma coisa e ela outra. A gente briga.

T2: Vocês duas são agressivas?

Z: Ela é agressiva com palavras, fala alto. E eu, também falo alto.

T1: Como era você com sua mãe?

Z: Ela dizia que eu era nervosa, que eu chorava , fazia birra. Mas com a idade dela eu era uma menina adolescente calma Quem era rebelde era minha irmã e sempre deu problema para minha mãe. Na minha criação era o seguinte da escola agente ia para a roça trabalhar , ajudar a família na roça. Eu as vezes não queria fazer o serviço e aí..... apanhei demais, mas eu agradeço. Sabe, não saía sangue, era com vara de marmelo, não ficava hematomas , mas minha mãe lavava com água e sal. Eu sentia que era amor. Minha mãe me educava muito bem Eu aprendi muito.

T1: Seu pai também batia?

Z: Não batia, mas não deixava passar nada, era pulso forte.

(acabou a fita e a sessão também termina após 2 minutos)

FAMÍLIA CASTRO

3. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 20/ 08/2004 NO CEAF.

T2: Como foi a semana ? Tudo bem? Você foi à escola , Graça?

G: Ah, eu fui um pouco. Está mais ou menos.

T2: Como é o mais ou menos?

G: Eu estou aprendendoassim umas matérias.....

T2: Como é ? não estou entendendo.

T2: As pessoas te ajudam lá?

G: Me ajudam....

T2: Você está se esforçando?

G: Estou.....

T2: Sua mãe continua dizendo para fazer lição ?

G: Continua.

T2: O que acontece Zenaide?

Z: Acontece que eu li na agenda dela. A professora disse que ela não fez a lição de casa. Eu peguei no pé dela.

T2: Então aquele combinado de que a lição é dela não funcionou?

T1: Lena a Zenaide foi mexer nas coisas para ver.

Z: Eu vi numa agenda delae aí.....Eu quero ver ela bem. Agente está conversando mais e não está mais aquele conflito que agente tinha. Eu acho que melhorou um pouco.

T2: Está mais fácil conversar com sua mãe, Graça?

G: Um pouco.

T2: Quando ela pega a sua agenda.....

G: Eu me sinto mal.....

T2: Com é sentir mal?

G: Eu não fiz a lição dois dias, mais eu esqueci de fazer lição e não é para ela mexer....

T2: O que você Zenaide acha que mudou?

Z: Ah.....eu sinto que melhorou , ela gritava e eu alterava e as duas não conversavam. E ficava uma bagunça, as duas ficavam tristes aborrecidas e acabava o nosso dia.

T1: Como ficou aquela questão com o namorado?

Z: Eu acabei assim.... como ela falou para mim que está se encontrando com ele , eu acho que eu não tenho o que fazer. Se eu for atrás dele e falar um monte.... o que eu queria falar para ele eu já falei. As duas vezes que ele foi em casa , a primeira vez pediu ela em namoro depois veio para desistir e houve aquele episódio lá..... Eu disse que se ele achava melhor assim.....se ele encontrasse ela escondida..... Ela continua encontrando ele escondido, falando com ele.

T1: Se você Zenaide sabe que estão se encontrando porque não deixar eles se encontrarem na casa de vocês? Namorar em casa e não na rua ?

Z: Mas acontece que quando eu falo assim..... que vou ligar ela fica brava diz que não quer que eu estrague o namoro.

T2: Me parece que você está aceitando este namoro, não é? Talvez a contragosto....

Z: Ela esta encontrando às escondidas o que eu posso fazer?

T1: Não sei se é tão escondido!

Z: É, ela falou que estava se encontrando com ele.

T1: Bom ! que ela está falando verdade.

Z: Eu falo para ela que eu não quero nem saber, que se ele quiser falar comigo novamente, eu vou ouvir ele e colocar a minha regra para ela e se ele gostar realmente de você ele vai falar comigo.

T1: Hoje em dia mudou, eles se comunicam por celular e é difícil ligarem para o telefone da casa. Assim nós pais não sabemos quem são os novos amigos..... Acho bom falar pelo telefone, ouvir a voz dos Amigos dos filhos

T2: Eu sinto que a Zenaide deixa mas não deixa. Graça está namorando e ao mesmo tempo não está....

G: Eu estou namorando.

T1: Como está este namoro? Você gosta dele?

G: Está bom . Eu gosto.

T2: Você acha ele um cara legal ?

G: Eu acho que é.

T2: O que é legal ?

G: Como assim ?

T2: O que te atrai nele?

G: Não sei.

T2: O que você acha bacana nele?

G: Ele me trata bem.

T1: Que características, que coisas um namorado deve ter para ser um bom namorado?

G: Ele é diferente dos amigos da escola. Os amigos da escola gostam de zoar. Ficam agarrando. Ele é mais sério.

T2: Sua mãe já conversou com você sobre os cuidados que deve ter no namoro?

Z: Eu já falei abertamente , o português declarado.

T2: O que você falou abertamente?

Z: Para ter cuidado com a gravidez. Se um dia ela for “transar” como se diz aí, eu falo para ela ter o máximo de cuidado, porque na primeira vez já pode correr o risco de uma gravidez sem querer.

T1: É dito claramente como fazer ? o que tomar

Z: Ela vai no ginecologista pela primeira vez na segunda feira , agora. Eu devia ter levado ela quando teve a primeira menstruação , mas eu estava mais preocupada com os problemas que passou. Agora ela vai. Quando agente esta em conflito ela fala para mim: : eu não sou de você.....Aquilo me machucava muito. Eu sei disso que os filhos não são pra gente. Aquilo me machucava muito. Eu não queria que ela falasse daquela maneira, me afeta.

T1: O que te incomodava mais nesta fala.

Z: Ela falava muito claro e agressiva. “Eu não sou sua.”

T1: Me parece também que ela está dizendo que não é grudada.

Vocês não são grudadas, ou são?

T2: Muitas vezes a gente lida com os filhos como se eles fossem pequeninhos...

T1: É bom que os filhos nos dão uns toques importantes neste sentido. Senão muitas vezes agente segura demais. Meus filhos me dão bons toques neste sentido. As vezes a gente quer os filhos em casa e daí eu as vezes insisto para que eles fiquem almocem em casa e eles falam: mãe , hoje é sábado vou almoçar com amigos..... e eu já falei: nossa bem hoje que eu fiz um prato que você gosta para você é chantagem....precisamos evitar isso.

T2: O que você está sentindo atualmente , Graça? Sua mãe, ela te trata como pequena ou está mudando?

G: Ela me trata como pequena. Eu fiz 16 anos.

T2: As vezes a gente gosta também de ficar pequena, ser tratada como pequena.

G: Eu não gosto. (risadas)

T1: Mas quando a gente é tratada como pequena existem vantagens. A mãe faz as coisas da casa , faz tudo pra gente.

G: É (risadas).

T1: Acho que você , Graça participa de um jogo de continuar a ser criança, junto com a mamãe.

Z: Esta fase de adolescente está sendo muito difícil para mim. Quando ela fala estas coisas para mim é difícil. Porque bom..... é quequando entrou uma diretora nova na escola dela , eles achavam que ela não era minha filha porque ela é clara como o pai. Sempre acharam que eu era a empregada dela.

T1: Nesta escola?

Z: É.

T1: Então é difícil esta escola para você também.

Z: É eu gostava mais da escola Adventista . A outra.

T1: Então eu estou entendendo que a Graça não vai à escola também por isso. Faz sentido Graça ?

G: Ahtambém.....

Z: Eu contei aqui já que eu não gosto de sair e quando ela era pequena a gente ficava muito em casa e então eu errei de não deixar ela ter amizades e na adolescência. Ela tinha as amizades da escola.

T2: É bom ela ter amizades e você também.

T1: Você tem amigas ?

Z: Algumas na Igreja.

T1: O que você faz quando ela não está em casa ? O que você gosta de fazer?

Z: Nunca gostei de sair. Eu fico em casa, eu gosto muito de ler. O tempo que eu tenho livre eu dedico lendo. Ela levou outro dia uma amiga da escola para dormir em casa. Depois ela foi na casa da amiga no outro dia. Mas daí, elas iam no shopping e depois ela não ligou e elas não foram.

G: O programa mudou , nós ficamos na casa da minha amiga.

Z: Mas eu pensava que ela estava no shopping.

T2: Você gostaria que ela tivesse avisado, é isso?

Z: Claro. Eu depois que comecei a terapia eu achei que estou sendo egoísta . Eu preciso abrir um espaço para ela se divertir um pouco.

T1: Parece que você deixou este programa com a amiga.

Z: É eu deixei. Eu não posso deixar também minha mãe sozinha. As vezes eu saio com minha mãe, a gente faz uma compra , espairoce um pouco.

T1: Você tem irmãs que moram perto?

Z: Tenho uma que mora pertinho de casa.

T1: Tem outras tias do lado do pai?

Z: Tem dois. Eram 4 irmãos mas faleceram uma irmã mais velha e ele e agora tem dois que moram em Portugal. Em Caiscais.

T1: Então os tios do lado de seu pai você não tem contato?

G: Não, eles todos estão em Portugal.

T1: Vocês se comunicam?

Z: Não tem um primo que mudou de endereço lá. Eu preciso escrever para lá.

T1: Graça , você tem primas de sua idade ?

G: Eu não sei.

T2: E do lado de sua mãe?

G: Tem uma tia que tem filhos e mora em Osasco. Tem filhos mais velhos.

T1: Não tem ninguém da sua geração.

G: Não.

Z: O pai dela era loiro quando pequeno e ela também.

T1: No que seu pai trabalhava ?

Z: Ele tinha loja de bolsas guarda-chuvas. Quando ela nasceu ele não tinha mais. Ele aposentou como autônomo. Ele nunca trabalhou como empregado , sempre teve seu próprio negócio.

T1: E em Portugal a família trabalha em quê ?

Z: A família trabalhava com comércio. Uma venda.

T2: Por que ele veio para o Brasil?

Z: Ele veio sozinho com 14 anos para Belém do Para. Ele trabalhou e se virou sozinho. Ele tinha tios no Brasil. Só ele veio. Ele contava que trabalhou no navio colocando carvão. Depois ele trabalhou tipo camelô vendendo os produtos dele. Ele fazia e vendia aos produtos.

T1: Quer dizer Zenaide, que você tão caseira , se casou com um homem que com pouca idade atravessou os mares e veio fazer a vida aqui. Corajoso ele, não?

Z: Ele estava planejando me levar e a menina para ir para Portugal e não deu tempo. A mãe dele já tinha morrido quando agente se casou. E o pai também. A primeira mulher dele também morreu cedo. Ela vivia constantemente doente acho que ela era diabética., não sei bem.

T1: Você sabe do que morreu a mãe dele, a avó da Graça?

Z: Eu não sei , ela era velha.

T1: Ele via a mãe com alguma frequência?

Z: Eu acho que sim.

T1: E você que fica tão perto de sua mãe e de sua filha, o que você pensa sobre isto?

Z: Ele foi visitar ela antes de morrer, logo que ele voltou veio o telegrama da morte dela. Foi triste. Ele foi uma vez só vê-la. Depois a gente se casou. Eu trabalhava na M..... e só saí do trabalho porque ele quis, para cuidar da menina. Quando eu conheci ele, ele já era caseiro. Ele contava uma história que um dia ele se perdeu em uma mata e teve que comer macaco.(risadas). E eu conto estas histórias legais que ele contava. Eram tão legais. Ele contava que era sócio do Silvio Santos. Eles eram camelôs e sempre trabalhou por conta. O Silvio Santos e ele eram amigos e ele contava as histórias do Silvio Santos.

T2: Você tem fotos deles. Gostaríamos que vocês trouxessem fotos para montarmos um mapa da família.

T1: A família do pai da Graça trabalha também com comércio atualmente?

Z: Não sei bem . Não sei se o irmão caçula trabalha com comércio , mas o primo dele trabalhava com loja de peças de computador. O irmão caçula do pai dela veio ver o irmão quando ele estava doente e foi quando eu conheci ele. Ela era bem pequena.

T2: Vocês não mantém nenhum contato com esta família em Portugal ?

Z: Eu tinha até o ano passado. Eu até preciso falar com eles. Eu vou escrever, o endereço eu tenho, mas não tenho o telefone.

T1: Eles são simpáticos com vocês nas cartas?

Z: São , chamavam eu de tia , me consideravam muito.

T2: A Graça pode um dia visitar esta família. Ir à Portugal não é difícil.

T1: Será Lena que não estamos assustando a família ? se é difícil a Zenaide deixar a Graça sair com amigas imagine só ir a Portugal. Como se a Graça pudesse ter herdado o sangue aventureiro do pai e tivesse vontade de se aventurar mais.

(risadas)

Z: Antes de falar isso, se ela não tem este sangue de aventura , eu pensava mas não falava. Eu sei que ela gosta de aventura. Ela tem o sangue dele. Graças a ele que a gente tem o que tem. Ele sofreu, mas conseguiu muitas coisas.

T1: Mas você tem mantido estes bens e isso também é importante.

Z: Eu na época não queria sair do meu trabalho. Eu estava com 11 anos de firma. Eu nunca faltava. Até grávida eu não faltava. Quando pedi para sair as pessoas perguntavam por que ? Eu falei que queria ficar com a minha filha e eles diziam que eu deveria deixar na creche. Lá tinha creche. Mas ele queria que eu ficasse em casa e eu também.

T1: Quer dizer raça que você tem muito sangue de comércio na família!

T2: Parece que a Graça quer algo diferente, ser veterinária .

T1: As mulheres da sua família estudaram , Graça?

G: Não sei, minha mãe estudou até a oitava série.

Z: O pai dela não construiu nem a quarta série. Ele sabia ler e escrever e tinha uma inteligência.....

T1: O que você pensa sobre isso, Graça?

G: Eu não penso nisso.

T1: Eu já vi muitos filhos quererem seguir o caminho dos pais, e não atualizarem este trajeto. Fazer de forma igual como se o tempo fosse o mesmo. Se os pais estudaram é mais fácil estudar se não, parece que fica difícil fazer um outro caminho. As vezes não podem ser mais que os pais. Os tempos são outros, antigamente muita gente não estudava.....

T2: Algumas famílias como a minha que eram imigrantes e não puderam estudar, fizeram questão dos filhos estudarem . Era o maior valor.

Z: Meu marido não era de estudar mas se ele estivesse aqui conosco ele gostaria que ela estudasse. Ela é relaxada para estudar. Eu acho que como ela tem a herança dela ela não pensa em estudar e trabalhar. Quando ela fizer 18

anos ela recebe tudo que o pai deixou. Esse assunto é muito difícil. É o nosso maior problema.

T1: Nós estamos encima da hora mas conversaremos sobre isso na próxima sessão.

FAMÍLIA CASTRO

4. SESSÃO DE ATENDIMENTO FAMILIAR – REALIZADA DIA 17/ 09/2004 NO CEAF. (trecho da sessão)

Z: O maior problema foi o inventário dele. Toda a herança dele ficou para ela.

T2: Por que ficou tudo para ela ?

Z: Eu não sei porque quem fez o inventário foi o advogado. Ele não deixou nenhum testamento. Você entende. Só tem o registro que ele registrou ela no nome dele. Segundo o advogado que fez o inventário , ele diz que quando eu fui morar com o pai dela, eu não tinha nada. De fato eu não tinha nada, só meu trabalho. Eu não construí nada com ele , ele já tinha tudo. Eu não fui lá por interesse. Ele mesmo registrou. E você contou na porta da semana passada que isto era motivo de dificuldade entre vocês , é isso ?

Z: É de fato porque ele deixou tudo para ela e ela diz quando agente briga que vai embora e vai levar o dinheiro com ela. Eu sempre cuidei da casa e não me não sabia nada de senha de banco e de dinheiro. Tudo era dele e dela. Eu sabia que ele tinha conta em banco. Quando foi fazer o inventário o advogado fez tudo junto no Banco do Fórum e ela pode tirar.

T1: Ela sabe quanto ela tem ?

Z: Não , mas ela sabe que tem e quando fizer 18 anos ela pode tirar. Se tiver lá.

O advogado fez o inventário e ficou tomando conta dos bens, por que ele era também da Imobiliária. Eu confiava nele , eu não tina malícia. Assim confiei e guardei e um dia eu li e vi que estava lá tudo no nome dela e eu era a inventariante e eu estranhei e não colocou meu nome como usufruto meu e estava tudo no nome da menina. Fui perguntar para ele e ele disse que como ele não deixou testamento e disse que eu fui morar com ele , ele já tinha tudo.

T1: Pelos anos junto você não teria direito?

Z: Eu pensei mas.....

T1: Você já consultou outro ?

Z: Este advogado depois de 9 anos ele me tratava (choro) é difícil para mim , você entendem? Eu confiei nele e fiquei com ele por 9 anos. No início ele tratava bem depois ele me agredia com palavras.

T1: Como?

Z: Eu ia receber os aluguéis e ele dizia que eu só ia receber e me tratava mal. Ele cobrava 10% dos aluguéis.

T2: Teve alguma coisa que ele falou que te ofendeu?

Z: Teve um inquilino que não pagava e não saía e eu falei que preferia que ele saísse para alugar para outro, porque a gente precisava de dinheiro. Ele fez uma procuração eu fui assinar e disse que era para o inventário e era uma procuração pública e eu vi os maus tratos e confiei nele e ele me agredia. Eu cancelei a procuração.

T1: Desapareceu algum imóvel?

Z: Não. No banco eu não sei. Ele nunca falou que tinha que colocar os impostos no nome dela. Eu coloquei tudo no nome dele. Este inquilino não pagava e agente ficou com dívidas e eu fui assaltada no dia que recebi o aluguel do mês e complicou demais a vida e fiquei devendo e atrasei os imposto e a minha vida virou de perna para o ar. Eu pedi para ele ver se ele não podia fazer um levantamento do dinheiro dela e retirar cinco mil reais para tirar agente do sufoco e ele foi lá e fez. Retirou o dinheiro e disse que eu tinha que prestar contas para mostrar para o juiz , por que o dinheiro é da menina. Com esse dinheiro eu pus a vida em ordem. Eu tinha todas as notas. Mas eu fiquei com dívidas dos impostos. A minha casa, eu estava terminando. Mas eu não apresentei nada para o juiz , porque eu não sabia direito e veio uma intimação da Delegacia para mim. Eu nunca tive problema assim. Eu fiquei apavorada. Eu fui lá saber antes o que era. A moça lá falou que eu iria precisar de um advogado. Eu disse que já tinha um e ela perguntou se ele tinha uma procuração minha e eu confirmei daí ela disse que ele estava alegando que eu não podia cuidar da minha filha. Eu fiquei nervosa mas disse que como era isso ? se quando ele era pequena eu podia e agora com 15 anos não podia mais ? Eu fui falar com o advogado e ele ficou nervoso e eu disse que como

meu advogado ele precisa comparecer comigo no dia marcado da intimação. Daí eu fiquei com medo e contratei outro advogado.

T1: E como foi isso ?

Z: Eu fiquei com medo dele me por na prisão. Arrumei um advogado da Igreja. E no dia o primeiro advogado disse que ele não poderia ir e que tinha mudado o dia da audiência. O advogado novo achou estranho desmarcar na última hora. Daí nos fomos no outro dia e ele mandou outro advogado no lugar. Lá a escrevente perguntou muita coisa desde quando eu morei com ele (marido) e tal e levou para o Juiz. Lá eu perguntei porque ele disse que eu não podia cuidar da minha filha. Não de maneira alguma e a escrevente disse que não tinha falado nada.

T1: Qual o objetivo da audiência ?

Z: Para eu prestar contas do dinheiro dela. O advogado queria me incriminar Para pegar as coisas dela no nome dele. Agora este novo advogado era esquisito , ai gente eu não confio em mais ninguém.

G: Ele mandava a mulher dele me seguir .

T2: Como assim.

G: Um dia eu estava na rua com a minha amiga e choveu e nós ficamos molhadas e aí ele viu e falou que eu a minha amiga estávamos na rua drogada.

Z: Esse segundo advogado era conhecido da minha irmã e a mulher dele amiga da minha irmã e ela falou para minha irmã que minha filha estava drogadinha na rua .

G: Eu estava na rua com a minha amiga da Igreja e nós estávamos alegres de estar ensopadas.

T1: E agora?

T2: Vocês checaram se os imóveis e contas bancárias estão certas?

Z: Eu não confio mais em advogados. Eu vou no Fórum para ver as coisas se estão certas. As moças lá do Fórum não deixava eu ver nem o extrato bancário. Porque disse que não poderia dar estrato. Essa esta história me deixa muito mal eu não conto nada para ninguém.

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.

Eu,.....RGno,.....

Residente à.....

n..... autorizo a utilização dos dados de (tipo registro: gravação em fita cassete das sessões de terapia familiar) pela terapeuta / pesquisadora Suzanna Amarante Levy RG 7494946, para fins de ensino , pesquisa das relações familiares.

Declaro estar ciente de que:

- 1- a participação nessa pesquisa consiste em estar presente nos atendimentos e é voluntária;
- 2- todo material transcrito e gravado é absolutamente sigiloso, enquanto houver quaisquer possibilidade de identificação;
- 3- qualquer publicação deste material excluirá toda informação que permita minha identificação por parte de terceiros;
- 4- posso encerrar minha participação no trabalho de pesquisa a qualquer momento que julgue necessário;
- 5- posso encerrar minha participação no trabalho de pesquisa e continuar o processo terapêutico;
- 6- serei convidado para conversar e refletir sobre os resultados da pesquisa;
- 7- posso ter mais sessões de atendimento caso necessite.

São Paulo, de de 2004

.....

Assinatura do participante

.....

Assinatura do pesquisador